

ROMANCE MEDIÚNICO
SANDRA CARNEIRO
ESPÍRITO LUCIUS

C O N E X Ã O

Galileia

O amor continua entre nós

vivaluz editora



C O N E X Ã O

Galileia

Copyright © 2021 Vivaluz Editora

Capa, projeto gráfico e diagramação | César Oliveira

Preparação e Revisão | Patrícia Murari

Coordenação Editorial | Alexandre Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Preparado na Editora)

Sandra Carneiro

Conexão Galileia, :2021 / Sandra Carneiro ;

Pelo espírito Lucius – Atibaia : Vivaluz Editora 2021.

ISBN 978-85-89202-59-6

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita

I Carneiro, Sandra

CDD: 133.9




Índices para catálogo sistemático: 1. Romance espírita : Espiritismo 133.9

1a. Edição | Outubro 2021 | 10.000 exemplares



VIVALUZ EDITORA ESPÍRITA LTDA

Telefone: (11) 4412-1209

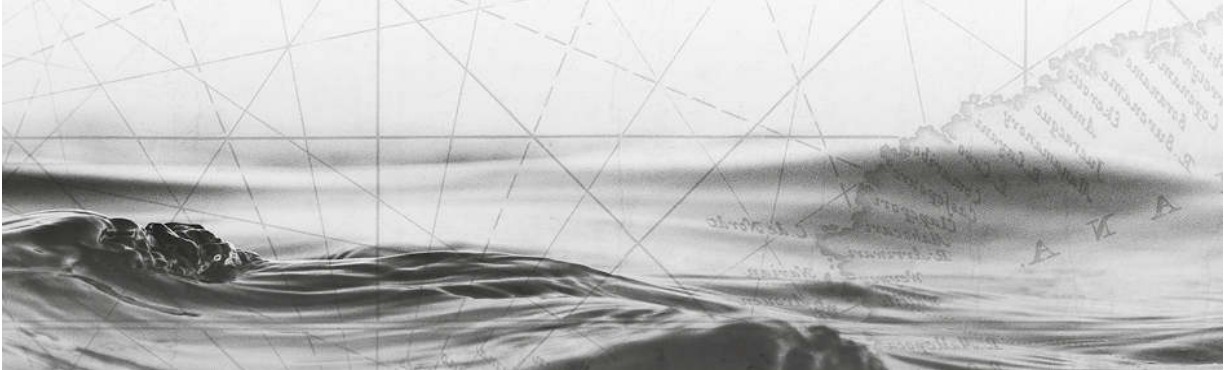
 VivaluzEditora |  vivaluzeditora |  vivaluzeditora

ROMANCE MEDIÚNICO
SANDRA CARNEIRO
ESPÍRITO LUCIUS

C O N E X Ã O
Galileia

O amor continua entre nós

vivaluz editora





O amor
continua
entre nós



Prefácio

“No moderno conceito de um Universo holográfico, cada partícula, por mais diminuta que seja, contém as informações do todo. Do átomo às galáxias.”

HERMÍNIO C. MIRANDA

PRESENCIAMOS TEMPOS DE GRANDE APRENDIZADO para a humanidade. O despertar é urgente, e o Criador, em seu amor incondicional, proporciona a cada um o desafio libertador, em forma de crises de crescimento, ao mesmo tempo intensificando em nós a capacidade de percebê-lo, de sentir a constante presença do Seu amor em nossa existência.

A humanidade já deveria ter alcançado mais elevado estágio de desenvolvimento. Não haveria necessidade de tanta dor e sofrimento, se a criatura tivesse aceitado seu papel na criação, e, menos orgulhosa e egoísta, aceitasse a presença do divino dentro de si e em todo o Universo.

Um dos maiores orgulhos do povo hebreu foi o templo de Salomão, suntuosa obra arquitetônica, que, no coração de Jerusalém, lembrava a todos a importância do Deus único. Em 77 d.C., o templo foi destruído pela revolta dos Zelotes, judeus que se rebelaram contra o domínio romano. O templo nunca mais foi reconstruído. Estava marcada, simbolicamente, a revelação deixada por Jesus de que o templo de Deus não são as igrejas ou construções de qualquer natureza, tampouco as religiões. A Suprema Inteligência é grande demais para caber em qualquer formato de crença humana. O templo de Deus está no íntimo do homem, onde a criatura pode encontrá-lo sempre que o buscar.

No desejo de afastar o ser de sua essência divina, os opositores da luz distorceram a mensagem do Mestre dos Mestres na tentativa de fazê-la servir aos interesses humanos e das entidades das sombras. Dentre esses, que mal compreenderam a mensagem libertadora do Evangelho, estavam os zelotes, dos quais Simão e Judas faziam parte.

A enorme resistência imposta ao cristianismo pelo seu caráter revelador da Verdade continua sendo feita a todas as linhas religiosas que buscam verdadeiramente religar o homem ao seu Criador, libertando-o, desse modo, da infelicidade de se sentir incompleto.

Apesar dos obstáculos que enfrenta, o espiritismo prossegue em seu papel consolador, desvendando o invisível e alargando a compreensão humana. Surgem ainda avanços na ciência contemporânea que comprovam a realidade para além da matéria. Dentre tantas descobertas, a física quântica em especial, tem dado significativa contribuição para a revisão de conceitos, contribuindo para o esclarecimento humano em seu

processo de transformação íntima. Um convite da razão para que reciclemos nossas crenças, na medida em que demonstra que a matéria não existe, e que, enfim, trata-se tudo de energia, de ondas nas suas mais diversas expressões de frequência. Essa reforma proposta ao nosso entendimento, auxilia na melhor compreensão de importantes Leis Universais e ensinamentos espirituais contidos nos Evangelhos, que acabaram sendo mal interpretados. A ciência dessas verdades contribui para a quebra de paradigmas, e nos chega como mais um instrumento a favorecer a vivência dessas verdades. Renova-se em nós, no atual momento evolutivo, a certeza de que os ensinamentos de Jesus nos foram legados para serem experimentados por gente como a gente, seres ainda encarcerados na própria ignorância, mas que carregam consigo o potencial divino.

A evolução segue a sua marcha, inabalável, querendo os homens ou não. O progresso, lei Universal, jamais será impedido pela vontade humana. E, desde sempre, o melhor a fazer é render-se a essas leis e aplicá-las, para que entremos em conexão real com Deus e encontremos a tão desejada vida abundante em todas as áreas da existência.

Jesus continua esperando que atendamos o seu chamado e nos juntemos aos milhares de espíritos de luz que trabalham com Ele no despertar da humanidade. Muitos estão acordando e descobrindo que a única libertação verdadeira é a da mente conectada com Deus.

Oferecemos esta obra aos nossos queridos leitores, para que experimentem a trajetória de Simão, o zelote, que vive hoje na Terra, liberto das ilusões construídas em sua mente, depois de dois milênios, compreendendo o profundo sentido dos ensinamentos que recebeu nos jardins da Galileia. Que ao

acompanhá-lo possamos refletir a respeito de nossa própria jornada de volta do Criador.

Com carinho e desejos de muita paz,

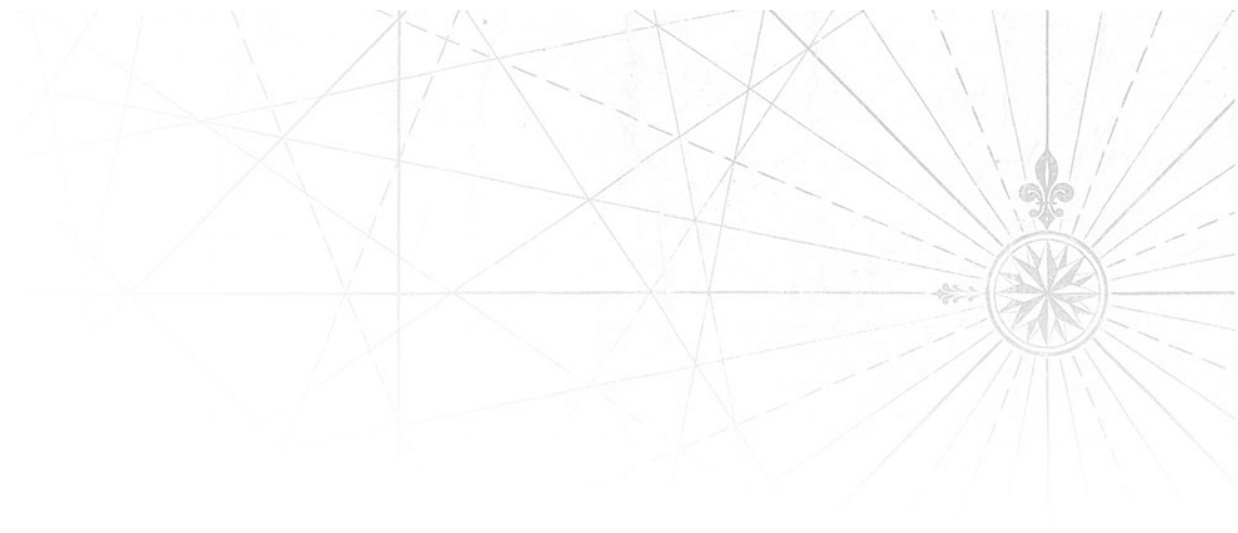
LUCIUS.





PRIMEIRA PARTE

*Assuntos
pendentes*



Um

SOB O FRONDOSO EXEMPLAR DE FLAMBOYANT em plena florescência, extensa mesa de refeição estava sendo posta. Pelo cuidado em todos os detalhes, percebia-se logo que se tratava de uma celebração. Embora o ambiente ao redor fosse rústico, cercado de flores e árvores, os talheres, o requintado jogo de pratos e os copos de cristal dispostos em ordenação perfeita, criavam um contraste interessante e sofisticado, dando indícios seguros da abastada condição dos donos da propriedade. Indiscutivelmente, tratava-se de uma família de posses.

Era primavera de 1988. Enquanto as crianças brincavam de pique-esconde, os integrantes da família iam tomando assento em seus lugares.

- Onde me sento, Flora?
- Onde quiser, vovô.
- Não, minha nora. Você organizou essa festa linda. Diga-me onde devo me sentar.

Flora sorriu, fitou o ancião por alguns instantes, depois respondeu, mais séria:

- Pois bem. Ocupe a ponta da mesa.
- Não, esse lugar pertence ao seu marido.

Sem tirar os olhos do mais idoso membro da família, Flora observou pelo canto dos olhos, num relance, a reação dos três irmãos à provocação deliberada do ancião. O seu marido, Miguel, era o mais jovem dos três filhos, e certamente o preferido do patriarca. Antes que houvesse qualquer reação por parte dos irmãos, ela prosseguiu firme:

– Vovô, não brinque com coisa séria. A ponta da mesa pertence àquele que começou tudo isso. Essa celebração não existiria sem você. Por isso, o melhor lugar, o de honra, pertence ao senhor. Por favor, ocupe o seu lugar.

A voz de Flora era firme, ainda que suave e Genaro não teve alternativa a não ser aquiescer e ocupar a destacada ponta da mesa. Flora observou os irmãos ocuparem, um a um, os lugares mais próximos a ele, incluindo as duas cunhadas, que cederam os lugares aos companheiros, em sinal claro de que faziam questão que fossem igualmente valorizados.

Sorriu aliviada para as cunhadas que a ajudavam a finalizar a organização da mesa. Luigi, o sobrinho mais velho, correndo de seu perseguidor na brincadeira, esbarrou no canto da mesa, e quase derrubou a engenhosa construção, o que causaria um desastre no almoço. Enquanto Flora, atenciosa, mais preocupada com a criança do que com a mesa, agachou-se para socorrê-lo, o pai gritou com o menino:

- Luigi! Veja o que fez!

Ela agachou-se e averiguou:

– Está tudo bem?

Com os olhos assustados, ele respondeu:

– Desculpe, tia...

– Tudo bem, meu querido. Você se machucou?

– Não, estou bem.

– Estou vendo um galinho apontando na sua testa...

Ele passou a mão sobre o lugar que doía, e desconversou, intimidado pelo pai:

– Tudo bem, tia. Não está doendo.

– Claro que não... – Flora ergueu-se, ajudou o garoto a se levantar e em seguida chamou a auxiliar:

– Rosaura, por favor, leve o Luigi para dentro e o ajude – apontou o ferimento de onde agora surgia uma pontinha de sangue.

– Claro, senhora.

– Obrigada.

Desviando habilmente a atenção de todos, acomodou as crianças que haviam chegado, atraídas pela confusão causada pelo primo. Assim que tudo se acalmou, Francisco, o filho mais velho e pai de Luigi, tomou a palavra.

– Encantador esse almoço preparado pelas mãos hábeis das mulheres de nossa família. Um brinde às nossas moças!

O brinde foi celebrado com entusiasmo.

– E agora, um brinde ao lançamento de nosso mais ambicioso projeto. Desculpem a falta de modéstia, mas certamente será o mais lucrativo empreendimento que nossa empresa já fez. E o próximo passo será abrirmos o nosso capital na bolsa de valores. Estamos trabalhando para isso e logo será uma realidade.

– Vamos devagar, irmão. Primeiro a venda de todos os apartamentos. Depois, contabilizar o lucro, para então pensar na abertura do capital.

– Venderemos todos os apartamentos em menos de seis meses. Já disse isso a você.

Flora não pôde deixar de notar a intensa troca de olhares entre os três irmãos que administravam a construtora da família que, desde que Francisco assumira a presidência, não parava de crescer.

– Você sabe que venderemos rápido. Seis meses no máximo.

– É, mas...

– Sem delongas ou receios, temos de preparar a venda das ações da empresa, pois ficaremos milionários com essa operação, e nada mais nos limitará.

A energia daquela afirmação destoava de tal modo com a atmosfera amena e suave promovida pelas mulheres, que se estabeleceu pesado silêncio no ambiente. De súbito, o gorjear dos pássaros foi o som que dominou a cena.

Dentro da casa, Luigi, depois de receber os cuidados adequados de Rosaura, saiu pela porta dos fundos da ampla casa, certo de que queria chegar discretamente ao animado almoço. Quando saiu, deu de cara com dois pares de sapatos pretos, muito bem escovados, de couro da melhor qualidade. Ergueu a cabeça, para confirmar quem seriam os donos daqueles brilhantes calçados, e ficou impressionado com os dois homens vestindo ternos cuidadosamente cortados. Um deles sorriu para o menino e indagou:

– Você é o Luigi?

– Sim senhor. – respondeu o garoto entre intrigado e incomodado com a presença daqueles homens saídos do nada.

– Vá para a sua festa, garoto. E aproveite sua infância enquanto pode...

Luigi passou por eles indo em direção aos familiares, mas olhou para trás várias vezes, até que os homens, atendidos por Rosaura, entrassem na casa. O menino ficou encafifado com a presença inesperada dos visitantes. Quem seriam? E por que o suspeito “aproveite a sua infância enquanto pode?”. Mas, ao aproximar-se da mesa de refeições, animada pelas conversas e pelos risos largos, esqueceu-se das indagações e acomodou-se ao lado da tia.

– Está tudo bem, querido?

– Sim, tia.

O pai o olhou do outro lado da mesa, com uma ponta de irritação. Tinha muitos planos para o filho, e o queria forte e destacado do restante das crianças. Desejava desde agora, prepará-lo para ser o seu sucessor na presidência, e tudo o que fazia com o menino de nove anos era detalhadamente premeditado. A escola de primeira linha, as aulas de tênis, de inglês e de mecânica aplicada, que o menino não apreciava. Muito ao contrário. Luigi demonstrava interesse exagerado por música e artes em geral, e o pai já procurava dissuadi-lo e tentava desviar sua atenção para o que julgava ser muito mais adequado e produtivo com vistas aos seus próprios planos. Ao ver a troca carinhosa de afeto entre a tia e o sobrinho, pensou que precisava fazer dele um homem mais forte, ou seria um fracote carente de atenção feminina.

De fato, Luigi amava a tia de um modo muito especial.

Rosaura aproximou-se da mesa e Flora indagou:

- O que foi?
- Visitas, senhora.
- Visitas?
- Sim, querem falar com o vovô e com o senhor Francisco.
- Quem são?

Francisco já estava quase se levantando.

Marcos segurou o braço do irmão, e pediu:

- Estamos celebrando. Tem de ser agora?
- Quem é, Rosaura? – Indagou Francisco desprezando por completo o pedido do irmão.
- Um deles apresentou-se como coronel Afonso.
- Então temos de atendê-los com a devida atenção e deferência.

E fitou o pai com olhar penetrante. O idoso se levantou devagar, colocou o guardanapo de linho sobre a mesa e balbuciou:

- Negócios não podem esperar. Vamos!

Genaro, em companhia dos três filhos, seguiu para a casa, onde eram aguardados pelos enigmáticos visitantes.

Luigi os viu se afastarem e balbuciou:

- Pareciam vampiros...

Apesar de quase um murmúrio, o comentário não passou despercebido por Flora.

- O que disse, Luigi?
- Nada.
- Pode falar, querido. Seu pai não está por perto para te repreender.
- Não gostei nada deles.

– E por quê?

– Não sei...

A ligação amorosa entre tia e sobrinho vinha de encarnações anteriores. Flora protegia o menino mais do que a própria mãe; compreendia o garoto sem que ele precisasse dizer uma palavra. E a recíproca era a mesma. Luigi amava Flora e antes de contar qualquer coisa para a mãe, corria para a tia, em quem confiava inteiramente.

Apesar dos ausentes, o almoço prosseguiu em conversa animada, até que Lucia, a mãe de Pedro, virou-se para Flora e indagou:

– E se tomássemos o café e o licor perto da piscina? Adoro o perfume do jasmim dos poetas que cobre o pergolado. Podemos?

– Claro! Vou pedir a Rosaura.

– Pois eu quero tomar o meu café na sala, junto com os convidados. – Falou em tom agressivo Antonieta, a irmã mais nova de Francisco. – Você deveria ter ido com eles, Júlio.

– Você acha?

– Mas é claro!

– Pois vou juntar-me a eles agora mesmo! – Ergueu-se depressa o rapaz, cinco anos mais novo do que a esposa, e empenhando ao máximo para conquistar um lugar de destaque naquela família.

Depois da saída do patriarca e seus filhos, a família se dispersou. Flora autorizou que servissem o café e os licores onde cada um desejasse. A festa acabara mais cedo, afinal.

Ao passar pela biblioteca, onde ocorria a reunião com os visitantes inesperados, na intenção de oferecer-lhes a

sobremesa, a porta levemente entreaberta permitiu que ela escutasse parte da conversa. Foram apenas alguns minutos, mas o suficiente para perturbá-la profunda e instantaneamente. Ela ficou atordoada e não sabia para onde ir. Foi para a escada, que dava nos quartos. Queria sumir, desaparecer dali para pensar o que faria. Cruzou com Rosaura, que a procurava para informar que alguns familiares já estavam indo embora.

– Dona Flora, a senhora está bem?

– Não... Não sei... O que foi, Rosaura?

– Antonieta está querendo ir embora.

– Mas não íamos todos pernoitar aqui na fazenda?

– Ela está daquele jeito, contrariada... A senhora sabe.

– Pois deixe que vá!

– A senhora está muito pálida. Precisa de alguma coisa?

– Sim. Diga a quem me procurar, que estou com problemas de mulher e tive de me retirar para descansar. Eles vão entender e não irão insistir.

– E o que a senhora tem?

– Estou enjoada, preciso subir.

Enquanto Flora subia as escadas quase a se arrastar, tamanho mal-estar que sentia, Rosaura observou, murmurando:

– Será que está grávida?



Dois

AO FECHAR A PORTA DO QUARTO, Flora parou fitando o aposento sofisticado e lindamente decorado. As paredes ostentavam diversos quadros de pintores famosos que foram comprados por uma verdadeira fortuna. Havia muito dinheiro naquele cômodo, como em todos os demais daquela casa de fazenda. De súbito, tudo começou a fazer sentido para ela, que sempre se perguntava por que aquela casa guardava um verdadeiro tesouro em obras de arte? Não eram somente os quadros, mas as esculturas. Olhou os detalhes da decoração que ela havia escolhido cuidadosamente. Os móveis de madeira maciça, as cortinas, os castiçais de prata espalhados pelos cantos sobre mesas com vasos e outras pequenas obras de arte. Tudo tão primoroso... Ela gastou quanto quis para decorar seu quarto na mansão da fazenda. E todos os filhos de Genaro Morelli de Luca tinham tido a mesma liberdade. Somente as pinturas foram decididas pelo patriarca junto com o filho mais velho. Nunca lhe pediram um orçamento que fosse. Teve total autonomia para escolher o que bem entendesse. Ela amava

aquele lugar, a fazenda e tudo o que havia nela. Não por causa de liberdade que tivera para gastar, mas porque gostava muito de estar perto da natureza. E claro, decorar o seu quarto e de sua família com tantas possibilidades, encheram-na de satisfação. Mas nem de longe ela poderia ter imaginado o que havia por trás dos negócios da família.

Ficou parada olhando e pensando, depois lembrou-se vivamente da conversa que escutara. Queria que aquilo tudo fosse mentira, mas sentia que não era. Jogou-se na cama e chorou angustiada. Teria de fazer alguma coisa!

Na biblioteca, o encontro foi finalizado apenas com a presença de Genaro e Francisco, e com mais um documento assinado regado a bebidas caras. Francisco puxou um brinde, selando o compromisso:

– Pois bem, cavalheiros, temos um acordo sacramentado. O empreendimento será erguido rapidamente. E todas as dívidas serão devidamente ofertadas, uma em cada andar. E a venda de todas as unidades deverá ocorrer em menos de três meses. Bem como a abertura de capital da construtora deverá ocorrer sem nenhum entrave.

– Acordo selado com sangue, cavalheiros. – Confirmou Coronel Afonso – Considerem completamente efetivado. Como conversamos anteriormente, as oferendas serão muito bem recebidas. Atualmente, os sacrifícios são mais escassos e sentimos falta deles.

Até mesmo Genaro, que tinha emoções congeladas, sentiu um sutil calafrio percorrer o seu corpo. E por um instante hesitou. Teria sido um erro conceder aquela liberdade a Francisco? Mas logo apertou a mão do visitante, que se retirava com os

documentos assinados. Despediram-se e saíram pela mesma porta de serviços por onde haviam entrado.

Flora pressentiu a movimentação e os observava pela janela, escondida entre as cortinas. Ela tinha de fazer alguma coisa, mas o quê? Assim que os homens desapareceram, ela desceu e procurou o marido. Passou por Luigi, que notou o semblante sério da tia.

Aproximando-se de Miguel, que conversava animado com os outros irmãos, ela pediu:

– Podemos conversar um minuto?

Ele a escutou, mas continuou prestando atenção na história que Lucia estava contando.

– Por favor, Miguel!

– Um minuto, Flora.

Esfregando as mãos em visível ansiedade, ela insistiu novamente:

– É importante! Estou no quarto te esperando.

Miguel estranhou, mas ficou até o final da história, embora já não conseguisse apreciar o momento como antes da interrupção da esposa. Pediu licença e subiu. Entrou no quarto e encontrou a mulher com os olhos vermelhos.

– O que houve? Por que estava chorando? Minha irmã a ofendeu outra vez?

– Não, não foi isso.

– Então o que aconteceu?

Flora parecia perturbada. Olhava pela janela depois se voltava para o marido. Andava de um lado a outro, sem conseguir controlar a ansiedade.

– Por favor, Flora, acalme-se! O que foi?

– Miguel, o que você sabe sobre essa reunião que acabou de acontecer entre seu irmão e aqueles visitantes sombrios?

– Sombrios?

Ela balançou a cabeça sem responder.

– Por que está interessada?

– O que você sabe, Miguel?

– São negócios, assuntos técnicos, detalhes das obras.

– Mas você é o arquiteto. Por que não participou da reunião até o fim?

– Sou um dos arquitetos. E há assuntos que não necessitam da minha presença. Francisco coordena reuniões mais ligadas à área financeira. Os visitantes sombrios, como você os chamou, trabalham para importantes parceiros da construtora. Eles investiram bastante em nossos empreendimentos, principalmente nos prédios residenciais.

– Você nunca participa dessas reuniões?

– Flora, o que exatamente você quer saber?

– Eu os ouvi falando coisas terríveis, Miguel!

– Você escutou atrás da porta? Está louca?

– Foi completamente acidental. Mas qual o problema?

– Não se meta nos assuntos da empresa. Seja lá o que for que você escutou, esqueça! São assuntos que não lhe dizem respeito.

– Mas, Miguel, é coisa muito séria o que seu irmão está fazendo! Mexendo com vidas humanas...

Miguel sentou-se ao lado da esposa na cama, segurou forte em seus ombros e fitando-a nos olhos disse:

– Flora, escute com muita atenção: esqueça seja lá o que for que ouviu. Você não tem nada a ver com isso. Esquece! Faça

de conta que não escutou.

– Então você sabe o que ele faz?

– Não, e não quero saber!

– Não se importa em saber como essa família está enriquecendo?

– Não, não me importo. Eu faço o meu trabalho, e ganho muito, muito bem por isso. Em breve a empresa vai comprar um avião e poderemos voar em nosso jato particular para qualquer lugar no mundo. O grupo de empresas, sob o comando de Francisco, está se tornando muito poderoso. Não quero saber o que há por debaixo dos panos.

– Porque sabe que são atos ilícitos, imorais! Se o que me diz é verdade, que não sabe o que é feito na obscuridade, como pode dormir à noite? O que faz com sua consciência?

– Francisco nos dá um panorama geral das negociatas que faz com o governo, das muitas ações não convencionais que precisam ser levadas a efeito. Mas não preciso saber dos detalhes. Sou colocado a par apenas das grandes decisões.

– Eu não sou como você. Não posso viver sabendo que o dinheiro que vem para nossa conta é um dinheiro imundo!

– Você gosta do luxo, das viagens, de tudo o que temos...

– Sim, gosto muito! Mas não posso viver sabendo dos atos criminosos e de tantos outros inimagináveis que seu irmão está fazendo para que tenhamos tanto dinheiro e tanto poder...

– Flora, o meu irmão tem contato com pessoas muito, muito poderosas. Você sequer pode imaginar. E nem deve. Deixe que os negócios da família sejam conduzidos por ele, não se envolva. E não comente com ninguém nada do que conversamos aqui.

– Todos sabem que a construtora age de maneira ilícita? Criminosa, Miguel! – enfatizou ela, erguendo a voz. E o marido respondeu sussurrando:

– Flora, eu estou pedindo. Cale-se, esqueça. Pelo bem de nossa família, de nossos filhos! Pelo meu bem! Você não tem nada a ver com isso. Faça de conta que jamais escutou conversa alguma, seja lá o que tenha escutado ou o que imagina que tenha escutado. Esqueça, eu insisto com veemência.

Se houvesse alguma dúvida sobre o que escutara, agora, com as palavras de Miguel, ela teve certeza. Ela fitava o marido, assustada. Que família era aquela? Que monstros se ocultavam sob os sorrisos fáceis da família Morelli de Luca?



Três

OS EVENTOS SEGUIAM UM CURSO MUITO FAVORÁVEL para a família. Os planos feitos pelos administradores desenvolviam com êxito e a abertura do capital da empresa, na bolsa de valores seria o ápice da administração de Francisco, trazendo milhões aos cofres da construtora. Após quase seis meses de muito trabalho, a família estava pronta a se reunir novamente na fazenda, para celebrar o sucesso das iniciativas. Aos poucos, as famílias foram chegando, naquela sexta-feira chuvosa de agosto. Uma garoa fina tornava o gramado úmido e barrento. O horizonte estava encoberto, impedindo que a vista alcançasse o horizonte maravilhoso que se tinha da entrada principal da fazenda. A enorme construção do século 19 tinha sido reformada e ampliada para mais de vinte quartos e trinta cômodos ao todo. Genaro fora o responsável pela revitalização e ampliação da mansão. Viúvo há alguns anos, queria todos os filhos, noras, genros, netos e netas perto de si.

Desta vez, fora Mirela a responsável por organizar a festa. E andava de um lado a outro, ocupada com os detalhes, já que tivera de transferir tudo para a área interna na última hora. Passando pelo sogro, escutou a repreensão:

– Já deveria estar tudo pronto! Estão quase todos aqui.

– Tivemos de trazer tudo para dentro... O tempo não está ajudando...

– Uma organização de eventos bem-feita prevê e antecipa esse tipo de situação. Pena que a Flora não pôde organizar nossa festa desta vez... Pobrezinha, não entendo por que de repente ficou tão perturbada.

Aqueles que estavam próximos escutando a conversa se entreolharam sem comentários. Flora vinha enfrentando uma depressão insistente, que não diminuía, a despeito dos medicamentos e das sessões de terapia a que se submetera.

– A propósito, onde ela está? – indagou o ancião.

– Ainda não chegou, pai. – Respondeu Miguel, aproximando-se do patriarca.

– E onde está sua esposa, onde está Bianca? Por que não vieram com você?

– Flora tinha uma consulta e parece que Bianca tinha uma prova importante hoje...

– Bobagem. Fale a verdade!

– Bem, o que posso dizer, pai? Flora não quis vir, e a Bianca ficou com ela.

– Outra vez? Mas o que deu em sua mulher? Como perdeu o controle sobre ela?

– Eu não sei, mas está sendo difícil para mim e para as crianças.

Fitando Mirela atarantada com os detalhes da organização, o patriarca italiano suspirou fundo e comentou:

– Todos nós sentimos a falta dela.

– Eu escutei isso, senhor Genaro! Pare de ralhar comigo! Ou da próxima vez deixo a organização para uma pessoa contratada. Afinal, essa família vai precisar de uma governanta mesmo!

A confusão continuou até que finalmente, os preparativos finalizados, deram lugar ao almoço primorosamente preparado. Estavam ainda comendo, quando o telefone tocou insistente. Rosaura atendeu, no aparelho que ficava no saguão central da casa. À medida que escutava a pessoa do outro lado da linha, foi ficando pálida. Virou-se para a porta da sala de jantar, de onde se ouvia a conversa animada dos presentes e colocando o telefone sobre a mesinha, foi chamar Miguel. Quando ela entrou na sala, já causou imediato desconforto. Luigi, que revirava legumes no prato separando os vegetais do restante, sentiu um aperto no peito e fitando a mais antiga empregada da fazenda, que caminhava devagar na direção do marido de Flora, foi tomado de profunda angústia.

– Meu Deus, Rosaura, que ar fúnebre é esse?! Estamos celebrando! – Mirela chamou a atenção da moça.

– Desculpe, não queria incomodar. Senhor Miguel, telefone para o senhor.

– Quem é?

– É melhor o senhor atender.

Não foi preciso dizer muito mais. Miguel se levantou e foi rápido atender a ligação. Pesado silêncio tomou conta do ambiente. Logo Miguel retornou igualmente pálido e com os olhos rasos de lágrimas.

– Vou ter de sair. – Miguel fitava as crianças, queria falar, mas estava desnorteado.

– Aconteceu alguma coisa com a tia Flora? Eu sinto! – Disparou Luigi já em lágrimas.

– Quietos, Luigi! O que aconteceu, Miguel?

O filho mais novo de Genaro colocou as duas mãos na cabeça e a balançou, deixando clara a gravidade da situação. Depois disse, balbuciando:

– Ela se foi...

– O quê, como assim? Indagou Mirela. O que aconteceu?

– Ela nos deixou, foi isso que aconteceu – explodiu Miguel sem conseguir conter o pranto.

Francisco fitou o pai, que ficou bastante abalado, depois olhou para o irmão, que lhe dirigia um olhar desesperado. Ele se levantou e pediu à Rosaura:

– Leve as crianças para o salão de jogos.

– Eu não quero ir. Quero saber o que houve com a tia Flora! Fale, tio Miguel!

– Luigi, por favor, venha conosco. – Rosaura tomou o menino pela mão.

– Eu não sou mais uma criancinha, quero saber.

– Luigi, obedeça à Rosaura. Precisamos acalmar seu tio, não vê que a situação pede a sua colaboração, justamente por ser o mais velho? Ajude com as crianças. Assim que tudo se acalmar, chamamos você.

A contragosto, o menino acompanhou os demais e se afastaram. A trágica notícia acabou com o almoço. Enquanto se dirigiam à biblioteca, Mirela orientou os empregados a servirem bebida no outro cômodo.

Miguel passou à família as informações que recebera.

– Sei o que parece, mas ela não iria tirar a própria vida. Não ia fazer isso.

– Mas não está tudo evidente, Miguel?

– Não se atreva, Francisco!

– Ela já não estava bem há meses. – Murmurou o irmão mais velho.

– E você sabe bem o motivo. – Murmurou Miguel entre lágrimas.

– O motivo, Miguel, é que ela não conseguia conviver com o pesado fardo de ser rica e poderosa.

Miguel foi para cima de Francisco, mas Marcos o segurou.

– Calma, agora não é hora para divergências. Vamos estar ao seu lado, Miguel, você sabe disso. Vamos te apoiar em tudo, você não estará sozinho. Se quiser, pode ficar aqui, que vamos para a sua casa e cuidamos de tudo.

– Eu quero cuidar de tudo pessoalmente. É o que devo a ela. Quero ver tudo com meus próprios olhos.

Acertaram os detalhes sobre as providências a serem tomadas.

– E o que faremos com as crianças? O que diremos a elas? Luigi é o mais ligado à tia...

– E o mais complicado também...

Francisco fitou Mirela e indagou, ríspido:

– O que está insinuando? Que meu filho não é normal?

– Não estou insinuando nada, que horror, Francisco! É que ele é muito sensível...

Levantando-se irritado, Francisco passou por Mirela, que obstruía o caminho e falou:

– Saia da minha frente. Vou conversar com meu filho e explicar a ele o fato: a tia se matou. Esse é o fato e pronto!

– Ela não fez isso, Francisco, e você sabe. – Insistia Miguel desesperado.

– Foi quase isso, Miguel. Nós te avisamos várias vezes.

– Do que vocês dois estão falando? – interveio Lucia.

– Vão conversar lá fora – pediu Genaro – queremos ficar em silêncio um pouco. Vamos sentir muito a falta de Flora... Minha norinha... vou organizar tudo por aqui, e vocês resolvam as coisas por lá. Depois, precisaremos conversar com as crianças e passar para elas a informação de que a tia, nossa querida Flora, que estava muito deprimida, cometeu suicídio. Essa será a posição oficial de nossa família e não se fala mais sobre esse assunto!

O tom de voz de Genaro, que a princípio fora conciliador, passou para impositivo e rude. Muitas vezes as conversas eram assim naquela família, e todos já sabiam que o que não era dito, era o mais importante, e se não fora dito, era para ficar assim mesmo, sem ser compartilhado.

Francisco e Miguel discutiram por algum tempo, em uma das salas de estar; dava para escutar os gritos dos dois. Depois a conversa tomou um tom mais ameno e por fim, ambos apareceram à porta da biblioteca. Francisco informou:

– Estou indo com o Miguel. Vamos cuidar de tudo.

Saíram.

Foi o avô que chamou as crianças até a biblioteca e lhes contou sobre o ocorrido com a nora. As crianças menores, apenas receberam a informação, sem maior consciência dos fatos. Luigi ficou muito abalado, mesmo sendo cercado de

atenção e cuidados dos adultos, não conseguia pensar em mais nada, a não ser na morte da tia.

No dia seguinte ao funeral, estavam todos reunidos na cobertura de Francisco, na região dos Jardins, em São Paulo.

Luigi não se conformava. Sentia que havia algo errado sobre o ocorrido com a tia, mas não podia desconfiar o que seria. Estava sentado, em silêncio, quando viu na pequena mochila que pertencia a Miguel, a ponta de uma echarpe da tia. Sentiu um impulso irresistível e foi em silêncio até onde estava a mochila. Abriu sutilmente e tirou a echarpe de dentro e, depois de levar ao nariz, sentindo na peça de vestuário o perfume adorável da tia, apertou forte o pano entre as mãos. Foi então que algo inacreditável aconteceu. Enquanto segurava a echarpe, Luigi começou a ver tudo o que tinha acontecido com ela. Tudo se passava diante dele como se fosse testemunha ocular dos fatos. Via várias cenas, conversas, não em sequência, mas entrecortadas, como pedaços de um filme, e sentia exatamente o estado emocional da tia, sua respiração ofegante, seu pavor, sua angústia. Por fim, soltou a echarpe assustado e gritou:

– Ela não se matou! Minha tia não cometeu suicídio! Mataram ela...

O amplo apartamento estava cheio de convidados. Miguel fitou Francisco, e ambos foram para perto do menino. Miguel tentou arrancar das mãos do sobrinho a echarpe que a esposa usava quando perdera a vida.

– Quem te deu autorização para mexer nisso, menino? Não te ensinaram que não se deve mexer nas coisas das pessoas sem autorização?

– Acalme-se, Miguel. – Pediu Francisco. – E você, Luigi, vá para o seu quarto que vamos ter uma conversa. Você não está

bem, menino.

– Eu vi e sei bem o que vi. – Luigi, então, descreveu em detalhes a cena da tia sem vida, exatamente como a encontraram Francisco e Miguel. Era como se o menino também tivesse visto a cena. Só que ele não estivera no local. Como aquilo seria possível?

Sabendo que o filho não poderia desmontar a história contada e sustentada pela família inteira, Francisco segurou forte o braço dele e o conduziu escada acima.

– Vamos para o seu quarto. Precisamos conversar,

– Eu sei o que eu vi, pai.

Ao entrarem no quarto, Francisco falou firme:

– Você está perturbado, meu filho. É de se compreender perfeitamente. Você gostava muito de sua tia e nunca tinha perdido alguém tão próximo. É natural que não aceite a verdade.

– Que verdade pai?

– Sua tia cometeu suicídio.

– Não, não foi, não foi como vocês contaram. Ela não se matou... Mataram ela, pai. Por que você não me escuta?

– Porque você não estava lá para ver. Você não sabe de nada.

– Eu sei o que eu vi, o que eu senti. Eu vi tudo o que aconteceu.

E narrou novamente ao pai tudo o que vira, com maiores detalhes ainda. E ao final disse:

– Foi isso que eu vi enquanto segurava o lenço da tia Flora.

Francisco gelou. Sabia que o filho era sensível e tinha de tomar alguma providência urgente a respeito disso.



Quatro

O MENINO SEGURAVA O LENÇO da tia com força e de olhos fechados, continuou, em visível transe mediúnico:

– E tem mais... Vejo uma criança presa em uma parede. Ela está viva, mas não consegue se mexer. Não consegue... E não é só uma... são duas, três, quatro...

Francisco aproximou-se rápido do filho e arrancou com força a echarpe de Flora das mãos do garoto, que, como se perdesse um fio condutor dos efluxos mentais, ficou atordoado. Abriu os olhos e balbuciou:

– Você sabe tudo sobre isso...

– Luigi, você está muito perturbado com a morte de sua tia, não sabe o que está dizendo. Devemos levá-lo a um médico para que trate de seu desequilíbrio emocional. Você é uma criança, e precisa de ajuda médica. Sei que perder sua tia foi algo muito difícil de suportar, mas nós vamos cuidar de você, meu filho.

Francisco abraçou o menino com força e prosseguiu:

– Tenho muitos planos para você. Você terá um futuro brilhante pela frente e não deixarei que nada atrapalhe isso. Está entendendo?

O pai despreendeu-se do menino e o fitou nos olhos, repetiu a pergunta, desta vez em tom ameaçador:

– Você está entendendo?

Luigi não conseguia responder e só chorava.

– Controle-se! Procure se acalmar.

Mas quanto mais o pai falava, mais o menino sentia aversão à energia que o progenitor emanava. Luigi sentia tudo, todas as emoções e energias do pai e chorava ainda mais.

Francisco saiu do quarto e trancou o menino. Mandou chamar a esposa, e orientou:

– Luigi está muito perturbado. Ligue para o doutor Paulo e peça um remédio para acalmá-lo.

– Ainda tenho um pouco daquele remédio que ele tomou no início do ano.

– É um calmante, não é?

– Sim, para os pesadelos. Mas ele ficava muito sonolento, por isso paramos.

– Pois creio que o momento pede que ele durma para se acalmar. Vá buscar o remédio, sem alarde, e traga-o até aqui. Eu mesmo vou ligar para o psiquiatra dele.

Quando Lucia retornou com o remédio e um copo de água, Francisco estava sentado, segurando o filho por um braço e falando ao telefone. O menino gritava que não queria tomar medicamento algum, que o pai tinha culpa na morte da tia, e falava dos detalhes da morte de Flora. A mãe ficou assustada, mas não ousou dizer nada. Entregou o frasco com os

comprimidos nas mãos do marido, que balançou a cabeça agradecendo e fez sinal para que ela saísse do quarto.

Em seguida, tirou três comprimidos do frasco e disse com firmeza ao filho, ainda segurando-lhe as mãos:

– Doutor Paulo quer falar com você. Quer que você tome os remédios para se acalmar. Ele vai tratar de você, e toda essa angústia que sente vai desaparecer. Eu prometo, meu filho.

Luigi limpou as lágrimas que desciam pela sua face, pegou o telefone e conversou com o médico, que ele apreciava. Escutou atento às suas orientações:

– Luigi, quero que tome o remédio que seu pai está te entregando. Tenho receio de que você tenha uma convulsão, meu filho, por conta das emoções fortes a despeito de tudo o que está passando. Vamos cuidar de você, para que fique bem. Agora quero que tome o remédio e venha me ver amanhã. Está entendendo?

– O menino não chegou a responder. Francisco entregou-lhe os comprimidos e a água. Acatando a orientação do médico em quem ele confiava, engoliu o medicamento e se sentou na cama, entregando o fone para o pai, que finalizou a conversa com o médico.

– Agradeço a sua ajuda, doutor. Ele tomou os comprimidos, e agora vai descansar. Amanhã estará em seu consultório.

Resignado, Luigi acomodou-se na cama, aguardando o efeito do medicamento, que não tardou a chegar e o induziu a um sono profundo rapidamente. Ele tivera alguns episódios de sonambulismo e convulsões ao longo de sua primeira infância, que se acentuaram ao entrar na fase da pré-adolescência. Falava dormindo, sobre coisas assustadoras. E já fazia tratamento psiquiátrico por conta desses episódios. Ao vê-lo

adormecido, Francisco sentou-se ao lado do filho na cama, segurou as mãos do garoto e murmurou:

– Que porcaria foi essa, Luigi?

Olhou para a echarpe, jogada na cadeira do quarto e pensou alto:

– Como foi que você viu tudo isso, menino? Que poderes são esses que você tem? Não quero isso em minha família! Nem que eu tenha de renunciar a tudo o que sonhei para você, se continuar com essas esquisitices absurdas vou enviá-lo para bem longe daqui...

Na dimensão espiritual do ambiente do quarto, uma jovem aparentando dezoito anos estava ao lado da cama. Flora, por sua vez, aguardava um pouco mais distante, amparada por dois enfermeiros.

– Eu quero falar com ele...

– Não é aconselhável, querida irmã.

– Mas ele está sofrendo tanto.

– E você também, Flora. É preciso que se fortaleça antes de poder ajudar. Precisa descansar para se refazer. Luigi e, principalmente, Bianca vão precisar de sua ajuda, e é necessário estar pronta quando a hora chegar. – O enfermeiro mais experiente convidou:

– Devemos ir agora, Flora. Você precisa descansar. Ainda está muito fraca e sofrendo forte influência das energias materiais sobre seu corpo espiritual. Precisa reaprender a viver com o corpo menos denso, para libertar-se das amarras limitadoras da experiência na Terra. Venha, precisamos ir.

– E meu sobrinho? Vou deixá-lo à mercê dessa família desequilibrada? Em um covil de bandidos?

Pousando uma das mãos sobre o ombro de Flora, que permanecia sentada, à distância, Gabriel disse:

– A grande maioria das famílias que habita o orbe terrestre está profundamente doente, Flora. E é neste ambiente conturbado que as almas estão sendo lapidadas para a grande regeneração. Além do mais, nosso pequeno Luigi é um espírito muito experiente.

– O que é esse preparo de que você fala?

– Infelizmente, muitos só se entregam a Deus quando a dor se torna insuportável, quando sentem que perderam tudo em que se apoiavam. Só assim. E mesmo sofrendo, e imersos em escuridão, a maioria dos seres na Terra, tem todo o amparo e poder divinos dentro de si. Esse poder sem limites precisa ser reconhecido e libertado para que a humanidade seja verdadeiramente livre.

Luigi estava entorpecido e não conseguia perceber a presença da tia. Melissa, sentada ao seu lado, acariciou os cabelos do menino e disse:

– Está tudo bem, querido. Descanse.

Depois, virou-se para dois outros espíritos amigos, que acompanhavam a situação, e pediu:

– Gabriel, precisamos desativar nele a mediunidade, ou ele não será capaz de realizar sua tarefa, quando a hora certa chegar.

– Está sendo providenciado. Concordamos que ele precisava dessa experiência neste momento, para que pudesse reconhecê-la, quando mais tarde chegar a hora de recomeçar. Precisava viver algo muito marcante, para que o materialismo desta família não o adormecesse para sempre. A habilidade mediúnica será atenuada; todavia, outras percepções serão

mantidas, para que ele não perca totalmente o contato com a quarta dimensão. Ele precisa ser lembrado com frequência da existência do mundo espiritual, para não se desviar de sua tarefa.

Melissa abraçou o menino e sorriu assegurando a ele:

– Vai ficar tudo bem, querido, pode confiar.

Luigi, que se lembrava facilmente da companheira que tivera durante toda a sua infância, da amiga invisível que ninguém acreditava que existia, perguntou:

– E a minha tia?

Melissa afastou-se ligeiramente, deixando que ele visse Flora, sendo conduzida pelos dois enfermeiros de volta à cidade espiritual em que habitaria.

– Tia!

Flora virou-se, atendendo ao chamado do menino, e sorriu, falando com a voz embargada:

– Eu estou bem, meu querido. Agente firme. Preciso descansar um pouco agora, mas vou voltar assim que puder, para ficar pertinho de você.

As palavras da tia acalmaram o menino, que se deitou, mais sereno.

– Isso, Luigi, acalme-se e confie.

– Posso pedir uma coisa?

– Sim, claro.

– Nunca mais quero ver nada! É muito ruim...

Gabriel e Inácio, os dois amigos espirituais que acompanhavam a cena, haviam se colocado um em cada lado da cabeceira da cama, onde estava adormecido o corpo denso

de Luigi e ambos oravam, atuando ao mesmo tempo sobre a glândula pineal¹ do garoto.

– Luigi, sei que agora não se lembra, nem precisa. Mas você tem uma tarefa a cumprir, essa sua encarnação foi detalhadamente planejada, até que todos os elementos materiais estivessem adequados para o seu regresso à Terra.

Melissa sorriu e acariciou ternamente o cabelo do menino, cuja mecha caía em um cacho sobre os olhos. Ela afastou os cabelos encaracolados e disse:

– Fique tranquilo, tudo está preparado, para que no momento oportuno, quando você estiver pronto, possa retomar essa sensibilidade.

O menino, apesar da pouca idade, retribuiu com um ligeiro sorriso, deixando claro que compreendia a situação. Acomodou-se bem sobre o corpo denso e fechou os olhos, segurando ao mesmo tempo as mãos de Melissa.

– Você vai ficar aqui, perto de mim?

– Sempre. Você estará constantemente protegido e amparado.

– Estou com muito medo do meu pai, de todos desta família. Flora era a única em quem eu confiava...

Depois de fitar os companheiros espirituais, ela acariciou novamente a fronte do garoto e respondeu:

– Não precisa temer, Luigi, apenas ter prudência e sabedoria. Você aprenderá, com o tempo, a reconhecer a luz divina que brilha em você, e vai superar toda a dúvida e o medo. Agora descanse, querido. Ficaremos aqui, ao seu lado.

1 A glândula pineal é uma estrutura com o tamanho aproximado de um grão de arroz cozido, com um peso aproximado de 0,5 gramas, e que está localizada na porção mais central da cabeça, chamada pelos médicos de diencéfalo. É conhecida como “terceiro olho” devido à sua localização – na parte central do cérebro, entre as sobrancelhas – e pela sua sensibilidade à luz

André Luiz, pela psicografia de Chico Xavier, trata a pineal como a glândula da vida mental. Ele descreve a consciência do ser encarnado como a manifestação resultante da interação entre Espírito e cérebro, mediada pelo perispírito, ou corpo espiritual. O cérebro é descrito como a interação de três compartimentos distintos, representados pelo cérebro inicial, cérebro motor e lobos frontais. A consciência e o fluxo da consciência se manifestam utilizando os recursos cerebrais das três áreas. No livro *Evolução em dois mundos*, a relação entre pineal e consciência é descrita pelo autor com função de tradução e seleção dos estados mentais diversos, nos mecanismos da reflexão e do pensamento, da meditação e do discernimento

Estudos sobre meditação, que utilizaram a técnica de Ressonância Magnética Funcional (fMRI) para pesquisar possível papel da glândula pineal, evidenciaram atividade glandular durante a meditação confirmando uma das funções antecipadas por André Luiz em *Evolução em dois mundos*.



Cinco

PASSADOS VINTE E CINCO ANOS, Luigi tornara-se um homem muito bonito. Praticava esportes com regularidade e encontrara na atividade física um escape sempre que a pressão se tornava insuportável na empresa da família, onde agora, era o responsável pelo departamento de engenharia civil. O incidente com a tia, embora nunca esquecido, ocupava lugar mínimo nas lembranças dele, como se fosse algo perdido em uma névoa obscura, quase um sonho.

Agora, ele ocupava um escritório no 19º andar do prédio, que era usado em grande parte pelos membros da família que atuavam na construtora. O último andar inteiro era destinado a Francisco, que seguia como o presidente. O grupo crescera vertiginosamente nos últimos anos, alcançando forte atuação em países do Oriente Médio, África e América Latina.

Luigi chegava da academia privativa, que ficava no subsolo. Passou por Pâmela, sua secretária, e, ainda com os cabelos molhados, entrou determinado, com o corpo inundado pela

serotonina que acabara de produzir. Quando praticava exercícios esquecia-se de tudo, era terapêutico. Havia muitas coisas no trabalho que o afligiam, mas, sentia como se fossem uma parede intransponível, logo, ele tentava não pensar, e seguia, tendo como escape as viagens que fazia em busca de aventura ecológica. Era especialmente apreciador de esportes náuticos e aquáticos. Velejava, surfava, mergulhava.

Antes de fechar a porta, perguntou à assistente:

– O que tenho em minha agenda hoje?

A garota logo desatou a falar:

– Uma reunião com os empreiteiros do novo shopping, depois vai almoçar com Bianca. E me pediu para deixar um espaço vago depois do almoço.

– Por quê?

– Você não disse. Apenas pediu para deixá-lo reservado.

– Tem certeza, Pâmela? Não me lembro...

– Absoluta.

Luigi sorriu de leve pensando que, em termos de organização, confiava muito mais na assistente do que nele e prosseguiu:

– Está certo. E depois?

– Reunião com o presidente, para discutir a sua viagem à Riad², para fechar o novo contrato.

– Ele não esqueceu? Pensei que se não tocasse mais no assunto, quem sabe ele acabaria por enviar outra pessoa.

A jovem que trabalhava com Luigi há quase três anos, sorriu e falou, calma:

– E o senhor Francisco esquece alguma coisa? Acho impossível.

– Tem razão de novo. Então vamos ao dia. Vou me preparar para a reunião com os empreiteiros. Me dê uma hora sem interrupções, por favor, sem telefonemas, só me interrompa em caso de emergência.

Luigi entrou e fechou a porta. Acomodou-se na cadeira, ligou o computador e olhou os e-mails, depois sua agenda pessoal, em busca da razão pela qual deixara o horário vago na agenda conjunta de Pâmela. Mas não encontrou nada.

Olhando pela enorme janela de vidro, que ocupava toda a lateral de sua sala, observou o maravilhoso visual. Situado no centro financeiro da cidade de São Paulo, a Av. Paulista, de sua mesa podia ver a cidade estendendo-se até os seus limites. Avistava um *skyline* de onde, aos finais de tarde, apreciava o belíssimo pôr do Sol.

– Não deveria me sentir inquieto por nada – pensou ele – Tenho a vida de um príncipe, com tudo o que preciso, e os meus mínimos desejos podem ser atendidos num estalar de dedos. Não sei de onde me vêm essa inquietação constante, como se algo estivesse fora de lugar...

Entregou-se ao trabalho, buscando sufocar seus injustificados sentimentos de insatisfação, com os quais convivia constantemente, quase sendo torturado por eles. Focado como aprendera a ser, logo que começou a colocar sua atenção nos relatórios, nos números e nos projetos, afastou por completo qualquer filosofar. O trabalho também era terapêutico.

O dia corria com tranquilidade. Lá pelas onze e meia, Pâmela falou com ele pelo telefone:

– Bianca ligou pedindo para cancelar o almoço.

– O quê? Outra vez? Não, de jeito nenhum. Dessa vez não vou aceitar. Ligue para ela e diga que vou pegá-la em casa e ela

escolhe onde quer comer. Qualquer lugar. Não precisa se preocupar com roupas, com nada. Se ela quiser, almoçamos na casa dela, mas preciso vê-la de qualquer jeito.

– Ela não melhorou?

– Ela não melhora. Não sabemos mais o que fazer. Quando pensamos que está fazendo algum progresso, ela regride, e fica ainda pior. Nada anima a minha prima.

– Vou ligar...

– Não, deixe que eu mesmo ligo. Vou intimá-la e ela não terá como me negar um almoço.

No final, teve êxito em almoçar com a prima, tentando elevar seu ânimo e vontade de viver. Ela se debatia em angústia e depressão, desde que a mãe cometera suicídio, que era o fato aceito por toda a família. Mas Bianca não conseguia aceitar e sofria demais, pois acreditava que a mãe tinha decidido abandonar a todos. Ela sofria diariamente. Mesmo depois de vinte e cinco anos, sentia a mesma e intensa dor do dia em que a mãe partira. Muito próxima da mãe, Bianca sentia-se traída pela pessoa que mais amava. E a dor era quase insuportável. Ela mesma queria seguir os passos da mãe, mas por odiar o fato dela ter feito aquilo, não conseguia praticar o mesmo ato. E se destruía aos poucos, dia a dia, desejando estar morta.

– Precisa sair mais, Bia; fazer alguma coisa de que gosta.

– Você sabe de alguma coisa, Luigi. Lembro vagamente do encontro da família logo depois do enterro dela.

– Esqueça tudo isso. Já faz vinte e cinco anos. Você precisa seguir em frente, tem de esquecer...

– Como você?

– Sim, como eu. Estou seguindo em frente. Amava sua mãe, ela era a pessoa mais querida de toda a família. Mas ela se foi. E precisamos aceitar.

Ela abriu um sorriso um tanto cínico e falou:

– A quem pensa que engana?

– Como assim?

– Vejo que também não é feliz, Luigi. Não pode enganar a todos.

– Do que está falando?

– Debaixo dessa aparência de homem bem-sucedido, sei que está o menino assustado que via fantasmas...

Ele soltou uma gargalhada e falou em tom jocoso:

– Isso, querida! O humor vai ajudar você a melhorar! Seu senso de humor está voltando.

– Sabe que estou falando a verdade, por mais que negue. Nem engenheiro você queria ser...

– É mesmo? Como pode saber o que eu queria ou não queria fazer da vida?

– Porque passávamos muito tempo juntos. E você sempre dizia que seria padre, monge, religioso, não sei direito.

– Querida, não confunda bobagens de crianças com a realidade da vida. Nós crescemos e a vida segue seu curso. Você tem de parar com essas bobagens e começar a viver.

– De que bobagens está falando?

– De todas. Você corre atrás do vento, nessa busca religiosa infundável, nas horas e horas de terapia, que não estão te levando a lugar algum.

– Pois saiba que me sinto melhor a cada dia. Mas nunca serei como os outros desta família. Eu me nego!

– E posso saber por que tanta resistência?

– Você sabe o motivo, sabe de alguma coisa. Eu não sei o que esconde, mas sei que essa família tem muitos segredos e tenho certeza de que não são nada agradáveis. E você também sabe. Trabalha com o pior de todos. Meu tio é alguém de quem quero manter distância.

– Você precisa mesmo se tratar. Continua paranoica com essa história toda.

Ele aproximou-se da moça, que se mantinha à beira da janela. Abraçou-a com ternura, e logo afastou-se como se tivesse tomado um grande susto.

– O que foi?

– Nada.

– Não minta para mim. Desde criança eu sei quando está mentindo. O que viu?

– Nada, já disse. Preciso ir agora. Volto na próxima semana. E quero ver você melhor. Vamos velejar?

– Não, não quero. Não precisa vir. Precisa apenas se lembrar...

– Do que?

– De quem você é.

Enquanto dirigia de volta para o escritório, a última frase da prima não lhe saía da mente. E a perturbação interior queria eclodir. Sempre que isso acontecia, ele se sentia perdido, triste, angustiado. Foi direto à academia e malhou até ficar exausto. Quando chegou ao escritório, Pâmela comentou:

– Então foi para isso que deixou horário vago em sua agenda? Academia de novo?

– Acho que sim. Sempre que me encontro com a Bianca, preciso de algum escape saudável para me recuperar.

– E como ela está? Na mesma?

– Não, acho que ela está pior... Vou me preparar para a reunião com meu pai. Ainda tenho algum tempo livre e preciso achar uma desculpa plausível para evitar essa viagem.

Ele estava fechando a porta de sua sala, quando escutou alguém se aproximando. De dentro da sala, sem ser visto, ele sentiu um perfume agradável no ar que aguçou sua curiosidade masculina.

– Boa tarde. – A jovem recém-chegada dirigiu-se a Pâmela.

– Preciso marcar um horário com o senhor Luigi para lhe apresentar meu portfólio. E não adianta me pedir para enviar e-mails. Já fiz isso, imagino que será difícil que ele responda, sem me conhecer. Sei que ele é muito ocupado, mas tenho de vê-lo. Tenho certeza de que ele vai apreciar os projetos em que trabalho. São projetos modernos, que antecipam tendências. Passei dois anos na Alemanha aprendendo tudo sobre paisagismo ecológico, e sei que como a Morelli de Luca é uma empresa que constrói tendências, não as segue, vai apreciar o que tenho a oferecer.

– Deixe seu portfólio aqui, seu cartão, tudo o que tiver. Vou passar para o senhor Luigi e, se ele tiver interesse, vai entrar em contato.

– Ele vai ter interesse. Você vai entregar mesmo a ele? – Indagou Manuela enquanto colocava uma pasta com uma breve apresentação sua e de seu projeto.

– Sim, vou entregar, pode ter certeza.

– Agradeço imensamente por sua atenção.

- Como conseguiu subir até este andar privado?
- Sou uma amiga da família, então subi com a minha madrinha, que veio visitar alguém aqui no prédio.
- Entendo. Farei seu material chegar às mãos do senhor Luigi.
- Obrigada. Boa tarde.

Assim que Luigi teve certeza de que a moça descera pelo elevador, abriu a porta, que mantivera entreaberta, e pediu o material para Pâmela.

- Deixe ver do que se trata.
- Deve ser outra estagiária procurando emprego. Ou procurando um encontro com um dos maiores herdeiros do país.
- Pare com isso, Pâmela. Tem alguma coisa nela que me chamou a atenção. Quero conhecer o trabalho dela.

Entregando nas mãos do chefe a pasta que Manuela deixara, a jovem sorriu e murmurou:

- Aí está o motivo de ter deixado esse tempo vago em sua agenda, afinal.
- Do que está falando?
- Sempre intuitivo, não é?
- Volte ao trabalho, Pâmela. Você tem imaginação demais.

2 Riad é a capital e o principal centro financeiro da Arábia Saudita e situa-se num planalto deserto, no centro do país.



Seis

SENTADO EM SUA CADEIRA, observando no horizonte a tempestade que se formava, com nuvens escuras percorrendo o céu rapidamente, percebia ecoarem em sua mente as palavras de Pâmela. Teria ele deixado mesmo intuitivamente a agenda livre para que pudesse escutar Manuela? Por que sentira imediato interesse pela desconhecida? Havia alguma coisa nela que o magnetizou. Por que sentira aquilo? As perguntas se somavam intermináveis. Um pensamento logo atrai outro de semelhante teor vibratório. O sentimento potencializa ainda mais essa atração, gerando uma verdadeira corrente magnética, fazendo com que os pensamentos se encadeiem uns aos outros, até que algo interrompa a corrente. Foi o que aconteceu. O telefone tocou, tirando Luigi do transe dos questionamentos. Sem que pudesse ser vista, Melissa estava próxima, instigando as perguntas em seu pupilo, projetando determinadas imagens em sua mente. Sabia da poderosa força mediúnica dele, que estava temporariamente adormecida.

– Alô. Boa tarde, pai – atendeu ele a ligação que vinha do andar de cima. – Sim, sei que temos uma reunião agendada para esta tarde, mas precisa mesmo ser hoje?

A resposta do pai foi um incisivo e lacônico “sim”. Desligaram. O jovem executivo respirou fundo e, novamente sob a influência de Melissa, fitou a coleção de pedras que tinha no aparador, próximo à janela. Desde criança, adorava colecionar pedras, e dizia que quando crescesse, seria um escavador, depois arqueólogo e mais adiante, geólogo. Era fascinado por pedras e sempre que as tocava, contavam histórias sobre o que acontecera com as pessoas e lugares de onde as pedras haviam sido retiradas. Toda a família tomava aquelas histórias por criatividade aguçada de uma criança prodígio. E simplesmente ignoravam até o momento em que o menino foi capaz de descrever o que ocorrera com a tia ao tocar-lhe a echarpe. Neste ponto, as habilidades de Luigi incomodaram e logo foram estagnadas.

Ele sentiu uma vontade irresistível de pegá-las. Levantou-se e foi até a caixa de bambu feita sob medida para guardar sua preciosa coleção. Mesmo cercado de todos os tipos de relíquias, que colecionara desde pequeno, como carrinhos miniatura, aviões de guerra em miniatura, e tantos outros souvenirs que recebera ao longo dos anos, nada lhe agradava tanto quanto sua coleção de pedras. A caixa de bambu ocupava metade do amplo aparador de madeira maciça, que ficava na lateral da sala, com quase três metros de comprimento. E metade desse espaço, Luigi destinara às suas pedras.

Pegou uma delas nas mãos, a que a tia lhe dera em uma viagem que haviam feito às Ilhas Malvinas. Flora, que conhecia bem a paixão que o sobrinho nutria pelas pedras, encontrou uma

bastante diferente, em um dos passeios, e deu a ele. Ao pegá-la dentre as demais, Luigi deu dois passos para trás, assustado. Assim que a tocou, teve uma visão nítida de que estava em meio a uma guerra, com soldados desembarcando de grandes navios. Soltou a pedra no chão, e ficou imóvel. Assim que a pedra caiu, a visão desapareceu. Pâmela abriu a porta com delicadeza, e indagou:

– Seu pai pediu para adiar por trinta minutos a sua reunião.

Luigi estava imóvel no meio do amplo escritório.

– Você está bem?

Ele a fitou e respondeu, como se saísse de um transe:

– Sim, estou bem. Derrubei a pedra. Pode guardá-la para mim? – E voltou para a sua cadeira, tentando distrair-se da desconfortável experiência.

A jovem abaixou-se, pegou a pedra e recolocou-a no lugar, ajeitando-a.

– É sua preferida, não é?

– Dá para perceber?

– Sim, é a que está fora de lugar com mais frequência. Você sabe como sou detalhista, não é?

– E como sei! Mas sou grato por isso.

A jovem ficou satisfeita pelo sinal de apreciação do chefe e saiu sorridente. Luigi, por sua vez, ficou encafifadíssimo. Mesmo fazendo de tudo para livrar-se daquelas expressões de uma habilidade extrassensorial, ele não conseguia. E sentiu um forte aperto no peito, como se pressentisse problemas à frente.

Pouco tempo depois, naquela tarde, entrava na sala do presidente, que o recebeu com um copo de bebida nas mãos e ofereceu para que o rapaz também se servisse.

- Ainda é cedo para mim. Obrigado.
 - Vamos direto ao ponto, Luigi.
 - Por favor.
 - Quero lhe apresentar uma mulher que acredito ter sido feita sob medida para você.
 - De novo? Estou bem solteiro, pai, já conversamos sobre isso.
 - Sim, e já lhe disse que quero herdeiros.
 - Já tem nove herdeiros e eu nove sobrinhos. Para que precisa de meus herdeiros?
 - Você será o meu sucessor. E quero que seu filho ou filha, quem sabe nesses tempos modernos? – enfim, que ele seja seu herdeiro, assegurando que nossa fortuna e patrimônio fiquem bem cuidados em nossas mãos.
 - Parece a mim, uma espécie de reinado.
 - E é, meu filho, um reinado de uma construtora, incorporadora, uma empresa que se expande mais a cada dia. Nossa fortuna hoje é estimada em bilhões.
 - Eu sei.
 - E não é isso um reinado? Temos mais dinheiro do que muitos países pequenos por aí. E com isso, claro, decorrem compromissos e responsabilidades. Acordos que devem ser mantidos, parcerias que precisam se sustentar reforçadas a todo o tempo. E não falo somente das comerciais. Também das relações pessoais.
- Luigi não sentia interesse por aqueles assuntos. De fato, sempre que podia, fugia da companhia da família.
- Precisamos solidificar alguns acordos, que seriam selados com um relacionamento entre famílias. Um casamento de

interesses diversificados.

– Quer escolher a mulher com quem vou me casar? Está louco?! Essas práticas não são nem do século passado! Que absurdo! – Indignado, Luigi se levantou, preparando-se para sair, mas o pai o deteve:

– Sente-se, Luigi! Não acabamos nossa conversa.

O filho sentiu como se mil braços o puxassem de volta para a cadeira diante do pai e não conseguiu seguir sua própria vontade de deixar a sala. Voltou e sentou-se.

– Não estou exigindo isso, estou apenas sugerindo. Ela é bonita, está bem dentro dos nossos padrões; pode ser uma companhia interessante para os compromissos sociais, financeiros e de longo prazo. Certamente uma esposa adequada. E você terá sua liberdade para continuar tendo as mulheres que desejar, filho. Ela não criará nenhum empecilho quanto a isso.

– Do mesmo jeito que você e minha mãe mantêm esse casamento?

– Muito melhor. Sua mãe ainda é das antigas e tenho de manter as aparências, o que será desnecessário no seu caso.

A conversa seguia com um tom cada vez mais pesado. Luigi sentia o peso e quem pudesse observar o ambiente espiritual da sala naquele momento, notaria com asco, as energias densas, deletérias e odiosas que ocupavam o ambiente, bem como as entidades espirituais que se movimentavam na próxima dimensão. Seres horripilantes, carregados de ódio e astutos comandavam os negócios da construtora.

Sentindo que seria inútil discutir com o pai naquele momento, Luigi respondeu:

- Está certo, vamos marcar um jantar.
- Ótimo. Arranjarei tudo para este final de semana.

Luigi sentia o desconforto e uma espécie de repulsa a percorrer-lhe o corpo. Ainda assim, conforme seus comportamentos já habituais, assentiu com a cabeça e levantou-se, de saída. Ele estava na porta, quando o pai chamou novamente a sua atenção:

– Luigi, já ia esquecendo. Aqui está sua passagem para Riad, marcada para daqui quarenta dias. Acho que é tempo suficiente para você se preparar. Tem uma escala em Nova Iorque onde você pode ficar alguns dias, para depois seguir para o seu destino. São duas passagens. Leve quem você quiser. Não vou colocar o nosso jato à disposição, porque ele está com uma escala bem tumultuada. E o outro está em manutenção. Vá em voo comercial. A primeira classe da companhia Qatar Airways é espetacular. E as passagens são cortesia de seu anfitrião.

E antes que o rapaz pudesse dizer qualquer coisa, o pai enfatizou:

– Faz parte de nosso acordo. Você coordena o que quer na empresa, mas tem de se responsabilizar por tudo em sua área. A presença de nosso diretor financeiro é importante, por isso o marido de sua tia vai encontrá-lo lá, mas você precisa conduzir a reunião. Obrigado, Luigi. Quando sair chame a secretária que começou semana passada, ainda não consegui guardar o nome dela.

Sem falar mais nada, o rapaz despediu-se do pai e saiu. Os batimentos cardíacos eram acelerados. Ele transpirava e a camisa colava em seu corpo. Foi tomado de um enorme

desconforto. Queria desaparecer dali, queria desaparecer de sua vida.

Mais tarde, ao ir para casa naquela noite, ruminava sobre as constantes imposições e interferências do pai e da família sobre sua vida. Ser o herdeiro daquele império lhe proporcionava muitas regalias e privilégios, dos quais ele gostava. E o acordo de trabalho que firmara com o pai, lhe conferiam quatro meses de férias por ano, que ele aproveitava sem perder um dia sequer. Ainda assim, estava ficando cada vez mais insuportável aceitar as imposições, embora Francisco aprimorasse suas aptidões em manipular o filho para ter o que queria, afinal, aprendia com os melhores seres encarnados e desencarnados a arte de iludir, mentir e dominar.



Sete

NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM, Luigi esteve mais pensativo do que o habitual. Sentia-se incomodado, irritadiço, impaciente. Buscou acentuar a prática dos exercícios físicos, como forma de escapar daquele estado, mas ao contrário do que sempre ocorria, parece que desta vez os exercícios o estavam deixando ainda mais tenso.

Era sexta-feira e Luigi visitaria uma das construções comerciais da empresa; queria avaliar as reivindicações dos empregados da obra, e ver com seus próprios olhos as reclamações que tinham os empreiteiros sobre as condições de trabalho das equipes.

Estacionou o luxuoso carro a uma boa distância do local onde a construtora erguia seu mais novo empreendimento, e olhou por sobre o ombro a grande construção, enquanto acionava o trancamento automático do veículo. Observou, então, uma jovem que descia de um carro bem mais simples, estacionado bem próximo aos tapumes da entrada da obra. Seu

coração acelerou, como se a conhecesse de longo tempo. Ela se vestia com elegância e simplicidade, *com um charme irresistível*, ele pensou. Tudo nela lhe agradava. As roupas, o cabelo brilhante – parecia sedoso e delicioso de tocar e deveria ser perfumado também – o semblante tranquilo denotava uma pessoa bem resolvida. No entanto, pequenas rugas na testa denotavam preocupação.

Ele caminhou em direção a ela, que depois de trancar o carro, voltou para pegar alguma coisa que esquecera nele. Ao se aproximar dela, ele sentiu uma vontade irresistível de abraçá-la. Luigi buscava reprimir as fortes impressões que sentia à simples presença da garota. Ao se encontrarem, ela o viu, sorriu e o cumprimentou:

– Senhor Luigi. Que bom encontrá-lo aqui fora. Acho que é um ótimo sinal.

Ele identificou o perfume no mesmo instante. Teve certeza assim que a viu de longe.

– Manuela, eu presumo.

– Sim!

– Muito prazer – ele estendeu a mão para cumprimentá-la. Quando suas mãos se tocaram, ele sentiu uma familiaridade impossível de existir com aquela jovem.

Manuela tinha vinte e cinco anos. Bonita, cheia de vida e de energia. Tinha como origem uma família de ancestrais negros que foram escravizados. Era uma lutadora por natureza pessoal e social.

Ela, por sua vez, não se conteve e comentou sorrindo:

– Que coisa incrível.

– O que?

– Nada, deixe para lá.

– Estava à sua procura, senhor. Queria mostrar-lhe meus estudos.

– Eu li o seu projeto, Manuela, e estava para entrar em contato com você. Tem algum tempo agora? Gostaria de me acompanhar nesta visita? Assim que terminarmos aqui, podemos almoçar e conversar sobre as suas ideias. Um almoço de negócios, é claro.

Luigi era um homem irresistível: bonito, confiante e esbanjava charme. Manuela sentiu uma ponta de receio. Embora também sentisse como se o conhecesse há muito tempo, como se já tivessem se encontrado muitas vezes, atribuiu logo a atração que sentia ao natural estilo galanteador dele. Além do mais, sabia haver entre a realidade de cada um deles um verdadeiro abismo. E era muito consciente para ignorar que essas diferenças normalmente se sobrepunham até mesmo aos mais apaixonados.

Esboçou um ligeiro sorriso e sem saber o que responder, entre surpresa e confusa, concordou:

– Posso, é claro. Mas não seria melhor nos encontrarmos diretamente no restaurante? Não quero atrapalhar o seu trabalho...

– Seu projeto não prevê o paisagismo comestível ³para construções comerciais?

– Sim, com toda a certeza.

– Pois acho que esse shopping pode ser sua grande experiência, servindo de verdadeira vitrine desta proposta que pode ser adotada por qualquer pessoa ou comunidade.

Os olhos dela se iluminaram na hora. Manuela era apaixonada pelo seu trabalho, pelos seus projetos. Amava a vida, e buscava usufruir cada momento com muita intensidade. Embora fosse jovem, já havia passado por muitas dificuldades, das mais diversas. E sabia valorizar quando tinha um bom momento. Apesar das dúvidas, receios e preconceitos que rondavam seus pensamentos, falou firme:

– Então, o que estamos esperando?

Luigi sorriu e entraram.

O executivo rapidamente desincumbiu-se daquilo que se propusera fazer, e tão logo terminou, procurou a jovem. Apresentou as áreas abertas e destinadas aos jardins. Andaram pela construção, que estava entrando na árdua fase do acabamento. Ao final da visita, ela comentou:

– Existe alguma possibilidade de eu saber qual vai ser o estilo de acabamento do shopping, para melhor adequar a proposta do projeto de paisagismo?

– Será elegante e sofisticado, como tudo que a Morelli de Luca produz.

Ela ficou pensativa por alguns minutos.

– Algum problema, Manuela?

– Não exatamente. Seria mais fácil se fosse um estilo mais despojado...

Ele riu e respondeu:

– Impossível. Não existe nada despojado nesta família...

– O senhor é despojado.

De imediato Luigi sentiu a intensa atração que os unia. A tal ponto que desejou outra vez abraçá-la, beijá-la, acariciar seu rosto perfeito e sentir seu perfume de perto. O impulso parecia

absurdo e insano e ele discutia mentalmente, com aqueles sentimentos, inconformado com a repentina atração incompreensível por uma jovem tão diferente dele e rejeitava a todo o custo o que sentia.

A jovem sorriu, um pouco sem jeito, e falou, tentando quebrar o clima que se estabelecera entre eles:

– Mas sei que deve ser o seu estilo pessoal, e sei que o senhor é muito profissional.

– Por favor, Manuela, me chame de Luigi. Deixe essas formalidades para lá. Como você percebeu, meu estilo é realmente um pouco diferente do restante de minha família. Sou muito mais despojado, você está certa. Combinado?

– Sim.

Entre a rejeição e a atração que sentia, o segundo impulso venceu, e ele insistiu:

– Vamos almoçar? Quero discutir com você os detalhes do nosso contrato.

– Contrato?

– Sim, não foi por isso que me procurou? Para apresentar sua proposta de trabalho para nossos empreendimentos? Não é isso que o escritório de arquitetura e urbanismo para o qual trabalha é especializado?

– Isso mesmo.

– Então, vamos almoçar. E quem sabe, fechar seu primeiro contrato. Levar seu primeiro cliente ao escritório com três meses na empresa não seria nada mal.

– Pesquisou tudo isso?

– Minha assistente, a Pâmela, que você conheceu outro dia, levantou todas as informações.

– Não sabia que se interessava neste nível pelos projetos de paisagismo de suas empresas. Como engenheiro, pensei que se ativesse mais aos projetos de construção.

– Está certa. É assim na maioria das vezes. Mas sua apresentação despertou minha curiosidade, e como queria conversar com você, precisava conhecer melhor sua empresa, e você também.

O almoço foi longo. Com a desculpa de conversarem sobre o projeto de paisagismo do shopping, o encontro se estendia. De fato, Luigi queria ficar mais tempo com a jovem. A companhia dela lhe fazia um bem enorme; sentia-se leve, alegre, ainda que relutasse com preocupações e conflitos que permeavam sua mente, em um segundo plano. Dos assuntos profissionais, pularam para experiências pessoais, e conversaram por muito tempo. Por volta das quatro da tarde, ela olhou o relógio novamente e comentou:

– Nossa! Como o tempo voou.

– É verdade. Precisa ir?

– Sim, tenho uma reunião de planejamento às cinco horas. Foi ótimo esse nosso almoço, Luigi. Agradeço sua atenção. Fiquei mesmo surpresa com seu interesse por esse assunto.

Desejando um próximo encontro, ele falou:

– Você pode trazer o projeto detalhado por escrito para mim amanhã?

– Amanhã?

– Sim. Tenho pressa em incluir sua proposta. Temos outras opções, é um processo padrão ter vários orçamentos, você sabe.

– É claro.

– Mas eu quero fechar com você.

Sentindo-se entre efusiva e desconfortável, diante de tanta receptividade do cobiçado herdeiro da Morelli de Luca, respondeu hesitante:

– Isso é fantástico, só que não consigo te apresentar até amanhã. Pode ser na segunda-feira? Assim tenho o final de semana para preparar tudo e te envio o projeto na segunda-feira no primeiro horário.

– Combinado. E almoçamos de novo no início da semana.

– Almoço?!

– Os assuntos sérios são sempre fechados durante os almoços e jantares, Manuela.

Desta vez, sem hesitar, ela respondeu:

– E onde nos encontramos?

– Vou pedir a Pâmela para escolher um lugar apropriado e ela entrará em contato com você para confirmar tudo.

Saíram do restaurante e ao se despedirem, Luigi apertou a mão dela com firmeza, tentando controlar a vontade de puxá-la para mais perto de si.

– Encantado em conhecer os conceitos da sua empresa, Manuela. Faremos bons negócios em conjunto.

– Muito obrigada pela oportunidade, Luigi. Deixarei você ainda mais encantado com os resultados, pode ter certeza. Até segunda.

Manuela afirmava para si mesma que nenhum preconceito do mundo a impediria de ter sucesso em sua carreira, naquele trabalho que ela amava fazer. Conseguir um cliente como a Morelli de Luca seria um passaporte certo para que todas as portas se abrissem para ela no escritório. Acima dos

preconceitos, os donos do escritório queriam ganhar dinheiro, e era isso que Luigi representava para ela naquele momento.

O manobrista do restaurante trouxe o carro dele. Ao se acomodar no assento, observando a jovem que entrava no carro dela, ele murmurou:

– Mais encantadora impossível.

Enquanto dirigia para casa, Manuela sentia-se eufórica e apavorada, com receio de que tudo aquilo desmoronasse de uma hora para a outra. Sentia claramente a verdadeira química que se estabeleceu entre eles. Mas sabia que não podia dar espaço a especulações, já que ele jamais teria um relacionamento sério com ela. Passou por sua mente todo o tipo de argumento, para que ela não abrisse seu coração a esperanças falsas. Mas no aspecto profissional, era diferente. Ela era tão competente quanto qualquer outro de sua área, e até mais, pois se esforçava em dobro para compensar suas desvantagens sociais. Respirou fundo, reconhecendo o receio que sentia, e falou para si mesma:

– Não vou deixar que o medo me paralise. Vou agarrar essa oportunidade e fazer o máximo.

Continuou relembando os detalhes da conversa e ao estacionar na garagem do prédio do escritório, desligou o carro, encostou-se no banco e ficou lembrando de tudo novamente. Aquele homem era mesmo irresistível!

3 O paisagismo comestível é uma prática sustentável que usa plantas alimentícias de forma criativa enquanto decora ambientes residenciais ou comerciais.



Oito

LUIGI NÃO CONSEGUIA TIRAR MANUELA DA CABEÇA, ainda que tentasse com afinco. Jamais sua família aceitaria qualquer relacionamento sério com aquela jovem arquiteta; não só pela cor de sua pele e origem simples, mas porque ela não atenderia a nenhum interesse maior de seu pai. Aqueles sentimentos eram absurdos, ele nem sequer a conhecia. Tinha de tirá-la da cabeça a qualquer custo! Faria negócios com ela, pois o projeto que ela lhe apresentou era interessantíssimo, e sabia que os custos de contratação seriam muito menores do que os famosos escritórios de arquitetura. Ele vivia à caça de oportunidades como aquela, de negócios emergentes em que pudesse apostar e economizar milhões. Assim fortalecia sua posição dentro da empresa, junto ao conselho administrativo e os acionistas.

Independentemente do que podia pensar ou sentir, Luigi e Manuela tinham uma história antiga juntos e que os unia de pronto, eram as ligações de passado. Eles se amavam profundamente e aquele sentimento não poderia ser contido.



O sábado amanheceu chuvoso. Luigi acordou no horário habitual, e se preparava para ir à academia quando o pai ligou:

– Tudo certo para hoje à noite?

– Sim, pai, tudo certo.

– Ótimo. Convidei vários amigos nossos, para que não se sintam constrangidos, meu filho. E fiquei sabendo que a Antonella está muito feliz em poder conhecer você melhor. Ela é uma mulher muito atraente, você vai gostar. E faz muito bem o seu tipo. Morena, cabelos lisos abaixo dos ombros, corpo de violão, e é esportista. Adora escalar.

– Parece bem interessante...

– Interessantíssima, eu diria. Aliás, a mãe é ainda mais bonita do que a filha e...

– Pai, vou chegar no horário, pode ficar tranquilo. Poupe-me dos detalhes, por favor.

O pai sorriu do outro lado da linha; o filho o conhecia bem. Desligaram.

No final da tarde, Luigi se preparava para sair. Hesitou em relação à roupa que deveria usar. Hesitou em relação ao perfume. Estava desconfortável. Em sua alma, sabia que encontrara a mulher de sua vida; mas sabia que aquela relação nunca seria aceita pelo pai, pela família. E não queria colocar em risco sua carreira, sua fortuna, seu futuro. Então jogava as emoções para o mais fundo que podia em seu interior, sobrepondo-as com seus compromissos e exigências sociais. Até o ponto que, cansado de toda aquela conversa interior, murmurou:

– Se essa Antonella for tudo isso que meu pai diz, vou pedi-la em casamento e pronto. Farei a vontade de meu pai e fim de conversa!

Ao entrar em seu carro, colocou a música no último volume. Queria ter controle sobre os pensamentos, mas não conseguia. Ao chegar ao amplo apartamento de cobertura onde o pai morava, deixou o carro com o manobrista e subiu. Logo na entrada, encontrou com a mulher que seu pai queria para ele como esposa.

– Antonella, meu filho, Luigi. – Apresentou-os Francisco.

– Você é mais bonito pessoalmente do que pelas fotos, Luigi, muito prazer.

– O prazer é meu, Antonella.

Entraram. Ela vestia um macacão vermelho colado ao corpo, com um imenso decote na parte da frente e nas costas, deixando parte do corpo à vista. Sua pele era delicada e alva, contrastando com os cabelos castanho-escuros que desciam pelo ombro até o meio das costas, primorosamente cortados e repicados. O rosto era menos delicado do que a pele. Os olhos eram irritados, deixando transparecer uma alma atormentada. O nariz não era muito grande, nem pequeno, e parecia artificial. Certamente resultado de uma plástica – Luigi continuava realizando uma verdadeira varredura em todos os detalhes da mulher atlética que tinha diante de si. Era bonita, mas para ele, não era atraente. Os movimentos eram exagerados, a voz áspera (*afeita a dar ordens*, ele logo pensou). Mas o corpo era bonito e os braços bem delineados, demonstravam que ela praticava esportes com regularidade.

E os esportes foram o principal assunto que os entreteve durante o encontro.

Quase às duas horas da manhã, Antonella convidou Luigi para passar do vinho para algo “mais estimulante”, insinuando o uso de drogas, tão habitual para a família.

De pronto, Luigi sentiu asco, uma repulsa insistente que crescia ao longo da noite. E a imagem de Manuela aparecia o tempo todo em sua mente. Sem dificuldade, Melissa fazia o rapaz lembrar-se da jovem e buscava simplesmente conscientizá-lo de suas emoções verdadeiras. E sussurrava em seus ouvidos espirituais:

– Chegou a hora de ser quem você realmente é, meu querido Luigi. É hora de assumir a sua tarefa nesta vida. Chegou a hora de ser corajoso e assumir o seu destino!

Quando Antonella insinuou-se sobre Luigi, tentando beijá-lo, sua reação foi instintiva e afastou-se empurrando a mulher para longe de si. Ela ofendeu-se na hora.

– Mas o que é isso? Está me rejeitando?

– Não...

Colocando a perna sobre a coxa dele, ela balbuciou:

– Então vamos aproveitar a vida...

Ele buscava uma desculpa cabível para o momento, sem sucesso. Queria sumir dali e estava sem paciência para diplomacia. Afastou a perna da mulher, e disse:

– Acordo cedo amanhã, tenho muitos compromissos no escritório. Quem sabe uma próxima vez.

Antonella ficou vermelha de raiva. Seu rosto ficou sério e a ira pulava pelos olhos. Sem responder, virou-se e caminhou até Francisco, que conversava do outro lado da sala.

– Agradeço o seu convite, mas já estou indo, Francisco. Seu filho é um frouxo!

Sem esperar pela resposta, pegou a bolsa e saiu sem se despedir do restante dos convidados, totalmente indignada.

Luigi ficou calado, observando. O pai foi atrás da mulher e depois de quase meia hora, voltou visivelmente irritado. Passou pelo grupo familiar, que conversava animado, e foi até o filho mais velho.

– Quero falar com você.

Sem discutir, Luigi seguiu o pai até o escritório.

– Que palhaçada é essa? A mulher se joga para você, a mulher certa, preparada para ser sua, que foi informada de sua condição de homem livre, e você simplesmente a rejeita? Que droga, Luigi, o que há com você? Não gosta de mulheres? Mesmo que esse fosse o caso, Antonella tem de ser sua parceira, não me interessa suas justificativas.

– Eu não gostei dela.

– Eu não estou nem aí. Tenho um acordo para fechar com a família dela e você vai ajudar. Ela vai ter a vida dela e você a sua. Será uma sociedade bem definida, e com bons resultados para todos.

– Eu não gostei dela, na verdade achei insuportável!

– Luigi, acho que não está me entendendo. Tem de dar uma chance. Foi um único encontro. Pegue o nosso barco e leve-a para viajar. Você vai apreciar a companhia dela se a conhecer melhor.

– Acho que não.

– Quero que dê uma chance. Um outro encontro, vocês dois, a sós, em outra circunstância; precisa fazer isso por mim, por nossa família, por nossos negócios e por você mesmo.

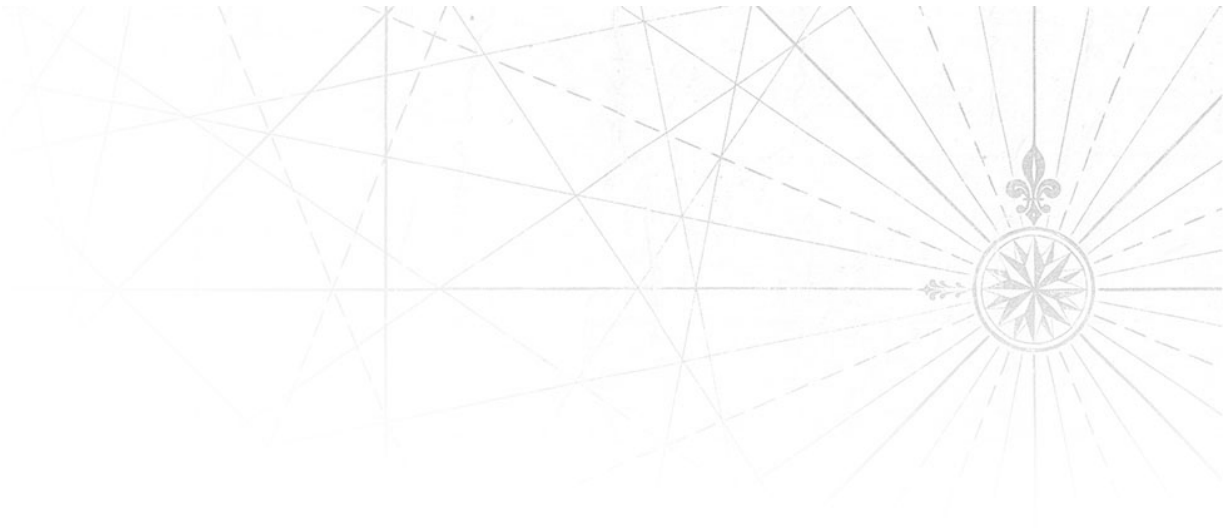
– Tenho quase trinta e cinco anos, pai, e acho que já sei o que é melhor para mim. Tenho feito tudo o que me pede, procurado atender às suas altíssimas expectativas.

– E você as tem superado, Luigi. Mas para dar o próximo passo, quero alguém forte ao seu lado, que o ajude quando tiver dúvidas...

– Então é isso... Não confia em mim o suficiente, e escolheu essa mulher porque acha que ela vai me controlar, para você! Isso é um absurdo. Boa noite, pai.

Luigi se levantou e saiu do escritório. Despediu-se da família e foi embora. Não se conformava com as interferências do pai, estava farto. E o pior de tudo, não sabia o que fazer para livrar-se delas.

Rodou pela cidade até o dia amanhecer, então foi para casa, tomou uma ducha gelada, e foi para a academia do condomínio. Precisava espairar.



Nove

NA SEGUNDA-FEIRA PELA MANHÃ, ao chegar no escritório, Luigi sentia-se cansado e desmotivado, e detestava se sentir assim. Um atleta por vocação, mantinha seu vigor físico constante e elevado. Mas naquela manhã, sentia-se estranhamente sem energia, como se sua vitalidade tivesse desaparecido.

Logo que chegou, teve ímpeto de ir para a academia, como fazia, até mesmo em ocasiões em que virava a noite em claro em alguma festa ou evento. Mas subiu direto para o escritório. Assim que o viu, Pâmela ficou preocupada. *O chefe estava acabado* – pensou ela. Depois de um “bom dia”, que falou ao passar por ela, ele entrou em sua sala e pediu à secretária por telefone:

- Preciso de um tempo sem interrupções.
- Está tudo bem?
- Sim, tudo bem, só preciso me concentrar em alguns projetos. Assim que terminar te aviso.

Abriu os projetos em que estava envolvido, buscando focar sua atenção neles, um a um. Mas sua mente o distraía sem trégua. A imagem de Antonella aparecia, junto com a do pai. E a sensação era pesada, desconfortável. Quando começava a dispersar, ele remexia-se na cadeira e respirava fundo, buscando se concentrar.

Mas foi somente quando viu o e-mail com o projeto de paisagismo do shopping, que Manuela acabara de enviar, que ele abriu largo sorriso e sentiu o entusiasmo revigorar seu corpo novamente. Passou por cada tópico do projeto, e ficou impressionado. Tudo estava perfeito, ela realmente superara suas expectativas. Que projeto bem-feito, profissional em cada detalhe. E no final, na etapa em que tratava dos valores, ficou ainda mais animado. Certamente esse era o melhor projeto que tinha nas mãos. Não haveria impedimentos, poderia aprová-lo sem ter de justificar nada. Estava tudo perfeito, exceto a relutância que brotava aos poucos. Se aprovasse o projeto, passaria ainda mais tempo com Manuela. E ele sabia que seus sentimentos por ela cresceriam a ponto de não ser capaz de controlá-los. Ela não seria somente uma distração, como foram tantas outras mulheres que passaram por sua vida. Aquela mulher era diferente. Sentia-se atraído por ela de modos diferentes: não era somente o físico sensual e bonito, o rosto alegre e os olhos brilhantes. Nem mesmo a inteligência e a capacidade profissional que demonstrara, que por certo ele admirara. Havia mais, algo mais naquela mulher o envolvia a ponto de ele sentir medo. Precisava de uma pausa.

Ao sair do escritório para o almoço, Pâmela notou que a disposição dele havia se modificado. Almoçou depressa e

retornou para o escritório. Seu cronograma de projetos estava bem tensionado nos prazos.

Assim que colocou os pés no escritório, Pâmela avisou:

– Seu pai está na sua sala, aguardando por você. A cara dele não está muito boa...

– Eu não acredito! Tudo bem, me deixe enfrentar a fera.

Entrou e encontrou Francisco falando ao celular. Acompanhou o filho com os olhos enquanto este se acomodava em sua cadeira. Antes de desligar, comentou:

– Ele vai te ligar, Antonella, pode ficar tranquila.

Desligou.

– Teve tempo para pensar? – Cobrou Francisco.

– Olhe, pai – Luigi virou a tela do computador para que o pai pudesse vê-la. – Tenho diversos projetos entrando em fase crítica. E uma viagem para ser feita em algumas semanas. Você colocou a finalização do shopping como prioridade. Então, me deixe trabalhar. Vou resolver a questão com a Antonella, mas não posso priorizar esse assunto neste momento.

Os argumentos aplacaram momentaneamente a ansiedade de Francisco, que respondeu:

– Está certo. Vou te dar um prazo limite para conversar com a moça: duas semanas.

– Desde que seja uma simples conversa. Para resolver a questão, quero até a volta de minha viagem, quando o shopping estará bem adiantado, entrando na fase final de acabamento, e os contratos novos assinados com a Arábia Saudita. Então poderei pensar em outras coisas.

– De acordo. Agora me mostre como estamos com o andamento do shopping.

Luigi abriu o cronograma e mostrou fotos do andamento da construção.

– Muito bem, está ficando de acordo com o planejado.

– Agora, quero que veja o melhor. O projeto de paisagismo que encontrei para adequar-se aos novos tempos.

Luigi compartilhou com o presidente da empresa o projeto que Manuela havia lhe passado. Francisco leu o projeto e ao final, disse:

– Gostei dessas ideias! O projeto em si é primoroso e o preço também é ótimo, mas não conheço esse escritório de arquitetura. Sabe quem são?

– Um escritório novo, mas que vem ganhando espaço rapidamente.

– Logo vão cobrar absurdos, como os demais. Já fechou com eles?

– Ainda não.

– E o que está esperando? Feche logo!

– Também gostei bastante, mas tenho ainda algumas dúvidas.

– Para um pequeno detalhe em um projeto amplo, você parece bem envolvido com ele. Até a Pâmela, com a experiência que tem, poderia finalizá-lo. Por que tanto interesse?

– Porque o shopping é uma prioridade.

– No curto prazo, Luigi. Não se perca em detalhes. Seu objetivo é ser o meu sucessor e cuidar de um império. Então seja objetivo e não perca seu foco.

Francisco estava se dirigindo à porta, então se virou e disse, já com uma das mãos na maçaneta:

– Bom trabalho. Agora espero que seja tão competente assim em assuntos familiares.

Francisco saiu e deixou Luigi irritado. O pai não perdia a oportunidade de cobrar-lhe algo mais, sempre lembrando que ele seria o sucessor e responsável por toda a empresa. Sentiu-se sufocado, como se alguém lhe apertasse o pescoço.

Passeou pelo projeto de Manuela diversas vezes, buscando algo nele, algum defeito. Mas não tinha. No final da tarde, rendeu-se à razão e aos próprios sentimentos e ligou para a arquiteta, informando que queria marcar o almoço para o dia seguinte, a fim de finalizarem o acordo.

– Então você gostou mesmo?

– Não só eu, como o presidente também aprovou. Estamos fechados, Manuela, só precisamos nos sentar para acertar alguns detalhes, e depois marcarmos um dia para vocês virem aqui assinar o contrato.

– Almoço amanhã, então?

– Sim.

– Está combinado.

Na manhã seguinte, enquanto se arrumava para o trabalho, Luigi escolhia com especial atenção as roupas, acessórios e o perfume que usaria naquele encontro. Como se desejasse selar a ligação com a jovem arquiteta. Depois de trocar três vezes a camisa, ele finalmente terminou. Olhou-se no espelho e balbuciou: acho que está bom.

Durante a manhã, não conseguia focar muito sua atenção no trabalho. A proximidade do encontro com Manuela agitava o seu espírito. Assim que a viu entrando no restaurante, com o rosto iluminado, expressão serena e enorme vitalidade, todas as

suas resistências interiores desmoronaram. Aquela era a mulher de sua vida!

De novo, o almoço ocupou quase a tarde inteira. Primeiro conversaram sobre negócios e Luigi tirou todas as dúvidas e acertou todos os detalhes do contrato, entregando a ela um contrato padrão da construtora a ser analisado pelo escritório dela. Ela o folheou e comentou:

– Regras rígidas de prazos e qualidade...

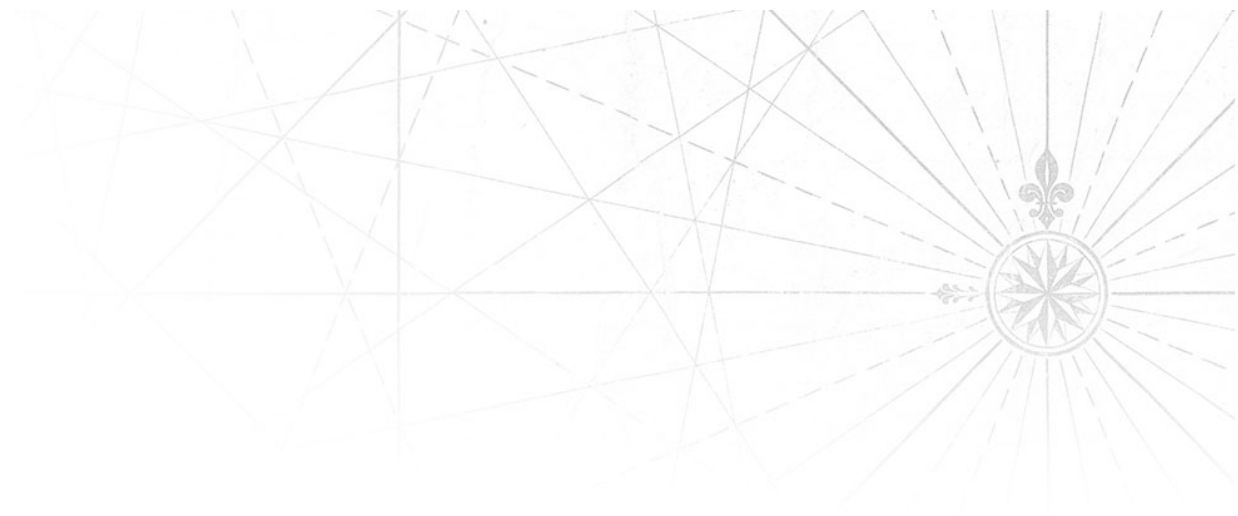
– É a Morelli de Luca. Sei que vai exigir bastante de seu escritório, mas será uma vitrine profissional tanto para eles quanto para você. Eles já sabem de sua façanha?

– Claro que sabem. Mas acho que ainda não estão acreditando que vou conseguir.

Dos assuntos profissionais, passaram aos pessoais, e a tarde fluiu como uma brisa suave em um dia quente. Luigi sentia como se há muito esperasse aquela mulher chegar a sua vida. E Melissa sussurrava aos seus ouvidos:

– É ela, Luigi, sua amada Elizabeth. Estão juntos de novo.

Com a certeza de que encontrara a mulher que amaria para sempre, Luigi deixou de lado a diferença social, as vontades e os preconceitos de seu pai. Via tão somente uma mulher especial a quem se rendeu sem reservas. Estava apaixonado.



Dez

NA SEMANA SEGUINTE A FAMÍLIA ESTAVA REUNIDA na fazenda para celebrar o aniversário de Francisco. A enorme espécie de Flamboyant estava lá, maior e mais majestosa com a passagem do tempo. Ela não envelhecia, apenas tornava-se mais frondosa e bela. Sob a sua enorme sombra, a mesa que reunia a família também crescera. Novos casais, netos e bisnetos de Genaro corriam pela grama verde, em um renovar da vida e das oportunidades. O patriarca já não estava mais entre eles, partira havia quase dez anos. Mas deixara o seu legado, como desejara. A família tornara-se enorme com quase sessenta pessoas, entre irmãos, primos, agregados e até ex-agregados. E a família crescia. A irmã mais nova de Luigi estava grávida de trigêmeos. Era a primeira vez que a família viveria aquela experiência. Como ela tivera dificuldades para engravidar, recorrera ao moderno método de fertilização in vitro, e três dos seis embriões implantados, haviam se desenvolvido. Ela estava enorme. Era sua primeira gestação, e agora sorria o tempo todo,

acariciando o ventre que abrigava seus três tesouros imensamente desejados.

Luigi estava disperso, distante e pensativo. Não tirava Manuela da cabeça um só instante, contudo, embora a paixão que se desenvolvia mais como a árvore frondosa que tinha sobre sua cabeça, do que qualquer outra emoção que já sentira, os imensos preconceitos também haviam se instalado fortemente naquela família. Muito embora a construtora defendesse publicamente ideias de igualdade social e diversidade, não se via entre aquelas quase sessenta pessoas, uma que fugisse ao padrão dominante da família: brancos, ricos e arrogantes. Não havia ninguém diferente, que viesse de outra origem, fosse negra, árabe, oriental, ou qualquer outra, nem mesmo entre os funcionários da casa. A imagem que queriam passar era claramente diferente da realidade que ocupava as mentes e corações dos componentes da grande família Morelli de Luca.

Luigi observava a felicidade da irmã, tão expressada em cada gesto e não pôde deixar de notar a prima, quase de mesma idade dele e um pouco mais velha do que a irmã, que ocupava uma cadeira no lado oposto ao dele, à mesa. Bianca esforçava-se por sorrir de quando em quando, para espantar questionamentos. Estava cansada de escutar sermões e advertências. Ninguém compreendia o tamanho da dor que ela carregava, mas estava cansada daqueles sentimentos que a dominavam, impedindo-a de viver.

Luigi notou que ela se levantou da mesa, discretamente e sem chamar a atenção, e foi para dentro da casa. Ele aguardou alguns minutos, depois levantou-se e foi atrás da prima. Procurou-a pela casa e a encontrou no quarto que era de sua

família, na enorme mansão, que agora continha alguns anexos. A porta estava entreaberta e ele bateu de leve:

– Posso entrar?

– Oi Luigi. Se não for para me dar mais sermões, pode sim.

Ele entrou e sentou-se ao lado dela, em uma bancada à beira da janela.

– Está um dia lindo... – Ela comentou. Bianca segurava algo nas mãos. – Minha mãe adorava essas festas.

– Você se lembra?

– De cada detalhe. Tantos anos se passaram, mas é como se ela fosse entrar por essa porta a qualquer momento. Ainda sinto saudades, mas ela é doce, sabe?

Luigi abraçou com carinho a prima, que prosseguiu:

– O que mais me incomoda é a injustiça, a mentira. – Bianca suspirou fundo e prosseguiu, em tom mais ameno – O que me vale é que agora sei que ela está bem e livre da opressão dessa família, que esconde segredos tenebrosos...

Luigi, que ainda a abraçava, tirou o braço de sobre os ombros dela e falou:

– Você está levando essas ideias absurdas para o seu terapeuta?

– Ideias absurdas?

– São fantasias que você alimenta com muita vontade.

– Minha mãe morreu por causa desses segredos, Luigi. Mataram ela.

– Minha querida, sei que é difícil de aceitar, mas sua mãe cometeu suicídio.

A jovem abriu as mãos e mostrou o que segurava ao primo.

– Lembra-se disso? Era o lenço que ela usava quando morreu.

Ao ver o acessório Luigi sentiu as mãos gelarem e o coração acelerar.

– Pegue, sei que pode ver, com sua sensibilidade. Já fez isso antes.

Ele deu um sutil passo para trás, pressentindo o desdobramento. Mas ela insistiu:

– Pegue, veja por você mesmo. E colocou o lenço nas mãos do primo.

No mesmo instante que tocou o objeto, Luigi entrou em estado de transe e se viu transportado para vinte e cinco anos antes, na tarde em que a tia morrera. E como se fosse testemunha ocular invisível da história, viu cenas da tia em suas últimas horas de vida. As cenas eram confusas, mas uma frase se sobressaía, nítida:

– Escutou o que não devia ter escutado, e não quis deixar para lá. Coisas assim são para ser esquecidas. Não, são para ser enterradas e esquecidas.

Luigi podia sentir a angústia da tia, o coração batendo muito acelerado, o medo fazendo com que ela suasse frio e perdesse o controle dos órgãos excretórios. Ela sabia que iria morrer e estava aterrorizada. Por fim, viu as lágrimas escorrerem pela face enrijecida dela.

O homem, conhecido da sua família, executou a tia com perfeição, prevalecendo a encenação de suicídio. E quando teve certeza de que sua ordem fora cumprida fielmente, retirou-se.

Luigi continuou ali, observando o trabalho espiritual de desligamento que ocorria. Ele conseguia ver ao mesmo tempo o

que acontecia nas duas dimensões. A tia foi acolhida no mundo espiritual tão logo o último fio energético que a ligava ao corpo foi delicadamente desatado. Parecia sonolenta.

– Vamos levá-la agora a um pronto socorro em nosso plano. Uma casa espírita que está preparada para receber pessoas em sua condição. Lá você vai receber toda ajuda, até estar pronta para seguir para a nossa colônia espiritual, de onde você partiu para retomar sua vida na Terra.

A tia balançou a cabeça e a suave entidade espiritual lhe acariciou os cabelos e respondeu, como se lesse a mente da tia:

– Bianca ficará bem. Ela tem Luigi. Ele vai cuidar dela. E você poderá vê-la sempre, no momento do sono físico. Sei do amor que une vocês duas.

Luigi sentiu um profundo choque às últimas palavras da entidade espiritual e retornou à consciência, saindo do estado de transe.

Bianca estava na expectativa, como se soubesse o que havia acontecido com o primo. Ao recobrar a consciência, ele a fitou sem dizer anda.

– E então? O que foi que viu?

Luigi não sabia o que responder. Lembrou-se de que havia visto cenas semelhantes quando tocou pela primeira vez a echarpe da tia. E lembrou o que ocorreu naquela tarde horrível, que ele queria esquecer. Especialmente as longas sessões de terapia pelas quais havia passado. Os remédios que teve de tomar, e o sentimento perverso de inadequação, de que havia algo errado com ele.

– Onde conseguiu isso? – E devolveu a echarpe para Bianca.

– Meu pai escondeu, mas não teve coragem de jogar fora. Eu encontrei e aqui está. O que você viu? Tem de falar, tem de contar o que viu.

– Bianca, se passaram vinte e cinco anos.

– E daí?

– Você não disse que sua mãe está bem?

– Sim.

– Como sabe?

– De vez em quando vou a uma casa espírita; foi onde encontrei consolo e forças para não tirar a minha própria vida. Queria falar com ela, mas somente há dois meses ela se comunicou comigo enviando uma mensagem pessoal, íntima de nós duas. Era ela, Luigi. Ela me disse que está bem e que preciso seguir em frente, mas como?

– Ela está bem, Bianca. Ouça o conselho dela e faça o que te pediu.

– Eu não posso! Enquanto a mentira prevalecer, não posso!

Bianca limpou algumas lágrimas que desciam pela sua face, logo se recompôs e indagou direta:

– O que vai fazer?

– Do que você está falando? – Luigi dissimulava, totalmente perdido, sem saber o que fazer com o que vivenciara há pouco.

– O que foi que você viu?

Sob forte pressão e sem saber como agir, ele fugiu mais uma vez:

– Preciso tomar um ar fresco. Está muito calor aqui. – E afastou-se dela. Bianca o segurou pelo braço antes que estivesse muito longe e indagou:

– Você viu, não foi? Sabe o que aconteceu com ela. Sei que tem essa habilidade.

– Que habilidade?

– Você pode viajar no tempo e ver fatos, pessoas e suas vivências, suas experiências. Eu estudei sobre isso. Sei que parece loucura, mas não é. Se você estudar a respeito, vai compreender também. E poderá fazer o que é certo, como minha mãe tentou fazer, e foi impedida.

Luigi ficou atônito. Soltou-se da prima e disse:

– Preciso tomar um pouco de ar. E você deveria fazer o mesmo.

Saiu depressa do quarto, mas estava tão aturdido com tudo o que acontecera, que pegou o carro e, acelerando o mais que podia, sumiu depressa, como se desejasse que toda aquela experiência real, concreta, desaparecesse com o cenário da fazenda. Angustiado, assustado, tenso, o estado emocional de Luigi era lamentável. O choque entre a realidade sutil e as crenças que lhe vinham sendo incutidas, formatando a sua mente, deixavam-no perturbado. Sabia que tudo o que vira era a verdade. Mas não queria acreditar, pois se assim o fizesse, teria de mudar tudo em sua vida. E fugiu para longe, desejando que tudo se desvanecesse. Vã ilusão, sua tarefa estava apenas começando.

Luigi passou pelo menos dois dias tentando apagar da sua memória a vívida experiência. Mas sonhava com aquela visão, que se fazia constantemente presente em sua tela mental, como um verdadeiro fantasma a assombrá-lo. Melissa encarregava-se de manter as imagens muito vivas na mente de seu tutelado. Conhecendo o seu passado em detalhes, a sua programação reencarnatória, bem como a realidade material na qual ele

estava inserido na presente experiência na Terra, fez brotar nele uma ideia, muito frágil à princípio, mas que foi ganhando forças pelo bem que imaginá-la fazia ao executivo angustiado.



Onze

NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM Manuela trabalhava, dedicada, na preparação do projeto completo para o shopping. Sentia-se feliz, quase explodindo. O diretor do escritório onde ela trabalhava, assinou o contrato com a Morelli de Luca e, como era de se esperar, a jovem ganhou uma promoção e muito prestígio entre os sócios do escritório de arquitetura. Havia sido responsável, em apenas três meses, por trazer o maior cliente que eles já haviam conquistado. Todos estavam surpresos e impressionados com o desfecho daquela negociação. Mas não Manuela. Ela estava feliz, mas acreditava que a vida tinha muitas surpresas boas, e ainda que fosse bem consciente do mundo em que vivia, das desigualdades, das dificuldades e sofrimentos, esperava pelo melhor, e parecia estar sempre preparada para que o melhor a visitasse.

A jovem arquiteta dedicava-se com disciplina a aprender as verdades espirituais e cultivava os valores da alma, acima de qualquer outra aspiração. Sempre curiosa e intelectualmente insatisfeita, era uma buscadora da verdade. Assim que conheceu

os princípios do espiritismo e compreendeu como eles descortinavam as leis naturais presentes em tudo, pela análise dos fatos, não teve dúvidas. Começou a estudar tudo o que encontrava sobre o assunto. Tinha fome de aprender, e acima de tudo, reconhecia a verdade, sentia em cada fibra de seu ser.

Naquela manhã, estava compenetrada em seu projeto, pensando em cada detalhe, visualizando as camadas de plantas que deveriam preencher os espaços para que o jardim tivesse o efeito que ela desejava, quando o celular tocou. Ela não queria atender, mas quando viu que era seu cliente mais importante, não deixou que tocasse segunda vez.

– Olá Manuela, é o Luigi. Como está o nosso projeto?

– Está ficando lindo, posso assegurar. Estava trabalhando nele agora.

– Quero ver os progressos...

– Ainda tenho algumas questões não resolvidas nele. Queria te mostrar quando estivesse mais adiantado. Quero surpreendê-lo, Luigi.

– Então vamos almoçar hoje e você me conta suas dúvidas.

– Não vou aborrecê-lo com coisas menores.

– Mas podemos almoçar?

– Certamente!

Durante o almoço, Luigi sentiu-se compelido a compartilhar com a jovem questões mais pessoais. Suas angústias transpareciam em sua face.

– Está preocupado hoje? – Ela indagou despreziosa, sem esperar a avalanche que veio como resposta.

Luigi começou a contar seus sonhos, com a tia, mas não disse que vira certas cenas ao tocar a echarpe de Flora. À

medida que falava, era como se esvaziasse a pressão que sentia no peito. Manuela, por sua vez, logo percebeu o que se passava, percebeu a sensibilidade do executivo e teve a intuição de que fosse médium. Ouviu atentamente tudo o que ele lhe contava, sem interrupções ou comentários. Ao claro interesse e seriedade que ela deu ao tema, Luigi sentiu-se mais confiante a prosseguir com detalhes. Contou sobre a morte da tia e como sempre sentira como se houvesse mentiras ocultas sobre o que ocorreu de fato com ela.

Quando ele terminou, ela fez longa pausa, depois falou:

– Eu não acho que sejam somente sonhos, Luigi. Acho que você, de alguma forma e por algum motivo que não sabe ainda, está tendo acesso ao que aconteceu de fato com sua tia. – A jovem falava muito séria, consciente das implicações que essa conclusão poderia suscitar.

– Você crê mesmo nisso?

– Sim, Luigi. Acho que você está de posse de uma informação importante. Sei que parece subjetiva, mas creio que essa realidade invisível aos sentidos materiais é muito mais objetiva do que podemos imaginar.

– E o que sabe sobre esse mundo invisível?

– Não muito, mas com o que sei, tenho certeza de que ele é real, tão real quando esse corpo que você tem – ela falou e tocou o antebraço dele.

Ela ia tirando a mão, quando Luigi a segurou e acariciou-a com carinho. Uma explosão de emoções e sentimentos surgiu envolvendo a ambos. Manuela se sentia exatamente do mesmo modo que Luigi. Queria abraçá-lo, consolá-lo, ajudá-lo. Queria amá-lo e envolvê-lo em seu carinho. Luigi sentiu ímpetos de agarrá-la ali mesmo. Como a desejava! Ao mesmo tempo,

ambos tinham consciência de que havia enormes diferenças entre os dois, cujas vidas pareciam totalmente incompatíveis. E o racional freava a genuína emoção que os atraía.

Manuela retraiu gentilmente a mão e sorriu. Luigi ficou pensativo por algum tempo, depois convidou:

– Gostaria de jantar comigo amanhã?

Manuela o fitou em silêncio por alguns instantes, depois, ao invés de responder, devolveu a pergunta:

– Luigi, o que está acontecendo entre nós? Sente o mesmo que eu?

– Não sei dizer o que está acontecendo, mas sei que quero ficar com você. Embora haja tantas diferenças e nossos mundos sejam distintos, sinto que há muitas coisas que nos unem, mas não sei dizer quais sejam. O que posso afirmar é que desde que a vi pela primeira vez, senti como se a conhecesse há muito tempo. Como se estivéssemos nos reencontrando. E desde então, quando estou com você, sinto como se todas as minhas preocupações, receios, tudo se dissipasse. Gosto de nossas conversas, e gosto muito quando estamos juntos.

Ela abriu largo sorriso, como se tivesse descoberto alguma coisa.

– O que foi? Por que está sorrindo assim?

– A vida é mesmo cheia de surpresas... Quem sabe não estamos mesmo nos reencontrando, Luigi? Acredito que vivemos muitas vidas. Quem sabe já não nos encontramos em outra existência?

– Acredita mesmo nisso?

– Completamente.

Ele encostou-se à cadeira, deu um suspiro profundo e falou, depois de beber um gole de água:

– Queria ter a sua convicção, mas não consigo.

– Talvez seja por isso que você está tendo os sonhos. Para ajudá-lo a enxergar que existe uma realidade além daquela que podemos tocar com nossos sentidos.

Luigi sentia que a cumplicidade crescia entre eles rapidamente.

Ao voltar ao escritório no final daquela tarde, Luigi sentia como se flutuasse. Manuela lhe fazia muito bem, ela o salvava daquela confusão que ele sentia. Assim que entrou, Pâmela já foi dizendo:

– Seu pai quer vê-lo assim que chegar. Está esperando.

– Parece sério.

– Ele estava irritado.

– Que novidade! Ele está sempre irritado, insatisfeito, infeliz!

E entrou murmurando, pensando em voz alta:

– De que adianta ter tudo o que se quer e não poder ser feliz...

E escutou claramente uma voz em sua mente:

– O que importa é o poder! Ser feliz é para os pobres, que precisam de alguma esperança. Sua felicidade é o dinheiro e o poder que lhe pertencem. Sua obrigação é fazê-lo crescer, dobrar, triplicar o poder e o dinheiro dessa família.

Luigi não podia ver, mas o avô desencarnado ocupava uma enorme mesa, na dimensão espiritual, bem perto do neto. E sussurrava seus desejos e princípios em sua mente o tempo todo. O jovem executivo não tinha a menor noção do contexto espiritual em que estava envolvido.

Deu alguns telefonemas antes de subir para a sala do pai, que o recebeu mal-humorado.

– Boa tarde.

– Sente-se Luigi. Como estão os projetos?

– Todos dentro do cronograma e do orçamento. De fato, alguns, estou um pouco abaixo, sem comprometer a qualidade, é claro. Vamos ganhar bastante dinheiro com esses projetos.

À medida que falava, Luigi envolvia-se com outra energia muito forte em si. Ele gostava do poder e do dinheiro, mais ainda do poder, que o seduzia de longa data. E passou um relatório ao pai.

– Muito bem. E sua viagem? Como andam os preparativos? Tudo em ordem?

– Sim, sem novidades.

– Gostaria que levasse Antonella em sua viagem.

– O que?! De jeito nenhum! De onde veio essa ideia? – Luigi ameaçou se levantar e o pai o deteve.

– Por favor, sente-se. Tudo bem, peguei pesado. Mas ela quer ver você de novo e eu já tinha sugerido uma viagem turística, mas você não toma atitude. Ela está esperando.

– Pois que fique!

– Luigi, você prometeu que daria mais uma oportunidade a vocês dois.

– Vou fazer isso.

– Antes de sua viagem, tem de ser antes.

– Vou convidá-la para jantar e conversaremos.

– Convidá-la para jantar? Acho que você não prestou atenção direito na mulher! Antonella não é mulher de se levar

para jantar. Faça uma programação decente. Ela adora dançar, e de programas mais apimentados. Entende?

– Claro que entendo. Mas vou convidá-la para jantar. Se ela não gostar, paciência.

– Você está dificultando as coisas. Por quê?

– Porque não gostei dela.

– Mas não precisa gostar, já disse. É uma sociedade lucrativa em amplos aspectos. Ela e o círculo de relacionamento dela colocarão você em um grupo de altíssimo prestígio e influência. Gente com quem nos interessa bastante estabelecer relacionamento. E por essa via, será mais rápido e mais eficaz. Primeiro os negócios, depois a diversão.

Luigi escutava em silêncio. Percebia o mal-estar que se formava envolvendo-o por completo, enquanto sentia-se atraído pelas possibilidades que o pai lhe sinalizava.

– Vou conversar com ela, e vamos achar alguma coisa que nos agrade fazer juntos, está bem?

– Corrida de cavalos, ela adora corrida de cavalos. Acho que a família tem vários no Jockey Clube de São Paulo.

– Brilhante! Achamos um interesse comum.

– Vai encontrar muitos outros, filho, acredite. A ala feminina da família é muito pródiga... Francisco calou-se de súbito, diante do olhar reprovador do filho.

– Ah! Você é pudico! Precisa mudar isso depressa! Não deve ter escrúpulos que o impeçam de fazer e de ter o que deseja, Luigi. Você é meu herdeiro e quero que faça nossa fortuna crescer, do mesmo modo que fiz quando assumi o lugar do seu avô. Tem de estar preparado. Seus concorrentes querem o seu lugar, sabe disso. Seus irmãos e primos querem o seu

lugar. Mas sabem que seu avô escolheu você, e em parte te odeiam por isso.

Luigi se mantinha calado, sem ter o que responder, imaginando as piores imagens do pai e de toda aquela gente. E logo as imagens da tia lhe vieram à mente. A energia que Francisco emanava com as imagens mentais que criava em Luigi, levavam o executivo a concluir que a sua família poderia facilmente ter responsabilidade na morte da tia, confirmando as suas suspeitas. Com o pai ainda falando, ele ergueu-se e disse, impelido por uma força que não reconhecia como sua:

– Sou dono do meu destino. Vou falar uma vez mais com Antonella, pois lhe prometi isso. Mas não crie expectativas. Vou viajar em dez dias, e vou levar quem eu quiser para essa viagem, e você não vai interferir, combinado assim?

– Pois leve quem quiser. Divirta-se. Aproveite, desde que traga o contrato assinado e o dinheiro transferido para a nossa conta no Panamá.

– Quanto a isso, pode ficar tranquilo.

Despediram-se. Luigi descia o elevador com vontade de esmurrar as paredes. Sentia como se fosse explodir. Assim que entrou em sua sala, ligou para Manuela e durante a conversa, falou de sua viagem. Ao que ela comentou:

– Nunca fui à Nova Iorque, apenas a Miami, uma vez. Mas será minha próxima viagem. Já estou planejando.

Em um impulso e sem pensar muito ele convidou:

– E por que não vem comigo à Nova Iorque? Vou fazer uma escala e posso estender minha estadia por lá, por mais uns dias. Estou com algum tempo em minha agenda.

– Está brincando, não é?

– Estou falando sério. Estou com duas passagens. Se quiser pode vir comigo aos Emirados Árabes.

– Luigi, você se esqueceu de que tenho um projeto para te entregar assim que voltar?

– Então venha comigo até Nova Iorque. Ficamos uns três, quatro dias. E você volta, prossegue com o projeto e eu sigo a minha programação para o Oriente Médio.

A jovem tinha os olhos intensamente brilhantes e a voz entusiasmada quando comentou:

– Convite tentador.

– Como está o seu passaporte, visto, essas coisas?

– Tudo em ordem. Mas não sei...

– Não vou aceitar um não. A construtora vai pagar tudo, você não terá despesa alguma. O que me diz?



Doze

CINCO DIAS DEPOIS, Luigi estendia seu horário de trabalho, para preparar sua viagem e deixar todos os projetos que cuidava, devidamente encaminhados. Manuela ainda não lhe respondera, mas ele estava certo de que a jovem o acompanharia. Embora se sentisse dividido e pensasse racionalmente que estava fazendo uma loucura levando a jovem que ele mal conhecia para uma viagem como aquela, e bem no início de um trabalho que ela era responsável por conduzir, sentia como se uma força maior o conduzisse, como se algo dentro dele, que não conseguia entender, o guiasse para aquela atitude. E ele não estava conseguindo resistir ao que sentia. Além do mais, nos últimos dois dias, sentia também como se algo o esperasse em Nova Iorque. Havia uma expectativa, quase uma euforia que crescia nele.

O que o preocupava mais, era a pressão do pai para que se encontrasse novamente com Antonella. Ele teria de realizar a vontade de Francisco, ou não teria paz.

Naquele fim de tarde, enquanto as luzes artificiais começavam a se acender, ele fitou o céu, onde estrelas esparsas, obscurecidas pelas luzes da cidade, despontavam aqui e acolá. Fechou os olhos por um momento, tentando organizar os pensamentos e de súbito, percebeu uma imagem nítida se formando em sua mente. Ele vislumbrou Melissa, sua orientadora espiritual, que seguia ao seu lado. Assustou-se e pensou: “Afinal, o que está acontecendo comigo? Não me reconheço”. Mal terminou a frase mentalmente, e a resposta chegou rapidamente, possibilitando a ele captar o pensamento de Melissa:

– Há muitas coisas a seu respeito que você desconhece. A pessoa que você identifica como sendo Luigi, é uma partícula ínfima do ser complexo que você é, do seu ser integral. Siga a sua intuição. Em breve saberá muito mais.

Luigi assustou-se. Afinal, de onde vinha aquela resposta tão clara e pertinente? Apesar dos questionamentos, sentia serenidade. Decidido a limpar o caminho para que tivesse paz durante sua viagem, ligou para Antonella e convidou-a para jantar.

– Não. – Ela respondeu seca do outro lado da linha.

– Estou confuso. Pensei que...

– Não quero um simples jantar, Luigi. Quero muito mais. Sei que está indo viajar e quero ir com você. Adoro os Emirados Árabes, e faz tempo que não viajo para essa região. Posso fazer-lhe companhia nos jantares e eventos que vai participar. Serei uma companhia comportada nesses momentos, eu prometo.

Luigi ficou mudo do outro lado da linha. Não sabia o que responder, foi pego de surpresa pelo autoconvite de Antonella.

Como dizer não? Seu coração batia acelerado. Não queria que nada atrapalhasse sua viagem com Manuela e nem de longe desejava a companhia de Antonella.

– Posso pedir para enviarem a minha passagem ou você vai viajar com o jatinho particular da família?

Como o silêncio constrangedor continuava, ela falou mais alto e ríspida:

– Você está aí, playboy?

– Você me pegou de surpresa, é isso.

– Pensei que seu pai tivesse te contado que ele já tinha me informado da viagem, das datas e de sua agenda, e pedido para que aguardasse sua ligação...

O semblante de Luigi ficou sério e a vontade de xingar o pai e a mulher que estava do outro lado da linha eram enormes. Ele se controlou e limitou-se a dizer:

– Não tive tempo de falar com ele nos últimos dias. De qualquer modo, tenho um compromisso em Nova Iorque com amigos e devo atrasar um pouco minha chegada à Riad. Não acredito que seria o melhor modo de nos conhecermos, Antonella. Em uma viagem de negócios como essa, minha atenção ficará focada nos meus compromissos e terei pouco tempo para você.

– Não tem problema. Estou levando um acompanhante particular, para me entreter durante o tempo livre. Sei muito bem cuidar de mim mesma, meu querido, e terei quantas companhias desejar.

Seguiu-se um silêncio infindável, quebrado pela gargalhada da moça:

– Luigi, não se ofenda com o que vou dizer. Acho você um homem atraente, mas um pouco chato. Entretanto, há muitos interesses em jogo entre nós. Podemos nos ajudar mutuamente, e ainda termos nossas vidas. E de vez em quando, nos divertirmos juntos. Não se preocupe, meu bem, não pretendo passar meus dias colada em você.

Como Luigi continuava mudo, ela prosseguiu:

– Negócios acima de tudo. Sou muito ambiciosa, e sei bem o que desejo. E quero você, meu querido, quero experimentar você...

A cada palavra que Antonella falava, Luigi sentia o estômago embrulhar. Odiava até o tom de voz dela. Como seu pai poderia supor que ele aceitaria compartilhar qualquer momento de sua vida com ela?

– Podemos nos encontrar diretamente em Riad, então, já que você tem essa escala em Nova Iorque. Acho até melhor. Assim fico mais livre para levar o que quiser, sem tanta preocupação com a imigração. No aeroporto de Riad tenho entrada fácil; já investi um pouco em facilidades por aquela região.

Luigi sabia que ela falava em drogas e suborno. Queria bater o telefone na cara dela, mas se conteve.

– Não quero me comprometer com você sem analisar com calma minha agenda. Se vamos nos aproximar, que seja do jeito certo. Do meu jeito. Vou pedir a minha secretária que analise minha agenda e meus compromissos, e voltamos a nos falar.

Ela soltou outra gargalhada e afirmou confiante e pegajosa:

– Fico aguardando sua ligação.

Ele conseguiu desvencilhar-se da conversa e desligou. Estava cansado das interferências de Francisco. Sentia mais raiva do que o normal, e não pôde evitar relembrar a cena protagonizada pelo pai, quando ele, menino, teve o primeiro contato com as imagens sobre a morte da tia. E tudo lhe veio à mente outra vez, deixando-o com profunda angústia. Sabia que o pai fizera calar em seu interior, fosse lá o que fosse aquela experiência que ele vivera, fazendo com que abominasse aquelas lembranças. Precisava de um tempo com Manuela. Somente ela fazia com que ele se sentisse melhor.



Dois dias depois, Luigi e Manuela desciam do carro da construtora que os levara até o aeroporto Internacional de Guarulhos, onde embarcariam para Nova Iorque. Quando o motorista tirou as malas todas do carro, Luigi ficou surpreso com a única mala que Manuela levava.

– Uma única mala? O que pretende? Já sei, está planejando fazer muitas compras na 5ª Avenida!

Manuela não sorriu. Sentia-se tensa e ligeiramente desconfortável. Aquela viagem lhe parecia inadequada, mas do mesmo modo que Luigi, ela se sentia compelida a fazê-la.

– São apenas três dias, Luigi. E costumo ser bem prática mesmo. – Ela abriu um sorriso irônico, enquanto Luigi carregava suas quatro malas.

– O que? Por que está me olhando e me julgando assim?

Ela riu e respondeu:

– Não estou te julgando... Sei que vai ficar mais tempo viajando e com muitos compromissos..., mas existem lavanderias em todos os hotéis, você sabe...

- Pode me ajudar levando uma delas?
- Não consegue carregar todas?
- Manuela!
- Tudo bem, já estou ajudando.

Ao entrarem no aeroporto, rindo, foram envolvidos pela ternura que sentiam um pelo outro. A conversa fluía fácil entre eles, e logo se esqueceram de tudo o mais, entregando-se por inteiro àquele reencontro de almas afins.

Durante as dez horas de viagem, os dois conversaram sem interrupção, conhecendo-se mais profundamente. O prazer e bem-estar que sentiam na companhia um do outro cresciam. O forte vínculo de afeto que existia entre os dois submergia do subconsciente e unia-os novamente.

Praticamente nem perceberam a viagem e quando o avião fazia os procedimentos de pouso, Manuela olhava a cidade aparecendo pela janela da aeronave e Luigi falou:

- Nem senti a viagem.
- Nem eu, Luigi. Passou muito depressa. Mas agora estou ansiosa.

Luigi sorriu e segurou a mão dela com carinho. Ao toque da mão dele, ela o fitou tomada de emoção. E enquanto o avião aterrissava, Luigi e Manuela trocavam o primeiro longo beijo apaixonado.

Enquanto pegavam as malas para se dirigir à imigração, ele comentou de súbito:

- Gostaria de levar você aos principais pontos turísticos de Nova Iorque.
- Seria ótimo. Fiz uma lista de pontos que gostaria de visitar, mas você é meu guia!

– Deixe ver a sua lista.

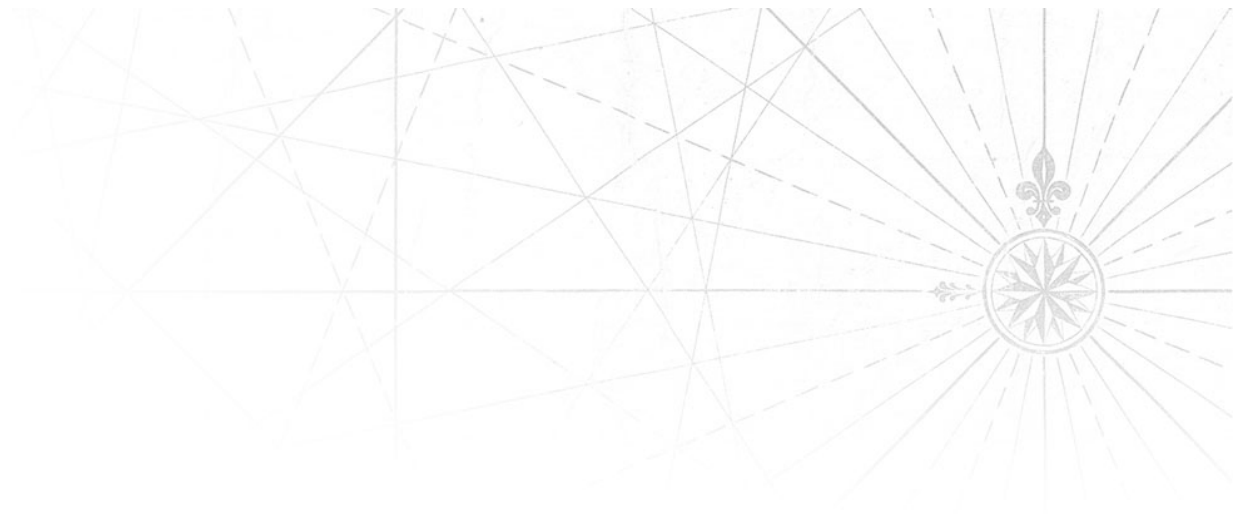
Olhou rapidamente as anotações no celular dela, depois respondeu:

– Está boa. Tem os restaurantes que quero te levar; alguns bem tradicionais, e outros muito especiais, pequenos e verdadeiras descobertas de viagem. Poderia acrescentar em sua lista? E a biblioteca de Nova Iorque também estava aí. Você sabe que a visitei uma única vez e nunca mais?

– Pois eu adoro ler, e visitá-la é o topo de minha lista. Desejo de infância.

– Considere-o atendido.

E seguiram animados para os procedimentos de entrada em solo americano, completamente envolvidos naquele sentimento de cumplicidade que os unia, como se já se conhecessem há muito tempo.



Treze

DEPOIS DE DAREM ENTRADA NO HOTEL, seguiram para o quinto andar, onde ficariam hospedados. Manuela observava o número dos quartos, até que parou diante de uma porta:

– Este é o meu.

– Estamos no mesmo corredor, o meu é um pouco mais adiante. Nos encontramos no saguão em quanto tempo?

Ela o fitou com sorriso matreiro, ansiosa que estava por aproveitar ao máximo sua curta estadia, e respondeu:

– Cinco minutos?

– Está brincando, não é mesmo?

– É claro. Mas não posso negar que não estou me aguentando de vontade de andar por aí, conhecer e respirar o ar de Nova Iorque. Em quanto tempo?

– Vou precisar de uma hora, mais ou menos, para me instalar, fazer algumas ligações e ver se está tudo certo no escritório. Mas se quiser, pode sair e ir aproveitando. Nos

encontramos no saguão em uma hora, assim você não fica presa.

– Está ótimo! Assim essa ansiedade não me faz explodir por dentro...

Despediram-se. Manuela entrou no quarto, fez um reconhecimento da área e de tudo o que o amplo quarto com cama, pequena sala de estar e banheiro ofereciam. Abriu a janela e ficou extasiada ao ver que avistava de seu quarto a pontinha da estátua de liberdade. Era uma manhã fria de outono e as poucas árvores que divisava, estavam perdendo a folhagem. Olhou o céu nublado e murmurou:

– Cenário perfeito para conhecer essa cidade!

Depois experimentou o colchão, deitou-se e abriu os braços na enorme e confortável cama.

– Meus Deus! Não acredito que estou aqui, em Nova Iorque e em companhia tão maravilhosa!

Abriu largo sorriso e foi organizar seus utensílios pessoais na bancada do banheiro. Em seguida colocou a mala sobre a cama e separou apenas as roupas mais delicadas, acondicionando-as no armário. O restante deixou na mala mesmo. Não queria perder tempo. Desceu e percorreu as ruas e quarteirões no entorno do prédio onde estava hospedada. Ficou encantada com as pequenas casas de tijolo à vista, coladas umas às outras, de arquitetura antiga, mas cuidadosamente conservadas e emolduradas por alamedas de árvores igualmente antigas. Estavam em um bairro residencial ao sul de Manhattan. A arquiteta tirou fotos, e anotou mentalmente os menores detalhes nas construções e no paisagismo. Amava lugares antigos, como se estes lhe falassem de um tempo feliz que vivera em alguma era.

Perdeu-se no encantamento pelas ruas estreitas, até que um relógio em uma igreja pequena, lembrou-a que estava atrasada. E voltou depressa ao hotel.

Assim que viu Luigi, notou o semblante sério e fechado. Estava contrariado. Ele esforçou-se para sorrir ao perguntar:

– E então?

– É tudo muito bonito. Obrigada, Luigi, por ter me dado essa oportunidade.

Ele não pensou e puxando-a para perto de si, beijou-a longamente.

– Acho que sou eu quem tenho que lhe agradecer por me acompanhar. Você já faz parte da minha vida, Manuela.

A jovem fitou-o em silêncio.

– Estou indo rápido demais?

Ela o abraçou e beijou-o carinhosamente, depois olhou fixo em seus olhos e falou:

– Sim, estamos indo bem depressa, mas creio que não há nada que possamos fazer a respeito. É como se estivéssemos em uma correnteza, sendo levados por ela rio abaixo. Só espero que quando chegarmos “em baixo” seja uma bela pradaria, e não uma cachoeira, que esteja nos esperando...

– Sei que é uma pradaria, Manuela! – Ele fez uma breve pausa, acariciou o rosto da jovem, depois falou sério, mudando o semblante – Temos um pequeno problema.

– O que foi?

– Vamos caminhando, tem um restaurante aqui perto. Vou te falando no caminho e você aproveita ao máximo o tempo. Ele ficou mais curto.

Sem precisar de maiores explicações, os dois saíram, caminhando de mãos dadas.

– Vou ter de ir a Dayton, Ohio. Estamos contratando um escritório de engenharia parceiro, e eles querem uma ajuda na contratação de dois profissionais que vão acompanhar algumas obras que temos aqui nos Estados Unidos.

– E onde fica? É muito longe?

– Umas quatro horas de viagem de avião e trem.

– Ótimo, assim aproveitamos o passeio.

– Você vai vir comigo?

– Mas é claro!

– Pensei que pudesse ficar aqui e aproveitar o dia inteiro de amanhã para visitar os lugares que estão em sua lista...

– De jeito nenhum. Se você não tiver objeções, é claro, vou te acompanhar. Além do mais, adoro surpresas inesperadas. Sempre são um bom sinal, ao menos para mim.

– Pensei que fosse ficar aborrecida, Manuela. Agora foi você quem me surpreendeu. Pois então, vamos de trem para Dayton. Vou providenciar os *tickets* com o *concierge* do hotel.

Luigi apertou mais forte a mão de Manuela que tinha entre a sua e respirou mais forte, satisfeito. Ela definitivamente era a mulher da sua vida.

Durante o restante daquele dia, passearam por diversos pontos turísticos e lugares interessantes. O casal, como que andava sobre nuvens. Estavam apaixonados. No final da tarde, passaram diante da biblioteca de Nova Iorque e Luigi comentou:

– Melhor deixarmos para vir depois de amanhã, o que acha? Assim aproveitamos melhor.

– Sim, concordo.

– Vamos jantar em um restaurante muito especial, com visão panorâmica e que gira vagarosamente, oferecendo diferentes visuais ao longo do tempo que durar o jantar.

– Já ouvi sobre desse lugar. Vou adorar conhecer.



O dia seguinte amanheceu mais gelado. Tomaram um táxi bem cedo, direto para a estação de trem *New York Penn Station*, a caminho de Dayton. A viagem seguiu tranquila, e tiveram longo tempo juntos. Logo o assunto em que se fixaram foi espiritualidade e espiritismo. Luigi queria entender como uma jovem tão inteligente e esperta acreditava cegamente nessas questões sobre vida após a morte, e outras desse tipo. Como percebesse o entusiasmo da jovem sobre o tema, colocou-se instintivamente na defensiva. A lembrança das experiências que tivera ameaçou despontar, e ele logo as colocou no devido lugar, negando-se a contar para Manuela o que vivenciava desde a infância.

A pequena cidade de Dayton era alegre, simpática, e Manuela sentiu-se estranhamente em casa assim que chegaram. Enquanto Luigi conduzia as entrevistas e a reunião com os parceiros, ela aproveitou para conhecer melhor o lugar. Estava tomando um café, quando sua atenção foi atraída para uma construção próxima, de tamanho médio, onde havia uma biblioteca. Não era nada especial, mas assim mesmo ela terminou o café, e foi direto para o prédio. Sentia-se atraída, desejando entrar, mas algo a deteve. Sentia que deveria explorar aquele lugar em companhia de Luigi. Ela ainda estava hesitante, sem saber se entrava ou não, quando o celular tocou. Era ele.

– Terminei aqui. Podemos voltar para Nova Iorque agora.
Onde você está?

– Estou na frente do prédio da *Dayton Metro Library*.

– Estou percebendo que precisa urgentemente de um chá de livros... Entre, que chego em alguns minutos.

– Combinado. Te espero na biblioteca.

Manuela entrou e caminhou um pouco no lugar, sentindo um pressentimento estranho, como se devesse procurar alguma coisa, mas ela não tinha noção do que seria. Aproximou-se da atendente, e indagou, num impulso, sem pensar:

– Qual é o livro mais antigo que você tem nessa biblioteca?

Estranhando o pedido feito em inglês cheio de sotaque e com algumas palavras mal colocadas, ela confirmou:

– O livro mais antigo que temos em nosso acervo?

– Isso mesmo.

– Vou pesquisar.

A jovem olhou no computador por alguns instantes, saiu e voltou, continuou a procurar no computador, dizendo, afinal:

– Achei. Sabia que tínhamos algo ainda mais antigo.

Estava compenetrada quando Luigi chegou e abraçou-a.

– O que está aprontando?

– Não sei direito.

A jovem disse:

– Para pegar o livro nas mãos, terão de me acompanhar a uma sala climatizada, onde esses exemplares antigos podem ser tocados delicadamente e com luvas.

Luigi, que falava inglês perfeitamente, virou-se para Manuela e indagou:

– Está buscando algum livro antigo aqui? Nesta biblioteca, quando vamos à biblioteca de Nova Iorque amanhã, com um acervo impressionante, inclusive sobre arquitetura?

– Não me peça para explicar. Vamos, ela está esperando.

Os dois seguiram a atendente que os colocou em uma pequena sala climatizada, acomodados em duas cadeiras ao redor de uma mesa. Ela saiu e em alguns instantes, retornou com o exemplar antigo, trazido cuidadosamente.

– Sabe sobre o que é esse livro? – Indagou Luigi à jovem.

– É um livro muito raro, escrito por um pesquisador que viveu na cidade pelos anos de 1850.

Ela colocou o livro sobre a mesa e recomendou:

– Tem de ser manuseado com muito cuidado, por favor. Como disse, é um exemplar muito raro.

Ao ver o livro e ler o título, Manuela sentiu uma forte tontura, como se fosse desmaiar. Lia-se nele: *The soul of things – psychometric experiments for re-living history*⁴, escrito por Willian Denton.⁵

Manuela ainda tentava entender o que sentia, quando Luigi, como que fascinado pelo exemplar, tomou-o cuidadosamente nas mãos, abriu a primeira página, onde se lia, em inglês, a dedicatória:

“Para minha querida Elizabeth, sem a qual jamais
teríamos realizado tais pesquisas científicas. Te amo
para sempre.”

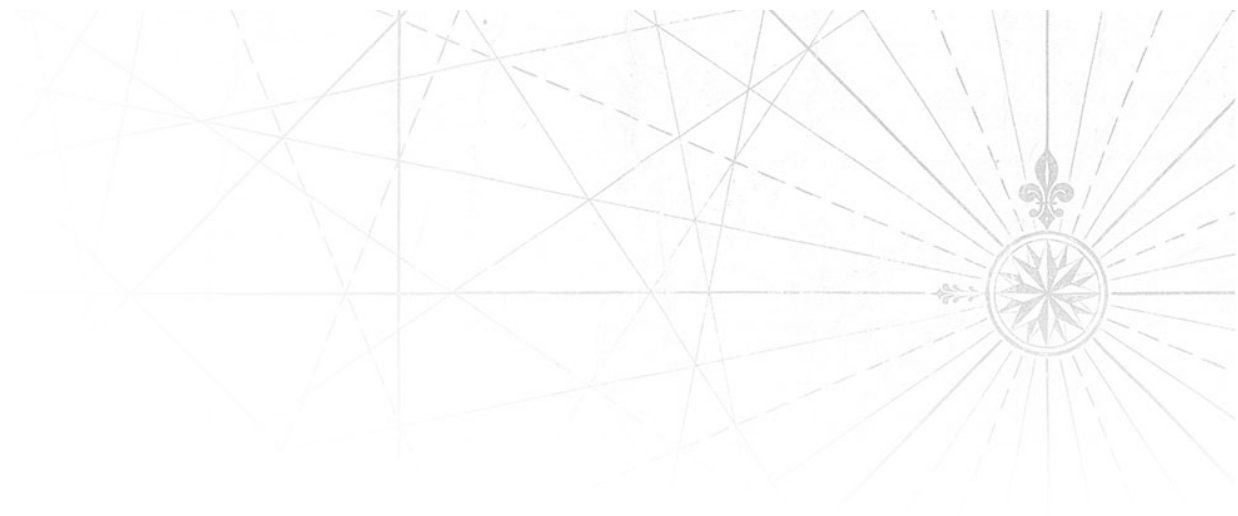
Willian.

Depois de ler a dedicatória, Luigi, ainda tocando o precioso exemplar, só teve tempo de fitar Manuela e em seguida, viu-se

em Dayton, mas um século antes, quando o cientista Willian Denton, escrevia aquela dedicatória para sua esposa.

4 Tradução livre em português: A alma das coisas, experimentos psicométricos para reviver a história.

5 William Denton nasceu na Inglaterra, em janeiro de 1823. Mudou-se para Boston, nos Estados Unidos, onde foi professor de geologia. Tornou-se famoso por suas pesquisas sobre psicometria; autor dos livros *Our Planet, its Past and Future* (1868) e *The Soul of Things, Psychometric Experiments for Re-living History* (1863)



Quatorze

LUIGI SE VIU TRANSPORTADO para uma sala aconchegante, repleta de livros. A decoração era composta de móveis antigos, todos muito bem cuidados e harmoniosos. Tudo era organizado, demonstrando claramente o espírito metódico de seus proprietários.

Ele observou o homem vestindo terno e gravata, sentado diante de uma mulher de cabelos presos no alto da cabeça em um coque perfeito. Vestia uma blusa branca, de ombros bufantes na altura dos cotovelos e babado com rendas nos punhos. De saia longa e não muito rodada, na cor cáqui, com um tecido pesado, que fazia as pregas da saia assentarem impecavelmente.

O homem entregou o livro nas mãos da mulher, que abriu largo sorriso ao ler a dedicatória.

– Obrigada, querido, agradeço o seu reconhecimento do empenho que foi feito para que esse livro pudesse existir. Entretanto, tenho de ser justa. Foi o seu ideal, o seu sonho e sua

insistência que tornaram isso possível. Reconheço o quanto fui resistente em participar das pesquisas.

– A princípio, querida, somente no começo. Depois, como sensitiva, você foi brilhante. E foi aprimorando seu desempenho nos trazendo informações preciosas.

Ela acariciava o livro como se fosse um filho recém-nascido. Ele aproximou-se, colocou uma das mãos sobre a dela e com o outro braço, envolveu-a em caloroso abraço, em que buscava transmitir-lhe toda a sua ternura.

– Formamos uma boa dupla, não acha?

Ela ergueu os seus olhos azuis e fitou os do marido, pousados ternamente nela.

– Sim, formamos uma dupla extraordinária.

Então ele ficou sério de súbito.

– O que foi, querido? O que o entristeceu?

– Apesar de termos resultados incríveis aqui neste resumo – pegou o livro nas mãos – há ainda tantas perguntas sem respostas, tantas dúvidas a serem esclarecidas. Faltam recursos...

– E nos faltam ainda conhecimentos. Concordo com você.

– Queria ter mais cem anos de vida, para que pudesse seguir com nossos estudos.

Ela empurrou a cadeira com graça e leveza, levantou-se e abraçou o marido.

– Entendo o que você sente. Às vezes, à noite quando me deito, minha cabeça fica a ferver com tantas perguntas sem respostas. Formulo premissas para logo em seguida derrubá-las com meus argumentos. Mas os fatos são fatos, e não posso ignorá-los. Minha experiência com a psicometria é inegável. Mas

não explica tudo. E tenho mais perguntas do que respostas, e era isso mesmo que eu temia quando relutei em fazer essa viagem pelo passado com você: abrir uma caixa de pandora não era meu desejo.

– Mas agora que está aberta, não conseguiremos mais fechá-la. Teremos de seguir adiante com nossas pesquisas.

– Seguiremos, Willian. Não serei eu a criar-lhe mais empecilhos. Mas você sabe que nos falta ainda recursos e conhecimentos para esclarecer nossos achados. Teremos de nos contentar em seguir fazendo perguntas...

– Você não sabe, minha senhora, o que nos reserva o futuro.



Luigi fitava o casal estarecido, como que antecipando cada palavra, cada frase que o homem em sua visão dizia. Mesmo as palavras da mulher, ele as sabia de cor. Fitou atentamente a senhora bem aprumada ao lado daquele homem e não teve dúvidas: Manuela! Era ela, ele podia sentir. Ao fitar a mulher, sentia a mesma emoção, as mesmas matizes de sentimentos que lhe assaltavam quando abraçava e beijava Manuela. E aquele homem, quem seria? A resposta não demorou um segundo: aquele homem era ele mesmo, em outra vida.

Estava ainda inebriado pelo sentimento que aquela visão lhe causara, quando sentiu uma mão tocá-lo e estava no momento presente. A visão se desfez diante de seus olhos, do mesmo modo que aparecera.

– Você está bem?

Manuela tocava suavemente seu braço, e parecia preocupada.

– Acho... acho que estou – gaguejou ele.

– O que foi? O que aconteceu?

Luigi, com o livro de Willian Denton nas mãos, fitou a jovem e falou sem pensar:

– Tive uma visão. Das que tenho de vez em quando.

– Uma visão? Como assim?

– Em determinadas circunstâncias, que não tenho nenhum controle, quando toco objetos, como que me transporto para outro lugar e vejo fatos que aconteceram em outros tempos, em outros lugares, com outras pessoas. Como seu eu fosse uma testemunha ocular da história.

– Hum... – exclamou a jovem de modo significativo.

– O que foi?

– Psicometria.

– O quê?

– Explique melhor.

– Você disse psico, o que?

– Psicometria.⁶

– Foi o que escutei o autor deste livro dizendo à sua mulher quando lhe entregou o livro com a dedicatória.

Manuela ficou séria e lívida. Luigi a fitava como a indagar se deveria ou não prosseguir, e ela respondeu:

– Continue, por favor. Tive uma sensação estranha ao tocar esse livro, uma espécie de *déjà vu*, como se já tivesse lido a dedicatória antes. Mesmo sem ler, sabia o que estava escrito.

– Eu vi você na cena.

– Eu?

– Olhe, Manuela, estou falando, mas nem acredito nessas coisas...

– Não pense, apenas diga o que viu, o que aconteceu.

– Eu revi o momento em que o autor fazia a dedicatória para sua esposa, Elizabeth Denton.

– Como sabia que era a esposa?

– Simplesmente sei. E ela era você, Manuela. Ele mencionou esse nome, psicometria, em referência ao conteúdo do livro. Parece que se trata de uma pesquisa científica. E ela era a sensitiva que se prestava ao experimento.

Manuela encostou-se na cadeira, incrédula.

– Você é um sensitivo, Luigi.

– Do que está falando?

– Já viveu essa experiência outras vezes antes, não é?

– Algumas vezes.

– Você é um médium de psicometria.

– Eu não acredito em nada disso...

– Essa é a voz racional falando, sua mente racional. O que diz sua sensibilidade, seu sentimento? Sua intuição?

– Eu não sei...

– Luigi, contra fatos não há argumentos, apenas explicações. Você vive esse tipo de experiência, não pode negar a sua existência, apenas tentar compreender por que e como acontece.

Luigi ficou agitado.

– Por que foi mesmo que você pediu esse livro à bibliotecária?

– Não pedi esse livro, pedi para ver um livro bem antigo que ela dispunha na biblioteca. Nem sabia da existência do livro ou

do seu escritor.

– E por que fez isso?

– Não sei explicar. Desde pequena, tenho uma atração por objetos antigos, coisas usadas. Como se fosse capaz de lhes desvendar os segredos. Mas não sou. Não tenho esse tipo de sensibilidade... Não nessa vida.

– Você acredita que pode mesmo ter sido essa Elizabeth Denton?

– Eu não sei.

– Mas acha possível?

– Sim, eu acredito que seja possível.

– Acredita nessas coisas?

– Luigi, acho que precisamos conversar sobre aspectos da minha vida que você desconhece. Eu não quis falar sobre o assunto antes, para não o assustar com as minhas histórias.

O casal foi interrompido pela bibliotecária, que entrou na sala informando que fechariam em quinze minutos e que precisava devolver o livro para o seu lugar.

– Não poderíamos pegar emprestado por mais algum tempo? – Indagou Manuela.

– Não senhora. Esse tipo de livro tem de ser manuseado com todo o cuidado e em condições adequadas de climatização, ou ele pode desmontar, ficar sem condições de ser tocado.

– Posso tirar umas fotos?

– Sim.

Manuela fotografou o que pôde do livro, incluindo a dedicatória. Queria levar algo tangível daquela experiência extraordinária que tinham vivido.



Mais tarde, enquanto voltavam para Nova Iorque, e durante toda a viagem de retorno, Manuela contava a Luigi suas experiências.

– Desde pequena eu vejo o espírito de pessoas que já morreram. Sou médium, Luigi.

– Tem certeza?

– Absoluta. Fui a busca de explicações quando cheguei na adolescência. Queria entender o que se passava comigo. Meus pais são católicos, e com o que sabiam, não conseguiam me ajudar. Mas não me impediram de buscar ajuda. Tornei-me espírita, pois encontrei tanto as respostas ao que eu vivia, como as orientações sobre o que fazer com essas habilidades e por que as tenho.

– E por que acha que você as tem?

– Renascemos na Terra com o objetivo maior de crescer, aprender e servir. Contribuindo com nossos recursos para que o Bem se espalhe na humanidade. Sei que pode soar idealista demais para você, mas faz todo o sentido para mim. Sei que tenho uma tarefa a cumprir, algo a realizar, uma pequena missão que me cabe nesta vida, e quero encontrá-la e fazer o melhor.

Ela parou por alguns instantes, pensou um pouco, depois pediu:

– Conte-me em detalhes a sua visão. O que foi mesmo que os dois conversaram?

– Já te contei, Manuela.

– Conte de novo.

Luigi detalhou tudo o que se lembrava a uma ouvinte que prestava atenção a cada palavra. Ao final ela comentou:

– Quem sabe não estamos aqui para dar prosseguimento ao trabalho que começamos há mais de um século?

– Como assim?

– A ciência não avançou em nada com pesquisas sobre a psicomетria. Esse assunto está praticamente no mesmo ponto que estava quando os Denton fizeram a pesquisa que culminou no livro que tivemos em nossas mãos. Por que a vida nos colocaria em contato com esse livro, se não houvesse um motivo? É muito trabalho para a espiritualidade, se não houvesse um bom motivo.

– É muita coisa para digerir, Manuela. Não consigo simplesmente considerar tudo isso como verdadeiro.

– Mesmo com as visões que tem, com a experiência que viveu naquela biblioteca? Como ignorar algo tão concreto?

Luigi debatia-se em um misto de emoções conflitantes. Sentia ao mesmo tempo curiosidade e repulsa pelo assunto; o mesmo pela experiência que vivia esporadicamente. Lembrou-se, então, das cenas que já vira relacionadas à morte de sua tia e sentiu o coração bater mais rápido. Lembrou-se da infância e do que passara logo depois de ter contado ao pai o que vira e suspirou, respondendo:

– E se forem traços de doença mental? Eu tomei remédios na infância, quando isso aconteceu pela primeira vez. E nunca mais quero passar por aquilo. Não quero me sentir um esquisito...

Manuela sorriu, tocou de leve a mão dele e disse:

– Eu compreendo muito bem os seus temores e incertezas. Passei por isso também. Mas tudo tem o tempo certo, Luigi. Quando se sentir preparado, interessado em saber mais, estarei aqui para ajudar em tudo o que estiver ao meu alcance, pode

contar comigo. Jamais vou pensar que você tem problemas mentais, ou duvidar das suas visões. Mas vou te apoiar em qualquer decisão. Afinal, formamos uma dupla incrível!

– O que disse?

– Que vou te apoiar...

– Não, sobre sermos uma dupla...

– Se realmente fizemos aquele livro juntos, é possível que tenhamos uma tarefa a realizar juntos novamente. E podemos realizar. Formamos uma dupla extraordinária.

Luigi fitava Manuela desacreditando que ela repetia, palavra por palavra, o que dissera Elizabeth Denton ao marido.



Dois dias depois, o casal se despedia no aeroporto *John Kennedy*, em Nova Iorque. Ele embarcaria rumo a Riad e ela de volta ao Brasil. Manuela guardava no coração aquela experiência com a certeza de que estava no caminho certo naquela encarnação e confiava ainda mais nas lições espirituais que aprendera. Compreendia ainda melhor os sentimentos que a ligavam a Luigi e todas as reservas que tinha da relação com ele desapareceram. Aquele era o reencontro de almas que se amavam e que renasceram para viver juntas novamente.

Enquanto isso, Luigi era assediado por pensamentos de dúvidas, insegurança e medo. Sentia como se uma porta estivesse entreaberta, convidando-o para embarcar naquele mundo de conhecimentos espirituais, mas ele tinha enorme resistência, como se ali fosse encontrar algo desprezível sobre si mesmo.

Abraçando Manuela com intensidade, ele disse, antes de tomarem rumos diferentes na plataforma de embarque:

– Vou sentir saudades...

– Também vou.

– Nesse pouco tempo que estivemos juntos, Manuela, senti uma conexão com você que jamais tinha sentido antes. E não seria precipitado dizer que eu a amo, mesmo que o senso comum me diga o contrário. Sei o que sinto e nada irá mudar isso.

Ele se calou, esperando que ela se manifestasse. Ela tinha os olhos marejados quando respondeu:

– Pelo que vivemos em Dayton, ousou dizer que esse é um reencontro de almas afins.

– Almas afins?

– Sim, de pessoas que já se amam antes de voltar ao corpo denso.

Pelo olhar dele, ela esclareceu:

– São termos que aprendemos quando estudamos o espiritismo. Por isso, para mim, é tudo muito simples de entender. – Ela acariciou o rosto dele e continuou – Sei que essa conexão que temos não surgiu agora. Ela já existia, por isso, não me importo com o senso comum ou o julgamento dos outros. Tudo depende apenas de nós dois, de deixarmos que o que sentimos venha à superfície, superando os argumentos contrários, nossos, e dos outros.

Abraçaram-se de novo, e desta vez trocaram um beijo ardente e apaixonado e depois se despediram.

6 Psicometria é uma faculdade mediúnica que permite ao sensitivo descrever fatos relacionados a qualquer objeto apenas tocando-o. Estudada pelo espiritismo, a psicometria é conhecida pela ciência e utilizada em investigações policiais e pesquisas arqueológicas.



The background features a central compass rose with a fleur-de-lis at the top and a decorative arrow on the right. The compass rose is surrounded by a grid of solid and dashed lines that radiate from the center, creating a geometric pattern. The overall style is elegant and historical.

SEGUNDA PARTE

*Os arquivos
secretos da
história*



Quinze

ASSIM QUE O AVIÃO PARTIU, Luigi beliscou o jantar, e depois reclinou a larga poltrona da primeira classe. Seria uma longa viagem de Nova Iorque até Riad, na Arábia Saudita. Mais de quinze horas de voo.

Colocou o fone de ouvido, mas não conseguia sequer escutar a música. Sua mente fervia de pensamentos acelerados, revivendo a experiência que tivera. Quase podia sentir o livro de Willian Danton em suas mãos. E de súbito, outras lembranças apareciam, dele escrevendo o livro. Tudo aquilo era confuso e perturbador. Tentando se acalmar, sintonizou em um filme, e tentou assistir. Aos poucos, foi tomado por uma sonolência estranha e adormeceu.

Enquanto seu corpo denso dormia, seu corpo espiritual desprendeu-se, e viu logo um rosto sorridente, que logo o saudou:

- Olá, Luigi. É bom te ver.
- Quem é você? Sei que a conheço... Parece um anjo...

O rosto dela emanava uma luz rosada, muito tênue, mas que o deixava resplandecente. Os olhos negros brilhavam e faziam perceptível o imenso carinho que aquele ser expressava.

– Você não se lembra de como brincávamos quando você era pequeno?

E de súbito, as lembranças brotavam na mente dele.

– Eu me lembro... Quem é você?

– Sou uma amiga. Temos um acordo de trabalho, acho que posso me expressar assim. Fizemos alguns planos de trabalhar juntos enquanto você estiver vivendo nesta encarnação. Para isso, acompanho você desde que nasceu, para ajudá-lo, apoiá-lo e protegê-lo. E agora chegou a hora de você começar sua tarefa.

– Não me lembro disso.

– Vai se lembrar, Luigi. Foi sob nossa ajuda, minha e de outros amigos, que Manuela sentiu-se atraída para a biblioteca. Ou você acha que tudo aquilo aconteceu por mera obra do acaso?

– Você estava lá, então?

– O tempo todo.

– E tudo aquilo é verdade? Eu fui Willian Danton?

Ela balançou a cabeça e prosseguiu:

– E Manuela foi Elizabeth Danton e juntos, você e ela, realizaram um trabalho extraordinário de pesquisa registrado naquele livro “*A alma das coisas*”, infelizmente como você constatou, uma raridade praticamente extinta.

– Então é tudo verdade... – Ele falou e sentiu uma forte vertigem enquanto sua mente tentava acessar as memórias todas de uma só vez.

Ela tocou suavemente o braço dele e disse:

– É muita coisa para assimilar, eu sei. E se é difícil aqui, fora do corpo denso, imagine imerso nas energias pesadas da terceira dimensão. Estou aqui para te tranquilizar. Tudo o que está acontecendo segue uma ordem maior, devidamente planejada com a sua participação ativa, antes de voltar à Terra. Por isso, não precisa se agitar, ou tentar antecipar as coisas. Tudo acontecerá no momento certo e você compreenderá e saberá quais atitudes tomar. E você poderá contar sempre comigo.

– Mas, afinal, que tarefa é essa? O que devo fazer?

Antes que ela pudesse responder, Luigi foi acordado pela comissária de bordo, que tocava seu braço:

– Senhor, precisa endireitar sua poltrona. Em breve pousaremos em Amsterdã.

Luigi abriu os olhos, vendo o rosto da comissária de bordo, muito confuso, como se estivesse dividido em dois mundos diferentes.

– Senhor, está tudo bem? Está me escutando?

– Sim, sim. Tudo bem. – Ele respondeu por fim, quando conseguiu ter melhor noção do que se passava.

– Por favor, deixe a sua poltrona na posição de pouso e coloque o cinto.

Enquanto ele lentamente fazia o que a moça pedira, observou-a se afastar, repetindo aquele procedimento com outros passageiros.

Feita a escala na Holanda, o voo seguiu para seu destino. Luigi seguiu o restante da viagem desperto, com certa lembrança do sonho que tivera. Aquela moça do seu sonho, ele a conhecia,

embora não se lembrasse de onde. Esforçava-se por lembrar, mas não conseguia.

Assim que o avião pousou em Riad, Luigi levantou-se, organizando os seus pertences: computador, celular, livro, e colocou tudo na pasta de couro marrom escuro, assinada por famosa grife de moda masculina, a mesma das roupas que vestia. Colocou o blazer sobre a camiseta branca e a calça jeans perfeitamente cortadas. Ajeitou o cabelo e preparou-se para o desembarque. Sentia uma ansiedade crescente emergindo do fundo de seu ser, como se soubesse o que estava prestes a viver.

Feito o desembarque e o processo de imigração, apareceu no saguão do aeroporto, puxando as malas de rodinhas. Logo avistou um homem jovem, alto e magro, segurando uma placa com o seu nome. Foi ao seu encontro e o cumprimentou. O homem ofereceu-se de pronto para ajudá-lo com as malas.

Uma vez no carro, foram direto para o hotel. A primeira reunião seria naquele mesmo dia, no final da tarde. Luigi não sabia diferenciar se a ansiedade que sentia era por conta do enorme contrato que estava prestes a assinar com o governo da Arábia Saudita, ou se havia algo mais. Embora ele estivesse acostumado a fechar negociações com grandes empresários, certamente esse seria seu maior feito: levar a companhia para a Arábia Saudita, negociação que ele vinha conduzindo desde o início.

Entrando no saguão do hotel, foi recepcionado por um representante do governo saudita, que lhe informou, em inglês:

– Seu *check in* já está feito, senhor. Pode ir diretamente para o quarto. Está hospedado na suíte master do penúltimo andar.

Assim que chegou, Luigi notou o luxo e sofisticação que sobejavam no ambiente. Ele agradeceu e observou:

– Havíamos reservado outro quarto...

– Sim senhor, mas negociamos com o hotel a sua transferência para a suíte master, por nossa conta. É a suíte que hospeda os chefes de estado, que ocupam todo o 25º e último andares do prédio. Esse espaço está totalmente reservado para o senhor e o outro executivo da Morelli de Luca, que chegou ontem.

– Julio já está no hotel?

– Sim, senhor. Chegamos.

O homem abriu a porta e acompanhou Luigi quarto adentro. O jovem executivo ficou impressionado. Embora sempre tivesse vivido em ambientes luxuosos, aquela suíte superava qualquer outro lugar onde estivera. Um aposento espaçoso, com ampla sala de estar, onde caberiam certamente umas cinquenta pessoas. Caminhando pela sala, chegaram até o quarto. Uma cama *king size* primorosamente arrumada, com meia dúzia de travesseiros em fronhas de linho puro, cor bege queimado, ocupavam a cabeceira. Do teto, descia um lustre de cristal composto de quase mil peças coloridas. Um primor de arquitetura, decoração e arte. Quadros e esculturas espalhados por todo o lado, bem como arranjos de flores frescas, deixavam o ambiente com um ar aristocrático e luxuoso. Luigi não pôde deixar de pensar que aquilo tudo era um exagero. Ninguém precisava daquilo para ficar confortável.

Agradeceu ao homem que o recepcionara. Este, antes de sair, informou ainda:

– Um serviço de quarto para as 14h horas está programado. Caso não deseje comer neste horário, é só avisar. Os telefones

estão aqui, na mesinha de entrada, senhor.

Luigi agradeceu novamente e fechou a porta assim que o outro saiu. Nem tinha alcançado a porta do banheiro, quando o telefone tocou. Ao atender, reconheceu a voz do marido da tia no outro lado da linha.

– Soube que acabou de chegar. Seja bem-vindo à Arábia Saudita. A hospitalidade de nossos anfitriões não é uma riqueza?

– Imagino o que estão preparando para nós, logo mais... Devem querer muitas concessões no contrato que propusemos.

– Que bobagem. Eles estão muito interessados em fazer negócios conosco. E essa hospitalidade toda é para mostrar a boa vontade que eles têm com o Brasil neste momento.

– Boa vontade? Acha mesmo isso, Julio? Ou é uma demonstração de poder e dinheiro, para quebrar resistências de nossa parte? Seja lá o que for, é exagerado! Uma suíte de chefe de estado custa uma fortuna. Totalmente desnecessário.

– O governo é parte dono do hotel, e tem a ala presidencial sempre disponível para seus visitantes ilustres. Até o atual Príncipe de Gales já se hospedou no quarto onde você está, sabia disso?

– O Príncipe Charles?

– Sim, quando em visita ao país, hospedou-se na suíte master. E muitos outros chefes de estado também. Quero conhecer as suas acomodações, Luigi, estou curioso.

– Então almoçamos juntos aqui na suíte às 14h.

– Ótimo. Estudei todos os detalhes do contrato que vamos assinar com eles, e quero discutir alguns pontos de atenção com você. Os cronogramas e planilhas de custos que apresentamos

estão um pouco justos e quero ter certeza de que não haverá multas que não possamos absorver. Sei que eles devem pedir para acrescentarmos uma ou outra cláusula já discutida, mas precisamos ter tudo bem definido.

– Já conversamos exaustivamente sobre tudo isso.

– E vamos conversar de novo. Esse contrato é nosso braço internacional se expandindo. Não podemos cometer erros. Seu pai foi bem claro quanto aos pontos que são prioridades para a construtora.

– O dinheiro é a prioridade da construtora, Julio. E isso, está bem claro, eles têm de sobra.

– Há detalhes específicos que não estão no contrato, mas que serão um acordo entre as partes.

– Que detalhes?

– No almoço conversamos. Não quero falar sobre isso pelo telefone.

– Pois bem, até mais tarde.

Era quase uma da tarde, quando Julio bateu à porta de Luigi, que a abriu entre preguiçoso e sonolento.

– Estava dormindo? Como consegue dormir com tanta coisa acontecendo?

– Entre, Julio. A viagem foi longa e cansativa, e tivemos uma escala mais demorada do que o previsto. Estou cansado.

Julio ia tirando drogas estimulantes do bolso, mas o jovem executivo o deteve:

– Não precisa. Uma boa xícara de café será suficiente.

Devolvendo o objeto ao bolso, o outro resmungou:

– Você é quem sabe. Precisa estar muito ligado para as próximas horas, meu amigo, para não deixar escapar pelos

dedos a grande e rica oportunidade que temos.

Luigi forçou um sorriso ao responder:

– Vai dar tudo certo, fique tranquilo. Esse contrato está praticamente fechado. O nosso presidente tem excelentes relações com as autoridades sauditas.

– Mas não vá estragar tudo. Estou aqui especificamente para garantir isso.

Luigi ia responder quando bateram à porta:

– Serviço de quarto.

Era o farto almoço que chegava. Enquanto saboreavam as especiarias árabes, Julio procurava repassar orientações de Francisco, bem específicas para aquela negociação. O filho do presidente escutava, tentando demonstrar interesse, mas sua mente, de fato, estava longe, rememorando os últimos acontecimentos compartilhados com Manuela. E o rosto suave dela não lhe saía da mente.

– Luigi! – Julio o arrancou do ligeiro devaneio. – Preste atenção, está distante!

– Calma, você irá participar de cada detalhe das negociações, para assegurar que nada vai dar errado, está bem?

– Melhor assim. Se tocarem em algum assunto que lhe pareça esquisito, quero que deixe comigo. Poderemos falar em código, em alguns momentos. Mas é que estaremos com pessoas poderosas. E há também a questão das propinas.

Luigi fitou no outro um olhar inquisidor.

– Em todas as negociações, temos de pagar essas comissões aos representantes dos governos! Essa corrupção toda me enoja!

Julio abriu um largo sorriso cínico, tirando drogas estimulantes em comprimidos do bolso, e tomando-os depois de terminar o almoço.

– Esse é o mundo em que vivemos, Luigi. E não há nada que eu ou você possamos ou devemos fazer. Você sabe muito bem como são os métodos da construtora. Não criamos o jogo, apenas jogamos.

– Os métodos do meu pai...

– Não, meu amigo, não são do seu pai.

– Como assim?

– Seu pai também segue ordens. E os métodos que utilizamos são as condições para que façamos parte do jogo, e tenhamos o nosso quinhão garantido nessa brincadeira.

– É... vivendo e aprendendo.

Depois do almoço, Julio inspecionou o quarto, enquanto Luigi tomava um banho e terminava de se preparar para o importante encontro que o levaria aos parceiros árabes.



Dezesseis

DUAS HORAS DEPOIS, entravam em luxuoso edifício, subindo pelo elevador panorâmico ao 32º andar. Foram recebidos pelo assistente do presidente e encaminhados para a sala de reuniões onde uma ampla mesa oval tinha vinte e duas cadeiras dispostas cuidadosamente ao seu redor. Doze delas já ocupadas. O jovem mostrou o lugar que ocupariam e, depois de cumprimentar os demais, sentaram-se.

Omar Khan Al-Abadi logo juntou-se a eles e a reunião se desenrolou sem surpresas. Discutiram algumas cláusulas, e sem tensão, chegaram a acordos vantajosos para ambos os lados. Depois de assinarem todos os documentos, novamente redigidos após os ajustes, bebida e comida foram servidas. Enquanto Luigi tinha sua atenção focada na movimentação, Omar Khan indagou a Julio, comunicando-se em inglês:

- Continuam com os presentinhos?
- Com certeza. – Afirmou Julio sem hesitar.
- Vamos fornecer alguns. – Confirmou Omar.

– Aqui não será necessário, eu creio.

– Um ou outro sempre conseguimos...

Luigi indagou:

– Do que falamos, Julio? O que são esses presentinhos?
Mais propina fora do contrato?

– São um bônus, meu amigo, para que tudo flua bem e a obra alcance grande sucesso. Acordos extracontratos.

– Como assim? Do que se trata?

– Acordos extraterrestres, amigo.

– O que?

– Acordos com a 4ª dimensão.

– Do que se trata, Julio?

Omar Khan indagou qual era o problema, mas Julio antecipou-se e respondeu que estava tudo em ordem, e que Luigi ainda não estava familiarizado com as questões paralelas dos negócios.

Ao final da reunião, Omar Khan convidou os seus parceiros de negócios para uma festa logo mais à noite, para celebrarem o acordo. Ao que Luigi e Julio concordaram de pronto, conhecendo os aspectos culturais dos negócios realizados com aquela companhia.

Omar Khan Al-Abadi fez questão de reforçar que estariam presentes à reunião os mais ricos e poderosos representantes da sociedade da Arábia Saudita, que desejavam dar as boas-vindas à Morelli de Luca aos países Árabes.

Já na limosine que os conduziria de volta ao hotel, Luigi quis saber:

– Onde será a festa?

– Em todo o andar que estamos hospedados. Há uma sala bem ampla, apropriada para essas ocasiões. E todas as acomodações estarão disponíveis para os convidados.

– Dinheiro é o que não falta mesmo por aqui.

– Esse pessoal quer muito mais do que dinheiro, Luigi.

Julio falava, enquanto enchia um copo de bebida, que pegara no bar do automóvel. O jovem executivo o fitava em silêncio. E ele finalizou, em uma gargalhada:

– Eles querem a sua alma...

Enquanto entrava em seu quarto, depois de despedir-se do marido da irmã mais nova de seu pai, Luigi notou que se sentia profundamente desconfortável com tudo o que vivenciara naquele dia. Percebia as intenções e as energias deletérias com mais facilidade, como se, de súbito, as pessoas todas lhes fossem como que um livro aberto, em que ele pudesse ler suas vibrações. E não gostava nem um pouco do que lia.

Ligou para Manuela e ficaram por longo tempo em conversa agradável e elevada, relembrando os pormenores da experiência que haviam vivido em conjunto. Ao desligar, ele se sentia bem melhor, envolvido novamente por energias de amor e equilíbrio que Manuela emanava, bem como Melissa e Gabriel, que em espírito, estavam sempre juntos dele.

Ao terminar de se preparar naquela noite, Luigi começava a questionar seu papel em tudo aquilo. Não tinha tempo para pensar na intensa experiência que vivera em Dayton, sendo atraído a todo o momento pelas obrigações que sua posição lhe impunha. E se questionava: *será que desejava prosseguir com esse tipo de atribuições? Convivendo com essas pessoas? Será que desejava prosseguir sendo o eleito para suceder seu pai, tendo adiante tantos outros compromissos como aquele?* Essas

e outras questões passavam pela cabeça dele, gerando crescente angústia.

Entrou na festa acompanhado de Julio, sendo logo apresentado aos demais convidados. Não demorou e uma música bem típica começou a tocar alto e várias dançarinas, as legítimas dançarinas árabes, entraram no ambiente, entretendo os presentes.

Julio ficou logo entusiasmado. E virando-se para Luigi, convidou:

– Antes que me esqueça. Meu primo Bern mora em Jerusalém. Vou visitá-lo antes de retornar ao Brasil. Gostaria de vir comigo? Já estive em Jerusalém alguma vez?

– Ainda não.

Fitando as garotas que dançavam quase sobre Luigi, Julio falou malicioso:

– Se não tiver nada melhor para fazer, venha comigo. Faz alguns anos que não o vejo e combinamos de nos encontrar. Além do mais, ele faz muitos negócios na região. Quem sabe ampliamos os nossos horizontes.

Luigi balançou a cabeça, dizendo:

– Só pensa em dinheiro...

– Não! – Observando as dançarinas que agora passavam por ele, Julio enfatizou – mulheres, e outras cositas mais também me interessam... afinal, já vendi a minha alma mesmo... Virá comigo?

Sem pensar, Luigi respondeu, num impulso, como se alguém soprasse em seus ouvidos:

– Sim, vou acompanhá-lo, para não deixar que faça besteiras em nome da empresa.

Julio sorriu e foi em busca de mais bebida e de outras diversões. Enquanto o companheiro se afastava, Luigi foi abordado por Omar Khan:

– Um de nossos parceiros, que também trabalha com o seu pai, está aqui. Não sei se já se conhecem. Venha, comigo.

Luigi o acompanhou até o homem e estendeu a mão para cumprimentá-lo. Sentiu imediatamente um intenso calafrio a percorrer o seu corpo, e um desejo descontrolado de sair dali, enquanto imagens diversas, confusas e desconexas, apareciam em sua mente. Foi a custo que conseguiu manter o controle. Chamou muito a sua atenção os olhos do homem, opacos e sem vida. A conversa foi curta, e, para alívio de Luigi o outro disse poucas palavras. Quando se afastou, ele comentou com Omar.

– Homem de poucas palavras...

– Você os conhece, eles são assim mesmo. Divirta-se, rapaz!

– *Eles? Quem são eles?* – pensou Luigi. – *E por que Omar Khan fala como se eu os conhecesse?*

As imagens haviam cessado, mas a atenção de Luigi continuava atraída para o homem de terno escuro e seus sapatos peculiares. Ele já vira sapatos iguais àqueles. Tinham uma limpeza exagerada. Onde foi que os vira? E forçava a memória. De súbito a imagem de infância veio à sua mente. Já estivera com aquele homem, na fazenda, há muitos anos, numa festa da família. Os sapatos, embora normais, lhe pareciam inconfundíveis. Certamente era um dos homens que visitaram a família naquele dia.

Nem bem a festa começara, e Luigi já procurava desculpas para voltar ao quarto, estava se sentindo desconfortável naquele ambiente. Entidades espirituais carregadas de ódio, revolta e

rebeldia, fazendo intensa oposição ao Bem, colavam-se aos convidados, sorvendo-lhes a bebida, e as energias sexuais que afluíam na grande maioria, em forma de pensamento de desejos os mais horripilantes. Melissa envolvia Luigi em poderosas vibrações, buscando sustentá-lo durante sua imperiosa passagem por aquele lugar.

Enquanto isso, várias entidades reclamavam da presença do empresário.

– Foi esse aí que trouxe esse mal-estar. Assim que ele entrou eu notei logo que ele não é dos nossos.

– Mas tem de ser, ele é da construtora. Essa é das nossas, trabalha para nós. E como sabe trabalhar! Não nos faltam os presentes...

– Olhe para ele. Consegue ver no que está pensando? Não percebe que ele está protegido? Já tentei acessar sua mente, mas não está acessível. Ele tem proteção! Não é um dos nossos. Vou conversar com o Coronel Afonso. Ele convive entre eles há bastante tempo, saberá o que fazer. Tem de livrar-se desse aí o mais rápido possível. Sinto cheiro de problemas. Olhe, observe. A única coisa que vejo é a imagem de uma mulher. Ele deve gostar dela. E percebo que está enojado. Ele sabe de nós!

– Não seja idiota. Ele nem sonha que existimos, como todos os demais. Nossa estratégia de passar despercebidos, tendo nossas ações sendo desconsideradas pela maioria dos homens materializados, continua funcionando. Eles são materialistas e não acreditam em nada. E assim, podemos agir livremente, aqui e lá com nossos representantes. – Dando um empurrão forte no ouvinte, a entidade finalizou:

– Não percebe que ele não é dos nossos? Ele não é! Vai ser um empecilho.

– E o outro?

Olharam para onde Julio estava, deixando o quarto totalmente embriagado e drogado, ladeado por três jovens e um rapaz seminus.

– Aquele sim é dos nossos! Ele sabe tudo o que fazemos e nos serve sem resistência.

Enquanto aquela entidade espiritual caminhava na direção do Coronel Afonso, notava claramente diversos espíritos como ele, sentindo-se mal com a presença de Luigi. Logo que alcançou Afonso falou-lhe aos ouvidos:

– Precisamos conversar. Agora!

Afonso, o ser espiritual que, sempre que desejava, condensava o fluído do seu perispírito a ponto de fazer-se passar por um ser encarnado, respondeu, solícito:

– Estou ouvindo, pode falar.

– Esse Luigi não deveria ser um dos nossos?

– Ele é um dos nossos. Seu pai nos serve há anos...

– Mas com o filho é diferente. Não sentiu ao se aproximar dele?

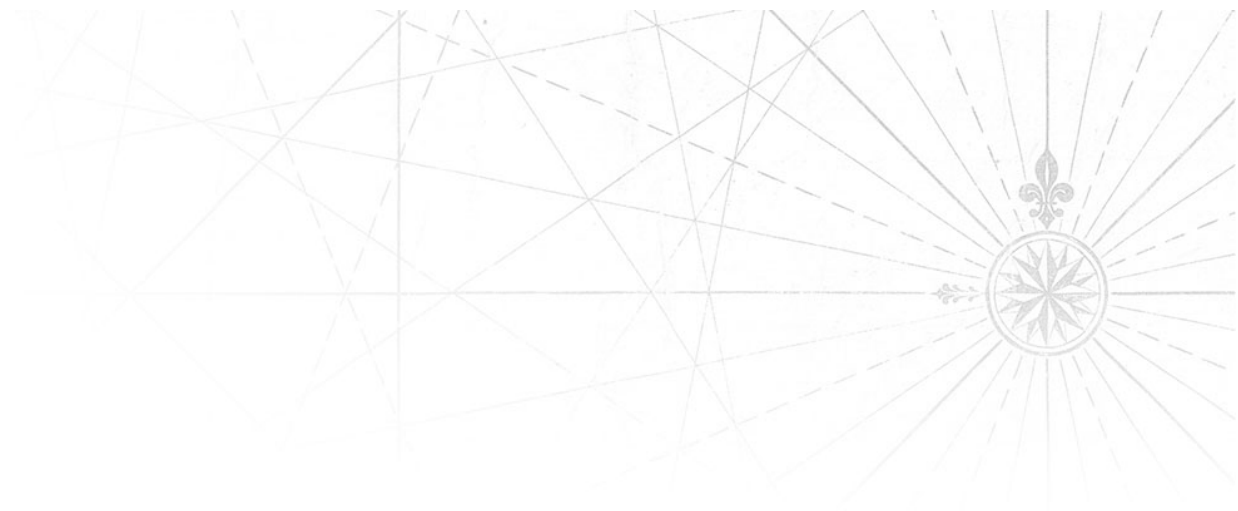
– Estava muito ocupado com outras demandas...

– Pois deveria ter tido maior atenção. Esse aí, definitivamente não é um dos nossos. Precisa agir depressa e afastá-lo de nosso caminho, ou ele se tornará um obstáculo trabalhoso de remover.

– Francisco me convenceu de que cuidaria das habilidades espirituais dele, para que servissem aos nossos propósitos...

– Mas ele falhou. Precisa agir para consertar isso. Queremos dominar totalmente o planeta e cada um que vibra

contra nós, representa um desconfortável obstáculo a ser neutralizado ou removido, você sabe bem disso. Então faça o que tiver de fazer, mas resolva a situação.



Dezessete

LUIGI TOMOU UM BANHO QUENTE antes de se deitar, sentindo um mal-estar indefinível. Tinha acabado de adormecer, quando Coronel Afonso, que tinha se afastado da festa e, em lugar ermo e escuro, utilizando os recursos do conhecimento e experiência que dispunha, desmaterializou-se e foi em estado de espírito, matéria rarefeita, até o quarto do jovem executivo.

Antes mesmo de chegar à porta, notou que a densidade do local era diferente. Ambiente de maior proteção e elevação espiritual. Aproximou-se da porta, mas logo escutou Melissa, que o deteve:

– Aqui você não pode entrar, meu irmão.

– E eu sou lá irmão de uma sonsa como você? Afaste-se da porta.

– Não poderá entrar. Luigi está sob nossa proteção.

Afonso soltou uma estrondosa gargalhada e respondeu:

– Acha que poderá protegê-lo de nós o tempo todo? Sabe que ele acabará por nos abrir a porta da mente, em um momento

ou outro. Vamos arrombar a porta da alma dele, arruinando sua vida, seus sonhos, seus planos. Ou ele nos serve, ou não servirá a mais ninguém.

– Sinto desapontá-lo, mas não é você quem manda. – Falou Melissa, absolutamente serena.

Os olhos de Afonso avermelharam-se de ódio que lhe escapava de todos os lados.

– Vai se arrepender! Depois de destruí-lo, vou atrás de você. – Se afastou praguejando, raivoso, externando o ódio que trazia em si.

Melissa o fitou e apenas balbuciou, calma:

– Deus é o único poder! Não temo as suas ameaças. Deus é o único poder.

Entrou e foi conversar com Luigi, que em desdobramento, estava sentado na cama, ao lado do corpo, bastante desnortado.

– Olá, Luigi. Precisamos conversar.

Ele a fitou, confuso.

– Sou Melissa, procure se lembrar.

Fazendo um esforço por clarear os pensamentos, ele disse:

– Sinto um mal-estar geral, angústia e um enjoo aqui – colocou a mão sobre a boca do estômago.

Melissa se aproximou, sentou-se ao lado dele e pousando sua mão sobre o braço dele, buscou acalmá-lo com suas vibrações de equilíbrio e bondade. Fez uma breve prece, e depois falou:

– Sua falta de familiaridade com o nosso campo de matéria rarefeita ainda lhe causa esse entorpecimento. À medida que for

se acostumando com essa realidade, entrará no mundo espiritual mais consciente, e experimentará menos desconforto.

Ele a escutava e, aos poucos, sentia-se mais centrado, com os pensamentos mais organizados. Ela então falou:

– Precisa adiar seu retorno ao Brasil e ficar aqui, onde viverá experiências importantes.

– Não posso. Tenho compromissos inadiáveis me aguardando no retorno.

– Acompanho seu dia a dia e sei que pode tratar por aqui mesmo os assuntos mais urgentes e reagendar outros. O que não pode adiar é o seu despertar espiritual. E a hora chegou.

– E tem Manuela.

– Manuela irá ajudá-lo. Ambos têm responsabilidades entre os dois planos da vida, e projetos sérios a realizar. Aproveite a sua encarnação, Luigi. Você trabalhou bastante aqui em nosso plano, preparando seu retorno à Terra, ao lado de Manuela. Agora estão juntos, prontos para realizar o que o coração de vocês dois sabe que precisa ser feito.

– Mas eu não sei o que tenho de fazer... não me lembro... Pode me ajudar a recordar?

– Você não precisa de mim para isso, seus conhecimentos, experiências e habilidades são muito maiores do que os que possuo. Logo você compreenderá tudo. Nesse momento, é preciso apenas que prorrogue seu retorno, e acompanhe Julio até Jerusalém. O resto acontecerá naturalmente.

Conversaram por mais algum tempo. Então ela disse:

– Que bom. Ela chegou.

Ela afastou-se um pouco e Luigi pôde ver Manuela chegando, em companhia de uma senhora de cabelos grisalhos

e muito sorridente. A jovem arquiteta abraçou-o com carinho:

– Estava preocupada com você. Como está?

– Eu estou confuso, angustiado e ...

– Com medo?

– Sim, acho que sim.

– Sente esse medo porque teme fracassar. Precisa reconstruir a confiança em si, Luigi.

– O que sabe que eu ignoro?

– Muitas coisas... Agora, precisa confiar em Melissa e fazer o que ela pede.

– Isso tudo me parece um complô. Vocês duas sabem de tudo e eu não me lembro de quase nada...

– Mas vai se lembrar.

Despediram-se um pouco antes do amanhecer.

O sol começou a brilhar no horizonte e Luigi acordou ainda trazendo as lembranças de sua experiência durante o sono do corpo denso. Ficou por longo tempo reorganizando os pensamentos e acalmando suas emoções. Lembranças de sua experiência em Dayton vinham à sua mente, confrontando suas crenças materialistas, que Francisco tão bem havia modelado em sua mente. Por fim, sentindo-se cansado com o embate mental, levantou-se, tomou um banho e pediu para servirem o café no quarto. Ligou para Pâmela e pediu que desmarcasse alguns compromissos e remar casse a sua passagem. Estenderia por mais alguns dias sua estadia no Oriente Médio. Sem dar muitos detalhes, ele desligou.

Julio chegou junto com o serviço de quarto e fizeram juntos o desjejum. O tio se pôs a contar suas peripécias da noite, sem

causar nenhum interesse por parte do seu ouvinte. Na primeira pausa, Luigi pediu:

– Fale-me de seu primo, que vamos visitar. Quero saber onde ele mora.

– Em Jerusalém, já disse. São somente algumas horas daqui.

– Eu sei. Quanto tempo vai ficar lá?

– Vou almoçar com ele, e depois retorno. Meu voo parte amanhã. E o seu?

– Estou confirmando.

– Não está marcado?

– Ainda não.

Partiram.

Luigi viajou em silêncio, muito pensativo e apreensivo. Não sabia ao certo o que deveria fazer. Acompanhou Julio – em sua visita e ao final, quando se despediam, Bern disse:

– Quando retorna, Luigi?

– Não marquei ainda meu voo.

– Então, por que não aproveita sua primeira vez aqui para conhecer Massada?² Uma das ruínas mais famosas de Jerusalém.

– Massada? Nunca ouvi falar.

– É um lugar simbólico, cheio de histórias. Foi onde os zelotes perderam a guerra contra os romanos, no século I depois de Cristo.

De imediato Luigi sentiu um forte desejo de visitar o lugar.

– E como faço?

– Não vai perder seu tempo fazendo turismo por Israel! – Arguiu Julio – Temos muito o que fazer e...

– Esse tempo extra aqui em Jerusalém veio bem a calhar. Preciso pensar um pouco, ficar um tempo sozinho. Não demoro a retornar. Serão uns poucos dias.

Julio, pego de surpresa e sem saber o que fazer, resmungou mais um pouco, depois se despediu e pegou o táxi, enquanto Bern orientava o executivo onde comprar um pacote turístico pela cidade.

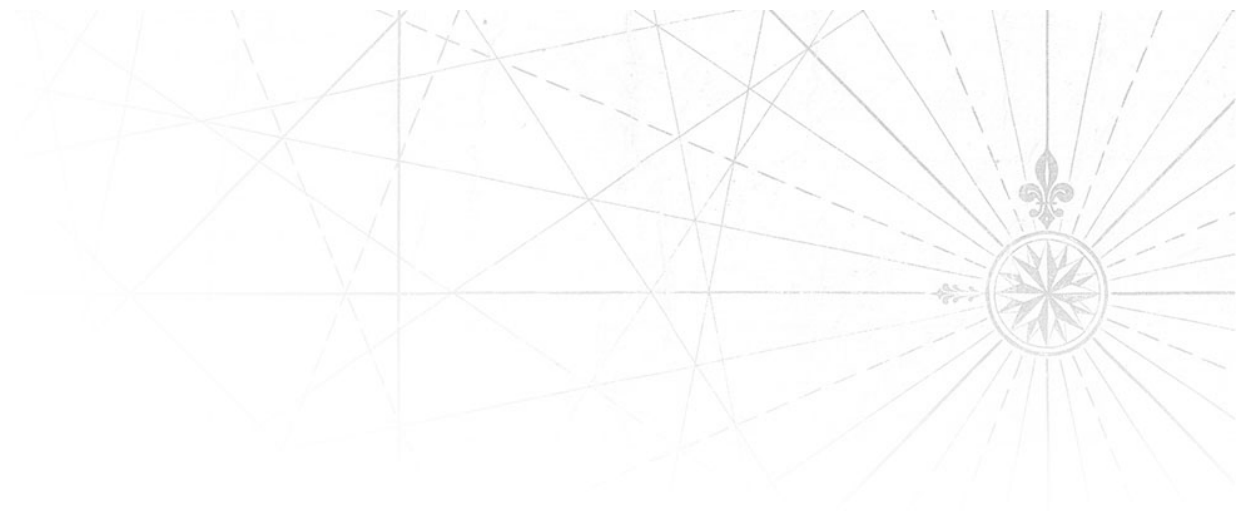
Depois de tudo acertado, Luigi despediu-se e, ao se ver sozinho no táxi que o levaria ao início de sua aventura sem lógica ou justificativa, encostou-se no banco do carro e murmurou:

– O que é que estou fazendo?

Enquanto observava a cidade, que ia se iluminando aos poucos com o cair da tarde, sentia intensa angústia brotar-lhe na alma e um temor injustificado começou a lhe dar uma sensação tão desconfortável, que quase pediu ao motorista que mudasse sua rota e o deixasse no aeroporto. Mas lembrou-se de Manuela, de Willian Denton e do seu livro. Respirou fundo, buscando acalmar suas inquietações.

Nos porões de sua mente, nas memórias mais ocultas, estavam lembranças dolorosas de um passado que ele queria esquecer.

Z Massada significa lugar seguro ou fortaleza; é um imponente planalto escarpado, situado no litoral sudoeste do Mar Morto. O local é uma fortaleza natural, com penhascos íngremes e terreno acidentado.



Dezoito

ERA NOITE NO BRASIL. O céu de São Paulo estava limpo, embora não se pudesse ver muitas estrelas. Manuela se remexia na cama, em sono leve. Acordou, e tentou voltar a dormir, afinal, tinha muitos compromissos para o dia seguinte, e não poderia deixar que nada a atrapalhasse. Estava prestes a realizar um acalentado sonho, que era concretizar um projeto para uma empresa de renome, que a projetaria no mercado onde atuava. Era uma pessoa muito dedicada. Sob o rosto meigo e a voz delicada, havia um verdadeiro vulcão, que de vez em quando entrava em erupção. Já tivera problemas na adolescência, e quase perdeu a vida em uma balada, com amigos. Depois disso, pelas mãos de uma amiga, conheceu a casa espírita e sentiu imediata ligação com os princípios espíritas que ensinavam naquele lugar. Embora tivesse uma predisposição para rejeitar tudo o que tivesse cunho religioso, naquele núcleo, encontrou amor e acolhimento. E foi se desenvolvendo. Tinha uma mente inquiridora e questionava tudo, buscando explicações científicas.

Mas o amor a tocava sempre e acaba vencendo suas maiores reservas.

Naquela madrugada estava com sono leve, beirando a insônia. Levantou-se e espiou pela fresta da janela do quarto para observar o céu, iluminado pelas luzes da cidade. Impressionou-se com a ausência de estrelas. Foi até a sala, onde tinha uma luneta apontada para o infinito, e procurou pelas estrelas.

– Ah! Que alívio! – balbuciou ela, falando consigo mesma – Vocês estão aí! Que aflição me dá não conseguir enxergá-las.

Sua paixão por acampar estava mais ligada à possibilidade de enxergar estrelas no firmamento, estrelas cadentes, e os astros celestes, do que qualquer outra coisa que envolvesse a experiência. Na verdade, não gostava do desconforto das barracas, mas se submetia para ter a oportunidade de contemplar cenários que não podia quando estava nas cidades, nem mesmo em hotéis.

Depois, foi até a cozinha, tomou um gole de suco, e sentiu fome. Olhou na geladeira, para ver se encontrava alguma coisa, mas estava quase vazia. Pegou um pacote de bolachas já pela metade, e comeu tudo. Na realidade, a experiência que vivera junto com Luigi a deixara muito intrigada. Queria saber mais. Já tinha lido tudo sobre as pesquisas de Willian e Elizabeth Denton; tudo o que havia disponível ela encontrara. Queria saber, ter certeza de que aquela experiência não fora um delírio de sua mente, se bem que seria um improvável delírio a dois...

Então, envolvida por seu mentor espiritual, sentiu uma enorme calma. “Amanhã, no núcleo espírita, conversarei com a Estela. Como coordenadora dos estudos, ela saberá me ajudar a encontrar as respostas que procuro”. Sim, com certeza.

Voltou para cama, acomodou-se e adormeceu, mais tranquila. Embora tivesse um temperamento forte e por vezes teimoso e arredo, Manuela vinha aprendendo a remodelar a sua mente para o bem. E colhia tantos frutos desse dedicado empenho, que sua mente alcançara uma vibração melhor, mais elevada. Seu lar, mais protegido e bem frequentado espiritualmente, possibilitava o acesso dos espíritos mais amorosos, que sempre a ajudavam.

Assim que acordou, na manhã seguinte, sua mente voltou para os problemas do dia e as coisas que não estavam resolvidas. Ela, gentilmente, afastou a avalanche de pensamentos e focou em sua rotina matinal. Pulou da cama e enfiou-se no chuveiro. Depois da ducha e da higiene, sentou-se na cama, com o Evangelho nas mãos. Fechou os olhos e fez alguns exercícios de respiração, para serenar os pensamentos. Colocou uma música suave, que embalasse seus sentimentos em boas vibrações. Leu um trecho do evangelho e depois fez uma prece, começando pela gratidão, passando pela contemplação da grandeza do Criador, e terminou com alguns versículos que lhe fortaleciam a fé e a determinação. Nada de petições longas ou melancólicas. Ela preferia as orações mais científicas, baseadas no funcionamento da mente humana, que favoreciam sua conexão com o invisível.

Antes de finalizar, entretanto, surgiu em sua mente o rosto de Luigi. Ela sentiu o coração bater mais forte e falou consigo mesma, em voz alta:

– Por favor, Manuela, como foi se apaixonar pelo seu cliente?! Sabe que isso pode complicar sua vida.

Depois, fechou os olhos e pediu a única coisa que sempre pedia em suas orações:

– Meu Pai, me dá sabedoria, orienta a minha vida como tem feito sempre. Mostre-me o que devo fazer em relação aos meus sentimentos por Luigi. Esse é o caminho certo para mim? Agradeço desde já pela sua amorosa resposta.

Sentindo-se energizada e alerta, vestiu-se, tomou o café da manhã e foi para o trabalho. Tinha muitas coisas para fazer naquele dia.

Do outro lado do oceano, Luigi também tivera um sono muito agitado. E por um breve período, Melissa esteve com ele, preparando-o para as experiências que estava prestes a vivenciar, na intenção de que ele tirasse o maior proveito possível daquelas vivências. Ela sabia que o seu protegido fora moldado em crenças materialistas, em valores ilusórios e mentiras de todo o tipo, para que o ser espiritual ficasse muito obstruído por todos aqueles pensamentos e sentimentos que emanavam vibrações muito densas, e por conseguinte, mantendo-o afastado das verdades espirituais.

Ela procedia diariamente a intensa limpeza espiritual sobre seu corpo e sua mente, buscando aliviar o pesado fardo que aquele conjunto cultural formava em seu ser. Não fosse o trabalho dedicado de Melissa, ao longo dos anos, a proceder a limpeza de seu perispírito, de sua mente e de suas emoções, Luigi teria perdido completamente o contato com as energias mais sutis de si mesmo. E naquela noite não foi diferente. O trabalho se acentuou. Com imenso amor e ternura intraduzíveis, ela o envolvia em doces vibrações, projetando em sua mente imagens da natureza, do universo, das estrelas cintilantes no céu, para que ele, em contato com imagens mentais tão gloriosas, pudesse despertar em si a consciência da grandeza do Universo, e do amor incondicional de Deus, cercado todas

as suas criaturas de bênçãos, de recursos e de oportunidades de renovação e crescimento. E Luigi se fazia mais e mais receptivo. Ao final dos procedimentos, notando as sutis emanções que se haviam instalado na mente do seu pupilo, Melissa sentiu-se feliz e satisfeita.

Luigi acordou bem cedo, abriu os olhos e desfrutou de uma sensação de bem-estar profunda e abriu-se àquela sensação, deixando que ela lhe dominasse. Lembrou-se de Willian Denton, e pensou que devia estar no lugar certo, pela sensação que tinha. Levantou-se, foi até a janela e abriu a cortina. Observou o movimento dos automóveis na grande avenida próxima ao hotel. Olhou mais além, avistando as montanhas ao longe. Pensou, então, sob a inspiração de Melissa, que aquela cidade fora o palco da vida preciosa de Jesus. Imaginou a figura do nazareno, caminhando longas distâncias, por aquelas paragens, e sentiu de súbito emoção intensa a envolvê-lo. Estava em Jerusalém, a chamada Terra Santa. A cidade que testemunhara a presença do Messias. Ele fechou os olhos e quase podia escutar os ventos sussurrando em seus ouvidos, as palavras doces daquele que ensinara somente o amor.

O telefone tocou, tirando-o do devaneio. Era o serviço de despertar que ele pedira. Acabou de se arrumar e desceu para o café da manhã, mas não conseguiu comer muita coisa. Sentia uma expectativa crescente tirando sua fome. Ficou pelo saguão, esperando o guia turístico que havia contratado para levá-lo a alguns poucos pontos históricos. O rapaz se atrasou um pouco, mas logo apareceu procurando o hóspede. Ao ser apresentado a Luigi, conversaram em português.

– Bom que fala a minha língua.

– Nasci em Portugal e morei alguns anos no Brasil. Agora vivo aqui, em Jerusalém, cidade natal de meus pais. Vamos? Está levando água e protetor solar, roupas de banho, e proteção para o sol?

– Sim, como me instruíram.

– Então vamos que o dia vai ficando cada vez mais quente; melhor seguirmos para o primeiro local.

Enquanto caminhavam para o carro, Luigi com roupas leves e esportivas, carregando uma mochila que comprara na loja do hotel, indagou ao seu guia:

– E por onde iremos começar?

– Começaremos pelo Parque Nacional de Massada.

– Já ouvi falar. Fica próximo do Mar Morto,⁸ não é isso?

– Isso mesmo. E um banho no Mar Morto costuma ser muito refrescante, depois de visitar as ruínas da fortaleza no topo das construções rochosas.

– As ruínas ficam no topo da montanha?

– Sim, a quatrocentos metros de altitude.

– Alto... Já ouvi histórias de amigos que visitaram o lugar. Contam que o nascer do sol ali é impressionante.

– Com toda a certeza. Um espetáculo à parte.

E Osiris seguiu contando a Luigi durante o trajeto de quase duas horas, sobre a história de Massada, e por que se tornou um ponto turístico tão visitado e ao mesmo tempo, um símbolo de resistência para os israelitas. Conforme se aproximavam do local, Luigi sentia ansiedade e medo.

Quando avistou a alta formação rochosa, ficou desnortado com a certeza de que já estivera ali antes.

Caminharam até o teleférico e Osiris sugeriu:

- Melhor subir por aqui.
- E há outra maneira de chegar ao topo?
- O *caminho da serpente*. Uma trilha estreita que vai circundando a encosta conforme leva ao topo.

Sem pensar, Luigi afirmou:

- Vou a pé.
- Tudo bem, vou com o senhor.

Luigi tocou de leve o braço do rapaz e falou:

– Pode subir pelo teleférico. Prefiro subir sozinho, apreciando a paisagem. Fico tão pouco sozinho, que quando tenho oportunidade, gosto de aproveitar.

- Está bem. Nos encontramos no topo em uma hora.
- Uma hora?
- Isso, é mais ou menos o que o tempo que vai levar subindo sem forçar muito.

Luigi olhou novamente para o local e confirmou:

– Quero aproveitar cada momento. Nos encontramos lá então.

Osiris ficou observando enquanto Luigi ajeitou a mochila nas costas e, como um mapa do local nas mãos, caminhou até o início da trilha. Olhou para o alto, para o tanto que iria subir e começou a jornada.

Encontrava outros caminhantes que subiam e desciam pela trilha. E observava a paisagem que ficava mais bonita à medida que subia. Tinha caminhado mais ou menos meia hora, quando sentiu muita sede. Para não atrapalhar a passagem, buscou um lugar em que pudesse sentar-se, fora da trilha. Uma grande pedra. Foi até o lugar, sentou-se. Tirou a garrafa de água e bebeu metade. Colocou-a novamente no lugar e ficou

observando a natureza. Próximo de onde se sentara, notou algo brilhante que lhe chamava a atenção. Ele ergueu-se, caminhou alguns passos e abaixou-se para ver o que brilhava. Escondido sob uma pedra, uma pequena ponta de metal brilhava. Ele tentou pegar, mas estava enterrado. Afastou com cuidado a areia do entorno do objeto, e retirou o pedaço de metal. Parecia uma ponta de lança. Assim que segurou o objeto em suas mãos, Luigi começou a ver imagens, uma após outra. Estava em meio a uma guerra. Voltou para a pedra de onde avistara o brilho, e sentou-se de novo, segurando o objeto. E então, como que se desligou completamente de onde estava, viajando no tempo, mais de dois mil anos.

Vários soldados romanos subiam em marcha pela estreita trilha que haviam acabado de construir. Um deles, depois de tomar um gole de água, praguejou:

– Malditos hebreus! Malditos zelotes!

– Pare de reclamar como uma mocinha e vamos subir logo. Quero acabar com esses imbecis!

O primeiro, enfurecido, deu com a espada na pedra com toda a força, e uma lasca de ponta de espada voou longe.

– O que quer fazer? Enfie essa espada na garganta desses zelotes para descarregar sua raiva. Vamos, subamos depressa para acabar o que começamos.

Luigi, como se fosse uma testemunha invisível, observava a movimentação dos soldados. Logo se viu no topo da montanha, onde uma enorme fortaleza construída de pedras, ocupava amplo espaço. Os soldados romanos, liderados pelo general Flávio, colocaram ao chão pesada porta de madeira maciça e entraram, gritando. Não encontraram resistência no interior da fortaleza, apenas

silêncio. Ao chegarem ao centro dela, encontraram os homens que queriam exterminar. Uns jogados sobre os outros, eram afastados pelos soldados, que confirmavam:

– Esse está morto.

– Esse também.

– Mortos, general, estão todos mortos – gritou um deles.

Os soldados se afastaram, enquanto o seu líder caminhou até o ponto onde estavam, confirmando por si mesmo a situação.

– Mortos. Preferiram se matar a enfrentar a força do exército romano. Ave Cesar!

– Ave Cesar – responderam os disciplinados soldados, em uma só voz.

– Deixem tudo como está. Mandaremos aqui os outros zelotes que são nossos prisioneiros, para que enterrem seus mortos.

– Estão todos estropiados, depois que destruimos sua igreja intocável. Não sobrou nada, pedra sobre pedra que não tenha sido derrubada.

Luigi sentiu um enorme calafrio percorrer seu corpo, e uma outra imagem apareceu em sua mente. Desta vez viu-se sentado em um lugar desértico, com pouca vegetação. Estavam lá vários homens e um no centro. Ele aproximou-se do homem que falava, e fitando-lhe o semblante sereno, mas de uma força incompreensível, escutou suas palavras:

– Pois não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada⁹...

Estarrecido, Luigi murmurou:

– É Jesus... Jesus de Nazaré...

Seu coração batia descompassado e ele sentiu vontade de jogar-se aos pés daquele homem e adorá-lo. Mas que impulso era aquele?

Embora para Luigi, fosse como se o tempo passasse lentamente, já estava ali sob o sol por quase duas horas. Ele estava completamente em transe quando Osiris se aproximou, falando alto:

– Ainda bem que o encontrei, senhor Luigi. Senhor Luigi!

Nada de o executivo responder. Osiris se aproximou e viu que o empresário estava sentado, com o olhar distante, como se dormisse de olhos abertos.

– Senhor Luigi, precisa sair desse sol!

Como o outro não respondia, ele começou a chacoalhar o braço de Luigi, tentando tirá-lo daquele torpor.

– Senhor Luigi, está passando bem?

E tanto chacoalhou que o executivo saiu finalmente do estado de transe.

– O que foi? Está tudo bem?

– Eu é que pergunto! Estou a esperá-lo no topo há quase duas horas! O que deu no senhor? Não pode ficar assim, sob esse sol escaldante. O que aconteceu? Sentiu-se mal?

Sério, Luigi respondeu:

– Não sei dizer.

– O que quer fazer? Subir ou descer?

– Estamos mais perto do topo ou da base?

– Do topo.

– Então vamos terminar a trilha.

– Tem certeza de que está em condições? Se estiver se sentindo mal, há paramédicos que podem vir buscá-lo.

– Eu estou bem, não se preocupe. Vamos subir.

Luigi, sem dizer uma única palavra e com as lembranças vívidas do que presenciara, terminou a subida e caminhou por entre as ruínas. Em cada pedra que tocava, via as imagens do que havia ocorrido no lugar, em épocas diferentes. Ele testemunhava a história se passando na torre de Massada, pelos séculos afora, numa experiência intensa e emocionante.

Osiris observava o outro cheio de desconfiança. O homem era muito esquisito, ficando longos períodos de olhos fechados, tocando esse ou aquele objeto, pedra ou madeira. Nunca tinha acompanhado figura tão estranha.

Luigi parecia não se importar com nada. Apenas dava vazão às suas habilidades mediúnicas de psicometria, que se manifestavam plenamente. O passeio durou três vezes mais do que o tempo habitual e o jovem guia estava entediado, quando Luigi o viu ao longe, aproximou-se dele e informou:

– Podemos encerrar nossa visita por hoje. Ficou tarde e estou cansado. Quero voltar ao hotel.

Sem questionar Osiris acatou e desceram pelo teleférico, em silêncio. E assim voltaram durante todo o trajeto para o hotel. Quando estavam chegando ao destino, Luigi pediu ao jovem:

– Sabe me dizer se existe um roteiro que eu possa fazer, pelos pontos mais importantes por onde Jesus andou aqui em Jerusalém?

– O senhor é católico ou evangélico?

Luigi pensou por alguns instantes, depois respondeu:

– Nenhum dos dois e os dois. Eu sou cristão.

Tirando do bolso um roteiro básico ele o entregou ao outro:

– Este é o roteiro básico de alguns pontos por onde andou Jesus. O pessoal católico gosta de fazer a via-crúcis, já os evangélicos preferem outros pontos. Esse aqui é bem básico.

– Obrigado, Osiris.

– Quer que eu venha buscá-lo?

– Não, amigo, obrigado. Acho que eu preciso fazer essas visitas sozinho.

Retirando um pequeno calhamaço de dinheiro do bolso, Luigi pagou o seu guia e o agradeceu.

– Obrigado pela paciência. Até uma próxima vez.

Despediram-se.

Ao voltar para o carro, Osiris contou o dinheiro e viu que tinha três vezes o que tinham combinado. Colocou o dinheiro no bolso e murmurou:

– Ainda bem que não preciso ir com ele. Homem louco!

8 O Mar Morto, que banha Israel, a Cisjordânia e a Jordânia, é um lago salgado cujas margens estão mais de 400 m abaixo do nível do mar, sendo o ponto mais baixo em terra seca do planeta.

9 Jesus em Lucas 21:5



Dezenove

SEGURAVA O CARTÃO QUE ABRIA A PORTA de seu quarto nas mãos, o celular tocou. Era o pai. Ele entrou devagar, tentando se preparar para a conversa que certamente seria tensa. Fechou a porta e atendeu.

– Alô, pai.

– Está maluco, Luigi?

– Boa noite, pai.

– O que está fazendo aí, turismo a essa altura? Tanto trabalho aqui, e você passeando por Israel?

– Estou em Jerusalém, pai.

– E o que é que está fazendo aí? Julio já chegou ao Brasil, trazendo os detalhes das negociações que você deveria estar trazendo junto com o contrato. Vai participar da reunião de acionistas, certamente gabando-se dos resultados que não lhe pertencem.

– Procedimento normal, não é, meu pai?

– O que aconteceu? Por que prorrogou sua estadia? – A voz de Francisco era rude, procurando esconder as suas reais intenções. – Além do mais, até onde sei, você não quis a companhia de Antonella, e a deixou no vazio. Se era para ficar passeando pelo Oriente Médio, poderia tê-la encontrado, ao invés de viajar com uma arquitetazinha negra de periferia.

– Demorou a externar seu preconceito, senhor Francisco. Eu já estava esperando.

– Pois então já deveria ter tomado as decisões certas.

– Estou fazendo o que é certo para mim.

– Luigi, devo adverti-lo de que você, apesar de ser meu filho, não irá muito longe se não agir de acordo com o que se espera para alguém em sua posição.

– E o que se espera?

– Total e irrestrita colaboração. Estão preocupados com seu comportamento.

– Quem são esses que estão preocupados? Os acionistas? Eles só se preocupam com as cifras, e como você deve saber, fechamos um contrato extremamente vantajoso para a construtora. Não poderão reclamar de nada.

Seguiu-se um longo silêncio do outro lado da linha. Depois, o presidente da Morelli de Luca disse:

– Devemos colaboração a outros grupos de empresários, além dos nossos acionistas. Temos parcerias importantes, com regras particulares que precisamos respeitar.

– Do que está falando? Cumprimos à risca nossa parte nas parcerias que firmamos.

Novo silêncio se seguiu. De súbito, Luigi teve um *insight* claro de que o pai se referia a entidades espirituais. Sentiu como

se uma luz tivesse se acendido dentro de si. Reviu as imagens da tia sendo morta por pessoas desconhecidas, lembrou-se dos visitantes esquisitos que foram à fazenda, na sua infância. E as lembranças do que ocorrera no dia depois do enterro da tia afloraram à sua memória, bem como todo o medo que sentiu em relação ao pai, pelas habilidades que demonstrara e todo o esforço que este fez para que Luigi apagasse tudo aquilo de suas lembranças. Era isso que o pai temia, então, que ele se apropriasse de suas potencialidades espirituais, e delas fizesse uso de modo correto?

Enquanto aqueles pensamentos afluíam à mente do executivo em milésimos de segundos, Melissa o envolvia em intensas vibrações elevadas, impedindo que a influência magnética das palavras e energias de Francisco o atingissem. A benfeitora espiritual o influenciava e facilitava o raciocínio, deixando sua mente límpida. E murmurava, satisfeita, enquanto trabalhava energeticamente:

– Isso mesmo, Luigi, você está compreendendo!

E tudo ficou muito claro para o rapaz. Ele compreendeu que de nada adiantaria seguir com aquela discussão; o pai tinha intenções muito específicas e não desistiria delas facilmente. Melhor seria desviar gentilmente de seus jatos nocivos. Rápida e criativamente, ele respondeu:

– Pai, estou prestes a assumir maior responsabilidade na construtora. E com Antonella. Sei que meus dias de irresponsabilidade estão terminando e terei de atender a todas as expectativas de nossos parceiros, associados e apoiadores. Então, resolvi que precisava de uns dias sozinho, para, digamos assim, despedir-me de uma fase da minha vida, e assumir outra.

Induzindo Francisco na direção que lhe convinha, o filho foi acalmando o pai.

– Fique tranquilo, não há nada irregular acontecendo comigo, lhe asseguro. Apenas um pouco mais de desejos a serem satisfeitos, antecedendo maiores compromissos. Só isso, eu lhe garanto. Não vou me demorar. Logo estarei de volta, serão apenas dois ou três dias.

– Nada de irregular acontecendo?

– Absolutamente nada.

– E a arquiteta?

– Mais uma distração. Ela me agrada.

– É uma mulher atraente, tenho de admitir. E quase competente.

– É isso mesmo, pai. Você compreendeu.

– Posso assegurar a Antonella que você vai procurá-la assim que voltar?

– Claro que pode. Mas eu mesmo falarei com ela ainda hoje.

– Muito bem, meu filho.guardo você para celebrarmos sua conquista. Ampliaremos muito nossa atuação agora. Será o começo de muitos contratos na região. O dinheiro vai jorrar ainda mais em nossos cofres, e maior poder teremos junto aos governos, para assegurar os nossos interesses, e daqueles que nos apoiam...

Luigi sentiu como se lhe espetassem uma adaga ao peito, pela energia que sentia naquelas afirmações do pai.

– Preciso tomar um banho agora, pai, estou imundo.

– Vá, Luigi, aproveite seus dias de folga. Falarei ao conselho. Afinal, você tem direitos.

– Agradeço se fizer isso por mim. Como está tudo por aí?
– Sem muitas novidades. Somente sua prima que foi internada de novo.

– A Bianca? Internada?

– Continua com aquelas fantasias sobre a morte da mãe. Ela não consegue aceitar e seguir em frente. Precisamos interná-la de novo. Ela estava fazendo perguntas, fuçando em documentos, esse tipo de comportamento paranoide, que não será tolerado nessa família.

Luigi entendeu perfeitamente a mensagem e falou, calmo, sem demonstrar reação:

– Coitada. Acho que vai ficar a vida inteira presa a essas alucinações. Melhor ficar internada um tempo para ver se fica mais equilibrada.

– Concordamos, afinal.

Despediram-se e Luigi desligou. Assim que pousou o telefone sobre a mesa, foi para o banheiro com forte enjoo e vomitou enjoado pelo que sentira por parte do pai. Depois, enfiou-se no banho, procurando se acalmar. A súbita compreensão e clareza sobre muitos dos fatos de sua vida, deixaram-no atordoado. E as ameaças do pai, a atitude dele e o que lhe sucederia em decorrência das escolhas que estava fazendo, o deixavam angustiado.

Depois do banho, mais refeito, ligou para Manuela e conversaram longamente. Ele contou a ela tudo o que estava acontecendo e ela escutou, em compenetrada atenção.

– É muito grave tudo isso, inclusive suas suspeitas.

– Não posso falar muito mais, Manuela. O que vivemos em Dayton é o mesmo que vivi em minha infância, e o que vivi hoje

em Massada.

– É sua capacidade como sensitivo de psicometria. Você certamente tem uma grande sensibilidade ao tocar os objetos.

– E qual o objetivo de tudo isso?

– Bem, uma parte podemos dizer que já sabemos.

– Que é?

– Abrir os seus olhos para a realidade sobre o meio em que está inserido.

– Sim, compreendo. E o que mais?

– Tenho uma intuição de que vai descobrir ao longo de sua viagem, Luigi, depois de tudo o que me contou, você não está aí por acaso, há um objetivo em tudo isso. Continue seguindo suas intuições e você saberá o que tem de saber por agora. E o mais importante: o que vai fazer com toda a consciência que tiver.

– Como assim?

– Nunca escutou a frase: a quem muito foi dado, muito será cobrado?

– Não.

– Pois é. Você tem um dom especial que precisa ser usado de maneira útil, para o bem das pessoas.

– Não faço a menor ideia do que fazer com tudo isso.

– Você saberá, Luigi. Na hora certa, você saberá.

Seguiram conversando por longo tempo. Quando desligou, viu que recebera várias mensagens em sua caixa postal. Duas da prima e cinco de Antonella. Desligou o celular, balbuciando:

– Que mulher cansativa essa Antonella.

Do outro lado do oceano, Antonella andava de um lado a outro do quarto, entremeando goles de bebida com xingamentos vulgares. Por fim, tentou ligar uma última vez, agora para o

quarto do hotel onde o executivo estava hospedado. Como ele havia deixado ordens expressas para não ser incomodado, ela desligou e atirou o copo de bebida na parede. Depois saiu do quarto irritada e foi até a sala de estar, onde Afonso navegava pela internet no seu *tablet*.

– Você precisa tomar uma providência.

– O que foi, Antonella?

– O Luigi está me evitando e estou cansada de fazer o papel de interessada. Não vou mais mover um dedo. Da minha parte, encerrei.

– Você prometeu que ajudaria.

– Sim, mas se ele colaborasse e, definitivamente, ele não está interessado e não vou mais perder meu tempo tentando impressioná-lo. Ache outra maneira de o controlarmos.

– A construtora é prioridade. Está crescendo e vai dar oportunidade a muitos de nós atuarmos em diversas frentes governamentais, interferindo na economia e em outras áreas de controle do povo, e alargaremos mais os tentáculos de nossas organizações.

– Eu sei disso, mas o Luigi não é um dos nossos.

– Claro que é.

– Não, ele não é.

– Francisco assegurou que ele vai procurar você assim que voltar ao Brasil. Deixe o rapaz se divertir e faça você o mesmo. Quando ele retornar, veremos como vai ser.

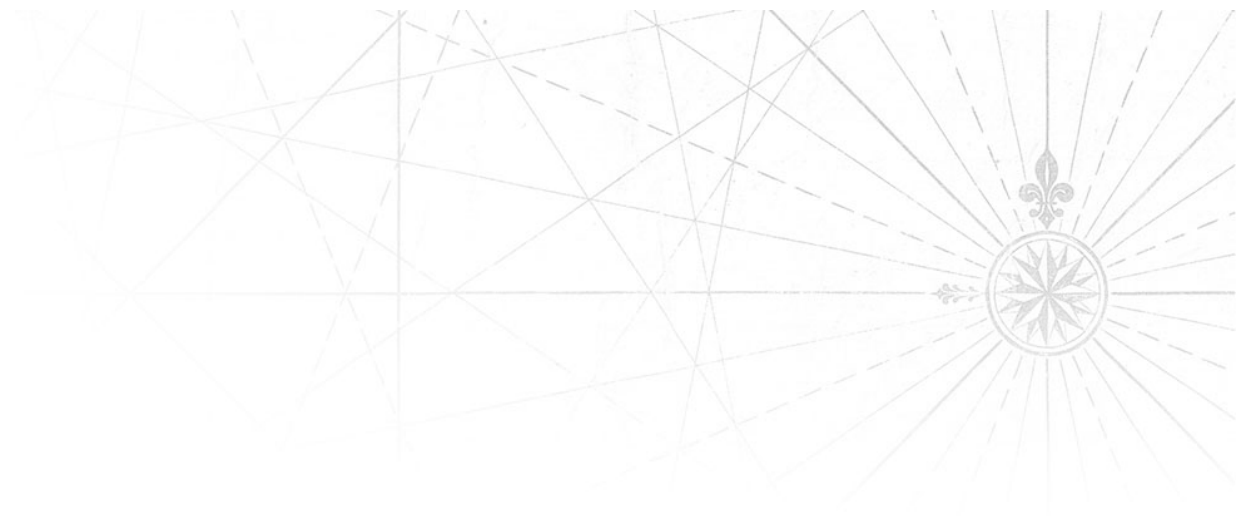
Antonella respondeu ríspida, já saindo da sala.

– Não prometo nada. Já fiz a minha parte. – E afastou-se irritada.

Luigi tentava conciliar o sono, mas estava com dificuldade. Sentou-se na cama e pegou o celular, procurando em que circunstâncias haviam sido ditas as palavras proferidas por Osiris na trilha da serpente, que não lhe saíam da mente: “não restará pedra sobre pedra que não seja derrubada”. Foram proferidas por Jesus, e a elas foram atribuídas várias interpretações.

Depois de pesquisar por quase uma hora, ele fechou os arquivos e colocou o celular de volta na mesinha de cabeceira e voltou a se deitar, pensando no que acabara de ler. A história de Massada, a derrota dos zelotes, a destruição de templo de Salomão. Sentia-se estranhamente conectado com tudo aquilo. Mas a frase martelava em sua mente. Ele sabia que já a tinha ouvido antes, mas onde? Nunca lera nada sobre a Bíblia ou textos religiosos. O pai fez questão de afastá-lo o quanto pôde de qualquer interesse religioso. De fato, o criara para ser um ateu que odeia tudo o que é espiritual. Mas como negar a natureza espiritual que queria explodir de dentro dele e manifestar-se sem obstáculos?

A mediunidade estava ali para lembrá-lo de quem ele era e agora era impossível ignorá-la. Tinha de saber tudo, entender tudo, ir até o fim daquela investigação.



Vinte

NOS PLANOS DE LUIGI, ele iria novamente a Massada, para visitar com mais calma as ruínas e dar um mergulho refrescante nas águas do Mar Morto. Depois, visitaria alguns pontos turísticos em Jerusalém, e voltaria para casa. Entretanto, ao despertar, sentiu um impulso incontrolável de ir conhecer o chamado mar da Galileia, chamado de mar, mas na realidade um lago de água doce, onde Jesus havia iniciado o seu ministério. Jesus e a Galileia como que o chamavam naquela manhã inesquecível, assim que ele abriu os seus olhos.

Ao descer para tomar o café da manhã, sentia uma ansiedade indescritível e quase incontrolável. Apreciou os quitutes árabes e judeus, e apressou-se para o saguão, à procura do motorista que contratara para levá-lo aos locais famosos da cidade. O jovem árabe e muçulmano, cumprimentou-o com largo e amigável sorriso e soltou um bom dia em português. Cumprimentando-o com um forte aperto de mão, Luigi comentou:

- Fala minha língua?
- Um pouquinho...
- Que alívio.
- Podemos ir?
- Sim, mas fiz uma mudança de planos. Vamos à Galileia, mais precisamente ao mar da Galileia.
- Jesus...
- Sim, onde Jesus começou a viajar e fazer seus milagres.
- Boa escolha. Vamos.

Bem acomodado no confortável banco do passageiro, Luigi raciocinava e se perguntava o que estava fazendo. Por que ir à Galileia? E, como se lhe adivinhasse os pensamentos, o jovem comentou:

– É um lugar muito visitado pelos turistas. A natureza exuberante e abundante contrasta com a aridez que predomina em muitos pontos de Israel. O lugar é muito bonito e repleto de história.

– Bom saber. Minha passagem por Jerusalém tem sido bastante tumultuada. Espero poder apreciar um pouco esse lugar.

Seguiram em silêncio. Ao chegarem, Luigi sentiu-se totalmente envolvido pela energia do lugar e mergulhou em emoções doces e agradáveis, sentindo como se voltasse para casa depois de uma longa e difícil viagem. Alegria, alívio, expectativa e curiosidade o dominavam.

Aaron estacionou o carro, e lhe entregou um folheto:

– Esse é um roteiro básico de visita ao lugar. O senhor pode pegar o barco e seguir até Cafarnaum, onde seu profeta fez

muitos milagres. Há uma sinagoga dos tempos dele, ainda em pé, que pode ser visitada.

– Obrigado, Aaron.

Fitando com muita atenção o homem que tinha diante de si, Aaron, depois de rápida análise, indagou:

– Quer que eu o espere ou venha buscá-lo ao final do dia?

– Por que pergunta isso? Há tanto a fazer aqui?

– Acho que para o senhor, há sim. – E sorriu como se escondesse um segredo. Tendo transportado mais de 2000 turistas ao longo de sua curta vida profissional, reconhecia aqueles que simplesmente sentiam como se pertencessem ao lugar, e por isso, dedicavam dias visitando a região do mar da Galileia.

– Pode ficar por aqui, à minha disposição?

– Claro! Hoje estou disponível para transportá-lo até a noite.

Despediram-se. Luigi começou a caminhar para próximo das margens do lago, observando o lindo lugar. O dia estava ensolarado e quente e o céu de azul intenso, era claro e cheio de pássaros que atravessavam os ares em busca e alimento. Ele cruzava com inúmeros turistas, que iam e vinham; ele quase não os via, sendo lentamente transportado para um outro lugar, em outro tempo. Ao longo do caminho, avistou um local com sombra, onde poderia sentar-se para apreciar a bela paisagem.

Naquela manhã, ele viera bem-preparado, com muita água, e uma larga toalha para sentar-se, além de roupas extras, caso precisasse fazer uma troca. Acomodou-se de onde tinha uma vista ampla e colocou a mochila no chão, sobre a toalha.

Então, como atendendo a um imperativo, colocou as duas mãos espalmadas sobre a areia e logo sentiu uma emoção

descontrolada a dominá-lo. E viajou mentalmente, pelas fendas do tempo, testemunhando a história. Viu-se com um grupo de homens, pescadores, que conversavam à beira do mar da Galileia. Entregando-se à experiência, sem reservas, um dos homens chamou logo sua atenção, e com ele sentiu-se identificado.

O dia estava quente e o céu sem nuvens. Pedro caminhava irritado, resmungando algo sobre o quanto estava cansado naquele dia.

– Venha, André, me ajude com a rede. Hoje essa maldita está mais pesada do que o normal.

Antes que o irmão pudesse alcançá-lo, Simão, conhecido mais tarde como Zelote, correu para ajudar o amigo com a pesada rede de pesca. E em seguida, André juntou-se a eles. O sol queimava os rostos já dourados dos homens, que vestiam túnicas longas de algodão, completamente molhadas da cintura para baixo.

A alguns metros dali outro jovem retirava os poucos peixes que ainda estavam no barco, junto com Tiago, e os entregou à mulher de Pedro, que acabara de chegar.

– Só isso? – Ela indagou, enquanto observava o marido irrequieto, arrastando a rede para fora do lago.

– Logo traremos mais.

Trabalhavam com atenção, quando avistaram ao longe um homem que caminhava, cercado de gente por todos os lados. Ele vinha devagar, mas com passos firmes e seguros. Viam-no dirigir-se vez por outra àqueles que o circundavam, mas não falava muito.

O grupo vinha na direção onde os cinco pescadores estavam. Eles haviam parado o que faziam, magnetizados

pelo homem que deles se aproximava.

A mulher de Pedro falou, alto e entusiasmada:

– É Jesus de Nazaré, ele veio nos visitar!

– Jesus?! Indagou Pedro – tem certeza, mulher?

– Sim, já o vi antes, quando ele voltou do deserto, depois de ser batizado por João, o batista.

E o nazareno claramente tinha destino certo. Caminhou até eles, e deu ligeiro sorriso.

Assim que Jesus se aproximou, os cinco homens foram tomados por uma emoção intraduzível. Suas almas, que há muito aguardavam o início da tarefa que lhes caberia naquela encarnação, derramavam alegria e entusiasmo. O momento havia chegado. Jesus ficou alguns minutos em silêncio, a observá-los, e então, vendo-os mudos, indagou:

– Pescaria difícil?

– Sim, Rabi – adiantou-se Pedro em responder.

– Venham comigo, deixem as redes, e eu farei de vocês pescadores homens. A hora chegou.

O rosto deles se iluminou, como se Jesus fosse mesmo a materialização de um sol na Terra, tamanho bem-estar que os banhou de pronto. Jesus os chamou de novo:

– Venham, os campos estão prontos para a colheita. E é preciso que muitos lavradores se juntem a nós.

André e Tiago, que vinham acompanhando Jesus há alguns dias, largaram de pronto as redes. André virou-se para seu irmão Pedro e enfatizou:

– Devemos segui-lo, Pedro. Ele é o Messias prometido.

Simão, nascido em Caná da Galileia, conhecido como zelote, amigo de Simão Pedro há muito tempo, ficou

hesitante. Tinha muitos planos para sua vida, e não imaginava seguir um Messias nascido em Nazaré, um carpinteiro, que ajudava o pai a sustentar a família. Enquanto os outros largaram tudo e aproximaram-se de Jesus, Simão continuou de cabeça baixa, dobrando a pesada rede. Começaram a se afastar. Jesus fitou Simão por sobre os ombros, parou e voltou-se para ele, convidando uma vez mais:

– Venha, Simão, há muito trabalho a ser feito; você poderá realizar os desejos de sua alma. Estarei com vocês por um pouco de tempo, e logo não estarei mais. Vem, segue-me. Não há nada mais grandioso do que servir ao Deus único que me enviou.

Enquanto Jesus falava, dele emanava doce e intensa onda de energia que vibrava ao seu redor, e encheu a todos de emoção e de um desejo ardente de serem úteis.

Jesus olhava fixo para Simão, que agora não conseguia desviar dele os seus olhos. Foi largando o que fazia, e levantou-se como se estivesse hipnotizado. Caminhou na direção do Mestre e, sem dizer palavra, juntou-se ao grupo. Pedro indagou:

– Para onde vamos, Rabi?

– Iniciaremos nosso trabalho aqui mesmo, na Galileia. Depois, o Pai nos guiará ao que deve ser feito.

– Fique em nossa casa, senhor. Vamos nos alimentar, nos banhar e preparar alguns pertences. Então seguiremos contigo.

A esposa de Pedro aguardava, ansiosa, a oportunidade de estar perto daquele homem que ela admirava. Tocando

suavemente o ombro daquele que seria um de seus fiéis apóstolos, Jesus disse afável:

– Pois bem, meu amigo. Vamos cear em sua casa, dormiremos e seguiremos amanhã. Tenho um compromisso com minha família. Um casamento. Desejo que todos vocês me acompanhem.

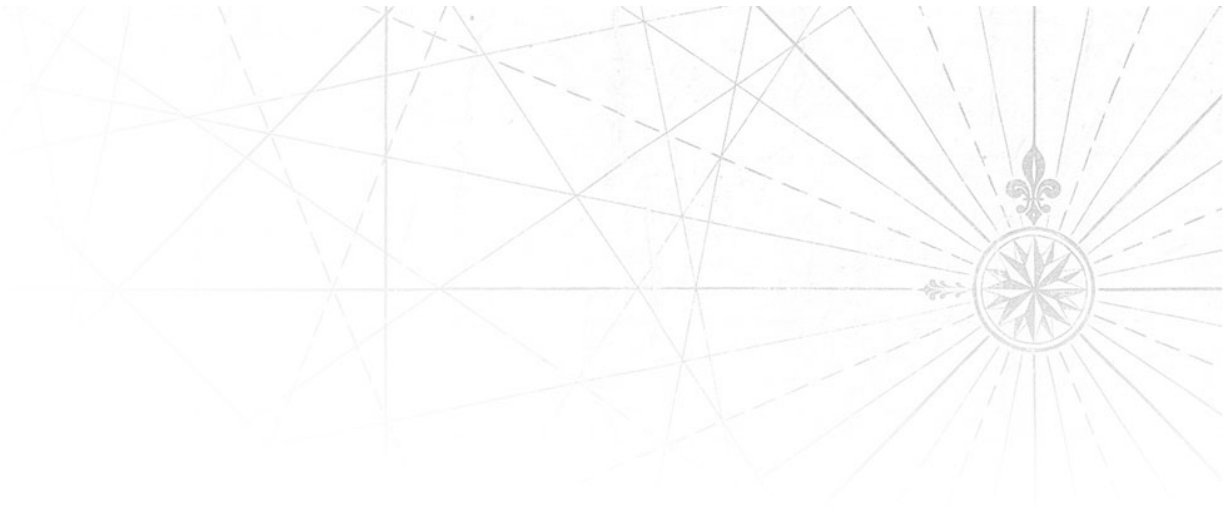
Sentaram-se à mesa com Jesus pela primeira vez. O Mestre mais escutava do que falava, e sorria gentilmente, quando era interpelado. Seu amor por aqueles homens e mulheres era imenso. Sua missão, que começara há vários séculos, em uma preparação minuciosa para sua descida ao planeta, agora estava no ápice de sua realização. E ele os amou profundamente. Sua alegria em estar com eles era contagiante. E a conversa seguiu até altas horas, enquanto eram envolvidos em energias salutares. Sentiam-se bem como crianças brincando despreocupadas em amplo e divertido jardim. Afinal, vencidos pelo cansaço, adormeceram ali mesmo, na sala.

Logo cedo, foi Simão, o zelote, quem despertou primeiro. Tivera um sono curto e inquieto. Ele tinha desconfianças e dúvidas que se interpunham entre ele e Jesus. Era um homem ambicioso: desejava ganhar o mundo, realizar grandes coisas e principalmente, como integrante do grupo dos zelotes, acalentava o ideal de libertar o povo judeu da opressão romana.

Simão despertou com o chilrear dos pássaros, que se preparavam para o majestoso amanhecer. Começava mais um dia de oportunidades renovadoras. Quando acordou, viu que Jesus não estava entre eles. Envolveu-se em uma túnica e saiu para ver se o encontrava. Avistou logo o Mestre,

distante da casa, sentado à beira do mar, compenetrado, parecia estar orando.

Observou o sol nascendo, começando a iluminar o cenário verdejante em torno do mar da Galileia. E então, notou que Jesus emanava cintilante luz que misturava raios sutis das cores azul e rosa, formando uma verdadeira auréola ao redor de sua cabeça. Ele nunca tinha visto nada parecido. O espetáculo que tinha diante de seus olhos era luminoso. Jesus e a Natureza pareciam ser uma coisa só, completamente integrados. E sem conseguir controlar a emoção, Simão deixou que as lágrimas que brotaram em seus olhos, descessem pela sua face. Aquele era certamente um homem especial, diferente de todos os outros que já conhecera. Quem era, afinal, aquele carpinteiro de Nazaré? Seria ele realmente o Messias prometido, que viera para libertar o seu povo?



Vinte e um

LUIGI LIMPAVA AS LÁGRIMAS DOS OLHOS, quando sentiu uma mão tocar-lhe e alguém chamando. Sentindo-se entre dois mundos, não sabia ao certo se o toque vinha da visão que tinha dos tempos de Jesus ou do momento presente. Mas o toque ficou mais forte, e ele foi despertando do torpor em que estava reconhecendo logo quem o chamava.

– Senhor Luigi, o senhor está se sentindo bem? Senhor.

– Sim, Aaron está tudo bem.

– Há quanto tempo o senhor está aí sentado?

– Não sei dizer, acho que há bastante tempo... Que horas são?

– Três horas. E o senhor está no sol!

Luigi observou que recebia o sol da tarde. Quando se sentara ali, pela manhã, era sombra completa.

– O senhor está bem? Será que teve uma insolação?

– Não, meu amigo, eu estou bem.

– O senhor ficou o tempo todo aqui? Não quis conhecer os outros lugares?

Totalmente perdido, Luigi tomou uma garrafa inteira de água. A sensação de estar de volta ao presente fazia-o sentir-se dividido, como se seu corpo estivesse ali, mas seu espírito estivesse longe. E a sensação era estranha e angustiante. Depois de tomar a segunda garrafa de água, ele começou a se sentir mais presente.

– Eu estou bem. O sol chegou a pouco, nem estou queimado. O lugar estava bem protegido. O que me sugere agora?

– Sugiro Cafarnaum, do outro lado do lago.

Procurando o pedaço de papel que o jovem Ihe havia dado, ele indagou:

– E o que há de especial por lá?

– Várias coisas. Eu visitaria primeiro a ruína da sinagoga. Dizem que Jesus ensinou seus seguidores neste exato lugar.

Pressentindo de pronto que continuaria sua viagem no tempo, Luigi se levantou, e falou animado, tendo recobrado completamente sua energia:

– Então vamos! O que estamos esperando?

Pegaram o próximo barco que atravessava o chamado mar da Galileia em direção à Cafarnaum. De pé, na borda do barco, Luigi observava a beleza do lugar com apreensiva expectativa. O céu de azul intenso, compondo exuberante cenário com a vegetação farta ao redor do imenso lago chamado de mar, acrescido do vento suave que soprava como um doce sussurro sobre a pele do executivo. Embora não estivesse naquele exato momento vivendo as imagens do passado distante, continuava

ligado às sensações que vivenciara, por meio da energia que o dominava. Ele seguia como que dividido entre dois mundos. Observando o lugar, indagou ao seu guia:

– Jesus costumava passar muito por aqui?

– Dizem que sim, quando não estava viajando, quase que diariamente. Ele atravessava esse mar com muita frequência, era praticamente o seu cotidiano, indo à Cafarnaum.

– E você acredita mesmo que ele pregava nesse lugar, nas ruínas da Sinagoga que iremos visitar?

– É o que dizem...

– E você acha o quê?

– Não dá para provar, nem que sim, nem que não. Tudo é possível. O que sei é que me sinto bem toda vez que visito o lugar. Pode ser que meu respeito pelo Jesus cristão seja maior do que eu imagino.

– Você é muçulmano, não é mesmo?

– Sim, mas acredito que o Jesus cristão é um Mestre. Genuíno enviado de Alá.

Luigi sorriu, e focou seu olhar para o pequeno porto onde em breve atracariam, para visitar a tão conhecida cidade de Cafarnaum. Sentindo a apreensão crescendo, foi um dos primeiros a descer do barco.

– Gostaria de ir direto à sinagoga, Aaron.

– Tem vários outros pontos que podemos visitar antes.

– Não. Quero ir direto para as ruínas da sinagoga. Quero ver se Jesus pregou mesmo ali.

O jovem fitou Luigi com surpresa, mas não disse nada, caminhando calmamente, em meio a muitos turistas, direto para as ruínas.

Assim que se aproximaram, Luigi sentiu-se ainda mais envolvido pelas energias do lugar. Sem prestar muita atenção aos detalhes da construção, das placas ou sinalizações, nem mesmo a história do lugar lhe interessava. Ele estava ansioso por encontrar Jesus novamente. Entrou e caminhou, deixando-se envolver pela atmosfera e, encontrando um lugar mais tranquilo, virou-se para Aaron e avisou:

– Pode me deixar aqui por algum tempo, sozinho? Quero ficar sentado, apenas observando.

– Quanto tempo?

– Não sei. Nos encontramos lá fora, quando eu terminar.

– Há muita coisa a fazer por aqui... se perder muito tempo na sinagoga, possivelmente não teremos tempo para ver o restante.

Luigi sorriu e respondeu:

– Não se preocupe. Se for necessário, voltaremos aqui outras vezes.

– Mas... – Aaron ia responder, mas desistiu, compreendendo que aquele turista era diferente dos demais. Tinha seus próprios métodos e interesses.

– Está certo. Aguardo o senhor, então. Vamos no seu ritmo.

– Obrigado.

Ao ver-se sozinho, Luigi sentou-se próximo a um ponto onde podia facilmente tocar as pedras da antiga construção. E assim que colocou suas mãos sobre elas, seu corpo espiritual viajou de pronto para mais de dois mil anos no tempo, para o passado.

A sinagoga estava lotada. Nas galerias, que ficavam nas laterais, havia mulheres e crianças e não cabia mais ninguém. Todos estavam ansiosos, como se aguardassem grande

acontecimento. Jesus apareceu na porta, com vários discípulos, e dentre eles, os doze apóstolos. Notando que o lugar já estava lotado, Jesus dirigiu-se aos seus seguidores e convocou os doze apóstolos para entrarem com ele:

– Pedro, seu irmão André, Tiago, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, Simão e Judas entrarão comigo. Aos demais, peço que fiquem aqui enquanto ensino o povo sobre o reino espiritual, do qual estão ainda tão distantes. Fiquem em oração, para que aqueles que estejam prontos, sejam despertados. Sustentem seus irmãos, em oração.

Houve logo um discreto burburinho. Muitos ficaram contrariados com o fato de o Mestre ter selecionado apenas alguns dentre todos para entrarem. E ficaram magoados. Jesus, conhecendo todos os seus pensamentos e emoções, virou-se, quase já adentrando o salão, e pediu:

– Meus irmãos, amo a todos vocês. Mas o lugar está lotado, havendo espaço para uns poucos homens na área próxima à mesa de leitura. Da próxima vez, revezaremos. Acalmem seus corações e suas mentes, e façam o que lhes pedi.

O olhar de Jesus era firme e sereno, como se lhes vasculhasse os corações e soubesse de cada um de seus pensamentos inconfessáveis. Diante daquela autoridade que o Mestre emanava, eles foram constrangidos a se calarem por fora e por dentro.

Jesus entrou. Como fosse esperado, abriram espaço para que ele passasse, alcançando a mesa de leitura. Agradecendo com gesto de cabeça, Jesus assumiu o lugar destinado aos mestres judeus, que ensinavam em nome de Deus.

Os apóstolos, que o haviam seguido, se postaram ao fundo, enquanto o mestre ficou à mesa, onde estavam os pergaminhos que haveriam de ser lidos, os textos do Torá, do antigo testamento hebreu. Luigi sentia as emoções que pairavam no ar, particularmente de Simão, o zelote.

Jesus fitou os rostos de cada um dos presentes, como se lhes penetrasse a alma. E assim permaneceu, fitando amorosamente sua audiência, nos dois planos da vida. O grupo que o assistia da dimensão espiritual era ainda muito maior do que o grupo de homens no corpo denso. Vários espíritos que trabalhavam com Jesus, lhe sorriram, amorosos, felizes por estarem ali, podendo servir e colaborar com o Messias. E sob os influxos amorosos dos espíritos, mas acima de tudo, emanados por Jesus, aos poucos, o grupo foi se acalmando, deixando o ambiente silencioso. Jesus fechou brevemente os olhos, em visível busca de mais profunda sintonia com a Fonte e Sabedoria Suprema, da qual ele era mensageiro. Depois, abrindo um dos rolos, leu o texto e começou a ensinar.

Os espíritos de luz trabalhavam arduamente sobre as mentes dos ouvintes, buscando abrir os olhos espirituais daqueles que se encontravam preparados. Como luzes que se acendiam, alguns despertavam lentamente do torpor em que estavam submersos. O ambiente era banhado em tamanha luz, que podia ser identificado espiritualmente há quilômetros de distância. Enquanto ensinava, Jesus podia sentir a tentativa de interferência espiritual daqueles que o odiavam, bem como a toda a humanidade, fazendo-os de escravos, dominando-lhes a mente e mantendo-os em estado espiritual vegetativo, como verdadeiros sonâmbulos.

Sob a intensa interferência dos espíritos malignos, um dos presentes foi dominado por um deles, e gritou de súbito:

– O que quer de nós, Jesus de Nazaré? – falava o homem sob total influência dos espíritos – Veio aqui para nos destruir?

A voz rouca e cavernosa assustou a todos, e aqueles que estavam mais próximos do homem, se afastaram, se espremendo próximo às paredes, deixando-o isolado. Ele prosseguiu:

– Sei que você é o enviado do Altíssimo.

Jesus saiu detrás da mesa onde estava e caminhou devagar na direção do homem. Ao chegar perto dele, advertiu o espírito que se manifestava através dele:

– Deixe esse homem em paz e se afaste dele!

Imediatamente, o espírito infeliz que o manipulava, deu um grito e afastou-se, deixando o homem caído no chão. Jesus se agachou, tocou-o com gentileza e disse:

– Agora, você está livre do seu perseguidor. Não dê mais espaço para que ele volte a perturbá-lo.

O homem, em lágrimas, segurou as mãos de Jesus e disse:

– Mestre, há tantos anos ele me persegue, nunca me deixa em paz... O que devo fazer?

– Ame, irmão. As trevas não suportam o amor. Essa luz que brilha na alma de todos nós afasta as trevas e nos traz a paz. Ame indistintamente. Ame todos os dias. Não ame de palavras, mas de todo o coração. E assim Deus se manifestará através desse amor, enchendo sua vida de bênçãos.

O homem se colocou de pé, como se ouvisse imensa força nas palavras do Mestre, sorriu e assentiu com a cabeça, retirando-se para um canto.

Jesus, ao invés de voltar ao seu lugar, prosseguiu dali mesmo e finalizou os ensinamentos que queria transmitir naquele sábado.

Muitos dos presentes ficaram intensamente tocados e impressionados e diziam entre eles:

– Que homem é esse, que ensina com tamanha autoridade, e até os espíritos impuros de pronto o obedecem? Por certo é o libertador prometido.

Os apóstolos ficaram igualmente tocados com a força energética que os envolvia.

Luigi, por sua vez, testemunhando os fatos, sentia-se fortemente impactado também, acompanhando cada passo de Jesus e seus apóstolos. Muito embora, se sentisse compelido a acompanhar mais de perto a Simão.

Ao saírem do templo, um grupo de sete homens, alguns amigos de Simão o abordaram.

– Queremos falar com você e com Judas. Venham.

Jesus seguia para a casa de Pedro, onde almoçaria naquele sábado. Simão sentiu ligeira hesitação, querendo seguir com Jesus, mas foi logo puxado por um dos homens:

– Venha Simão, precisamos conversar.

Ao entrarem na casa de um deles, almoçavam enquanto conversavam. Judas e Simão, e mais dez homens. Absalão foi quem puxou o assunto que lhe interessava.

– Vocês, que estão perto dele, precisam começar a agir em favor de nosso grupo. Nós, os zelotes, estamos

convencidos de que esse Jesus de Nazaré é o libertador que irá nos tirar do jugo dos romanos, e finalmente, nos tornará livres, assumindo o lugar de príncipe de Israel, que é o lugar dele.

– Não tenho tanta certeza – divagou Simão.

– Como não, homem?! Não é ele da linhagem do rei Davi?

– Sim, isso ele é mesmo, já verificamos. José, o pai de Jesus, é descendente direto do rei Davi. – Concordou Simão.

– Pois então. Ele é aquele que haverá de vencer e humilhar os romanos e nos devolver nossa terra. Ele será rei de Israel.

– Mas a mensagem dele é pacífica demais... – argumentou Judas.

Ignorando a objeção, Absalão prosseguiu:

– A fama dele está se espalhando depressa por toda a Galileia e logo chegará a Jerusalém. E quando ele tiver Jerusalém nas mãos, poderá tomar posse do seu reino. O povo o seguirá em uma revolução. E nós estaremos preparados para apoiá-lo com armas e homens, tudo o que ele precisar para retomar o trono e nossa liberdade.

– E o que querem de nós?

– Vocês são nossos olhos dentro do grupo que segue a Jesus. Devem influenciar os demais, os apóstolos e todos os demais seguidores, falando a eles sobre nossas ideias. Vamos incendiar Jerusalém, quando chegar a hora. E tomaremos nosso país de volta...

Simão sorriu satisfeito e brindaram àquelas ideias e ideais que sustentavam o movimento dos Zelotes. Sim, pensava Simão, Jesus era o libertador, com certeza. Ele tinha

muito poder e não hesitaria em usar esse poder em favor dos hebreus, subjugados pela violência dos odiosos opressores romanos. Afinal, ele sentia o amor de Jesus pelo seu povo. Logo, ele os libertaria da dor, quando chegasse a hora apropriada.

Luigi sentiu o toque de Aaron, chamando-o.

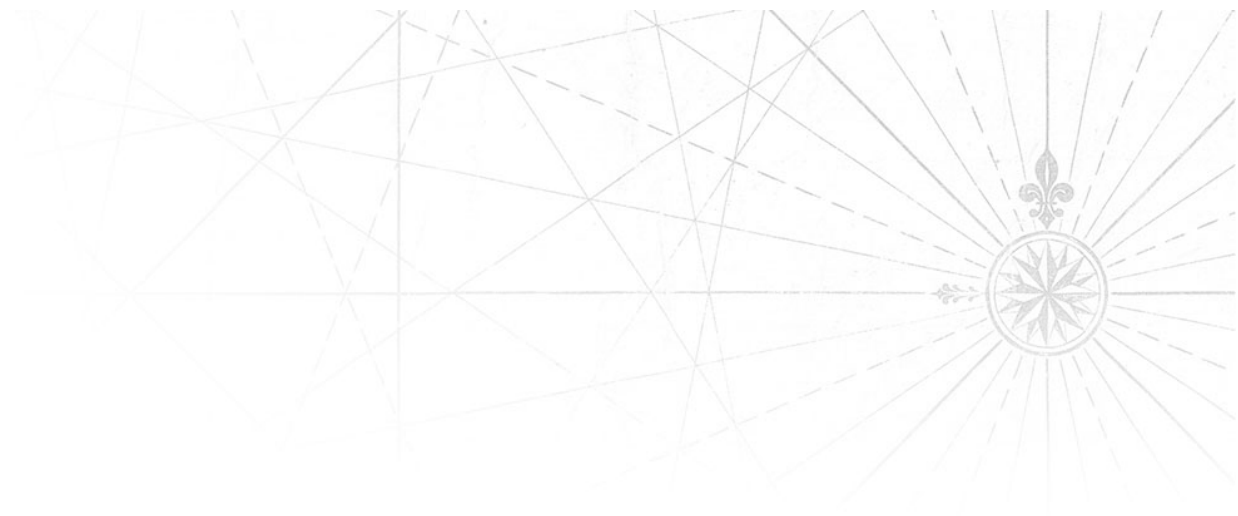
– Senhor Luigi, o lugar vai fechar em breve, precisamos ir.

Como se acordasse de um sono profundo, voltando de um sonho agradável, Luigi se ergueu e começou a caminhar para a saída das ruínas da sinagoga. As palavras de Jesus, proferidas há tantos séculos, ainda ecoavam em sua mente, e ao sair do lugar ele olhou para o rapaz e falou:

– Sim, a resposta é sim.

– Senhor?

– Quando lhe perguntarem novamente se Jesus realmente pregou neste lugar, você pode responder sem nenhuma dúvida que sim. Jesus de Nazaré ensinou aqui.



Vinte e dois

ENQUANTO VOLTAVAM PARA O HOTEL, Luigi relembrou cada imagem, cada frase, cada emoção e sentimento. Seu coração vibrava de maneira diferente. Sentia forte a presença de Jesus com ele, como se de suas memórias, tivesse trazido energias renovadoras que o transformavam intimamente, de um modo que ele não conseguia compreender.

E assim, totalmente envolvido em suas lembranças, foi que chegou ao quarto naquela noite. Depois de um longo banho, em que pode, enfim, relaxar, ele não quis sair mais. Verificou o celular e viu que tinha inúmeras mensagens. Sabia que suas responsabilidades gritavam sua presença e atenção, mas não tinha a menor vontade de envolver-se em qualquer coisa diferente do que estava vivendo. A pureza e sublimidade dos pensamentos e sentimentos que emergiam nele depois daquela experiência geravam uma espécie de repulsa interior por tudo o que lhe era tão familiar.

Depois de jantar no quarto, ligou para Manuela. E assim que ela atendeu, o jovem executivo sentiu como se as angústias e ansiedades que tentavam dominá-lo tivessem se dissipado por completo. Ele contou a ela, em detalhes, tudo o que tinha vivido naquele dia. O encontro com Jesus, suas palavras, e principalmente as sensações que trazia daquela experiência. Manuela emocionava-se com o que estava acontecendo com Luigi. E depois de quase duas horas de conversa, assegurou:

– Não tenho a menor dúvida de que você é um sensitivo e que sua experiência é a chamada psicométria. Que coisa impressionante, Luigi. E é tanta energia, que à medida que você fala, quase posso sentir as emoções que sua experiência lhe causou. Que coisa maravilhosa! Que vivência especial a sua. Que oportunidade singular, Luigi, poder estar com Jesus...

A essas palavras de Manuela, seguiu-se longo silêncio.

– O que foi? O que o preocupa?

– É que antevejo um futuro conturbado e com muitos problemas para mim no futuro. Não imagino como poderei conciliar essas experiências com a minha vida atual, com os meus projetos e meus planos para o futuro.

– Caso esses planos sejam realmente seus, eles haverão de se concretizar.

– Como assim, se forem realmente meus?

– Quero dizer que se seus planos foram elaborados pelo seu ser mais profundo e não fruto de influências exteriores, muitas das quais você nem sequer tem consciência, eles se concretizarão.

– Você é arquiteta ou psicóloga, afinal?

– Sou arquiteta, com certeza. Mas amo a psicologia e o conhecimento da natureza humana. E, além do mais, sem conhecimento da natureza interior do ser humano, da mente, de como funcionam a mente e as emoções humanas, não se pode conquistar transformações sólidas, conscientes e duradouras. E gosto de estar conduzindo meu processo de evolução ao invés de ser carregada ou constrangida por ele.

– Você me surpreende, Manuela. Apesar da sublimidade do que estou vivendo, sinto-me perdido...

– Natural. Todo processo de mudança deixa a gente meio perdido no começo. Mas depois, tudo se aclara e podemos escolher o melhor caminho...

– Não imagino o que vai acontecer, mas o fato é que não trocaria a experiência que estou vivendo por nada mais. Preciso ir até o fim nesse processo.

Luigi compartilhou com ela o roteiro das próximas visitas, e quis saber como estava o andamento do projeto paisagístico do shopping. Antes de desligar, ele disse:

– Gostaria que estivesse aqui comigo, Manuela.

– Eu adoraria estar. Mas parece que esse é um roteiro que você precisa fazer sozinho, Luigi; um momento decisivo, que poderá transformar sua vida.

– Eu não quero nem pensar nisso... O que será depois de tudo isso me assusta.

– Pense no que disse Jesus: basta a cada dia o seu mal. Não antecipe nada. Viva o momento, cada momento é precioso. Não deixe que receios, medos ou qualquer outra pressão atrapalhe o esplendor dessa hora. Terá tempo de sobra, quando voltar, para pensar o que fazer. Agora, entregue-se, Luigi, viva

essa experiência extraordinária. Esse momento é só seu e ninguém poderá atrapalhar, a não ser você mesmo.

– Está certa, Manuela, totalmente certa. Uma coisa de cada vez.

Despediram-se. Luigi dormiu profundamente, um sono tranquilo e sereno.

Na manhã seguinte, levantou-se cedo e bem-disposto, pronto para a jornada daquele dia. Assim que Aaron chegou, ele o viu no saguão do hotel e o cumprimentou:

– Bom dia! Vamos?

– Que disposição, senhor Luigi!

– Sim. Sinto-me especialmente bem hoje.

– Para onde?

– Cafarnaum! Quero visitar os pontos turísticos do lugar.

– Algum em particular?

Acomodando-se no banco do passageiro, já a caminho, Luigi respondeu:

– Sim. A Igreja da Multiplicação e o Monte das Bem-aventuranças.

Aaron fitou o passageiro pelo retrovisor e sorriu. Certamente não havia lugar mais lindo para visitarem naquele dia. O céu estava particularmente azul, sem nuvens, e uma brisa suave enchia o ar de vida.

Luigi seguia o seu roteiro em ansiosa expectativa: o que viveria naquele dia?

Enquanto atravessavam de barco o mar da Galileia, Luigi observava a natureza e sentia-se mais conectado a ela, de um modo diferente. Como se pudesse sentir o pulsar da vida; o respirar dos pássaros, a vida sob o lago, o farfalhar das asas das

borboletas. Sentia como se sua percepção tivesse se ampliando. E percebia que tudo era vida. Tudo estava vivo, vibrante, emanando energias. E o executivo sorria, como se uma alegria inesperada tomasse conta dele.

Visitaram as ruínas do que diziam ter sido a casa de Pedro. Ele queria entrar, mas o lugar era cercado e não se podia caminhar pelas ruínas, apenas às margens. Observando o lugar, Luigi sentiu como se já estivera ali antes, mas sem lembranças claras que lhe aflorassem à memória.

Caminharam pelas ruelas do centro e lançaram no mercado, onde se vendia de tudo. Em seguida, foram ao chamado Monte das Bem-Aventuranças, à Igreja das Beatitudes, onde Jesus teria proferido o conhecido Sermão da Montanha.

– Esta é a Igreja das Beatitudes.

Luigi seguia o seu guia sem comentários. O lugar, repleto de jardins, era lindo, bem cuidado e com uma vista impressionante para o mar. Enquanto caminhavam pelos corredores externos da igreja, cruzavam com os inúmeros turistas que visitavam o local todos os dias.

Entraram. A igreja, construída em 1938 em formato octogonal, fazia menção às oito Beatitudes. O interior simples, com altar central e cadeiras ao redor, exibia inúmeras obras de arte, conhecidas no mundo todo. Algumas pessoas, visivelmente tocadas pelas energias do lugar, sentavam-se em contemplação, e se emocionavam por estarem pisando em um lugar onde Jesus viveu e passou tanto tempo enquanto esteve na Terra.

Depois de passarem pelos pontos principais da igreja, saíram.

– Para onde agora?

Da varanda onde estavam, vislumbravam a ampla área que se estendia logo à frente da igreja.

– Alguns dizem que o lugar onde Jesus proferiu seu sermão mais conhecido foi aqui, onde está erguida a igreja.

Luigi, que já havia tocado alguns lugares dentro do templo, e visto muitas coisas ocorridas durante a construção, não viu nada ligado ao sermão de Jesus.

– Acho que não foi aqui...

– Por que diz isso? – Aaron já estava desconfiando que Luigi possuía capacidades extrassensoriais.

– Um palpite.

– Muitos, porém, afirmam que foi ali, naquela área que ele falou com a multidão que o acompanhava. Pela topografia do lugar – está vendo?

– Sim.

– Dizem que forma um anfiteatro natural, e a que voz do preletor pode ser ouvida em longa distância, e por isso, Jesus teria escolhido aquele lugar para falar à multidão e oferecer aos ouvintes o seu famoso e importantíssimo Sermão do Monte.

– Aos ouvintes e à posteridade...

– É, suas palavras continuam sendo ensinadas e seguidas.

– Ensinadas sim, seguidas, acho que ainda não.

Aaron fitou Luigi sem dizer nada. E começou a caminhar na direção do campo aberto logo abaixo da igreja.

– Vamos conhecer o lugar. Já vi que tem interesse.

À medida que caminhavam, depararam com um grupo de turistas que se reuniam em semicírculo. Davam-se as mãos e oravam. Mais à frente, outro grupo de turistas, sentados em

silêncio, meditavam. O lugar, certamente convidava às mais profundas reflexões.

Alcançaram o amplo espaço e assim que pisou o lugar, Luigi sentiu-se estremecer. Que segredos guardariam aquelas pedras? Ele quase podia ouvi-las murmurar.

– Vou ficar por aqui um tempo. Vou me sentar e deixar meus pensamentos vagarem, como tenho feito em outros cantos.

– Sim senhor. E quanto tempo quer ficar por aqui?

– Não sei ao certo, mas acho que é aqui que quero passar o resto de minha tarde.

– Pois bem. Volto em umas duas horas, para ver se já está pronto para voltar.

– Combinado.

Aaron afastou-se enquanto Luigi buscava um lugar confortável e à sombra, para sentar-se. No espaço amplo, avistou algumas pedras e caminhou até elas. Sentou-se sobre uma delas, avistando o lago imenso aos seus pés. Olhou o céu azul, onde agora algumas nuvens se insinuavam. E ele pensou: lindo cenário para uma pregação ao ar livre...

Ao acomodar-se na pedra, tocou em alguns cascalhos próximos. Um deles atraiu sua atenção. Pegou-o apertou-o entre as mãos. Logo viu-se transportado para outro tempo. Sentado na mesma pedra, estava Simão, o zelote, observando a multidão que se juntara aos pés de Jesus e esparramados até onde a vista alcançava.

Uma brisa leve soprava, enchendo o ar com suave perfume. O sol declinava no horizonte tingindo montes e vales de esplendorosa luz dourada. O Mestre acomodara-se em posição mais alta a observava com olhar doce e amoroso a

movimentação ao redor. Então, os olhos de Jesus cruzaram com os de Simão, e Luigi sentiu como se Jesus o penetrasse com aquele olhar, sabendo exatamente o que ele sentia e pensava. Seu coração disparou e suas mãos estavam frias. Jesus, então, sorriu para ele, e começou a ensinar.

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;

Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus...”

Luigi observava atento o olhar de ternura que Jesus tinha dirigido aos seus assistentes. Olhava-os como se conhecesse a cada um deles, banhando-os com amor, forças e luz. Ele, então, seguiu o olhar de Jesus, notando cada uma das pessoas que ali estavam. Centenas de criaturas aglomeradas, ouvindo, sedentas, as palavras do Mestre. Idosos trêmulos, lavradores, mulheres do povo agarradas aos seus filhos, cegos, leprosos, crianças doentes, homens

maltrapilhos e sofredores eram a grande maioria deles, além das dezenas de discípulos do Mestre. Observando aqueles rostos sofridos, aquelas criaturas que pareciam deserdadas de tudo e desamparadas da sorte, sentiu imensa compaixão por elas. À medida que pousava em cada um seu olhar mais atento, podia apreender-lhes as angústias e sofrimentos. Muitos não tinham o que comer e vagavam penosamente à busca do essencial. Outros, lutavam com doenças graves que lhes roubavam as energias e a alegria; outros ainda, com pesados fardos morais, debatiam-se entre a culpa e o medo, e bebiam as palavras de Jesus, como se lhes penetrassem as entranhas removendo miasmas e obstruções emocionais graves. E à medida que lhes pousava o olhar, via-lhes os dramas, os problemas, os traumas e as dores a se desenrolarem. E ali, observando aqueles que viveram há tantas centenas de anos, Luigi sentiu imensa compaixão, que lhe dominou a alma.

Enquanto sentia a alma tomada de amor por aqueles que sofriam, Luigi notou que Jesus se levantou de onde estava, como se todo o cenário ficasse congelado, e foi até ele. Olhou-o com seus olhos luminosos, e, tocando o seu braço, disse:

– Sê bem-vindo, Simão, há dois mil anos que te espero. De agora em diante também serás bem-aventurado, como são todos aqueles que ouvem e compreendem a palavra de Deus.

Luigi foi profundamente impactado com as palavras e aquele toque de Jesus. Sentia a energia intensa do Mestre tocando cada fibra do seu ser. Como se fosse impactado por um meteoro, regressou de imediato ao lugar onde estava, no

momento presente. Sua mente estava acelerada como nunca. E com a mesma velocidade que seus pensamentos desfilavam, suas emoções se transformavam. E ele então constatou, em contato com as lembranças do passado, e reconheceu-se naqueles tempos, murmurando:

– Sou eu. Eu sou Simão, o zelote. Eu estava ali, com Jesus. E não compreendi sua mensagem... Era eu! Eu sei que era eu!

Ergueu-se, sem saber o que fazer ou para onde ir. Queria voltar novamente no tempo, mas não podia.

Melissa e outros amigos espirituais atuavam sobre o corpo espiritual de Luigi, buscando auxiliá-lo na absorção das experiências que vivenciava. Ele caminhou, a esmo, pelas trilhas ao redor do Monte das Bem-aventuranças. Andava, mas quase não via nada. Como se imenso clarão tivesse dominado sua alma, uma luz que ele mesmo impedira de entrar por dois milênios. De quando em quando, repetia as últimas palavras de Jesus: “Bem-aventurados são todos aqueles que ouvem e compreendem as palavras de Deus”.

A energia, alegria, luz, contentamento, que sentira ao toque de Jesus, não se comparava a nada que ele jamais tivesse experimentado. Aquilo era novo, especial e maravilhoso. E real. Concreto. Verdadeiro. E despertara nele uma força interior que ele desconhecia. Ele ainda vagava pelas trilhas, quando Aaron o encontrou.

– Senhor Luigi, graças a Alá! Ainda bem que o encontrei! Estava preocupado. Logo vai anoitecer, e não sabia mais o que fazer!

Ao fitá-lo, Luigi abriu largo sorriso e o envolveu em longo abraço, deixando o primeiro constrangido.

– Desculpe, Aaron. É que estou feliz em vê-lo.

Depois de se desvencilhar sutilmente do seu turista, o rapaz indagou:

– Está tudo bem com o senhor?

– Nunca estive melhor! – Respondeu Luigi sorrindo.

De alma leve, sentia-se realmente como se acabasse de ser resgatado de longa e enfadonha prisão. Queria abraçar a tudo e a todos, e sentia ímpetos de abraçar árvores, animais e turistas, mas conteve-se. Sentia uma explosão de alegria e felicidade que não podiam ser explicadas ou compartilhadas.

Seguiu de volta para o hotel, em silêncio, esboçando ligeiro sorriso. Sentia-se em estado de graça. Ao despedir-se de Aaron, já no saguão do hotel, ele disse:

– Amanhã ficarei por aqui. Preciso resolver umas coisas.

– Depois de amanhã, então?

– Sim, eu ligo confirmando.

Despediram-se e ele foi direto para o quarto, abriu o computador e pôs-se pesquisar quem, afinal, fora Simão, o zelote. Queria saber tudo o que pudesse sobre aquele que ele tinha certeza fora ele mesmo em vida pregressa, aos tempos de Jesus.

O executivo, herdeiro de uma das maiores construtoras do país, queria agora saber tudo sobre Jesus: sua vida, seus discípulos, e acima de tudo, seus ensinamentos. Sentia sede de aprender as verdades eternas, as leis que regiam o Universo; ao longo de sua vida, nada aprendera sobre as questões espirituais, muito ao contrário. Fora ensinado a acreditar apenas e tão somente no poder, no dinheiro, nos negócios, na família – desde que para defender-lhe os interesses, que eram o mais importante de tudo. Fora diligentemente afastado de qualquer religião, e

astutamente encaminhado e iniciado em tudo o que excitava os sentidos, estimulava o egoísmo e a vaidade; era tudo o que se queria e esperava dele. Enterrado sob os valores e crenças esculpidas cuidadosamente para conduzi-lo aos interesses da família, estava a preciosa capacidade mediúnica, a sensibilidade que todos conheciam naquela família. E agora, estava se abrindo e revelando o seu tesouro.

Luigi ficou quase a noite toda lendo e pesquisando; alimentando sua sede de saber, e já era de manhã, quando o sol começava a estender sua claridade sobre Jerusalém, que ele colocou seu *notebook* de lado e adormeceu.



Vinte e três

ERAM QUASE DUAS HORAS DA TARDE quando, sonolento, Luigi escutou o celular tocando várias e várias vezes. De olhos ainda fechados, esticou os braços e alcançou o aparelho na mesinha de cabeceira.

– Alô.

– A que orgias está se entregando, para não atender minhas ligações?

– Quem fala?

– Não reconhece minha voz?

– Antonella, claro!

– Como vai, Luigi?

– Dormindo, como pôde perceber...

– Mas já é hora de acordar e aproveitar esse lindo dia. O céu está maravilhoso, e há muito o que visitar. Além do mais, a brisa fresca, não muito provável nesta hora da tarde, está ajudando.

– Sim... É uma cidade... Como sabe da brisa fresca?

– Meu quarto fica ao lado do seu, e tem a mesma vista.

Luigi deu um pulo e sentou-se na beira da cama.

– Está em Jerusalém?

– Sim.

– O que faz aqui?!

– Vim acompanhá-lo. Afinal, me deve uma viagem, meu querido. Vim cobrar o que me deve...

– Eu já estou prestes a voltar, Antonella. Não acho uma boa ideia...

– Mas é claro que é uma boa ideia, que bobagem. Já aluguei um iate e podemos passear por terra e por mar. Muito embora não tenha particular interesse nessa parte do mundo, não podemos esquecer que eles são exímios referenciais de como obter e aumentar riquezas e manter uma hegemonia enquanto são esmagados ao longo da história. É um povo resiliente, e isso é sempre interessante de conhecer.

Luigi sentia como se algo apertasse seu pescoço, como se fosse sufocar.

– Já entendi... Você está de brincadeira comigo. Não está aqui coisa nenhuma..., mas foi divertido.

– Que bom que acha isso, porque estou exatamente aqui, ao lado do seu quarto. Vejo pela janela duas tamareiras com frutas, uma limusine branca mal estacionada e... uma mulher de *jihad* azul.

Luigi foi até a janela e constatou, totalmente aturdido, que era exatamente o que se via da janela de seu quarto.

– Por que está aqui? Foi ideia sua?

– Minha e de seu pai.

– Eu sabia.

– Mas vim porque quis, meu bem. Adoro viajar, e como você estava demorando a retornar as ligações de seu pai, sem responder e-mails, sem dar notícias, ele ficou preocupado. Vim para fazer-lhe companhia e tranquilizar seu pai e os demais diretores. Afinal, um herdeiro como você, que acabou de fechar o maior contrato da história desta empresa, perdido por Jerusalém, sem mandar notícias, pode não ser coisa boa. Você deixou todos preocupados. Mas agora está tudo bem. Assim que cheguei, verifiquei com o hotel que você está bem, já enviei notícias ao seu pai. Todo mundo tranquilo. Vou acompanhá-lo e manterei todos informados, você pode continuar relaxado, fazendo o seu tour por essas terras, que vou acompanhá-lo sem exigências.

Luigi tinha de pensar rapidamente e nada lhe ocorria. Queria terminar o que começara, queria ter maior contato com os lugares por onde Jesus passou, queria visitar o passado e ter contato direto com as palavras, os ensinamentos daquele Mestre de Nazaré que tocavam profundamente sua alma, e transformavam aos poucos o seu ser. Precisava se desvencilhar de Antonella... O que fazer?

Melissa, que o acompanhava de perto, sabia muito bem quais eram as condições em que o entorno espiritual de Luigi se encontrava. As contínuas tentativas de invasão dos espíritos menos felizes que queriam adentrar o quarto para mais facilmente dominar-lhe a mente. Fora avisada da chegada de Antonella, e murmurou aos ouvidos da alma de Luigi, chegando-lhe à mente como uma intuição.

“– Ela pode ser útil. Seja mais inteligente do que ela. Saber usar a presença dela aqui, vai permitir que você acalme os ânimos no Brasil. Há muitos interesses em jogo e todos eles desejam que você volte e não tenha

contato algum com o seu passado, muito menos com as lições libertadoras de Jesus. Seja mais inteligente do que eles.”



Três dias antes, em sua ampla e sofisticada sala, no coração financeiro de São Paulo, Francisco terminava uma reunião com alguns diretores, quando o telefone tocou. Ele atendeu irritado:

– Não escutou o que eu disse? Não quero ser interrompido até o final da reunião.

– É que... é que... Não vou conseguir mais segurá-lo.

– Segurar quem?

A porta se abriu e o coronel Afonso entrou, logo seguido pela ofegante e desesperada secretária:

– Desculpe, senhor, não pude impedi-lo.

Francisco fitou o olhar gélido de Afonso, e gritou com a jovem:

– Você é mesmo uma incompetente! Saia da minha sala. Não quero ver mais sua cara, saia.

Sem conseguir conter o choro, a jovem saiu em prantos e Francisco dirigiu-se ao visitante inoportuno:

– Sente-se, sirva-se de um bom *scotch* e já conversamos.

Calmamente, sem dizer palavra, Afonso sentou-se e ajeitou de leve o terno impecável. Quando finalmente a reunião terminou e os três diretores deixaram a sala do presidente da construtora, Francisco serviu-se de bebida, e sentou-se próximo de Afonso, na sala de estar que tinha em seu escritório. Servindo também o visitante, comentou:

– A que devo sua visita tão inesperada?

– Precisa dar um jeito em seu filho, ou nós daremos.

Sem expressar reação, o presidente indagou:

– É mesmo? E o que ele fez desta vez?

– Ele representa um perigo para nossos planos, e você sabe bem disso. Queríamos dar cabo dele na infância, mas você prometeu que o corromperia até o último fio de cabelo! E você falhou!

– Mas do que você está falando? Falhei onde? O que foi que ele fez?

– O problema não é o que ele fez, é o que ele é o que ele vai fazer, mais cedo ou mais tarde.

– E o que seria?

– Seu filho está protegido pela luz. Há iluminados que o acompanham. Ele não traz a mesma assinatura vibratória que você, ou que os nossos, os que nos pertencem.

– Claro que traz! Eu me encarreguei disso pessoalmente. Incuti nele todos os nossos valores e crenças, nosso modo de pensar. Ele é um dos nossos. E se não está completamente dominado, ficará assim que se unir a Antonella. Ela o dominará por completo.

O visitante sorriu ao responder:

– Ah, sim, ela é uma das nossas. Esses são seus planos para dominá-lo?

– Sim. Está tudo arranjado com ela.

– E por que ele está sozinho, perambulando por Jerusalém? E por que nossos informantes não conseguem entrar sequer no quarto dele? Ficam todos parados à porta. E quando ele sai para suas andanças não conseguimos acompanhá-lo? Eles o perdem

de vista, como se seus sinais vibratórios fossem logo encobertos. O que está acontecendo é inconcebível, Francisco.

Afonso fez uma longa pausa, enquanto fitava o outro sem desviar dele o olhar. Tomou o restante da bebida que tinha no copo, colocou-o sobre a mesa de centro. E falou, em tom de sentença:

– Você tem pouco tempo, e este é o nosso último aviso. Se não der um jeito nele, nós daremos. Da maneira como ele que está, jamais poderá controlar a empresa; você deve preparar outro sucessor imediatamente. Há muito dinheiro, muitos interesses em jogo, e nosso planejamento para destruir os valores cristãos no Brasil, que estão sendo forjados ao longo dos últimos anos com minúcias de detalhes, não pode sofrer atraso. Como bem sabe, o mundo caminha para o controle único, há uma agenda em andamento, e você e sua família são uma importante engrenagem nesse sistema que montamos. Entretanto, não permitiremos que qualquer coisa ou pessoa atrapalhe os nossos planos.

– Estou ciente de nossa agenda para o controle da Terra, e trabalhamos para contribuir com ela. Farei o que me pede. Vou começar a preparar minha filha mais velha para ser também uma possível sucessora, caso Luigi não possa sê-lo.

– Uma mulher no comando? É uma boa ideia. Ela é de fato uma das nossas?

– Sim, em estado latente, mas facilmente acionável: adora o dinheiro, o poder, o nosso poder e é muito, muito orgulhosa.

– Excelentes atributos. Boa candidata.

– Mas não pretendo desistir de Luigi sem tentar tudo primeiro.

– O tempo está correndo...

– Eu sei. Vou pedir a Antonella para ir encontrá-lo em Jerusalém, e trazê-lo de volta. Ela vai cooperar sem titubear.

– Bom, se ela conseguir realmente controlá-lo. De outro modo, será inútil.

– Você conhece Antonella.

– Sei das competências desse espírito, que serve às trevas há centenas de anos.

– Então sabe o quanto ela sabe mentir e pode ser convincente e sedutora.

Já se preparando para sair, indo em direção à porta, Afonso disse, sério, sem parecer impressionado com os esforços de Francisco:

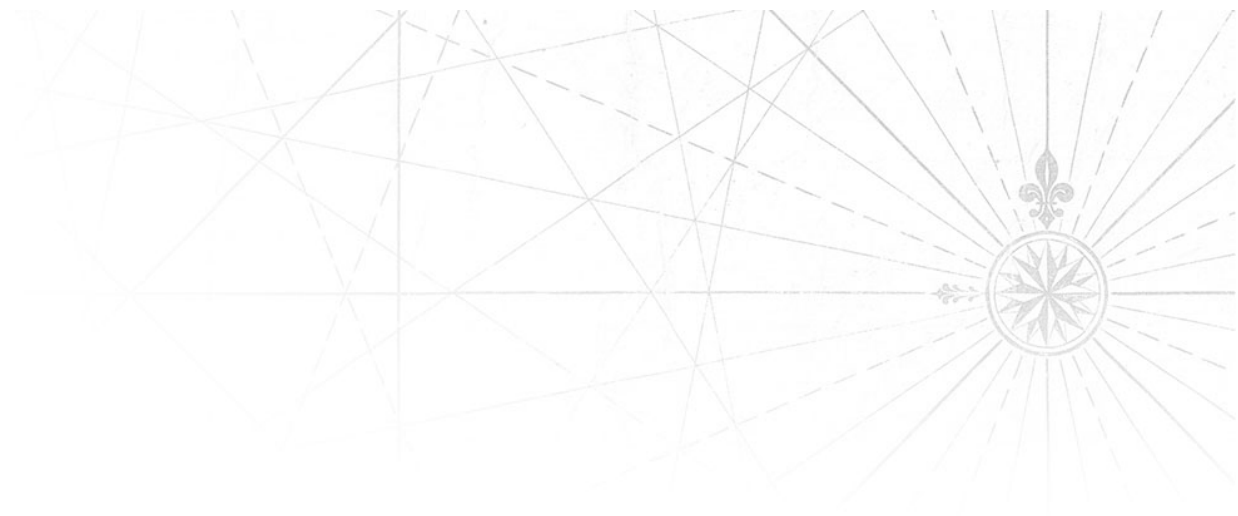
– Ela é eficiente, mas se ele conseguir manter-se em estado de vibração muito acima do que o nosso, corremos o risco de ela não conseguir dominá-lo, e você sabe disso.

– Ele está inoculado com o nosso veneno, e mesmo que esteja com ideias diferentes na cabeça, Antonella vai lembrá-lo de quem ele é, vai despertar nele as energias que nos interessam.

– Para o bem dele, assim espero. Desejo sucesso em seus planos.

Sem esperar pela resposta, Afonso saiu deixando aberta a porta aberta atrás de si. Francisco gritou raivoso para a secretária:

– Ligue agora mesmo para Antonella e passe a ligação.



Vinte e quatro

ENQUANTO SE ARRUMAVA, Luigi desenvolvia sua estratégia para conseguir escapar de Antonella. Seguindo as intuições que lhe fluíam à mente, agia sem pensar muito, com uma intensa convicção de que o que pensava funcionaria.

Desceu para encontrar-se com ela, que o aguardava no *lobby* e atraía as atenções dos homens no saguão. Usando um luxuoso vestido roxo escuro, assinado pela Maison Prada de alta costura, tinha uma enorme fenda lateral que subia até as coxas, deixando-as à mostra. Óculos da mesma grife no alto da cabeça prendia os cabelos longos, como uma tiara. E um sapato altíssimo, de salto fino, da mesma Maison, compunha e completava o visual impecável dela. Assim que o viu ela abriu largo e simpático sorriso e falou com voz aveludada:

– Aqui está o dorminhoco, afinal! Que bom vê-lo, Luigi, estava com saudades.

Contida, ela ofereceu o rosto para cumprimentá-lo. Trocaram dois beijos e ela permaneceu com leve sorriso,

indagando:

– Com fome de quê?

– Alguma coisa simples...

– Mas é claro – respondeu solícita – tem um restaurante adorável com comida brasileira. O que acha? Assim mata as saudades de casa.

As emanções que partiam de Antonella iam em direção de Luigi, como a envolvê-lo em tentáculos de um polvo. Mas assim que se aproximaram dele, se diluíram, desfeitas pelas vibrações elevadas que ele emanava, causando desconforto imediato na jovem e atraente mulher.

Luigi, entretanto, seguindo as intuições que lhe chegavam, seguia extremamente atencioso e interessado no que ela dizia, como se estivesse completamente envolvido em suas teias energéticas.

Ela, por sua vez, ficava confusa. Não sentia que o tinha em suas mãos, mas ele se comportava como se estivesse. Todas essas percepções aconteciam muito rapidamente, como relances em olhares e sorrisos, tons de voz, e gestos, tudo registrado precisamente por ambos. Seguiram conversando em animada conversa, e ela, avançando cada vez mais em suas intenções, demonstrava-se doce e contida, buscando enredá-lo mais e mais em suas vibrações.

Chegaram ao simpático restaurante que tinha como cenário o Mar Morto. Almoçaram e conversaram por quase duas horas. Eram quase 17:30h, quando aguardavam o manobrista trazer o carro. Ela segurou o braço dele e falou, com voz ainda mais doce:

– Você já experimentou nadar no Mar Morto?

– Não tive tempo.

– Então vai ser perfeito. Há um *resort* aqui perto, com uma praia particular. Podemos mergulhar sem ninguém por perto.

Embora sentisse repulsa imensa, as palavras que brotaram em sua boca causaram estranhamento a ele, que falou sorrindo:

– Não trouxe roupas de banho...

– Eles têm toalhas à vontade no *resort*. E, para mergulhar, quem precisa de roupa de banho? O lugar é bem discreto... Você me entende...

Abraçando-a como se estivesse pronto a ser dominado, ele respondeu:

– Claro! Vamos, adoraria ter essa experiência.

Nadaram, beberam e conversaram. Ela avançava certa para o momento que o tivesse em suas mãos, sedutora, interessante e atraente, esforçava-se por demonstrar seus melhores aspectos. Quem pudesse ver o que os olhos da matéria não podiam, deparariam com uma forma monstruosa, meio mulher e meio animal, repleta de tentáculos energéticos partindo de sua coluna, na direção do seu alvo. Alguns chegavam a envolver Luigi, mas logo se dissolviam. A essência espiritual de Antonella condizia com suas reais intenções e comportamento, porém nada tinham a ver com sua aparência naquele momento. Seu objetivo era, através do ato sexual, estabelecer de vez sua ligação energética com Luigi, dominando-o magneticamente.

Ele, por seu lado, também simulava um interesse que não tinha. Repelia aquela mulher, mas compreendendo intuitivamente que havia muito mais acontecendo ali do que podia compreender, seguia as orientações de Melissa, agindo sob o influxo de seus pensamentos.

As luzes ao redor da orla do Mar Morto estavam todas acesas. Eram quase nove horas da noite, quando ela tomou a iniciativa para o último ato, convidando:

– Podemos tomar um banho bem relaxante agora, o que acha?

– Tem um quarto reservado?

– Sim, é claro. Sou uma mulher precavida.

– Eu adoraria passar a noite com você, Antonella.

Ela sorriu, enlaçando-o em longo e ardente beijo. Luigi não sabia o que fazer. Queria sair correndo dali, mas parecia que não comandava mais seus atos.

– *Não vou para a cama com essa mulher* – repetia ele mentalmente, como se conversasse com Melissa.

– *Não, você não vai. Mas terá de confiar em mim e seguir minhas orientações. Sairá livre da situação, sem se corromper em nada. Confie e siga. Está indo muito bem.* – Respondeu Melissa, focada e firme. Ele captou suas palavras e respirou fundo, como a tomar fôlego.

– O que foi isso? Suspirando? – Indagou Antonella, em visível desconforto, quase não conseguindo controlar a rispidez.

– Sim, por você, minha querida. Não acredito que esteja mesmo aqui. – Desta vez foi ele que avançou sobre ela e a beijou.

– Vamos, estou ansiosa... desejo você agora!

Luigi a seguiu, sentindo-se um prisioneiro condenado.

No quarto, ela serviu champanhe e beberam a garrafa toda. Então, ele sugeriu:

– Não quer tomar um banho e preparar-se para mim, Antonella?

– Venha comigo...

– Prefiro aguardá-la aqui. Conter o desejo para depois deixá-lo fluir será mais agradável.

– Pois bem. Volto logo.

Ela saiu e ele sentou-se na beira da cama pensando: e agora?

Olhou para os travesseiros bem arrumados e teve desejo irresistível de ir para debaixo das cobertas. Deitou-se, fechou os olhos e com a ajuda de Melissa, adormeceu profundamente.

Seu corpo espiritual despreendeu-se e Melissa o aguardava.

– Pronto, ela não vai conseguir acordá-lo, meu amigo.

– Mas... não vai suspeitar?

– Observe.

Antonella saiu do banheiro enrolada em uma toalha, falando palavras de desejo e sedução. Ao deparar com o jovem executivo dormindo, teve ímpeto de matá-lo.

– O que é isso? – Murmurou. Aproximou-se dele e chacoalhou-o de leve.

– Luigi, acorde. Acorde. Luigi, meu amor, acorde.

Depois, chacoalhou mais forte e mais forte, até convencer-se de que ele era mesmo fraco para bebidas. Na tentativa de embriagá-lo para melhor manejá-lo ele acabou dormindo.

– Acorde, Luigi, gritou ela, perdendo totalmente o controle. – Não é possível que seja tão idiota, tão fraco! Você é um Morelli de Luca!

– E agora? Como vou escapar dela, Melissa? Essa mulher não vai desistir tão fácil. – Indagou Luigi que, em espírito, observava seu próprio corpo deitado na cama.

– Não, não vai. Mas estamos atentos. Quando ela sair do quarto, você vai esperar um pouco, e depois vai sair também, vai voltar para a Galileia e terminar o que começou.

– Imbecil, idiota – gritava Antonella, andando de um lado a outro do quarto. – Como farei agora?

O celular dela tocou e ela atendeu. Era Francisco.

– E então? Como vão as coisas?

– Estava quase lá, Francisco, mas o paspalho do seu filho dormiu na hora H.

– Não é possível! Você chegou até esse ponto e o perdeu?

– Não perdi nada. Assim que ele acordar, amanhã cedo, ele não vai escapar, não terá como. Vou possuí-lo e dominá-lo por completo. Vai dar tudo certo.

– Espero que você faça a sua parte, minha cara, se deseja ter o controle da maior construtora do país.

Desligaram. Luigi remexeu-se na cama e ela, observando a sua presa à distância, murmurou:

– De amanhã você não me escapa.

Bem mais tarde, arrumou-se toda e saiu.

Pouco depois que ela saiu, Luigi despertou, vestiu-se em silêncio e saiu do quarto. Voltou para o seu hotel, banhou-se e trocou de roupa. Ainda em jejum, seguiu para a região da Galileia.

Com o vidro do passageiro aberto sentia suave brisa soprando em seu rosto, como se fosse a voz de Jesus que sussurrava: há dois mil anos que te espero.



Vinte e cinco

AO ATRAVESSAR O MAR DA GALILEIA, Luigi sentia o coração envolvido em doces vibrações, como se estivesse prestes a reencontrar alguém que amava profundamente e que há muito não via. Ele não sabia ao certo o que faria quando chegasse do outro lado. Mas seguia tranquilo, certo de que algo invisível o conduzia. E se entregava à experiência sem resistência.

Assim que desembarcou, andou devagar, apreciando o ar fresco da manhã, e o vazio do lugar, que ainda não tinha muitos turistas. Caminhou até as ruínas onde se acreditava ter sido da casa de Pedro, ficou ali, observando as pedras, e refletindo, quantos momentos de alegria e bênçãos intraduzíveis teriam acontecido enquanto Jesus esteve ali com os seus apóstolos e seus familiares. Quantas lições trazidas no íntimo daquele lar?

Depois, olhou ao redor, e viu uma placa turística que chamou sua atenção, sinalizando: Igreja da Multiplicação. Seguiu as placas e encontrou a igreja. Ele nunca tinha ouvido sobre a

multiplicação de pães e peixes, mas sentia como se soubesse tudo sobre o assunto. Entrou na igreja, visitou o lugar, mas não teve nada que o tocasse.

Então, afastou-se devagar, e viu ao longe um recanto extremamente acolhedor sob uma frondosa e antiga oliveira. Plantas rasteiras e pedregulhos, formavam um canto agradável no entorno da árvore, embora nada de especial oferecessem para um turista comum. Ele foi até lá. Sentou-se sob a árvore e recostou-se em seu tronco enorme. Fechou os olhos, respirou profundamente, e sentiu-se desprender do lugar onde estava, viajando mais uma vez no tempo e no espaço.

Ao abrir novamente os olhos, viu-se ali mesmo, sob a oliveira, mas o entorno era completamente diferente.

Enorme multidão se aglomerava ao redor de Jesus. As mães erguiam os filhos menores, para que pudessem ver o semblante do homem que curava os doentes, restaurava vidas destruídas pela dor e pelo ódio, alimentava o povo com comida e com palavras, e libertava almas atormentadas pela culpa e pela dúvida. Luigi notou logo que Jesus falava ao povo com profundo sentimento de amor e compaixão. Calmamente, ensinava as coisas espirituais, para aquelas mentes ainda tão pouco esclarecidas, mas alcançava seus corações, levando aquilo que mais necessitavam.

Aproximou-se mais e ouviu quando Jesus terminou o que ensinava e, virando-se para um de seus apóstolos, indagou:

– Está ficando tarde. O que daremos de comer a essas pessoas? Vejo que muitos têm fome.

– Rabi, nem que tivéssemos uma fortuna conseguiríamos alimentar a todos. – Comentou Judas.

– Vamos dispensá-los e que procurem comida onde estão habituados. Temos pouco dinheiro; não há como alimentá-los.

Jesus pousou em Judas seu olhar tranquilo e tocou seus ombros, sem dizer nada. Depois, virando-se para Tiago, falou:

– Sempre há recursos disponíveis. E podemos multiplicá-los, quando confiamos na Providência Divina. Nada há que Deus não possa fazer. Jamais digam que algo é impossível. O impossível não existe. Tudo é possível para aquele que crê, e sabe movimentar os recursos divinos com amor e para o bem de todos.

Aproveitando cada uma das oportunidades que tinha para ensinar, abriu, então, largo sorriso, como a convidar os seus seguidores mais próximos a que tivessem a atitude certa, diante de suas palavras.

Passados alguns momentos, em que aumentava aos poucos o burburinho das conversas das pessoas, que aguardavam atentas ao que Jesus faria em seguida, sem o menor interesse em sair dali, André, irmão de Pedro apareceu com um adolescente, e falou a Jesus.

– Mestre, encontramos esse rapaz. Ele tem consigo cinco pães e três peixes. Isso foi tudo o que conseguimos. O povo não tem nada.

Jesus sorriu novamente e falou:

– O povo tem tudo, André, mas eles ainda não sabem. Dê-me aqui o que encontraram.

Jesus, então, tomando a cesta larga e funda, que só tinha os pequenos recursos dentro dela, foi a um lugar um pouco mais alto e, colocando a cesta aos seus pés, elevou a voz em uma prece.

– Pai nosso que estais nos céus, conheces todas as nossas necessidades, muito antes de as reconhecermos e manifestarmos. Tudo o que existe é teu. Tudo o que temos te pertence, Senhor da vida, dos céus e da Terra.

Fez uma pausa, e prosseguiu, visivelmente emotivo e envolvido em intensa energia. Luigi podia notar a luz ao redor do corpo denso de Jesus, e sua aura que era enorme, gigantesca, e não se podia alcançar os limites, abarcando nela todas aquelas pessoas presentes, e muitas mais.

– Agradecemos por suprir todas as nossas necessidades. Agradecemos por ter nos dado a vida, pela centelha que emitiste, que vive dentro de cada um de nós. És a vida em nós. Agradecemos o alimento material que chega até nós nesse momento, vindo de suas mãos. Porque tu, Senhor, és o nosso suprimento. És tudo aquilo de que necessitamos. O começo e o fim. O alfa e o ômega. Toda a alegria e a paz. Toda a beleza e serenidade. Agradecemos por sustentar a nossa vida, de cada um de nós, e cuidar de tudo aquilo de que necessitamos. Amém.

Quando Jesus terminou sua prece, Pedro aproximou-se dele e falou:

– Rabi, um pescador da Galileia, a quem o senhor salvou a vida da esposa, trouxe grande quantidade de peixes, com imensa gratidão. Achou que o senhor precisaria. E trouxe também pães, que a esposa produziu, sem saber por que, por dois dias seguidos.

Jesus sorriu e falou:

– Leve a cesta e traga tudo o que puderem. Vamos alimentar o povo.

A cesta voltou cheia de alimento e os apóstolos e vários discípulos começaram a distribuir às pessoas. Ao longe, o pescador fitava Jesus, que ao vê-lo balançou a cabeça, em gratidão. O homem não conseguia conter as lágrimas que lhe desciam pela face em profusão. Sua alegria era contagiosa. Ele queria retribuir mais e mais a tudo o que Jesus fizera por si e pelas pessoas de sua vila. E a comida não parava de ser servida e multiplicava-se em abundância.

O sol se punha no horizonte, tingindo o céu de tonalidades alaranjadas e lilases. As nuvens eram escassas, e aqueles que ali estavam puderam apreciar mais um entardecer monumental sob os céus da Palestina. Ao final, foram alimentados mais de cinco mil homens, seis mil mulheres e duas mil crianças.

Enquanto ainda comiam, Jesus se afastou e foi para o alto de uma montanha. Depois de saciados, muitos que ali estavam acomodaram-se para descansar e comentavam com grande alegria, que Jesus era a melhor coisa que acontecera aos judeus, e que o seguiriam e fariam tudo o que ele quisesse. Ouvindo isso, vários seguidores de Jesus, comentavam entre si, incluindo Judas e Simão:

– O povo está pronto para aclamá-lo rei. É hora de falar com Jesus. Você, Judas, e Simão, que são mais próximos dele, precisam falar com ele. Está na hora. Depois desse verdadeiro milagre que aconteceu aqui hoje, o povo está pronto para segui-lo. Vão fazer o que ele quiser. Ele deve assumir que é da linhagem de Davi, e reivindicar seu trono, devolvendo o prestígio e a dignidade ao nosso povo. Precisam falar com ele, Simão. Ele os escuta.

– Ele se importa demais com as pessoas e suas necessidades, mas não demonstra nenhum interesse por política ou pelas questões que envolvem o domínio romano. Já tentei falar com ele várias vezes – assegurou Simão – mas ele não se interessa. Sempre desvia o assunto para alguma coisa prática e, impreterivelmente, no âmbito religioso.

– Mas ele é o libertador que tanto esperávamos.

– Não tenho tanta certeza – ponderou Judas.

– Mas ele tem todo o potencial para ser – afirmou Absalão, sem esperar outro comentário, e prosseguiu – faremos dele o rei dos Judeus, mesmo que ele não queira. Estão comigo?

Judas e Simão concordaram e ele disse:

– Ótimo. Sinto que se aproxima o tempo em que derrotaremos finalmente Cesar e seus governadores e os expulsaremos de nossas terras, de nossas casas, de nossas vidas. Se tiver que ser vertido algum sangue, que seja! Retomaremos os nossos direitos, que nos foram tirados, e expulsaremos os verdugos de nossa amada Jerusalém. E Jesus nos ajudará! Ele inspirará e liderará nosso povo, para que entreguem a vida, se for necessário, para libertar nosso país da escravidão.

Luigi acompanhava a discussão, observando a empolgação de Simão, à medida que falava. Depois, ergueu a cabeça e avistou Jesus, longe, sozinho no monte bem distante. E deixando o grupo, que seguia animado, fazendo planos, foi até onde Jesus estava. O silêncio no alto da montanha era quebrado pelo barulho suave do vento soprando no mar da Galileia, que formava pequenas ondas bem abaixo de onde Jesus estava. O céu estava repleto de estrelas que brilhavam intensamente. Em

torno de Jesus, a luz havia se intensificado, e dele emanavam raios azulados e rosados, em profusão.

Brilhava como se fosse uma luz na escuridão. E Luigi o escutou, em prece:

– Obrigado, meu pai, por honrar-me mais uma vez, trazendo tudo aquilo de que necessitávamos. Ajuda-me, Senhor da vida, a alimentar as almas ressequidas de meus irmãos, que ignoram completamente quem são e o poder que trazem em si. Ajuda a despertá-los do torpor em que se encontram, da ignorância que os deixa adoecer e morrer, sem conhecer as verdades eternas. Ajuda-os, acima de tudo, a compreender os ensinamentos, que são vida e luz. E a aceitá-los em suas almas, para que entendam as verdades espirituais de que sou portador, e se libertem do domínio das trevas, que deles se apoderaram; pensam que são escravos apenas de Roma, quando de fato, são escravos de suas próprias crenças, limitadas e acanhadas.

Eu vim para que eles tenham vida, e a tenham em abundância. Ajuda, Pai, para que consigam entender e possam ser verdadeiramente livres. Sei que não me compreendem, porque enxergam somente as coisas materiais, sem alcançar a realidade enorme que os cerca, mas que não podem ver com os olhos do corpo e tocar com os sentidos da carne. Abra os seus olhos, Pai, evitando mais encarnações dolorosas e quase sem proveito para o ser espiritual, que eles realmente são.

Jesus ergueu os olhos aos céus, e a sua luz se intensificou ainda mais:

– Eu te amo, meu Pai, e desejo manifestar o teu esplendor aos meus irmãos, para que possam crer que tu me enviaste, que tu te importas com eles, com cada um deles, com suas dores e sentimentos, com suas fraquezas e dificuldades. Que tu não os

julgas ou condenas, mas que os ama intensamente, e quer que eles sejam felizes. Sei que estou aqui para ensiná-los a relacionar-se com o invisível, com o Pai que trazem dentro de si. Para que se apercebam da presença divina dentro de cada um e vivam em estreito contato com sua essência espiritual. Sou grato, meu Pai, pela oportunidade que me dás, e por confiar a mim uma tarefa de tanto amor.

Ao findar a prece, Jesus fitou os olhos nos de Luigi, que sentiu seu corpo tremer inteiro. Jesus o estaria vendo? Como poderia fitá-lo, milênios antes? E ouviu em sua mente a resposta de Jesus:

– Ainda espero que desperte, Simão, e atenda ao meu chamado. Sei que me escuta. Eu te amo, querido amigo, e preciso de você. A Terra, em convulsão, se contorcendo de dor, precisa de você. Ainda te espero.

Os olhos de Luigi se encheram de lágrimas. Ele sabia que Jesus falava com ele. E ali, no alto do monte, enquanto via a imagem de Jesus, dois mil anos antes, ele balbuciou:

– Aqui estou, Senhor, para seguir a sua vontade, e não mais a minha. Não encontrei a paz nem a felicidade em lugar algum. Eu quero aprender com você, Jesus, o verdadeiro caminho da libertação.



Vinte e seis

LUIGI SEGUIA, acomodado à sombra da grande árvore, sua viagem espiritual pelo passado. Viu-se, então, em um ambiente escuro, uma sala de jantar. Vários seguidores de Jesus, rostos conhecidos por ele, estavam reunidos em conversa tensa. Entre eles, Judas e Simão. O jovem executivo escutava os diálogos, entre surpreso e entristecido:

– Temos de tomar uma providência, Simão. Você ficou de conversar com Jesus, trazê-lo aqui para uma reunião. E nada até agora. Devemos convencê-lo a assumir seu papel e enfrentar os romanos. Seremos milhares a apoiá-lo.

– Já tentei falar com ele.

– Mas não conseguiu convencê-lo! O que há de errado? Por que não consegue que ele venha até minha casa, para cear conosco? Se você é incapaz de obter dele o que desejamos, saia do caminho para que nós o façamos.

Simão baixou a cabeça, depois tornou a erguê-la, falando, irritado:

– Pensam que são melhores do que eu? Mais capazes? – Deu uma gargalhada forçada – Pois que tentem! Já falei várias vezes com ele. Jesus parece não ter interesse algum em falar sobre a situação do povo nas mãos dos romanos. Essa questão, da libertação, ele fala muito, mas não toma providência alguma. Estou já cansado de ver o povo em volta dele, com fome, sede, doentes e desprovidos de tudo. Homens que foram destruídos pelos poderosos romanos. Famílias que foram oprimidas pelos impostos abusivos. Ele também vê. Fala ao povo, mas não parece ter qualquer intenção de agir para libertá-los.

Simão encostou-se na cadeira e falou, frustrado:

– Tenho minhas dúvidas se é ele mesmo o enviado que vai libertar o nosso povo...

Absalão, o líder dos Zelotes, caminhou até o discípulo de Jesus, pousou sobre os ombros deles suas mãos fortes e falou, apertando seus ombros:

– Isso já não nos importa, Simão. Se ele for o enviado, muito bem. Se não for, nós o forçaremos a assumir esse papel. Chega de nos ajoelharmos diante dos poderosos de Roma! Chega de sermos oprimidos por suas leis pagãs. Chega! Temos de agir. E Jesus é o nosso melhor trunfo nesse momento. Ele tem o carinho e a devoção do povo. Ele irrita os sacerdotes, nossos conterrâneos, que estão de mãos dadas com os interesses romanos. Mas o povo o seguirá e nós, meu amigo, estaremos prontos para enfrentar o poderio dos romanos.

Simão fitou o seu interlocutor, que permanecia de pé, por sobre os ombros, e disse:

– Você acha que poderá fazer frente à força bélica dos soldados romanos? Somente um milagre poderá nos fazer vencê-los.

– E Jesus é esse milagre. Ele já não fez tantas maravilhas entre o povo? Ouvi dizer que transformou água em vinho. É verdade?

– Sim, eu mesmo bebi do vinho.

– E fez cegos enxergarem, coxos andarem, endemoniados serem curados, bem como leprosos e tantos outros. Ele fez isso?

– Sim...

– Pois, então, meu amigo! Ele tem algo de especial, capaz de vencer os romanos.

– Mas não se interessa. Ele está obstinado em ensinar o tal reino dos céus...

Afastando-se de Simão e tomando seu lugar na ponta da mesa, Absalão fitou o grupo em silêncio por alguns instantes, depois disse:

– Meus amigos, se ele não assumir um lado nessa história, e não nos ajudar, que seja entregue aos romanos e aos sacerdotes.

– O que está falando? – Indagou Simão.

– Vamos forçá-lo a se posicionar, entregando-o às autoridades da Judeia. E ele haverá de se defender, e fazer o que precisa ser feito.

– Não sei, meu amigo, – interveio Judas – ele não parece ser um homem que se deixa intimidar.

– Pois é isso mesmo que estou falando. Ele será obrigado a agir.

Simão encheu mais um copo de vinho, tomou-o e depois disse:

– Não estou convencido de que obteremos o que desejamos. Jesus não está ao nosso alcance...

– Afinal, Simão, de que lado você está?

Simão depositou o copo sobre a mesa, ergueu-se devagar e caminhou em direção à porta. Antes de abri-la, disse:

– Quero a libertação do meu povo. Minha família perdeu tudo o que tinha por causa da ocupação romana. Entretanto, Jesus é um mistério para mim. Tento entender o que ele ensina, mas não consigo; não entendo aonde ele quer chegar com suas lições de paz, amor e mansidão. Não compreendo como podemos viver em um mundo como esse, cheio de violência, agressividade e raiva, falando palavras macias. Talvez seja realmente bom o entregarmos aos sacerdotes e aos romanos, para que ele mostre como lida com a brutalidade dos homens de nosso tempo...

Fechou a porta atrás de si e saiu, perambulando pelas ruas. Naquela noite, havia muitos soldados romanos por todos os lados. E ele esgueirou-se pelas ruelas escuras, evitando encontrar-se cara a cara com os romanos que ele odiava.

Na casa de Absalão, a reunião prosseguiu um pouco mais. Assim que Simão saiu, Judas disse:

– Estou com vocês. Faço o que for preciso, é só me dizerem.

– Ótimo, Judas, confiamos em você. Fale com Simão e veja se o convence a nos ajudar de forma mais consistente. Ele parece dúbio, às vezes.

– Não acho que seja isso... – fez uma breve pausa, buscando as palavras certas – É que quando estamos com Jesus, somos envolvidos em um sentimento tão suave, tão bom, que podemos esquecer-nos de tudo o mais. Mas quando ele se afasta, a luz se apaga, e voltamos aos nossos problemas. Isso confunde.

– Faça como quiser, Judas. Mas temos de ter a ajuda de Jesus, seja por livre vontade, ou por forçoso convencimento. Ajam para que seja por livre vontade!



Nas semanas que se seguiram, as viagens com Jesus deixaram Judas e Simão longe do contato com o chefe dos Zelotes. E eles presenciaram mais milagres e maravilhas feitas pelo Mestre, que os ensinava carinhoso e paciente, as verdades espirituais, da melhor maneira que podia. Suas histórias faziam com que aqueles homens simples e habituados a pensar de forma tão materializada, refletissem sobre as questões sutis do espírito. Muitas vezes lhes explicava as parábolas quando estavam a sós, buscando abrir-lhes o entendimento para que compreendessem as verdades do reino de Deus, sutil, invisível. Aqueles que eram menos apegados aos seus interesses, sentiam a luz brilhar em seu coração, e aos poucos, iam mudando, trocando suas crenças inúteis, por aqueles conhecimentos trazidos pelo homem de Nazaré.

Chegando a Betânia seis dias antes da celebração da Páscoa judaica e hospedando-se na casa de Lázaro, que ele havia resgatado da morte dias antes¹⁰ Jesus informou ao seu grupo:

– Preparem-se. Vamos à Jerusalém, antes celebração da Páscoa.

– Comemoraremos lá a Páscoa, senhor?

– Não, Simão, mas é necessário que o Filho do Homem seja glorificado diante de todos.

Judas e Simão se entreolharam. Seria possível que finalmente Jesus assumiria seu lugar como príncipe dos judeus, para libertá-los?

– Vou dar-lhes orientações específicas, de como se dará essa nossa visita. Partiremos ao amanhecer.

Jesus lhes falou e saiu para um lugar isolado, colocando-se em estado de meditação. Os apóstolos o observavam à distância e João comentou:

– Por que será que Jesus se mantém tanto tempo em isolamento?

– O Mestre precisa pensar. Você ainda é jovem e não entende bem essas coisas. Ele precisa pensar o que vai fazer, planejar suas próximas ações.

Maria Madalena, que passava por ali e escutou a conversa, interferiu, dizendo:

– Não creio que seja isso.

Pedro e João a fitaram, o mais velho, reprovando sua intromissão. Ela o ignorou e prosseguiu dando sua opinião sensível:

– Acho que Jesus se afasta para buscar contato com Deus. Para falar com Deus e para escutá-lo. E acho que ele só faz alguma coisa, quando recebe orientação para isso. É isso que ele está nos ensinando, Pedro. Esse contato com Jeová. É dessa fonte suprema que ele retira a sabedoria para

agir, e a força para ajudar e curar tantos que o procuram. Por isso seu recolhimento constante.

– Acha, então que ele não sabe o que fazer? Que não é capaz de tomar decisões?

– Acho que ele sabe, mas busca confirmar seus passos, ouvindo a voz de Deus, para ter certeza de que está agindo de acordo com a vontade divina. Ele não faz o que quer, mas o que recebe orientação a fazer. É o mensageiro divino, nos ensinando o caminho para o Pai.

– Não compreendo o que está dizendo, Maria. Aliás, as mulheres, por aqui, ficam caladas. Você fala demais! – ralhou Pedro e se afastou. João olhou-a com ternura e disse:

– Você é a que mais compreende o Mestre... Como faz isso?

– Eu o amo, João. E você também o ama. Essa é a chave para compreendê-lo.

Depois disso, Jesus prosseguiu para Jerusalém, caminhando à frente dos discípulos. Quando estavam próximos ao Monte das Oliveiras, enviou dois dos discípulos à frente para que lhe trouxessem um jumento, explicando-lhes em detalhes como deveriam proceder. Logo, seguindo suas instruções, retornaram com o jumento e o entregaram a Jesus. Puseram os mantos sobre o lombo do animal e ele montou e seguiu para os portões da cidade de Jerusalém.

Conforme ele passava, as pessoas estendiam os seus mantos no caminho. Ao chegarem à descida para o Monte das Oliveiras, todo o cortejo de discípulos louvava a Deus com alegria por todos os milagres que viam, e exclamavam:

– “Bendito seja o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu! Glória nas alturas!”

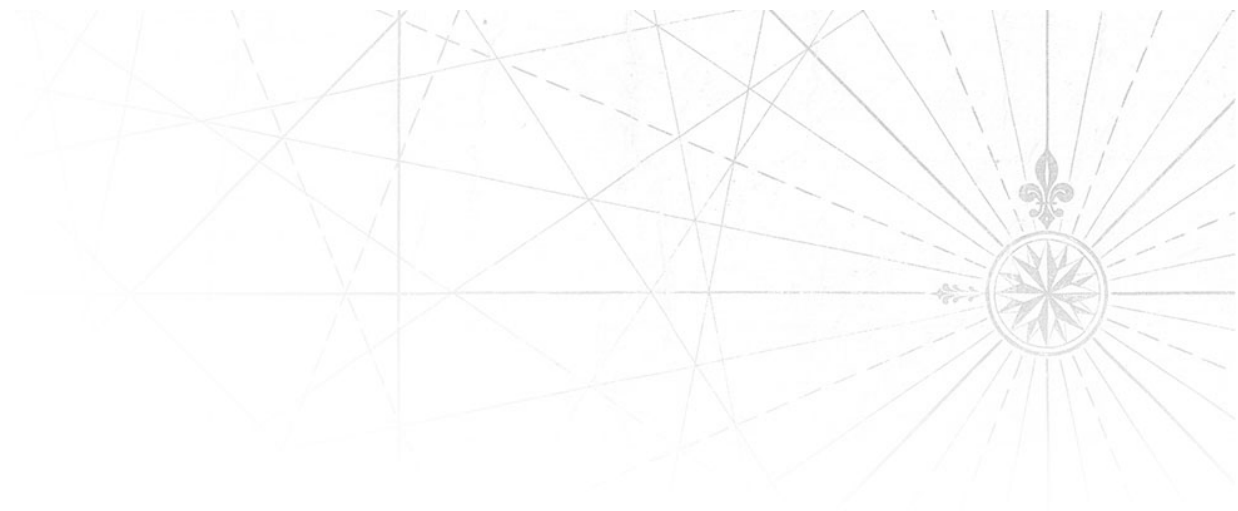
Já mais perto de Jerusalém, quando viu a cidade à sua frente e avistou o templo de Salomão, Jesus emocionou-se muito e falou, dirigindo-se à cidade, como se falasse com uma pessoa:

– “Ah, Jerusalém, se compreendesse, ao menos hoje, o que poderia te trazer a paz que tanto desejas! Mas ainda não consegues entender. E por causa disso, os teus inimigos farão um plano para te conquistar, cercando-te e atacando-te. Serás esmagada até ao chão juntamente com os teus filhos dentro de ti. Os teus inimigos não deixarão pedra sobre pedra, pois rejeitaste a oportunidade que Deus te ofereceu.”

E então, cercado de grande multidão, Jesus adentrou os portões da cidade, montado em um jumento, e aclamado pelo povo que o seguia, como o seu Mestre e senhor.

As pessoas colocavam galhos de plantas no chão, em sinal de reconhecimento e honra; Jesus era aquele que os via, os enxergava e os ajudava. Eles desejavam que Jesus os libertasse das dores e sofrimentos. E Jesus os observava, enquanto passava, com doce olhar e intensa ternura. Olhava bem dentro de seus olhos tristes, desejando que despertassem para a vida triunfante que ele havia lhes mostrado, mas da qual eles ainda não conseguiam se apropriar, seguindo como mendigos e deserdados, quando eram reis do ponto de vista espiritual.

10 A ressurreição de Lázaro é um dos milagres de Jesus, relatado em João 11:1-46, no qual Jesus traz Lázaro de Betânia de volta à vida depois de quatro dias de sepultamento.



Vinte e sete

SEGUIDO POR GRANDE MULTIDÃO, Jesus se dirigiu ao templo, e observou o comércio que haviam feito em seu entorno. Por conhecer a alma e as intenções de cada um, viu que não havia naqueles homens outro interesse ou desejo, que não tirar vantagens da comemoração da Páscoa. Pouco se lembravam de que aquela era uma data muito especial para os judeus, pois os lembrava da libertação que seus antepassados tinham obtido, quando ainda eram escravos no Egito.¹¹ Era o momento de recordarem o que Deus significava para eles. Mas, ao invés disso, haviam se esquecido de tudo o que era espiritual, como se fossem estórias sem importância. O significado da Páscoa era o que importava ao Mestre naquele momento, pois sabia que o povo faria o mesmo com seus ensinamentos: tomariam como se fossem estórias bonitas, nada tendo a ver com suas vidas e ações cotidianas.

Depois de expulsar muitos dos comerciantes, e incomodar os fariseus e sacerdotes, que o espreitavam à distância, era atentamente observado em cada passo, e

reconheciam a admiração e respeito que ele tinha por parte do povo, e de muitos escribas e autoridades romanas, que o seguiam, demonstrando grande interesse em seus ensinamentos.

Simão, Judas e os demais discípulos de Jesus estavam empolgados. Envolvidos na euforia que o povo demonstrava por ele, pensavam que finalmente o Mestre seria reconhecido e aclamado como seu rei. Simão virou-se para Judas e comentou:

– Até que enfim, Judas, o Mestre irá assumir seu lugar, e conduzir-nos à vitória sobre Roma. Onde está Absalão? Ele precisa estar pronto. Creio que não demorará para que o povo o aclame e ele assuma seu reinado.

– Nosso grupo está pronto. Eles estão nos acompanhando há dias, à distância, esperando o momento oportuno. Estão devidamente armados e prontos a receber o nosso sinal para juntar-se ao Mestre e marchar para o trono e depois sobre os verdugos romanos.

Simão se inflamava ao falar, levantava sua voz, tinha o rosto e o peito avermelhados pelo calor das emoções. Finalmente, pensava ele, o momento do triunfo havia chegado. Ele, que estivera frustrado nos últimos dias, desconfiando que Jesus os desapontaria, estava agora, eufórico. Igualmente Judas.

– Pedro, temos de nos preparar – falou Simão, segurando o braço de Pedro, que passava por eles andando depressa.

– Temos de ir embora – falou Pedro, ríspido.

– Como assim, ir embora? Jesus está prestes a ser coroado! Nosso libertador finalmente assumirá seu posto.

– Ele quer ir embora, Simão. – Pedro também estava visivelmente frustrado e contrariado.

– Ir embora, logo agora? Olhe para a cara dos sacerdotes. Estão atônitos com a força de Jesus. É hora de agirmos!

– Jesus disse que eles desejam prendê-lo.

Segurando forte a túnica de Pedro, o zelote prosseguiu:

– Nosso grupo está pronto para proteger e apoiar Jesus, estão por perto. E estão todos armados.

– Jesus deu ordens expressas para irmos embora agora. Ele disse que está tarde e devemos voltar a Betânia.

Segurando a cabeça com as duas mãos, Simão falou, em desespero:

– Não é possível, isso não está acontecendo!

Pedro se desvencilhou das mãos de Simão e seguiu adiante. Antes que Simão pudesse fazer qualquer coisa, Jesus se aproximou. Maria Madalena vinha logo a frente e fitou Simão sem dizer nada. Em seguida Jesus os alcançou:

– Vamos, Simão. Temos de nos preparar para a Páscoa.

– Mas Mestre...

– Simão, Simão, tenho estado com vocês de dia e de noite, e ainda não compreenderam a natureza da minha missão? Liberte-se de suas expectativas, e conseguirá enxergar o que não está vendo ainda.

– Mas Mestre, o povo ama o senhor...

– Eu vim para fazer a vontade de Deus, e não a minha, nem a sua, Simão. Há muitos interesses em jogo nesse momento, e o único que me interessa atender é o do divino.

Simão ia falar novamente, mas Judas o advertiu:

– Deixe o Mestre, Simão. Ele quer se retirar.

E Jesus prosseguiu seu caminho, rumo a Betânia, deixando Simão, Judas e muitos outros discípulos

profundamente desapontados e inconformados. Ficaram por ali, perambulando, perdidos, sem saber o que fazer.

Um mensageiro de Absalão se aproximou de Judas, indagando:

– O que houve? Onde está Jesus? Por que o povo está se dispersando?

– Jesus foi embora.

– Não acredito que ele perdeu esse momento perfeito para tomar a situação nas mãos e cumprir seu destino! Quando haverá outro momento como esse?

– Eu não sei...

– Os sacerdotes estão convocando uma reunião; ouvi que desejam prendê-lo. Eles o odeiam... Querem matá-lo, Simão! Precisamos fazer alguma coisa...

Judas ficou com olhar perdido por longo tempo, assim como Simão. Então, o zelote comentou:

– Precisaríamos de alguma coisa que fizesse Jesus tomar uma posição, tomar uma atitude! Ele é manso demais, simples demais. Deve ser por isso que não age... Poderíamos fazer alguma coisa que precipitasse sua ação.

– Fale para Absalão continuar a postos e não ir embora. Vou mandando notícias. Assim que souber o que Jesus vai fazer, eu aviso. Tive uma ideia. É bem radical, mas acho que, com todo o poder que Jesus tem, nada de mal lhe acontecerá.

– O que vai fazer, Judas? – Indagou Simão.

– Seguir o seu conselho e estimular Jesus a agir. Vou entregar Jesus aos sacerdotes.

– Não, Judas, eles querem matá-lo.

– Quantas vezes já vimos isso acontecer, Simão? Há muito tempo estão atrás dele para prendê-lo. Mas ele sempre se livra. Vamos entregá-lo e ele haverá de finalmente se rebelar contra esse bando de parasitas religiosos que fazem tudo o que os governantes romanos mandam. Jesus vai se libertar deles, Simão. Ele é poderoso. Você sabe tudo o que ele já fez. Até da morte já trouxe muitos de volta.

– Será que isso é o melhor?

– Ele não nos escuta. Já pedimos que ele fale com Absalão, mas ele ignora nosso pedido. Do mesmo jeito que parece ignorar as oportunidades que tem de assumir o seu reinado. Vamos agir agora e fazê-lo Rei dos Judeus.

– Não tenho certeza, Judas...

– Mas eu tenho. – E virando-se para o mensageiro, reforçou a orientação – Informe Absalão para ficar de sobreaviso. Mandarei notícias.

Sem discutir, o jovem saiu por entre o povo, deixando Simão pensativo e dividido. Não se sentia bem em agir pelas costas de Jesus. Mas, ao mesmo tempo, sentia uma frustração imensa, que parecia querer devorá-lo, um ressentimento que brotava em sua alma, por Jesus não ter agido conforme ele imaginara, conforme seus desejos e vontades.

Judas buscou contato com os sacerdotes, enquanto Simão retornou, macambúzio, para Betânia.

Observando cada fato que sucedia e suas emoções, Luigi não se conformava com o que estava acontecendo. Como podia ter sido tão cego? Que ideia era aquela, de obrigar o Mestre dos Mestres a agir conforme a vontade de homens tão limitados? Por que não impedira Judas? E foi tomado de imensa angústia.

11 A Páscoa judaica, conhecida pelos judeus como Pessach, significa “passagem” e relembra a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito há cerca de 3500 anos. Foi celebrada pela primeira vez pouco antes dos hebreus serem libertados; é uma de suas mais importantes festas religiosas, sendo comemorada até os dias de hoje.



Vinte e oito

NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM, Jesus se preparou para a sua última celebração junto com seus apóstolos. A hora de sua partida estava chegando e ele bem o sabia. Enquanto preparava-se para o momento em que seria entregue nas mãos da cruel, ignorante e egoísta humanidade, Jesus trabalhava sem cessar junto aos ainda rudes, mas amados homens que escolhera para disseminar seus ensinamentos, ciente de que eram ainda muito limitados em sua compreensão, e por isso, muitos de seus ensinamentos puros, verdadeiros e reveladores na realidade do Universo e da supremacia soberana de um Deus bom e amoroso, que a tudo comanda com sua vontade perfeita e sábia, haveriam de se perder ao longo dos milênios, enquanto ele seguiria amando e convidando aquela mesma humanidade a segui-lo, submetendo-se à vontade divina, assim como ele faria naquele momento extremo.

A cada um de seus apóstolos, o sábio Mestre dirigia palavras e orientações conforme suas necessidades e capacidade de aproveitamento. Alguns estavam já mais

preparados a deixarem as ilusões e seguir a verdade. Outros, como Judas e Simão, ainda precisariam de muito tempo até que compreendessem o sentido profundo e libertador dos seus ensinamentos, aceitando-os sem reservas, e fazendo desses ensinamentos o conjunto de crenças que os nortearia.

O Mestre sabia perfeitamente a força das crenças e como elas modelam os seres humanos, e quanto precisam escolher bem aquelas crenças que irão abraçar. Essas mesmas crenças, que são a raiz de todos os pensamentos e emoções, portanto, vibrações que emanam do indivíduo, criando o seu destino, pelo que atraem para si. Tudo no universo é vibração. Assim como tudo é sintonia, e se liga ao comprimento de ondas a que se assemelha. Embora ainda não pudesse tocar nessas questões, limitando-se a exemplificar mais do que a falar, Jesus deixava as suas parábolas, onde encapsulou a essência de seus ensinamentos.

Totalmente ciente dos planos de Judas e Simão, bem como de Absalão, ele falava com ambos, buscando dissuadi-los de suas intenções e planos.

Na manhã daquela que seria a última ceia que compartilharia no corpo denso com seus apóstolos, ele levantou-se muito cedo. Estava hospedado na casa de Lázaro, usufruindo da hospitalidade daqueles amigos queridos ao seu coração. Maria, que havia se levantado muito cedo e preparava os pães ázimos,¹² que seriam usados durante a ceia, ouviu quando Jesus se aproximou.

– O que está fazendo, Maria? Sinto que prepara a nossa comida com tanto desvelo. – Ele comentou pousando sobre os ombros dela suas mãos.

Maria sorriu ao carinhoso toque dele. Não respondeu, apenas fitou seus olhos nos dele, absorvendo todo o amor que dele emanava.

– Como pode nos amar tanto, Jesus?

– Como não amar, Maria? Vocês são como crianças muito pequeninas, perdidas em uma trevosa floresta, cheia de perigos ocultos, e predadores sedentos em causar dor e sofrimento aos seus irmãos.

– São como monstros devoradores...

Jesus acariciou a cabeça da amiga querida, observando a beleza de seus longos cabelos castanho-escuros, que desciam sobre os ombros até quase a cintura, e falou com ternura:

– Agem como monstros, Maria, mas de fato não são. Não há monstros, apenas criaturas feridas que reagem a sua dor, causando ainda mais dor e sofrimento para si mesmas. Serão necessários muitos milênios, minha querida amiga, até que muitos se libertem de tais grilhões.

Mantendo nele seus olhos amorosos, Maria falou:

– Não compreendo, Mestre.

– O amor, Maria, este é o único que pode salvar, resgatar, e reconstruir a alma humana. É o único remédio, a única solução possível. Mas por ser tão simples, o orgulho e o egoísmo humanos não o podem compreender, por ora.

– Senhor, deveria banir para muito longe aqueles que nos trazem o mal.

– O mal será vencido individualmente, Maria, quando cada um compreender que o príncipe das sombras, que domina este planeta, tem o poder que damos a ele. Esse poder que o

mal exerce cresce à medida que as pessoas lhe abrem espaço.

Jesus fez uma longa pausa, depois disse:

– Preciso orar agora. A vitória da luz está próxima. Mas devo partir antes, deixar a semente plantada, que germinará ao longo dos milênios, despertando aqueles que estão prontos a deixar as ilusões e mentiras do príncipe deste mundo, e permitir que a luz divina brilhe em seus corações.

Ela silenciou e continuou sorrindo enquanto Jesus saía. Seu coração sentia uma ventura intraduzível, desde que conheceu o Nazareno. Esforçava-se para compreender seus ensinamentos, mas os achava difíceis. No entanto, aceitava o amor do Mestre de coração aberto, e por essa poderosa energia era beneficiada nas fibras mais profundas de seu ser. Quando Jesus se hospedava em sua casa, percebia que era visitada por muitos pássaros raros, que ficavam ao redor de sua morada. Jesus iluminava o seu lar, a sua vida com sua simples presença. Ela não questionava. Apenas guardava todos aqueles ensinamentos em seu coração e nutria por ele a mais profunda e sincera devoção. Sentia que, se preciso fosse, morreria por ele. Foi por isso que dias antes, decidiu derramar o mais caro perfume, sobre os pés e cabelos de Jesus. Ela queria honrá-lo, e não sabia mais como o fazer. E ficou feliz quando Jesus aceitou seu gesto sem repreendê-la. Como ela o amava!

Luigi, sentindo a devoção que aquela mulher dedicava ao Mestre, emocionou-se e tinha dificuldade em conter-se. Sentia-se tocado por Jesus.

Caminhando devagar, sob as estrelas que cobriam o firmamento naquela madrugada fria, Jesus encontrou Simão.

– Já de pé, amigo? – Indagou o Mestre ao alcançá-lo.

– Não pude dormir. – Respondeu Simão e abaixou a cabeça, evitando olhar nos olhos de Jesus.

– Seja prudente, Simão. Simples como uma criança, mas sábio. Muitos ignoram a origem de seus impulsos mais íntimos. E assim ainda será por muitos séculos, até que os homens aprendam a se conhecer, compreender sua verdadeira natureza, e se libertem das pesadas amarras que são colocadas em seu ser interior, aquele que é invisível.

Simão fitava Jesus com atenção tentando compreender suas palavras, mas não conseguia. Era como se Jesus falasse coisas sem sentido para ele. E Jesus prosseguiu:

– Como ainda não podem controlar esses impulsos, precisam ser prudentes. De toda ação resulta uma consequência, Simão. O livre-arbítrio humano é relativo e está submetido às necessidades gerais de aprimoramento das almas humanas. Por isso, meu amigo, o amor é sempre nosso melhor termômetro para medir se nossas ações estão no bom caminho ou não. Baseie suas decisões por ele, Simão, e encontrará liberdade e alegria em sua jornada. Não se deixe dominar pelas forças exteriores do seu século. Liberte a sua consciência, Simão. Ainda que não compreenda hoje, meu amigo, você um dia compreenderá. Espero por você, pelo momento em que se juntará a mim para o resgate da humanidade.

– Mas como iremos nos libertar de tanta opressão que nos corrói a alma? Como iremos lidar com tanta injustiça, com a dor do povo sem teto e com fome? A maldade que se espalha como doença entre os povos? O que fazer? Aceitar tudo

passivamente? Como é possível viver e ter paz com o crescimento das sombras?

– Crie um lugar de paz dentro de você, Simão. Em sua alma. Deixe que Deus viva dentro dele. Leve o reino de Deus para dentro de você. É assim que nasce o céu na Terra. E é assim que a libertação chegará a cada criatura. A libertação não é exterior, Simão. Ela acontece primeiro dentro da alma que se rende ao Criador. Deus, não pode agir com violência, apenas com amor. E Ele dominará a Terra, quando os homens resolverem dar mais ouvidos à luz do que às trevas; quando escolherem a luz, o amor, a alegria, a paz e a harmonia. Quando não mais permitirem que a raiva e a dor os dominem. É assim que as sombras agem. O medo, os sentimentos negativos, a tristeza, todas essas emoções, são como ervas daninhas a se espalhar e dominar a alma humana. A iluminação é individual e atingirá um a um, à medida que cada ser for despertando, e agindo conforme os ensinamentos de meu Pai, conforme a Verdade, conforme o amor, independente das circunstâncias, porque o príncipe das trevas e das sombras só tem o poder que cada um dá a ele. Então vocês compreenderão o sentido das palavras do salmo 91.¹³

Jesus fez uma pausa enquanto Simão repetia mentalmente o salmo citado por Jesus.

“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará.

Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei.

Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste
perniciosa.

Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te
confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel.

Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia,
Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que
assola ao meio-dia.

Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti.

Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa
dos ímpios.

Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua
habitação.

Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.

Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te
guardarem em todos os teus caminhos.

Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o
teu pé em pedra.

Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a
serpente.

Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei;
pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome.

Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na
angústia; dela o retirarei, e o glorificarei.

Fartá-lo-ei com longura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.”

Depois o Mestre prosseguiu:

– Não tenha medo do que está por vir. Não tema o futuro. Encha o seu coração com a presença divina e aja conforme as Suas orientações. Então caminhará sobre as serpentes mais venenosas sem se ferir.

Com o olhar perdido e o peito cheio de angústia, Simão não conseguiu dizer nada. Sabia que Jesus conhecia muitas coisas e não pôde responder. Ele deveria saber igualmente o que planejavam. O Mestre se afastou um pouco, depois virou-se e disse:

– O amor cobre a multidão das falhas humanas. Sua tarefa não é buscar o amor, Simão, mas sim dedicar-se a retirar do seu caminho interior tudo aquilo que impede esse amor, que você já tem e traz dentro de você, irradiar-se. Mas para isso, é preciso de humildade, deixar o orgulho de lado, suas razões pessoais, sua vontade exclusivista, para reverenciar o amor e seu poder para resolver todas as coisas.

Simão ficou observando o Mestre se afastar calmamente. Seus olhos estavam marejados e sua angústia era imensa. Voltou para casa depressa. Queria demover Judas de seus planos. Não poderia deixar que levassem Jesus. Sentia-se confuso, mas em seu íntimo sabia que nenhum interesse poderia ser maior do que sua lealdade àquele ser tão amoroso.

Ao procurar Judas na casa, percebeu que ele não havia retornado de Jerusalém. E Simão sentou-se na cama onde dormia e chorou amargurado por muito tempo.

Luigi ficou parado, olhando a cena, sentindo toda a angústia de Simão, a mesma angústia que ele sentira inúmeras vezes ao

longo de sua vida. E naquela hora, descobriu de onde ela nascera e por que era tão intensa a ponto de perturbá-lo, mesmo quando a sua vida parecia, nas aparências, tão bem-sucedida. E ele balbuciou:

– Por que não foi atrás de Judas? Por que não o impediu? Você foi um fraco medroso! Eu sinto essa culpa até hoje... E logo se lembrou das últimas palavras que ouvira Jesus dizer a Simão: o amor cobre a multidão das falhas humanas. Humildade, amor, renovação...

12 Pão · ázimo, · pão asmo, · matzá (em hebraico) ou matzo (ídiche) é um tipo de pão assado sem fermento, feito somente de farinha de trigo ou de outros cereais.

13 Salmos 91:1-16



Vinte e nove

LUIGI NÃO TEVE TEMPO PARA REFLETIR. De súbito viu-se em pleno Jardim das Oliveiras.

Os apóstolos e discípulos mais próximos de Jesus estavam sentados, espalhados sobre a relva. Era noite alta e o céu estava cravejado de estrelas, ocultas em parte, pela ofuscante luz da lua. Gotas de orvalho desciam imperceptíveis sobre as oliveiras, atenuando o ar seco e frio da noite. Havia um silêncio diferente, fazendo pressentir um momento grave a se avizinhar.

Logo Luigi notou que Jesus não estava entre eles. Onde estaria o Mestre? Por que alguns dos discípulos cochichavam baixo, e pareciam apreensivos, enquanto outros, sucumbindo ao cansaço, dormiam descuidados?

Jesus apareceu entre eles, com semblante ainda mais grave. Em seu rosto, não havia o sorriso meigo de outrora, mas uma seriedade compenetrada, como se estivesse prestes a realizar algo para o qual precisava de toda a sua

energia. Os ombros, ligeiramente arcados, pareciam trazer sobre eles todo o peso do mundo. Sua missão era libertar a humanidade, e agora, estava prestes a dar o passo decisivo para concretizá-la.

O que o estaria preocupando?

Jesus se aproximou dos discípulos, andando devagar. Fitou os que dormiam – quase todos. Pedro, que se mantivera acordado, logo chacoalhou os que estavam à sua volta:

– Ele voltou, acordem. Jesus voltou.

Rostos sonolentos observaram quando Jesus, balançando a cabeça demonstrando ligeira contrariedade, disse:

– Nem por uma hora vocês conseguem se manter acordados, orando comigo? Se aproxima o momento extremo, e vocês precisam estar preparados, meus amigos. A humanidade atravessará tempos difíceis, de dor, sofrimento, frustração e desespero. Vocês são a luz do mundo. Precisarão brilhar intensamente para mostrar o caminho aos fracos, doentes e necessitados de amor e amparo. Vocês ainda não compreenderam a minha missão e tampouco a parte que lhes compete.

O costumeiro envolvimento doce e suave do Mestre tinha dado lugar a um discurso firme e contumaz. Algo definitivamente sério estava para acontecer. Jesus silenciou por alguns instantes, depois baixou a cabeça, pensativo, e elevando-a novamente, disse:

– Orem e vigiem os seus pensamentos. Vou me ausentar novamente. Preciso fortalecer meu coração, pois logo, não estarei mais fisicamente com vocês, mas será então, que a

minha missão ganhará força e se espalhará sobre a Terra. É preciso que a semente morra para que nasça a árvore. É preciso que eu vá, para que siga trabalhando com vocês, para a mudança de vibração do planeta.

– Não seria melhor descansar um pouco, Mestre? Parece cansado.

Jesus colocou as mãos sobre os ombros daquele homem em quem ele via enorme potencial e disse:

– Há tempo para tudo sob o céu, Pedro. Hora de plantar e hora de colher. Hora de chorar e hora de rir.

– Tempo de prantear e tempo de dançar... – Pedro completou com os versos de Eclesiastes.¹⁴

– Você conhece as palavras, Pedro, mas precisa apropriar-se das energias que as originaram. Meu momento de partir se aproxima. Ouça o que eu digo, Pedro. É hora de preparar-se para chorar.

E afastou-se em passos calmos, mas firmes.

Os discípulos o observaram afastar-se. Pedro, angustiado, sentou-se, inquieto. Observou o grupo e, dando a falta de Judas, indagou a Simão:

– Onde está Judas?

Visivelmente angustiado, Simão respondeu, agressivo:

– E por que eu haveria de saber?

– Estão sempre juntos, Simão. Você, Judas com os zelotes. Eu observo os seus movimentos.

– Não tenho mais nada que ver com os zelotes. Eles não compreendem a missão de Jesus – depois baixou a cabeça e falou, entristecido – E acho que eu também não compreendo. Sei que ele é o Messias, não só pelo que sinto, mas

principalmente pelo que o vejo realizar. Nenhum homem é tão poderoso e ao mesmo tempo tão brando e humilde como ele. Tem de ser ele, Pedro. É ele. Mas ao invés de nos conduzir à vitória, ele parece prestes a nos deixar... Não consigo compreender suas palavras, não entendo o que ele quer de mim...

Neste momento ouviram barulho de cavalos e pessoas se aproximando. Deveria ser um número grande, pois o barulho aumentava. Jesus se aproximava deles, andando devagar e sereno. Seu olhar recuperara a ternura de outrora, embora o semblante continuasse sério.

Jesus apressou o passo e alcançou os discípulos, que agora, alarmados, estavam todos de pé e bem acordados. Um grupo de soldados romanos, precedidos por vários sacerdotes judeus e outros representantes líderes religiosos, vinha logo depois de Judas, que caminhava à frente, com passos firmes.

Diante do círculo mais íntimo dos seguidores de Jesus, em quem repousava a responsabilidade de disseminar sobre a Terra a boa nova, Judas aproximou-se e o beijou. Jesus o fitou e disse:

– Lamento, Judas, que não me tenha compreendido.

Imediatamente dois soldados agarraram os braços de Jesus, um de cada lado, como se tivessem medo de que ele fosse fugir ou impor resistência à sua prisão. Pedro, ao ver Jesus, a quem amava, nas mãos dos soldados romanos, sacou a espada que trazia e lançou-se sobre um dos soldados, quase decepando sua orelha, que ficou pendurada por uma ponta. O soldado gritou de dor, e Pedro ia desferir-lhe novo golpe, quando Jesus segurou seu braço e o impediu:

– Não, Pedro. Quem vive pela espada, morre pela espada. Você tem um trabalho a fazer e não deve deixar que nada o distraia dele. Isso vai exigir toda a sua dedicação e todo esse amor que você tem por mim e pelos meus ensinamentos. É chegada a hora do Filho do Homem ser entregue nas mãos das trevas. E tudo o que eles desejam é dor e sofrimento. Mantenha a confiança, Pedro. Tudo está como deve ser, para que o Bem maior triunfe. Confie em tudo o que eu lhe ensinei.

Mais soldados se aproximaram, cercando Jesus por completo. Pedro se afastou, bem como os demais, que ficaram assustados com o número de romanos e das autoridades de Israel.

Jesus pediu licença e, antes de ser levado, recolocou a orelha do soldado em seu devido lugar, fazendo logo cessar o sangramento.

– Mais alguém quer fazer alguma coisa estúpida? Mais alguém quer vir com ele? – Gritou Caifás, um dos sacerdotes.

Então os discípulos, amedrontados, se dispersaram, correndo em várias direções. Somente Judas permaneceu no lugar, observando, atônito, o grande grupo afastar-se levando Jesus, até sumirem na noite. Ele ficou ali sozinho, totalmente desconcertado. Tinha total certeza de que quando tentassem prendê-lo, Jesus se rebelaria, tomaria a atitude que achava que deveria ter, e não somente se libertaria dos soldados, como também declararia a libertação de Israel e usaria todo o seu poder, todo o poder que ele sabia que Jesus tinha, em favor de si mesmo e do seu povo. Mas não. Ao invés disso, ele o viu ser levado pelos romanos, preso, imobilizado, sem reação.

Quando o lugar ficou novamente em silêncio, Simão apareceu de entre as árvores, e alcançou Judas, que permanecia de pé bem no meio do Monte das Oliveiras.

– O que foi que você fez, Judas?

– Eu pensei que ele... que ele iria se defender... eu pensei... eu não queria...

– Onde estão os zelotes?

– Combinei que ficariam na base do monte até que eu os avisasse. Estavam a postos para ajudar Jesus, assim que os soldados o tentassem prender.

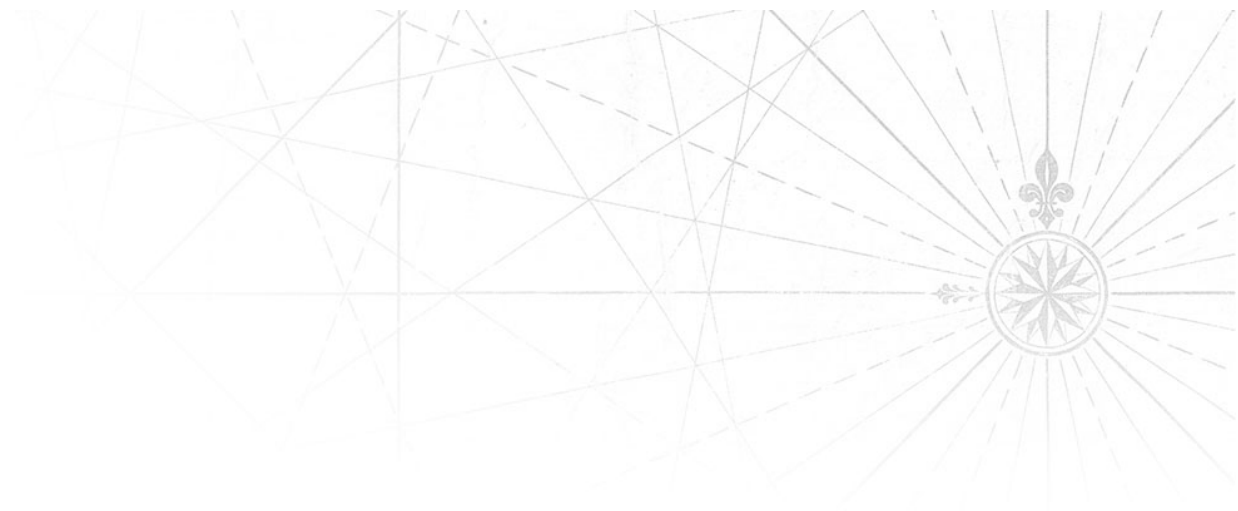
– Judas, Judas... Eles o levaram... O Mestre foi preso... O que foi que você fez?!

E agachado, como se profunda dor o tivesse tomado, Simão colocou as mãos na cabeça, e gritou, em alta voz:

– O que foi que eu fiz, Deus?! O que eu fiz?!

Seu grito ecoava doloroso, como um lamento, pelo silencioso jardim, do mesmo modo que ecoaria na alma de Simão, pelos séculos que se seguiram.

14 Ecclesiastes 3:4.



Trinta

LUIGI TRAZIA O ROSTO BANHADO EM LÁGRIMAS. Quem passasse por ele, o tomaria por louco, naquele momento. Sentado sob frondosa árvore, seu corpo estava no presente, mas seu espírito transcendia o véu do esquecimento, e revivia aquele momento que o marcara por milênios.

De súbito, Luigi viu-se em um outro lugar. Não estava mais no Jardim das Oliveiras. Havia árvores, muitas, mas ele não conseguia vê-las direito, apenas notava claramente seus contornos. Uma luz intensa inundava o lugar, brilhante, como fosse um sol. De súbito, a luz fez-se mais intensa, ao ponto de Luigi não conseguir quase abrir os olhos. E a imagem de Jesus apareceu nítida no meio do brilho. A visão era ofuscante. Luigi o reconheceu e tomado de emoção sublime e incontrolável, ajoelhou-se diante daquela luz.

O Mestre aproximou-se dele e tocou-lhe os ombros.

– Levante-se, Simão, e venha receber o meu abraço.

– Não posso, Mestre, não consigo encará-lo. Como pude não compreender sua missão? Como pude me confundir tanto?

Fazendo com que Luigi se levantasse, Jesus continuou a se referir a ele como no passado:

– Simão, você passou o restante dos seus dias buscando redimir-se. Recolheu-se entre os essênios, registrando tudo o que aprendeu de mim, em uma clara tentativa de relembrar tudo o que eu ensinei. Alguns de seus escritos foram localizados e estão sendo estudados atualmente no Planeta, conhecidos como os Escritos do Mar Morto.¹⁵ Pare de se punir, é hora de trabalhar comigo pela regeneração da Terra. O Planeta atravessa uma fase de transformação que imporá muitas dificuldades àqueles que ainda se mantêm na ignorância da realidade do espírito e das leis divinas. Muitas almas desatentas estão sendo levadas como em uma correnteza de um rio, sem ter onde se segurar. Arrastadas pelas ondas do materialismo. É preciso que despertem, mas a mudança lhes parece difícil de fazer. Estão hipnotizadas, e não conseguem acordar, vivendo dias de pesadelo. As misérias humanas se alastram, atingindo continentes inteiros. Nunca a humanidade teve acesso a tanto, e conseguiu absorver tão pouco. Não introjetam. Não conseguem apreender o que escutam e usar em transformação construtiva. Ouvem, veem, mas não distinguem o que é bom, do que lhes causa sofrimento. Há tanto mal camuflado nos sistemas do mundo hoje, que somente aqueles que se conectam com Deus, em sua essência interior, conseguem discernimento.

Jesus fez longa pausa, fitando amorosamente o homem a sua frente, depois prosseguiu:

– São chegados os tempos, Simão, da grande renovação. Atendendo a vontade do Pai da Vida, preciso de mensageiros

humanos capazes de projetar no mundo as maravilhas do reino dos céus. Intermediários com os quais eu possa estabelecer sintonia, que se disponham a elevar os pensamentos e sentimentos, sua condição vibratória, para que as mensagens de luz cheguem até os corações mais endurecidos. Aqueles que não conseguem compreender, e, portanto, não conseguem se renovar. Muitos irão partir para mundos ainda mais difíceis de se viver. E eu desejo resgatar todos quantos eu puder. Cada alma que se vai me causa tristeza. Não desejo que ninguém se perca deste lar que construímos, chamado Terra.

– Senhor, não sei o que fazer, como conseguir atender ao seu chamado no momento em que vivo. Minha família, minhas demandas profissionais, terei de abandonar tudo para segui-lo novamente?

– Não, Simão. Preciso que cumpra sua missão, exatamente onde está agora.

– Minha família faz coisas com as quais não concordo.

– Então encontre uma maneira de impedi-los, de atrapalhar os planos deles. Você não está entre eles por acaso. Foi colocado lá, como nosso mensageiro, do mesmo modo que eles infiltram representantes das trevas entre os servidores da luz. Sua tarefa é desestruturar e enfraquecer o que estão fazendo, os avanços deles. Quero que seja luz em meio às trevas. Precisamos de alguém forte como você, Simão, com sua experiência e sua sensibilidade, seus conhecimentos passados e atuais, para obstruir os seus avanços. Chegou o momento de assumir o seu lugar na orquestra divina, e fazer a sua parte. Poderemos contar com você?

– É uma tarefa arriscada...

– Sim, e perigosa. Sua vida poderá estar em risco. Mas somente a vida do corpo físico, que agora, mais do que antes, você compreende que é efêmera, passageira e precisa ser compreendida como ela realmente é: uma oportunidade de aprender e contribuir com a ação do Criador, que governa os mundos, contando com cada ser inteligente, que tem a sua parte de ação. Deus cuida incessantemente da execução das leis que criou, e tem nos espíritos que povoam o espaço e outros tantos, que estão no corpo denso, seus ministros, encarregados de atender aos pormenores da concretização de seus planos perfeitos e cheios de amor. Esses espíritos têm suas atribuições de acordo com o grau de adiantamento que tenham já alcançado. Todos estão conectados, e serão mais felizes, à medida que compreenderem isso. Enquanto houver um só ser em sofrimento no planeta, todos os seres sofrerão. As inteligências dominadas pelo orgulho e egoísmo, aquelas que negam o amor, o bem, e são o que vocês chamam de espíritos malignos, seguem seus planos nefastos. Se por um lado o Universo é a projeção da mente divina, na Terra, qual a conhecemos com seu conteúdo político e social, é produto da mente humana, controlada em grande parte, por esses espíritos malignos. Cabe-nos seguir com a nossa agenda de transformação, pois esse é o desejo do Pai. E para tanto, é imperioso que aqueles que estão despertando para a realidade, libertando-se das ilusões que esses dominadores perpetuam ao longo dos milênios, atentem para o trabalho de autoaperfeiçoamento. Somente com a sublimação de si mesmos, poderemos resgatar as consciências para Deus.

Depois de breve pausa, ele prosseguiu.

– Minha luta sempre foi pacífica, sem transgredir as leis do amor. Sem transgredir em nada as leis divinas. Sei que compreende isso agora. Jamais permita que sentimentos e emoções negativas o dominem novamente. Aprenda a lidar com as questões negativas sem se contaminar com elas. Aprenda a viver no mundo, sem ser do mundo. Essa é a essência dos meus ensinamentos. Esse é o caminho da felicidade que alcançam aqueles que compreendem e vivem o que estou lhe ensinando.

– O amor, sempre o amor... Como é difícil... Os sentimentos contrários ao amor estão sempre presentes. – Luigi referia-se à sua dificuldade em deixar fluir o amor.

– Sim, meu amigo. Sempre o amor, a energia que cura, liberta, restaura, e conduz as almas para mais perto de Deus. Siga sem medo, Simão, deixando o amor florescer em sua alma, e saberá tomar as melhores atitudes e decisões. É inegável que raiva e rancor são sentimentos contrários ao amor. No entanto, outro ainda mais destrutivo para as pessoas e que passa despercebido é o medo, que cria intensa oposição ao fluir desta poderosa força. Pode-se notar a sua atuação no corpo material, pois, enquanto o medo contrai o coração, o amor o expande. Pela sensação que ambos causam em seu corpo, saberá sempre quando está agindo pelo amor ou pelo medo, em oposição a ele.

Luigi, então, ajoelhou-se novamente e falou:

– Estou aqui Mestre, pronto para servir aos teus propósitos. Desejo ser digno de estar perto de você novamente. Perdoe-me por não ter compreendido seus ensinamentos tão simples e libertadores. Foi tão difícil deixar de lado aquilo em que eu acreditava, para que sua boa nova me transformasse... Acho que ainda tenho muitas dificuldades, mas quero entender e

prosseguir, quero fazer o trabalho de autoaperfeiçoamento em mim, para poder viver ao seu lado todos os dias da minha existência...

Jesus o abraçou afetuosamente e disse:

– Simão, hoje o céu está em festa!

Luigi abriu os olhos, sentindo o vento fresco soprando em seu rosto. Viu-se novamente sob a frondosa árvore, onde passara o dia inteiro. Observou o céu matizado por tons alaranjados, rosados e lilases. O sol ia se pondo no horizonte, anunciando o final de mais um dia. Mas não para ele. A sensação que o jovem executivo trazia no peito era intraduzível. Sublime, alegre, sereno, em paz. Finalmente, ele alcançara o perdão e libertara-se da culpa e remorso que carregara por suas vidas, quer no mundo espiritual, quer quando retornava ao corpo denso.

Quando se levantou e começou a caminhar na direção da montanha à beira mar, não caminhava, flutuava. Sentia como se seus pés não tocassem o chão. A alma estava leve, e o coração em paz. Ficou de pé, diante do espetáculo do entardecer, até que o sol foi completamente ocultado pelo horizonte. Aos poucos, sua mente começou a retornar a sua realidade. Havia muito a fazer, começando por Antonella.

15 Os Escritos do Mar Morto são uma coleção de centenas de textos e fragmentos de texto encontrados em cavernas de Qumran, no Mar Morto, no fim da década de 1940 e durante a década de 1950. Foram compilados por uma doutrina de judeus conhecida como Essênios, que viveram em Qumran do século II a.C., até aproximadamente 70.



Trinta e um

ÉLE PEGOU A ÚLTIMA BARCA e fez o caminho de volta, até chegar ao hotel. Sabia que enfrentaria uma mulher furiosa, mas estava preparado para lidar com ela. Entrou tranquilo no hotel e subiu para o quarto. Foi somente então que pegou o celular e verificou que havia mais de cinquenta ligações. Respirou profundamente, e então ouviu as mensagens. Antonella realmente estava furiosa, e deixou claro em sua última mensagem: “Não sei por que fez isso. Vim para resolvermos nossas pendências, mas você simplesmente me ignorou, e acabou de ganhar uma inimiga. Nem pense em me procurar novamente. Nosso período de paz se encerra aqui. Teve sua chance, e a desperdiçou”.

Ele desligou e balbuciou:

– Melhor assim. Me poupará trabalho e desgaste.

As ligações e mensagens do pai também eram de agressividade crescente, claramente impactado pelos contatos com Antonella. Escutou todas. Depois, deixou o celular na cama

e enfiou-se no banho. Tinha muito em que pensar. Tomou uma longa e revigorante ducha e desceu para jantar.

Avisou na recepção que deixaria o hotel na manhã seguinte e estava subindo, quando um atendente o chamou:

– Senhor, a mulher que estava hospedada aqui, deixe-me ver – Antonella – deixou esse pacote para o senhor.

Luigi agradeceu e pegou o pequeno pacote, sentindo um enorme desconforto. O que essa mulher estaria aprontando? Chacoalhou a embalagem, sem escutar quase barulho algum. Era levíssimo. Colocou a pequena caixinha na cama, sem coragem para abri-la. Preparou a mala, depois deu alguns telefonemas, avisando a secretária e Manoela, que estaria no Brasil no dia seguinte. Findo todo o trabalho de preparação para a viagem, pegou o embrulho – uma pequena caixa embalada para presente. Abriu o papel de presente, e ia abrindo a caixa, quando sentiu forte intuição para fazê-lo à distância. Então colocou a pequena caixa sobre a mesa, ainda presa por fitas adesivas, com uma faca, soltou as fitas laterais, e a caixa se abriu, saindo imediatamente de dentro dela, um escorpião adulto, que logo atacou a faca. Luigi gelou. Era uma ameaça concreta. Procurou um objeto maior, e eliminou o perigoso animal, jogando os restos na privada.

Sentou-se, então, na beira da cama e meditou que precisaria aprender muito para poder lidar com o que viria daquele dia em diante. As ameaças estavam apenas começando. Ele, então, lembrou-se da conversa que tivera com Jesus, no mesmo jardim onde o vira ser entregue aos seus algozes, e, confiante, murmurou, quase em oração:

– Jesus irá me guiar.

Antes de deitar-se, foi até a janela e observou a movimentada avenida diante do hotel. Envolvido em profunda melancolia, pensou que se pudesse, ficaria ali para sempre, vivenciando aqueles sentimentos sublimes. Mas sabia que o mestre contava com ele.



Durante o voo de volta, a mente de Luigi fervilhava de ansiedade. Ele sentia-se completamente perdido. Sabia que teria de rever tantas coisas, inúmeros hábitos, que não poderiam conviver com a nova consciência que ele tinha agora. Não sabia por onde começaria.

Apertou a pequena caixa, que guardara vazia no bolso do blazer. Ele queria tê-la sempre à mão, para se lembrar que estaria vivendo, daquele momento em diante, sob ameaça constante. Não tinha clareza ainda do que deveria fazer, por onde começar, mas de uma coisa tinha certeza: precisaria estar sempre preparado, alerta. Perspicaz, pois as ameaças poderiam vir de formas e lugares inesperados.

Quando o avião decolou, o céu estava limpo. Enquanto fazia uma curva acentuada, ele pôde ver a cidade do alto, e logo localizou o mar da Galileia, onde ele vivera aquela experiência profunda, que o renovara por completo. Nunca poderia contar para a família aquela experiência. Eles não compreenderiam. A única pessoa com quem poderia contar inteiramente era Manuela.

Quando o avião atingiu a altura de cruzeiro, ele não conseguia mais ver as paisagens inesquecíveis da Palestina. Encostou a cabeça na poltrona, fechou os olhos e pôs-se a relembrar em detalhes a experiência extraordinária que tivera.

Sentia intensa necessidade de compartilhar com alguém tudo aquilo. E não conseguia conter a ansiedade que sentia naquele momento, por reencontrar a jovem arquiteta. Então, muitos questionamentos assolaram a sua mente. Sabia que sua família não aceitaria qualquer decisão que fosse contra os interesses da construtora. Seu pai, especialmente, ficaria profundamente contrariado. E ainda tinha Antonella, e aquele recado ameaçador. Estavam realmente querendo matá-lo. Mas por que ele representava tamanha ameaça?

Luigi não conseguiu nem mesmo cochilar durante a viagem. Mas foi à medida que o voo se aproximava do Brasil, que ele sentiu a tensão crescer. Sua mente estava em ebulição com os pensamentos de receio e aflição. Ele deixaria para trás a experiência mais intensa e bela que já vivera em toda a vida. Sentia ainda o toque suave de Jesus. Mas a realidade de sua vida se erguia diante dele como se fosse uma parede intransponível. Logo ele, que escalara tantas montanhas, sentia-se fraco diante daquele paredão íngreme que agora se erguia diante dele.

Estava ainda perdido em seus pensamentos, quando o piloto da aeronave avisou:

– Senhores passageiros, sejam bem-vindos ao Brasil. Em alguns instantes pousaremos no Aeroporto Internacional de Guarulhos. Agradecemos por voarem conosco, e desejamos-lhes uma excelente estadia.

Luigi ajustou a poltrona e colocou o cinto de segurança. Olhou pela janela e viu a cidade logo abaixo. Fechou os olhos e indagou mentalmente:

– Como poderei fazer o que Jesus me pediu? Como vou conseguir vencer todas as resistências? Será que vou ter forças?

Melissa, que o acompanhava satisfeita, murmurou em seus pensamentos:

– Você vencerá, Luigi. Não está sozinho. E agora, conhece a verdade de maneira profunda. Vai conseguir, além do mais, está apenas recomeçando algo que deixou para trás há muito tempo. E lembre-se, meu amigo, o importante não é como as coisas começam, e sim como elas terminam. Como elas terminam é que dizem muito mais sobre nós mesmos e sobre a experiência inteira. Seja bem-vindo de volta, zelote.

Ao toque das energias encorajadoras de Melissa, e assimilando as palavras dela em sua mente, Luigi abriu ligeiro sorriso e murmurou:

– Sim, agora eu sei que Jesus está sempre comigo e vou ter a força necessária para superar todas as minhas dificuldades, e atender ao seu chamado.

O trem de pouso tocou o solo e logo o executivo estava desembarcando. Retirou sua bagagem e atravessou, sem pressa, a área do aeroporto que o levaria até o lugar onde pegaria um táxi. Com saudades do café brasileiro, procurou onde mataria aquela vontade ali mesmo. Foi até uma lanchonete e pediu um café. Acomodou-se na mesa e aguardou. Enquanto esperava, tirou o celular do modo avião. Encostou-se na cadeira e deu um longo suspiro.

– Quase duzentas mensagens novas no seu aplicativo de mensagens, assim como vários e-mails relacionados às suas responsabilidades. Uma das mensagens chamou sua atenção. Era de Antonella, uma mensagem gravada. Ele escutou:

– E então, gostou do meu presente? Espero que tenha sido picado, seu desgraçado. Como ousou me deixar daquele modo? Eu, que atravessei o oceano somente para estar com você?

Espero que tenha aproveitado bem o meu presente, mas caso não tenha, não se preocupe. Haverá outros...

Ele desligou irritado, quase jogando o celular sobre a mesa. O café chegou e ele sorveu cada gota com satisfação, matando a vontade que sentira do café brasileiro. Quando terminou, pagou a conta, levantou-se, pôs o celular no bolso e colocou-se em posição ereta, pensando: vamos lá! Vejamos o que o destino preparou para mim...



Trinta e dois

CARREGANDO AS MALAS, caminhou até o serviço de transporte do aeroporto.

– Quero um carro para a região do Morumbi, na capital.

– Sim senhor. – A mulher respondeu e alguma coisa no tom de voz dela, chamou a atenção de Luigi, que ficou a observá-la enquanto apresentava o cartão de crédito, que seria a garantia da corrida. Ao devolvê-lo ela disse:

– Aqui está, senhor, tenha uma boa viagem até o seu destino.

Ele continuava a espreitá-la, desconfiado. Seguiu até o lugar que a moça tinha indicado, e ficou à espera. Logo encostou um grande carro preto, com vidros escuros, e um motorista bem arrumado, de terno e gravata, especializado em transporte de executivos, saiu de dentro do automóvel, abrindo o porta-malas e se oferecendo, solícito:

– Deixe-me ajudá-lo.

Acomodou as malas enquanto Luigi entrava no carro. Voltou ao lugar do motorista, pegou as indicações do endereço que Luigi passara no atendimento do saguão do aeroporto, e confirmou.

– Sim, esse é o endereço.

Luigi se acomodou enquanto o carro deixava as instalações do aeroporto, pegando a estrada. O motorista seguia em silêncio, dirigindo diligente, e o executivo ficou mais tranquilo. Mas, de súbito, o motorista começou a encostar-se ao acostamento.

– Algum problema? – Indagou Luigi.

– Está tudo bem, senhor. Preciso confirmar um dos pneus.

Luigi sentiu novamente algo no tom de voz, na energia que circundava a situação, que estaria em eminente perigo. Respirou fundo e buscou confiança em todas as suas experiências já passadas e conseguiu manter a calma, embora estivesse ao mesmo tempo em alerta máximo.

O carro parou atrás de um furgão preto, e logo saíram de dentro dele três homens armados. Um deles abriu a porta do passageiro e ordenou:

– Saia do carro e de bico fechado.

Os outros dois mantiveram-se logo atrás, dando cobertura.

Luigi saiu do carro devagar, e ia erguer os braços, quando o homem falou, ríspido, batendo com a arma no braço dele:

– Sem levantar os braços, sem chamar a atenção. Apenas caminhe devagar até o furgão.

Luigi obedeceu. Entrou no furgão em silêncio e com movimentos calmos.

– Vejo que está bem sereno. – Foi recepcionado por Afonso.

O homem que abordara Luigi sentou-se no banco da frente e o motorista arrancou, entrando na estrada.

– Para onde estamos indo?

– O senhor está me reconhecendo?

Luigi observava Afonso com atenção e notava o quanto ele era diferente. Seu olhar era atraído instintivamente para os olhos do homem.

– O que está olhando?

Luigi desviou o olhar e ficou em silêncio.

– Está me reconhecendo? – Insistiu o outro.

– Sim, coronel Afonso. Não posso dizer, nessas circunstâncias, que é um prazer encontrar o senhor. E por que a abordagem? Não poderíamos simplesmente marcar uma reunião?

– Sinto pelo incômodo, mas tenho um assunto importante para tratar, que não poderia esperar.

Luigi continuava fitando o homem, buscando manter a calma. Melissa atuava intensamente sobre os centros de forças do executivo, ajudando-o a manter as reações físicas sob controle, e os pensamentos em elevada esfera, confiante, firme, sereno.

– É de se estranhar a sua calma, senhor Luigi. – Prosseguiu o outro. – Mas vamos aos negócios. O que o senhor foi fazer em Jerusalém?

– Até onde compreendo, não lhe devo nenhuma satisfação.

– Insisto em que responda, por favor. – O homem arregalou os olhos intimidador, aproximando-se do mais recente passageiro. O furgão seguia devagar pela estrada, no sentido do interior de São Paulo.

– Estava aproveitando minha estadia em Israel para conhecer um pouco do país.

– Os senhores não têm negócios com Israel. Pretende fazer algum novo cliente na região?

– Não compreendo... Qual o seu interesse nisso?

– Não temos nenhum interesse no Estado de Israel. Temos alguns parceiros na região, mas eles não são, digamos assim, o povo mais fácil de se lidar...

– E os Árabes são?

– Sim, mais fáceis de manipular.

– Depois de fazer exatamente o que havia combinado com meu pai, com a diretoria da construtora, trazendo um dos mais lucrativos contratos já firmados com países do Oriente Médio, concluí que poderia descansar por alguns dias.

Quase encostando o nariz no rosto de Luigi, o homem indagou:

– Pensa que sou tolo, senhor Luigi?

O cheiro que Luigi sentiu foi repugnante e teve vontade de vomitar. Controlou-se e respondeu:

– Jamais teria tal visão a seu respeito. Sei que é um importante aliado da construtora e de meu pai.

– E dos interesses de um grande grupo que controla muitas instituições. Não se engane com minha discreta aparência. Somos muito poderosos.

– Não duvido disso.

– O que foi fazer em Jerusalém?

– Turismo. O senhor deve saber que viajei com Julio e visitamos o seu primo Bern. Depois resolvi estender por mais alguns dias, conhecendo melhor a cidade.

– Visitando os tradicionais locais religiosos da região? O senhor, que nem religião possui? Ou possui e não sabemos?

O olhar do outro era intimidador. Luigi sentiu todos os pelos de seu corpo eriçar, depois de um arrepio intenso.

– Já que me conhece, deve saber também que sou um colecionador de pedras e apreciador que parques arqueológicos.

– Sim, soubemos de sua visita à Massada. Mas e o restante? E as visitas à região da Galileia? Quer me dizer que estava em busca de pedras?

– Estava conhecendo a região a aproveitando para trazer algumas pedras raras, como essa – o jovem tirou uma pedra pequena do bolso, que trouxera da região do Mar Morto. – é uma pedra de sal. Não poderia perder a oportunidade.

– E por que fugiu de Antonella?

– Então trabalha para ela?

O homem abriu um sorriso cínico ao responder:

– O senhor não faz ideia para quem eu trabalho... responda a pergunta.

– Não gosto dela. E me senti invadido, desrespeitado com a visita dela. Acho que ela sabe que não a aprecio, mas insiste em tentar me enredar. Na realidade, não suporto a companhia dela.

– Isso é intrigante. Antonella é uma mulher exuberante, atraente e poderosa. Por que um dos herdeiros da Morelli de Luca não haveria de se interessar por ela? Quais são os seus reais interesses? Afinal, quem é o senhor?

– Sou o primeiro da linha de sucessão da construtora, treinado para liderá-la quando chegar a hora.

– Pois se comporte de acordo, ou esse dia nunca chegará. Há muitas coisas que desconhece sobre os negócios da

construtora. Já havia avisado Francisco que o preparasse melhor, que o iniciasse nos assuntos paralelos da construtora. Ele demorou muito a me atender. Por fim, acionou Antonella, na intenção reaver o tempo perdido, mas você se esquivou dela, dificultando que seja devidamente preparado.

– E o que Antonella tem a ver com o meu preparo para dirigir a construtora?

Afonso respondeu:

– Você não sabe nada sobre os negócios paralelos, e não sei se algum dia estará pronto para eles. Esses são os assuntos mais importantes da construtora. É nesse núcleo paralelo que acontece o que realmente importa. Os acordos que levam a empresa a fechar os contratos, a crescer. Seu pai adaptou-se bem a esse núcleo, atendendo nossas expectativas. Ele é um de nós.

– Então a construtora não pertence à família? Trabalhamos para vocês? E quem são vocês? O que é esse núcleo paralelo?

O homem retirou uma adaga do bolso, colocou-a no pescoço de Luigi e falou:

– É o seu pai quem deve prepará-lo e informá-lo adequadamente. Adianto-lhe que tudo tem o seu preço. O sucesso da empresa, os bilhões nos paraísos fiscais e o poder da família Morelli tem origem nesses acordos mais do que inteligentes firmados por seu avô, e seu pai, depois dele. Um dia seria a sua vez, você foi o escolhido pelo seu pai. Mas acho que ele não fez a escolha certa. Não seja ingênuo. Pense melhor sobre a origem da fortuna e do poder de sua família e a quem eles servem.

O coração de Luigi batia acelerado, com o carro em movimento e a adaga quase sendo enfiada em seu pescoço.

Sabia que uma freada, ou qualquer intercorrência, ele poderia morrer.

– Vejo que está com medo, afinal. E é bom que tenha mesmo. Podemos permitir que o senhor seja o sucessor de seu pai, mas somente quando provar que é alguém de confiança. Fique com Antonella. Faça o que o seu pai lhe pede.

– Vou conversar com meu pai, preciso entender o que está acontecendo.

Afundando um pouco mais a ponta da adaga no pescoço do executivo, Afonso ameaçou:

– O senhor não está entendendo. O senhor não precisa entender nada, precisa ter juízo e fazer o que estamos lhe dizendo. Ou o senhor será um problema que teremos de resolver em breve?

Luigi sentiu aquela ponta gelada em sua garganta e respondeu apenas:

– Não serei um problema.

O motorista diminuiu a velocidade, e falou, olhando pelo retrovisor:

– Uma barreira policial à frente. Estão parando alguns carros utilitários.

– O senhor avisou alguém?

– De que modo eu faria isso? Seu assessor está com meu celular.

– Pois bem, acho que o recado foi dado – ele retirou a adaga, colocou-a em uma capa de couro e enfiou no bolso do casaco. – Espero que o senhor o tenha compreendido bem. Não seremos tão cordiais da próxima vez. De agora em diante, espero encontrá-lo somente em nossas reuniões oficiais.

Pegou o celular de Luigi e devolveu-o a ele. Assim que o veículo parou devido ao trânsito, o homem disse:

– Saia do carro e caminhe na direção oposta a que estamos. Atravesse a estrada e espere pelo seu motorista. Ele virá pegá-lo. Espero que não se importe de aguardar no sol, já que apreciou tanto andar pelas regiões áridas de Israel.

Luigi saiu sem responder e fez o que o homem pedira sem perder de vista o furgão que se afastava devagar, à medida que o trânsito seguia lentamente. Quando conseguiu atravessar a estrada o furgão já havia se afastado o suficiente e ele agachou-se e falou, em desabafo:

– Jesus Cristo! O que foi isso? Quem é essa gente?

Não demorou muito, e o carro que ele contratara no aeroporto estacionou no acostamento. O motorista, que apresentava palidez mórbida, saiu do carro e o abordou:

– O senhor está bem? Eles levaram o meu celular, e me impediram de sair, até que alguém ligou e deu o endereço de onde o senhor estaria, e que era para vir buscá-lo.

– Estou bem, eu acho. E você?

O outro deu ligeiro sorriso ao responder:


– Já passei por alguns perrengues nesse trabalho, mas nenhum comparado a essa experiência.

– O que quer fazer? – Indagou Luigi, vendo o estado emocional deplorável que o homem estava.

– Vou levá-lo à sua casa, e depois tirarei o resto do dia de folga. Ou da semana... quem sabe?

Luigi concordou com a cabeça e entrou no carro. Agora, o que mais queria, era chegar em casa.





TERCEIRA PARTE

*O retorno
do zelote*



Trinta e três

SOB A DUCHA QUENTE, Luigi tentava se acalmar e entender melhor o que acontecera. Certamente estava sob forte intimidação; que negócios paralelos a família dirigia, que o expusera a uma situação daquela? Quem era o pai, afinal? Lembrou-se, então das palavras de Jesus, dizendo que ele fazia parte daquela família, como um verdadeiro “infiltrado”. Enquanto a água morna tocava seu corpo, acalmado suas terminações nervosas, sua mente estava acelerada. Vinham questionamentos em relação à sua família, à situação de perigo que vivera, seu compromisso com Jesus, e como ele faria essa mudança. Saiu do banho e foi para o quarto. Observou o conforto, o luxo, todas as benesses de que desfrutava. Teria de renunciar a tudo?

O celular tocou mais uma vez. Era o pai.

– Bom dia, pai.

– Até que enfim consigo falar com você! Que diabos aconteceu?! Você ficou maluco? O que está acontecendo com

– você, Luigi? Precisa me fazer um relatório completo. Estou sendo questionado e pressionado.

– Eu imagino, meu pai. Mas fique tranquilo. Estou com o contrato assinado, e foi ainda melhor do que havíamos imaginado. Estabeleci um excelente relacionamento profissional com a equipe que irá atuar em nossas obras. Está tudo correndo melhor ainda do que o previsto.

– Disso tudo eu já sei. Quero saber do restante. Do seu desaparecimento, de seu sumiço por Jerusalém, de sua conduta inaceitável com Antonella...

– Já disse que eu precisava de um tempo para mim, só isso. Agora estou de volta, pronto para o trabalho. Fique tranquilo, pai.

– Você não compreende a amplitude de nossa atuação.

– Nisso concordamos plenamente. Tem muita coisa que você precisa me informar.

– Estava pronto para ampliar a sua participação nos negócios da empresa, mas...

– Nos negócios paralelos, você quer dizer.

– Isso mesmo. Mas você não passou no teste, ainda...

– E qual seria esse teste?

– Para estar realmente pronto, precisa ficar com Antonella. Ela é o portal para que você adentre... – Francisco não encontrava a palavra mais adequada.

– Nos porões de nossa corporação, o senhor quer dizer? – Antecipou-se Luigi.

– No topo do mundo eu acho que descreve melhor.

Fez-se longo silêncio entre os dois, até que o filho interveio:

– Acabei de chegar. Hoje vou ficar por aqui, me atualizar. Ver meus recados, responder aos e-mails e agilizar o que for

urgente. Amanhã retorno ao escritório.

– Espero que não desapareça outra vez. – Respondeu o pai ríspido.

– Amanhã estarei de volta ao escritório. – Repetiu sem emoção o filho.

Desligaram e Luigi murmurou:

– Que mau humor crônico! Vai ser duro enfrentar essa muralha.

Sentou-se na beira da cama, visivelmente desanimado. Sentia-se como se estivesse prestes a escalar a mais alta montanha que existia, sem roupas, sem equipamentos, sem nenhuma ferramenta. Sentia que lhe faltavam ferramentas. Embora apreciasse a vida que tinha, sabia que não poderia mais voltar para ela, não lhe servia mais. Não sabia por onde começar, para construir sua vida nova. Ao mesmo tempo a doce e suave presença de Jesus se fazia presente em todo o seu ser. Colocou-se de pé, e enquanto tomava mais um café, repetiu para si mesmo:

– Não há montanha que não possa ser escalada!



Na construtora, Manuela parou o carro fora do estacionamento do prédio e entrou andando apressada pelo saguão até a recepção. Bianca estava conversando com a recepcionista:

– O meu primo já voltou? Estou ansiosa para me encontrar com ele.

– O senhor Luigi ainda não veio ao escritório.

– Ninguém sabe do paradeiro desse homem! Nem a secretária, nem meu tio! Ele não retorna os meus recados...

– Acho que ele chegou hoje de sua viagem. – Interveio Manuela, que estava logo atrás de Bianca acompanhando a conversa. Esta se virou e olhou curiosa para a desconhecida.

– Desculpe, sou Manuela, fui contratada pelo Luigi para o paisagismo do shopping. – Esticou a mão para cumprimentar a outra.

– Ele me falou de você. Muito prazer.

– Ele, falou sobre mim?

– Sim, e com muito carinho.

Manuela não conseguiu se conter, abriu largo sorriso, que contagiou a prima do executivo.

– Bem se vê por que ele gosta tanto de você. – E fitando a pasta que ela segurava, perguntou:

– Muito trabalho?

– É o que mais tenho..., mas eu gosto muito do que eu faço, então, não me importo de ter muito trabalho. Eu gosto.

– Então Luigi já está de volta. Esteve em contato com ele depois que se separaram da viagem aos Estados Unidos?

– Um pouco. Ele esteve bastante ocupado.

– Eu imagino. Não retornou minhas ligações – respondeu Bianca baixando os olhos, entristecida. – Acabei de sair de um processo difícil, e preciso falar com ele.

– Você está ocupada agora? – Manuela quebrou o ciclo normal da conversa, que seguia para a despedida.

– Estou voltando para casa, depois de uma longa estadia em lugar indesejado...

– Gostaria de tomar um café? Tem uma cafeteria pequena e simpática aqui perto. Dá para ir a pé.

– Por que não?

– Deixe só entregar alguns documentos aqui na portaria mesmo.

Assim que finalizou, voltou-se para Bianca e disse:

– Vamos?

As duas caminharam três quadras até a cafeteria e logo uma forte simpatia as uniu. Conversaram por bastante tempo. Bianca sentiu depressa que poderia confiar em Manuela, que por sua vez, sentiu o quanto a prima de Luigi estava vulnerável emocionalmente, usando há anos medicamentos que não estavam promovendo a sua real recuperação. Quase duas horas depois, Manuela consultou o relógio e comentou:

– Nossa, quase 13h da tarde. Preciso ir. Tenho um compromisso no escritório às 14h. Mas adoraria se pudéssemos nos encontrar outras vezes. Quer anotar o número do meu celular? Assim podemos combinar quando você tiver um tempinho livre.

Bianca anotou e antes de se despedir, perguntou, titubeante e insegura:

– Você me levaria a esse lugar que frequenta?

– Mas é claro! Podemos combinar quando você quiser. Vou nessa sexta-feira. Quer vir comigo?

– Será que vou me sentir bem?

– Você só vai saber se experimentar. Mas eu asseguro que é um ambiente iluminado pelo carinho e pela fraternidade.

Manuela sorriu e sugeriu:

– Posso passar em sua casa para te pegar, já que não está dirigindo...

– Seria ótimo. Combinamos tudo na quinta-feira, então.

Despediram-se e Bianca seguiu para casa sentindo uma alegria que há muito não experimentava.

Nem bem Manuela entrou no escritório, o celular tocou. Era Luigi.

– Que bom que ligou; está tudo bem?

– Agora está. Mas tenho muita coisa para compartilhar com você, se puder me encontrar.

– Estou ansiosa para te ver.

– Podemos jantar juntos hoje?

– Sim.

– Então te pego às 20 h.

– Conheci Bianca, sua prima, hoje. Nos encontramos no saguão da construtora, e acabamos tomando um café acompanhado de longa conversa.

– E como ela está?

– Estava brava com você, ela sentiu bastante a sua falta. É um doce de pessoa, mas está sofrendo muito.

– É, ela não consegue lidar com a perda da minha tia, mesmo depois de todos esses anos. E soube que esteve internada nos últimos dias.

– Você sabia que elas tinham brigado e que a Bianca estava sem conversar com a mãe? Fazendo birra? E pelo que entendi, no dia em que Flora foi embora, elas tinham combinado de tomar sorvete juntas, fazer um programa de meninas, só mãe e filha. E então tudo aconteceu. Ela sente culpa, remorso, e uma porção de sentimentos que a estão sufocando.

– Ficaram amigas, então?

– Gostei muito dela e acho que a recíproca é verdadeira. E, acima de tudo, sinto que ela precisa de ajuda.

– Ah, disso ela precisa mesmo. Vão se encontrar de novo?

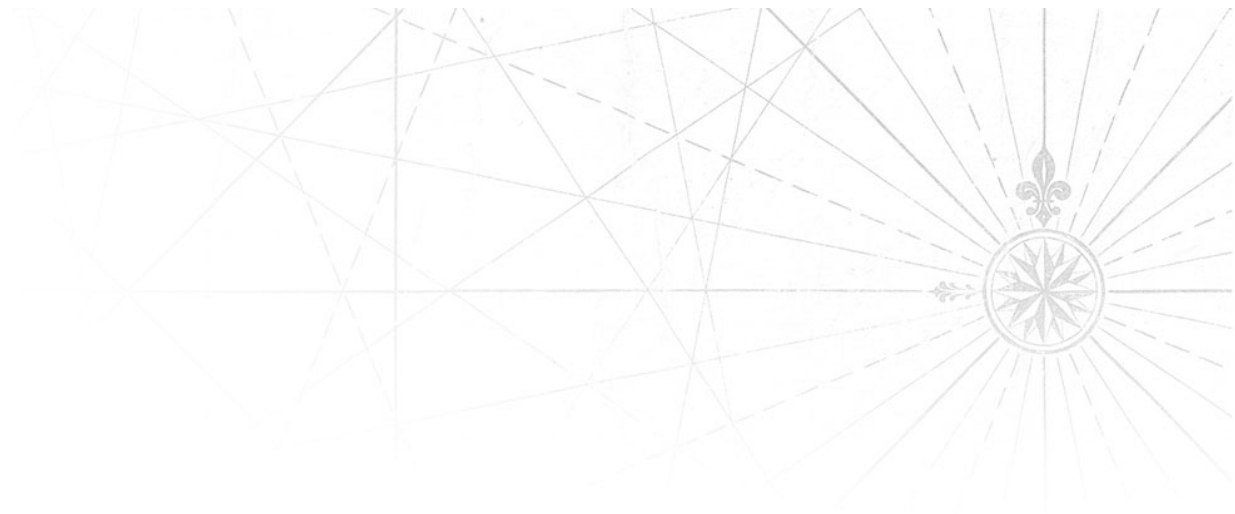
– Vou te contar tudo hoje à noite.

– Mas quero falar somente de assuntos pessoais. De trabalho, falamos no escritório depois.

– Combinado. Te espero às 20 h. Estou entrando em uma reunião agora.

– Até mais tarde, então.

Luigi desligou com um leve sorriso no rosto. Estava feliz pelas duas terem se encontrado e se entendido bem. Manuela e Bianca eram as duas mulheres a quem ele mais amava.



Trinta e quatro

NAQUELA NOITE, ao jantar com Manuela, enquanto conversavam, Luigi sentiu fortalecer nele a serenidade e a confiança. Envolvido pelas energias benéficas que ela emanava, os mentores espirituais encontravam maior facilidade para envolvê-lo e inspirá-lo. Quando ele acabou de contar em detalhes as cenas que vivenciara sob os céus da Palestina, em especial as conversas que tivera com Jesus, os olhos de Manuela brilhavam intensamente. Como ela amava Jesus!

– Que experiência fascinante! Então você, Luigi Morelli de Luca, foi Simão, o zelote?

– Você acredita em mim? Não pareço um louco psicótico e lunático, contando essas experiências?

Manuela abriu afetuoso sorriso e fitou-o com ternura. Pousando suas mãos sobre as mãos dele, disse:

– Jamais! Sei que tudo isso é verdade, não tenho a menor dúvida sobre a realidade das vidas sucessivas, que todos nós temos múltiplas encarnações. Muito menos sobre a veracidade

de suas visões. Sei que tudo o que vivemos, tudo o que sentimos, tudo o que acontece fica gravado na memória cósmica, e que é possível acessá-la, através da sensibilidade, da psicometria, no seu caso.

– Como pode ter tanta certeza de tudo isso? Para mim, que vivi as experiências, me parecem como um sonho... Como pode confiar tanto assim? Como pode ter tanta fé?

– Bom, meu querido, em primeiro lugar, eu estudo as questões espirituais há muitos anos. E atualmente, estudo em profundidade os assuntos que me chamam a atenção. Estudo o espiritismo, suas descobertas, suas pesquisas, seus conceitos e as leis que dele derivam. Também estudo tudo o que posso sobre as pesquisas científicas, e o que tem chamado mais a minha atenção neste momento, são os estudos sobre a física quântica e como suas premissas fortalecem os conceitos formulados por Allan Kardec.

– Allan Kardec? Que nome mais esquisito.

– É um pseudônimo.

– E quem foi ele? Por que utilizava pseudônimo?

– Kardec foi o homem que pesquisou os fenômenos espíritas de sua época, que se espalhavam pelo mundo inteiro e organizou as suas pesquisas e conclusões, em perguntas e respostas, de uma maneira muito didática, que fosse fácil de compreender. Quando colocou tudo isso em um livro – *O livro dos espíritos* – sem saber, constituiu as bases do espiritismo, tal qual o conhecemos hoje. Mas, apesar de ser o mais proeminente no Brasil sobre esse tema, muitas outras personalidades de sua época estudavam os fenômenos espíritas. Só para te dar um exemplo, posso citar o famoso escritor de Sherlock Holmes.

– O que? Sir Arthur Conan Doyle era pesquisador espírita?

– Sim, ele era. E escreveu um livro interessantíssimo, a *História do Espiritismo*, onde o conhecido codificador do espiritismo é mencionado. Conan Doyle era um verdadeiro historiador, percebemos isso em suas obras de ficção, ricas em detalhes. Ele era um homem brilhante, intelectual, pesquisador e espírita.

– Eu não tinha ideia...

– Pois é... o espiritismo não é um amontoado de hipóteses soltas e sem exaustiva experimentação. Muito ao contrário.

– Interessante...

– Bem, essa é uma parte da minha experiência, a teórica.

– E tem a parte prática?

– Sim, e se amplia cada vez mais, como a experiência que tivemos juntos em Dayton. Aquilo foi uma das mais impactantes experiências que já tive. Como poderia supor que já fui uma sensitiva de psicometria? Mas certamente explica muito da minha paixão pelo aspecto científico do espiritismo, minha vontade de entender a espiritualidade sempre de um jeito prático, que se possa aplicar. Eu, esposa de William Denton? Quem diria?

Luigi, que segurava entre as suas mãos, as mãos de Manuela, sorriu, soltou-as e encostou-se na cadeira, baixando o olhar.

– O que foi? O que o perturba? Ainda acha que tenho uma fé cega?

– Não, não é isso.

– Então, o que é?

– Há um conflito forte em mim neste momento. Sei que é tudo verdade, o que vivi em Jerusalém. Sei o que devo fazer, mas sinto dificuldade em saber por onde começar, e como vou enfrentar minha família, o que vai acontecer quando eu fizer isso...

– Imagino como tudo isso deve estar sendo difícil, acredite que eu imagino. Não conheço a fundo sua família, mas posso imaginar que possam ter inúmeras resistências a uma mudança em seu comportamento.

– Acho que é muito mais do que isso, Manuela.

– Como assim?

– Sinto que eles fazem mais do que defender seus interesses materialistas. Eles fazem oposição ao bem. Eles são oposição ao bem.

– Como assim?

– Não sei explicar ainda. Mas creio que estão envolvidos em assuntos pesados, em coisas ilegais, eu não sei ao certo. Sinto que vou mexer em vespeiro, sabe? Já viu uma colmeia de abelhas ou de marimbondos sendo cutucada?

– Pessoalmente, não, você já?

– Algumas vezes, na fazenda. São ameaçadores quando estão voando isoladamente. Mas quando você ataca sua casa, seus interesses, eles devolvem com tudo e em bando. É um verdadeiro massacre.

– E acha que isso pode acontecer?

– É mais do que achar. Fui ameaçado hoje, no caminho do aeroporto para casa.

Manuela empalideceu.

– É uma coisa bem séria. Eles não estão brincando.

– Fizeram alguma coisa com você? – Ela indagou preocupada.

– Por agora, só ameaça.

– E o que eles querem?

– Que eu seja como eles, não, melhor dizendo, que eu seja um deles... E como prova de boa vontade, de subordinação, ou sei lá mais o que, querem que eu fique com uma mulher de nome Antonella. Mulher odiosa. Ela é estranha, tem um cheiro esquisito, um jeito de olhar estranho, não consigo nem ficar perto dela. Só de pensar nela, me dá aflição...

– Luigi, acho que você precisa mesmo é de reforço dos dois lados da vida. Precisa de um grupo com quem possa compartilhar suas aflições, buscar ajuda e aprender sobre esse mundo novo que se abriu para você. Gostaria disso?

– Sim!

– Faço parte de um núcleo espírita e temos um grupo de estudos com seis membros, onde aprofundamos nossos conhecimentos e trocamos experiências. Convido você a conhecer esse grupo, ver como se sente. E com relação aos estudos, vou falar com eles, para incluir você. O que acha?

– Pode ser...

– Esse grupo tem um apoio também de mentores espirituais que atuam para a libertação da humanidade das garras das sombras.

– Sombras...

– Não tem nada a ver com as nossas sombras psicológicas, que ficam em nosso inconsciente. Essas são sombras espirituais, entidades que detestam a Deus e se colocam em oposição a Ele. Entidades que tiveram participação ativa no julgamento e morte de Jesus, bem como em deturpar o

cristianismo, para que ele fosse desvirtuado ao longo dos séculos. Atuam nas sombras, incansavelmente. São inteligentes, astutos, e extremamente ativos, jamais descansam...

Uma imagem apareceu na mente de Luigi, uma lembrança que teve, quando em sonho, desdobrado, visitou as regiões espirituais da construtora, constatando aquela realidade que Manuela falava. Ele sentiu o arrepio percorrer-lhe o corpo.

– O que foi? – Indagou Manuela percebendo a reação dele.

– Eu sei do que você está falando... Eu já vi... É, acho que vou aceitar sua oferta. Vou precisar de todo o apoio possível.

– As resistências serão enormes, Luigi.

– Eu sei. Acho que é isso que já me causa aflição antecipada.

– Mas você vai vencer essas resistências.

– Acho que muitas estão também dentro de mim.

– Mas é claro! Isso é muito natural. Suas crenças, alimentadas até aqui, vão ser dificultadoras, bem como a vida tão prazerosa, que você terá de abrir mão... De algum modo e em algum nível, todos que aceitam o convite para despertar que Jesus propõe, passam por isso. Só que no seu caso, é bem desafiador. Ao mesmo tempo, você esteve com Ele. Tudo o que viveu também está em sua memória, as energias saudáveis e benéficas de Jesus, você experimentou tudo isso. Tem todos os recursos para ser vencedor, Luigi. Você foi treinado em tudo. A ironia nisso tudo é que seu pai nunca pensou que o estava preparando para um confronto entre pai e filho...

Segurando as duas mãos da jovem entre as suas, Luigi pediu:

– Case comigo? De novo... Se tudo é mesmo como estamos conversando, já nos conhecemos bastante. Não vamos perder

tempo, Manuela. Case comigo, seja minha parceira nesse desafio que me espera.

Os olhos de Manuela se encheram de lágrimas e ela balbuciou:

– Sim, eu sei que já te amo...

Atraídos pelo intenso amor que os unia, os dois trocaram um carinhoso e demorado beijo, selando a decisão que mudaria suas vidas.



Trinta e cinco

ENQUANTO DIRIGIA DE VOLTA PARA CASA, Luigi percebia o quanto Manuela lhe fazia bem. Ao lado dela, sentia se fortalecerem seus propósitos de fazer aquilo que sentia que deveria fazer, mesmo consciente das coisas que teria de abrir mão. Por certo havia muitas coisas que ele amava na vida que tinha. Mas nenhuma delas tinha o valor daquilo que ele antevia, dos sentimentos elevados que sentira ao ser visitado pelas memórias dos tempos em que andara ao lado de Jesus. E ao pensar no Mestre, o rosto de Jesus lhe vinha à mente, e no mesmo instante sentia a sua presença, suas palavras cheias de amor e sabedoria. E agora, sabia que tinha um compromisso com o Mestre, um compromisso que assumira séculos antes.

Lembrou-se, então da tia, e dos seus dias de infância. Lembrou-se, daquele dia em especial, em que estavam todos reunidos, durante o almoço e da visita que receberam. Visualizou os sapatos dos visitantes, e de súbito, lembrou dos seus rostos. Um deles era Afonso, que estranhamente não havia mudado em nada a sua aparência, não tinha envelhecido.

– Eu sabia que o conhecia.

Então, escutou a voz delicada da tia, em sua mente:

– “Cuide de Bianca. Ela precisa de ajuda”.

– Tia, é você mesmo? – Indagou Luigi, ainda em dúvida.

– Foi neste dia, que você acabou de se lembrar, que soube de atividades criminosas da família. Por muito tempo, aqui no mundo espiritual, lamentei ter passado pela biblioteca e escutado aquela conversa. Custei muito a aceitar a minha nova vida. E foi quando a aceitei que comecei a compreender realidades que não enxergava. Foi como se um véu caísse e minha mente clareasse, e eu comecei a entender.

– Sinto sua falta – a conversa mental prosseguia.

– Estou sempre por perto, meu querido. E peço que ajude Bianca. Ela está insegura em aceitar os novos conhecimentos a que está tendo acesso. Está relutante. Claro, tudo o que aprende da família, é muito diferente. E como suas emoções estão adoentadas, ela está frágil, e não encontra sua força interior para firmar-se no que aprende e colocar tudo em prática.

– Eu compreendo as dificuldades dela, tia. Em matéria de resistência a aceitar a verdade, eu sou mestre...

– Somos mestres neste quesito, meu querido. Ela precisa encontrar o caminho de libertar-se da tristeza, da culpa, do medo, enfim, dessas energias tóxicas, que estão causando estragos na vida interior dela, e conseqüentemente, em sua vida física. Ela está paralisada, perdida e sem rumo. Bianca está na Terra para aprender, crescer e realizar muitas tarefas. Agora sei disso claramente. Mas está precisando de sua ajuda para superar os traumas e seguir em frente.

Sem perceber, Luigi já estava entrando no elevador. Sentiu, de súbito, que as palavras da tia desapareceram, assim como a presença dela. Ele entrou em casa e, colocando as chaves sobre a mesa da sala de jantar, murmurou:

– Vou cuidar dela, tia, pode ficar tranquila.



Na manhã seguinte, antes das sete da manhã, Luigi já estava entrando em sua sala, na construtora. Sem deixar que pensamentos de preocupação o dominassem, dedicou-se a verificar tudo o que tinha recebido de correspondências, e-mails e recados, enquanto esteve fora. Com um foco total naquilo que precisava fazer, surpreendeu-se quando, duas horas depois, o telefone tocou e ele estava quase finalizando duas semanas inteiras de pendências que se acumularam durante a sua ausência.

– Bom dia, chefe. – Era Pâmela. – Chegou cedo.

– E tinha alternativa? Você encheu minha mesa de papéis e minha agenda de compromissos...

Ela sorriu e depois falou, mais séria:

– Seu pai está uma fera com você.

– Eu sei.

– O que você fez para deixá-lo assim?

– Acho que seria melhor elencar o que eu não fiz..., mas, vamos deixar essa conversa para outra hora. Algo importante?

– Ele pediu para vê-lo assim que chegasse. E já ligou aqui me cobrando. Acho melhor você subir antes que ele desça.

– Está certo. Avise, por favor, que estou subindo.

Alguns minutos depois, Luigi estava entrando na sala de Francisco.

– Até que enfim você apareceu!

Luigi colocou a pasta com documentos sobre a mesa do pai. Ele abriu e folheou rapidamente o documento, depois fechou a pasta e falou:

– Dentro do esperado.

– Melhor do que o esperado. Nosso lucro será ainda maior na realização das obras. Melhorei nossas condições, pai.

– Você é ingênuo ou burro?

– Por quê?

– A maior parte de nosso lucro não vem das atividades legais.

– Eu sei que há muitas outras atividades ilícitas que praticamos, mas meu trabalho é cuidar dos negócios lícitos da companhia.

– Engano seu. Assim como eu cuido dos negócios da construtora como um todo, esse seria seu papel ao assumir os negócios. Mas você não está preparado.

Luigi se manteve em silêncio, apenas fitando o pai, com o pensamento em Jesus. Francisco prosseguiu, cada vez mais irritado:

– Estão me pressionando e você vai acabar sendo descartado como meu sucessor. Todo o trabalho que tive para preparar você, formar você para ocupar meu lugar, vou perder... Terei de preparar um de seus irmãos...

– Acha que não estou pronto?

– Você está há anos-luz da condição que precisa para assumir a empresa.

– Que negócios paralelos são esses, pai, que preciso tanto estar preparado para exercer?

Francisco fez uma longa pausa, depois prosseguiu:

– Quando você viajou, achei que estivesse pronto. Que tinha chegado a hora de começar a passar para você como funciona o jogo completo de nosso negócio. Mas quando soube que tinha decidido viajar com a arquiteta ao invés da Antonella, fiquei preocupado. Então ela voltou logo depois e você seguiu viagem. Fiquei mais esperançoso. Algum juízo você tinha. Depois você sumiu em Jerusalém e ninguém sabe ao certo o que estava fazendo por lá. Pode afinal, me dizer o que diabos aconteceu com você em Jerusalém?

– Por que tanta preocupação com isso? Eu estava fazendo turismo, conhecendo o lugar. Só isso. O que tem de especial nisso para tanta preocupação? Não é algo natural quando viajamos, querer conhecer melhor certos lugares?

– Você estava na Arábia Saudita. Por que fazer turismo logo em Jerusalém?

– O que tem esse lugar de tão perturbador, afinal?

– Não sei. Me diga você. Voltou diferente...

– Como pode dizer isso? É a primeira vez que nos vemos desde que voltei...

Francisco olhava o filho como se o mapeasse, detalhe por detalhe. Depois falou:

– Está diferente. O que houve em Jerusalém?

Luigi sentou-se melhor na cadeira, respirou fundo, e disse:

– Está certo. É uma cidade que mexeu comigo. Tive algumas experiências...

– Lá vem você de novo com suas esquisitices. Vai ter de tomar remédios novamente? Ou teremos de interditá-lo desta vez?

Francisco olhava o filho com raiva, e Luigi mantinha uma calma e autocontrole que não sabia de onde vinham.

– Você nem me escutou ainda. Tive algumas experiências por lá que me conectaram com uma parte de mim que estava atrofiada. Despertei para questões importantes pelas quais me interessei, ligadas à filosofia, religião, e a vida espiritual.

Francisco ergueu-se da cadeira e deu um murro na mesa.

– Seu idiota! Vai me obrigar a tomar medidas drásticas, não terei alternativa. Se não pensar melhor em tudo isso, desistir dessas idiotices...

– Não tem nada errado comigo, pai, e você sabe disso. Eu sou sensível, tenho capacidade de acessar informações no campo invisível da vida, quer seja chamado de mundo espiritual, memória cósmica ou campo quântico.

Francisco ia falar, mas Luigi prosseguiu, enérgico:

– Sei quem sou e o que acesso, e não há nada de errado nisso. E você sabe bem que não há. Mas sempre tive receio de que essa minha habilidade despertasse a minha espiritualidade de um modo profundo, e fez de tudo para impedir.

O pai o fitava controlando a raiva.

– Quanta bobagem. Religião é para os fracos e ignorantes!

– Infelizmente isso não é mais possível. Despertei para muitas verdades que não queria enxergar e agora vou à busca de respostas.

– Se prosseguir por esse caminho você vai se dar muito mal, Luigi, pode ter certeza. E não por minha causa, eu sou uma

pequenina peça nessa engrenagem, onde pessoas muito mais poderosas do que eu, dão as cartas...

– Eu sei, pai. Mas vou fazer o que devo fazer, não posso mais viver para satisfazer sua vontade ou seus desejos.

– Não ouse me enfrentar, Luigi.

– Jamais tive essa intenção. Quero seguir com meu trabalho na construtora, e fazer aquilo que sei fazer muito bem.

– Vai desistir de ser meu substituto, então? É isso?

– Por que não me fala sobre os negócios paralelos da empresa e então eu decido?

Francisco, visivelmente perturbado, deu uma gargalhada e falou, sob influência de entidades espirituais:

– Você precisa se tornar um de nós. O seu passaporte para os negócios paralelos da família é ficar com Antonella. Convencendo nossos sócios de que você está do lado certo, poderá ter acesso total as nossas atividades. Se não concordar, tudo estará acabado para você. E não haverá um futuro para você aqui.

Desta vez, Luigi sentiu forte a ameaça que vinha em sua direção, e respondeu apenas:

– Preciso de um tempo para pensar.

– Já teve esse tempo.

– Pai, preciso um pouco mais de tempo para tomar uma decisão séria assim, que muda tudo na vida.

– Pensei que tudo isso já estivesse bem claro, afinal, participou de muitas negociações com características estranhas, vamos dizer assim.

– Só que nunca havia me atentado para os detalhes, não como agora...

– Pois bem, tem uma semana, nenhum dia a mais. Foi o prazo que consegui para dar uma resposta aos parceiros de negócios.

Luigi ergueu-se, sentindo como se tivesse duzentos quilos pesando sobre si. Caminhou até a porta, abriu-a e voltando-se para o pai, disse:

– O que tanto deve a esses parceiros?

– Tudo o que temos. São eles que nos alimentam com dinheiro e poder. Nos colocaram em contato com as mais poderosas pessoas deste país. E querem mais.

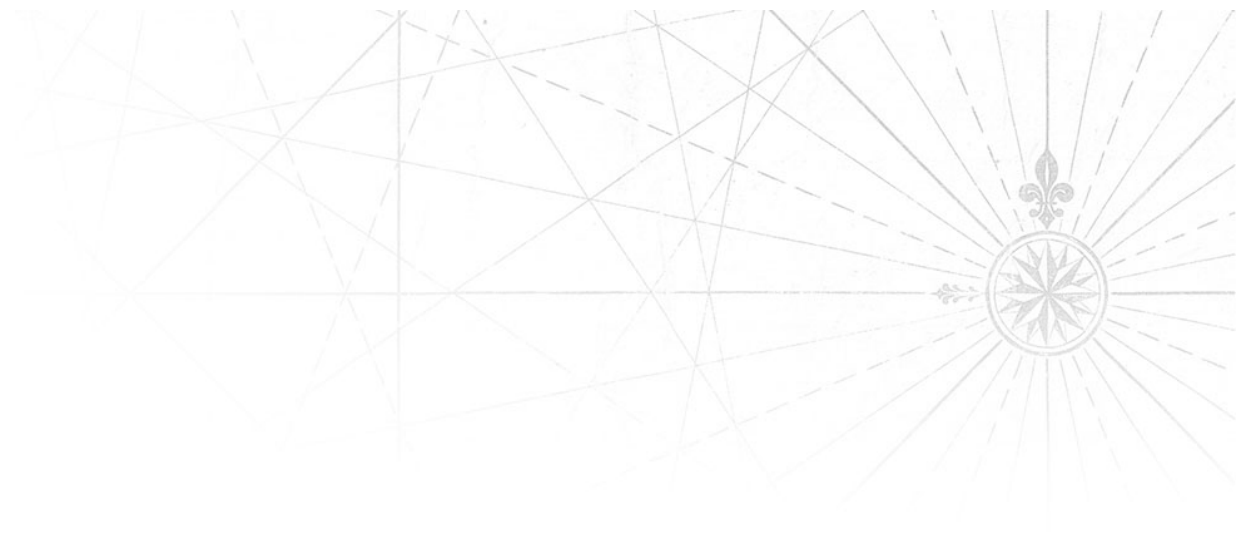
– E em troca, o que lhes damos?

– Você não tem permissão para ter essa resposta. Agora vá, tenho muita coisa para fazer. Principalmente, pedir a compreensão e tolerância de Antonella, já que você não se digna a falar decentemente com ela. Você mentiu para ela! Ela está furiosa com você.

– Ela tentou me matar... Sabia disso?

– Ela só te mandou um aviso, Luigi. Essas pessoas não erram. Não se coloque no caminho delas...

Francisco pegou o celular e fez sinal com a mão para que o filho saísse da sala. Embora não demonstrasse, Luigi saiu desorientado. Seu mundo, como ele conhecera até aquele momento, estava prestes a ruir.



Trinta e seis

NAQUELA TARDE, quando Manuela chegou ao escritório trazendo informações dos projetos de paisagismo, encontrou Luigi sentado, olhando o vazio, pensativo e distante. Assim que entrou, notou as vibrações que envolviam o executivo.

– O que aconteceu?

– Problemas familiares.

– Falou com seu pai?

– Não dá para conversar com ele, Manuela. Ele me deu uma semana para pensar se aceito ou não ficar com Antonella, caso contrário...

Ele silenciou, visualizando tudo que amava em sua vida, tudo o que gostava de fazer: os esportes, os jantares caros em restaurantes sofisticados, as roupas elegantes que o faziam se sentir acima dos demais, o respeito que tinham por ele os seus subordinados, e a perspectiva de assumir o controle da construtora. Tudo passava rapidamente por sua mente.

– O que ele vai fazer?

– Não serei o sucessor...

– Isso é tão ruim assim? Você ainda almeja ser o presidente da companhia?

– Não creio que ele permitirá que eu continue na empresa, se me negar a seguir suas regras... Não poderei mais trabalhar aqui.

Manuela encostou-se na cadeira, e falou, impressionada:

– Sério? Então a coisa é pesada mesmo por aqui...

– Como assim?

Ela demonstrou ligeira resistência para falar, mas ele insistiu:

– Fale, o que foi?

– Não queria te falar nada, porque você me contratou, esse projeto é importante para mim, mas sempre que visito o seu escritório, desde a recepção, passando pelo elevador, ou seja, em todos os ambientes, eu me sinto muito mal, com dor de cabeça, muitos arrepios pelo corpo, começo a bocejar insistentemente, e sinto um peso enorme em todo o meu corpo. Só melhora mesmo, quando saio. Por orientação do pessoal da casa espírita, lembrando-me do que já aprendi, passei a adotar a prece antes de entrar no prédio, como prática para fortalecer minha proteção espiritual.

Luigi a fitava com olhar preocupado. Ela prosseguiu:

– Essa prática tem me ajudado a me sentir melhor, e conseguir fazer o que tenho de fazer em cada reunião, em cada visita que tenho nas dependências da construtora. Mas eu confesso que sinto vontade de sair correndo daqui, cada vez que entro. Desculpe, Luigi, sei que é a sua empresa, e eu não deveria falar assim, mas é como eu me sinto de verdade.

– Péssima... – Ele respondeu depois de longa pausa. – E por que acha que se sente assim?

– A construtora é um lugar pesado, mas não sei dizer exatamente por quê. Agora, veja o nível de imposição do seu pai. Existe algo muito errado acontecendo, Luigi, mas certamente dentro dos propósitos de quem manda aqui. E claramente estão impondo a você que aceite tudo cegamente, ou pule fora do barco...

– Você está certa em tudo o que disse. Sempre me senti em algum nível desconfortável na empresa, e mesmo nas reuniões da família, quando estavam todos juntos. Pensando bem, nunca me senti completamente parte de tudo, em paz, confortável. Como se houvesse algum perigo oculto a me espreitar. Depois da morte de Flora, e da reação do meu pai, enchendo-me de medicamentos e me submetendo a um tratamento no qual nunca consegui confiar, tudo piorou. E agora, depois dessa viagem, sinto como se meus olhos tivessem sido abertos. E hoje, quando entrei aqui, me senti muito próximo ao que você está descrevendo. Não percebi claramente, você sabe que nós, homens, às vezes demoramos a notar os detalhes, até mesmo aqueles que se passam dentro de nós. Mas agora, você falando dos seus sentimentos, percebi que também me senti de modo parecido. Entrar aqui ficou mais penoso...

– É que a sua vibração está diferente, Luigi. E você está mais consciente da realidade que o cerca. Às vezes é chocante mesmo. – Fitando o companheiro com ternura imensa ela indagou – O que vai fazer?

– Não sei se estou preparado para lidar com tantas mudanças...

– Tenho certeza de que você está. Conhece a frase “quando o aluno está pronto o mestre aparece”? No seu caso, meu amigo, foi o Mestre dos Mestres que lhe chamou para a tarefa. Vai deixá-lo na mão de novo?

Fitando Manuela nos olhos, Luigi respondeu:

– Não desta vez. Mas preciso me fortalecer, com certeza. Sinto-me frágil para fazer o que preciso e também para enfrentar o que sei que enfrentarei.

– Nossos medos fazem os monstros parecerem maiores...

– Neste caso, sinto que os monstros são maiores do que posso imaginar. Como me fortalecer?

Ela o fitou e sorriu.

– Vou te emprestar alguns livros, para que você comece a ler e a estudar tudo sobre espiritualidade, sobre espiritismo, sobre os novos conhecimentos que a física quântica trouxe a lúmen. E sobre mediunidade, para que você conheça mais sobre esse universo em que está inserido.

– Eu vou precisar de uma Bíblia também.

– Sim, com certeza. Precisa estudar o evangelho...

– Relembrar, Manuela.

O rosto da jovem se iluminou.

– Imagino as experiências iluminadas que terá ao estudar os textos bíblicos, especialmente os quatro evangelhos que falam da vida e dos ensinamentos de Jesus. Muitas das passagens você viveu.

– E revivi em Jerusalém. Espero que as experiências lembradas com frequência me tornem inabalável.

Ela ergueu-se da cadeira, foi até onde estava Luigi, enlaçou-o com amoroso abraço e sussurrou:

– Seja corajoso, Luigi.

Ela o estava abraçando ainda, quando Luigi escutou uma voz alta, bem conhecida vinda da recepção.

– Antonella...

Manuela empalideceu. Não teve tempo de fazer muita coisa, apenas desfez o abraço e a porta abriu-se ruidosa.

– Boa tarde, Luigi. Quem é essa?

Manuela sentiu imediata repugnância à presença da outra e sentiu um odor forte, muito diferente, que lhe fez sentir enjoo na hora.

– A que devo a honra de sua visita?

– Vim buscá-lo para jantar. Vamos para sua casa, você se arruma e saímos. Sugestão do seu pai... Ele disse que você está mais receptivo... Vim conferir.

O tom de voz dela era ameaçador.

– Manuela, agradeço por trazer o projeto com as mudanças sugeridas. Vou analisar e verificar se não falta mais nada, e retorno.

– Fico aguardando, então.

Antonella aproximou-se do projeto que estava aberto sobre a mesa, puxou pela ponta do papel, olhou o conjunto com desdém e falou, odiosa:

– Projotinho fraquinho esse... Não é digno do empreendimento que você está capitaneando, Luigi. Precisamos melhorar a maneira como você toma as suas decisões e faz as suas escolhas. Entendo bem por que seu pai me quer por perto. Vamos mudar muitas coisas...

Manuela fitou Luigi, indagando sem palavras se deveria responder. Mas ele agitou ligeiramente a cabeça em sinal

negativo.

– Pode sair, moça.

Manuela ia sendo deliberadamente provocada. Ia pegando o projeto, quando Luigi colocou as mãos sobre ele e falou:

– Deixe o projeto aqui, Manuela. Nos falamos depois.

A moça se despediu e saiu.

Assim que a jovem se retirou, Antonella trancou a porta e voltou-se para Luigi, começando a tirar as roupas e jogando-as pelo ar.

– O que está fazendo?

Quase nua, exibindo um corpo perfeito, curvas bem delineadas, um cabelo quase até a cintura, e uma volúpia e cupidez que exalava por cada poro de seu corpo, tinha uma sensualidade que magnetizava. Aproximou-se dele, em um movimento que lembrava o de uma cobra, e deitou-se sobre a mesa, diante dele.

– Para que tudo isso, Antonella?

Ignorando a pergunta, ela começou a abrir os botões da camisa dele. No segundo botão, ele segurou as mãos dela e falou com intensa energia na voz:

– Pare já com isso e recomponha-se.

– O que? Está me rejeitando outra vez? – Ela não esperava por aquilo.

– Antonella, eu pedi um tempo a meu pai para pensar em tudo o que conversamos, mas pelo que vejo, ele desconsiderou isso.

– Não há nada para pensar, Luigi. Você vai fazer o quê? Jogar para o alto tudo isso? – Ela ergueu-se da mesa, e andou até a janela – Você não sabe com quem está lidando. Faça o

que seu pai pediu, obedeça. E terá tudo o que desejar... Tudo o que você quiser, seus mais loucos desejos serão atendidos. Nesta vida e na outra...

Luigi sentiu a cabeça rodar. Então eles sabiam da outra vida.

– Peço, por favor, que vá embora. Não estou com cabeça para nada disso agora. Preciso pensar e decidir o que vou fazer.

– Ele insistiu.

Ela não disse nada. Recolheu as roupas e se vestiu novamente. Foi até a porta, e antes de abri-la disse:

– Estou perdendo a paciência. Pensei que fosse mais inteligente e ambicioso. Não enxerga mesmo o que está bem debaixo do seu nariz? Ou é estúpido o suficiente para negar?

Saiu e fechou a porta com força.

Luigi respirou aliviado e ligou logo para Manuela.

– Desculpe, essa mulher é insuportável.

– É mais do que isso, Luigi. Muito pior do que isso.

– Como assim?

– Tem alguma coisa nela muito estranha. O olhar vazio e opaco, sem brilho algum, os modos exagerados, quase caricaturados... O corpo perfeito demais, quase artificial. Não sei dizer. Mas sinto que há algo muito estranho nela. Até um odor nauseante eu senti sob aquele perfume caro.

– Eu sei. Ela me causa tamanha aflição, que não sei precisar o que mais me incomoda. Ela já foi, graças a Deus. Passo amanhã em sua casa, para pegar os livros que vai me emprestar, pode ser? Jantamos e conversamos mais.

– Claro, pode vir. Esperarei você. E... – Ela titubeou ligeiramente – o projeto? Achou mesmo que é fraquinho?

– Esqueça isso, Manuela. Tenho um contrato com vocês e enquanto eu estiver na construtora ele será honrado.

Desligaram.

Luigi foi para casa, sentindo-se exausto. A presença de Antonella o incomodava, contrariava e irritava. Mas acima de tudo, as palavras dela o desconfortaram ainda mais. Do que exatamente ela estaria falando?

Naquela noite, antes de adormecer, Luigi pensou em Jesus e orou ao Mestre e amigo.

– Ajude-me, Mestre, a fazer o que me pede. Sinto-me pequeno e acuado, sem saber como atender ao seu chamado. Preciso de sua força, de sua sabedoria, de sua luz para me guiar. Quero fazer o que é certo, embora sinta insegurança e medo do desconhecido que enfrentarei. Me fortaleça, Mestre.

E envolvido em suave energia, adormeceu. Esperando por ele, na próxima dimensão, estava Melissa.

– Sua oração facilitou o nosso encontro. Mas tivemos um trabalho grande para limpar sua aura.

– Não entendo muito o que está dizendo, mas me sinto feliz.

– Então vamos. Quero que veja algo.

– Para onde vamos?

– Para a construtora. Você vai verificar as intensas atividades espirituais que acontecem nesta dimensão, e o que de fato, acontece na empresa da sua família.

Seguiram e logo estavam adentrando o lugar, na dimensão espiritual. Luigi estranhou, porque o prédio era muito maior do que o que havia no plano físico.

– O que é isso? Esse lugar é imenso!

– É, infelizmente é a sede de muita atividade maligna, congregando inteligências que odeiam a luz e praticam o mal deliberada e intencionalmente.

Entraram e caminharam pelos equivalentes no plano extrafísico, da sua sala, da sala do pai. Da diretoria, do conselho administrativo.

As atividades que aconteciam naquele ambiente imerso nas trevas eram inenarráveis. Almas deformadas, em forma de animais, andavam dando ordens e subjugando escravos. Formas sombrias e tenebrosas se esgueiravam e gritos de horror e ódio eram ouvidos por toda parte. Dor, sofrimento, angústia, tristeza, daqueles que eram escravizados, pareciam levar prazer e satisfação aos verdugos.

Luigi estava petrificado e não conseguia falar, quando por fim, conseguiu abrir a boca, disse:

– Esse lugar é o próprio inferno!

Mas o que mais o impressionou, foi quando estavam na sala do pai. Francisco estava ali, com Afonso e Antonella.

– Podem nos ver ou perceber nossa presença?

– Não – esclareceu Melissa.

Luigi se aproximou.

– Por que meu pai é diferente de Antonella e Afonso? Ele tem esse fio de luz e os demais não tem.

– Seu pai é um espírito encarnado, ou seja, ele tomou um corpo físico ao nascer, cresceu, e vive entre os homens. Já Afonso e Antonella, são o que chamamos de agêneres.¹⁶ Eles conhecem de tal maneira as propriedades da matéria e sabem como manipular a energia própria para se materializarem a ponto de parecerem possuir corpos densos como das pessoas que

estão realmente encarnadas. Não permanecem o tempo todo materializados, mas conseguem, sempre que desejam.

– Isso é impossível... Parece ficção...

– É que a realidade espiritual é tão oculta das pessoas, de maneira tão intencional e constante, que parece sim. Mas de fato, a realidade espiritual, tantos nos planos superiores como inferiores, é muito mais extraordinária do que pode atingir a imaginação humana, limitada ao conhecido, à matéria densa, ao que os cinco sentidos podem alcançar. Mas a humanidade está despertando, ainda que lentamente. E o sexto sentido, a percepção espiritual, já está ativa em muitos seres no corpo denso. Veja Manuela e você. Estão despertos...

Olhando tudo aquilo ao redor, ele lamentou:

– Mas às vezes é preferível ficar dormindo, a ver tantas coisas ruins...

– Não dá mais para a humanidade ficar dormindo, Luigi. As trevas estão tentando dominar tudo, engolir tudo, escravizar definitivamente os seres humanos. É urgente que as pessoas despertem, ou a dor será ainda maior...

– Estou impressionado com a estrutura e organização que eles têm... São muitos e agem de maneira ordenada...

– Sim, são muito dedicados no que fazem e não se distraem um instante sequer. Quiséramos que aqueles que trabalham para o bem tivessem um décimo da tenacidade que apresentam esses tristes irmãos que em grande ódio se opõem ao Criador, a Jesus, à Luz, enfim. Se assim fosse, teríamos resultados mais eficazes e expandiríamos mais rapidamente o socorro e o despertar no planeta. Mas infelizmente, aqueles que se interessam mais pelo bem andam hipnotizados e distraídos, muito mais alinhados com as questões materiais.

– É até compreensível. O mundo não é fácil.

– E nunca será se aqueles que se ligam ao bem não se dispuserem a fazer a sua parte, contribuir, com dedicação, aprendendo, fazendo o bem, ajudando a todos que puderem.

Terminaram a conversa e voltaram. Melissa observou com tom sério:

– Espero que essa visita tenha eliminado os últimos resquícios de dúvidas que você tinha. Precisa agir, Luigi.

– O que devo fazer?

– Comece a investigar as causas da morte de sua tia. Ajude Bianca a se reerguer da depressão em que se encontra e esclareça a ela tudo o que aconteceu. Ela está certa. Sua tia não cometeu suicídio. Ela foi assassinada.

– E por quê?

– Ela estava ameaçando contar o que tinha escutado.

– E o que foi que ela escutou?

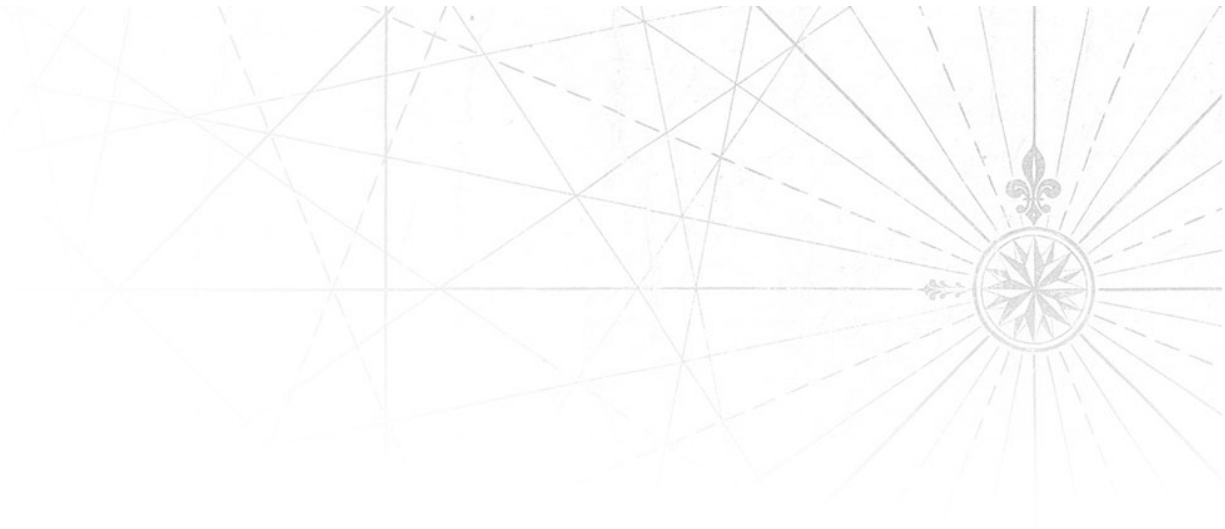
– Precisa investigar e descobrir por si mesmo. Guardará ligeira lembrança de nosso encontro, das fortes impressões da visita à construtora. Não tenha medo, você nunca estará sozinho.

Alguns espíritos chegaram, sorrindo e juntaram-se a Melissa. Todos usavam túnicas luminosas, e emitiam suave luz. Uniram as mãos, em uma roda em torno de Luigi e oraram por ele. Intenso brilho azul descia do mais alto sobre o grupo, enchendo Luigi de forças, alegria, esperança e amor. Ao final, ela recomendou:

– O que nossos irmãos das trevas não suportam é o amor. Esse é o poder que pode detê-los. Jamais entre na sintonia deles. Ainda que seja revoltante o que fazem, você é

responsável pelo que sente, pelo que emana dentro de você. Vibre amor. Não se revolte. Eles são doentes da alma, enlameados pela dor que um dia sentiram, e permitiram que se alastrasse dominando-os. A revolta toma conta. Vibre somente amor. Se não puder sentir amor, sinta compaixão. E se não puder sentir compaixão, entregue-os a Deus. Recuse-se e entrar na sintonia deles. Você pode até sujar as mãos no barro, mas não precisa se alimentar dele.

16 Ser espiritual que adensa o seu perispírito tornando-se tangível com todas as propriedades da matéria ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si. (...) Os seres que se apresentam nessas condições não nascem, nem morrem como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba donde vêm, como vieram, nem para onde vão. (A Gênese, Allan Kardec, Cap XIV, itens 35 e 36)



Trinta e sete

NA MANHÃ SEGUINTE, assim que despertou, Luigi sentiu urgência em descobrir como faria para que sua vida fosse dedicada a servir ao Bem. Enquanto tomava uma xícara de café, pensou:

– Vou procurar em tudo o que acontecer, em cada pequena situação diária, oportunidades de ajudar, de colaborar. Não vou esperar por alguma coisa grande ou impactante. Não. Estarei à disposição do bem em qualquer tipo de oportunidade.

O celular tocou. Era Bianca, chorosa:

– Primo, queria te ver... Não estou me sentindo bem...

Luigi, reagindo ao hábito, ia responder que iria vê-la depois do trabalho, mas parou e logo reorganizou os pensamentos e a sua reação:

– Vou passar por aí agora, antes de ir ao trabalho.

– Que bom! Vou preparar alguma coisa para você comer, então.

– Não precisa.

– Adoro quando tomamos café da manhã juntos...

Logo estavam os dois conversando, experimentando um pão de queijo quentinho, saído do forno.

– Você tem ido ao núcleo espírita com a Manuela?

– Tenho, sim.

– Como tem se sentido?

– Quando estou lá me sinto bem, mas tenho tantas dúvidas... não consigo aceitar totalmente...

– Eu entendo. O que mais a oprime, Bianca?

Ela pensou um pouco, depois falou, insegura:

– Acho que é saudade, culpa, revolta, tudo junto...

– Eu entendo você.

– Sei que ela não se matou, eu sinto..., mas ficam insistindo nisso.

– Ela não se matou mesmo, Bianca. Você está certa.

A jovem ficou lívida.

– Como sabe?

– Eu sei desde os meus dez anos, quando me fizeram crer que estava tendo alucinações...

– A história do lenço...

– Isso. Você sempre esteve certa. Eu vi tudo. Tia Flora não tirou a própria vida. Ela jamais faria isso.

Bianca explodiu em um choro convulsivo, mas libertador.

– Eu... sabia... – soluçava ela – eu... sabia..., mas ninguém nessa família concordava comigo.

Luigi abraçou-a com carinho até que se acalmasse.

– Ela amava muito a todos nós. E ainda ama.

– E quem fez isso? E por quê? Você tem como descobrir?

– Bianca, não tenho as provas ainda, mas vou investigar. Contudo, sei que a tia Flora foi eliminada por pessoas ligadas à nossa família.

– Não é possível! Mas quem? Foi o seu pai quem deu a ordem?

– Não sei se foi ele, mas tenho quase certeza de que, se não foi ele, ao menos teve convivência.

– Mas por quê? O que ela fez a eles?

– Não sei, mas pretendo descobrir. Você ainda tem o lenço que ela usava naquele dia?

– Tenho.

– Poderia me emprestar? Deixar comigo alguns dias?

– O que vai fazer?

Fitando a prima nos olhos, ele disse, acariciando os cabelos dela:

– Vamos descobrir o que houve com a sua mãe e tudo o mais em que esta família está envolvida. Mas eu lhe adianto que não é coisa boa...

– Por que diz isso?

– Meu pai me deu uma semana para aceitar juntar-me a Antonella, e assim procedendo, eu terei possibilidade de passar a conhecer o que ele chamou de os negócios paralelos da família.

– Que negócios paralelos? Ele quer te obrigar a casar?

– Acredita em uma coisa dessas, em pleno século 21? Não posso dizer a ele que eu amo Manuela, e já a pedi em casamento.

– Eu já imaginava. Gosto dela... Acho uma pessoa boa, apesar de parecer um pouco ingênua às vezes, acreditando tanto nas pessoas...

– Bianca, durante essa viagem, me aconteceram coisas inexplicáveis do ponto de vista material, mas muito concretas para mim.

Ela o fitava atenta, com os olhos ainda vermelhos de chorar.

– Eu estive em Jerusalém, e voltei ao passado.

– Dizem que acontece isso quando as pessoas visitam os locais históricos de Jerusalém.

– Não, eu voltei literalmente ao passado. Eu vi Jesus, testemunhei suas palavras, seus milagres, sua energia amorosa, sua luz... Eu o vi, Bianca. Ele também falou comigo e decidi segui-lo, custe o que custar. Estou pronto para fazer o que ele quer... Então, minha prima, prepare-se para muitas mudanças. Vou fazer uma revolução na minha vida.

– Tem certeza, Luigi?

Ele a abraçou com carinho e falou, quase sussurrando:

– Absoluta. Jesus tocou minha alma pela segunda vez, mas agora não irei decepcioná-lo.

– O que vai fazer?

– O que for necessário. E começarei por descobrir o que houve com tia Flora. Quero que o seu coração fique pacificado com a verdade. Mas você tem de prometer que vai se esforçar para melhorar.

– Não quero mais ir àquela psicóloga que me atende. Foi meu pai quem me levou lá, e ela vive dizendo que tenho que aceitar que ela se matou, que isso acontece. Parece até que ela não me escuta, que quer me convencer...

– Igualzinho ao médico que me atendeu quando eu era criança. Vamos achar outra pessoa, vou falar com Manuela. Mas você precisa seguir se tratando, e fazendo o que o pessoal lá do centro sugeriu, as orações, as leituras. Precisa fortalecer a sua fé, a sua a sua conexão com Deus. Isso é primordial para a sua cura.

– Está certo, farei tudo que estiver ao meu alcance, ainda mais que agora tenho alguém que realmente me apoia. – Bianca parou por alguns instantes fitando o rosto do primo, que transparecia serenidade:

– Não está com medo? Eu estou...

– Claro que estou com medo. Mas não posso fazer o que meu pai deseja. Agora, terei de seguir o meu coração, e ao mesmo tempo que sinto o perigo, uma força imensa me impulsiona para a frente, para a ação. Você sabe que sempre enfrentei o medo e o venci, nas minhas práticas esportivas. Não vou deixar que ele me domine agora. Medo é algo que nos bloqueia, atrapalha, e quando nos domina, impede nosso crescimento. Não quero isso para a minha vida, e nem para a sua.

Bianca saiu e voltou rápido com o lenço da mãe e o entregou ao primo.

– Vou descobrir tudo, Bianca, e você poderá finalmente seguir em frente.

Ela o abraçou forte, dizendo:

– O que eu faria sem você? Só de você me escutar e me compreender já estou me sentindo melhor...

– E vai melhorar muito mais.

Bianca sorriu, concordando:

– Estou começando a acreditar...

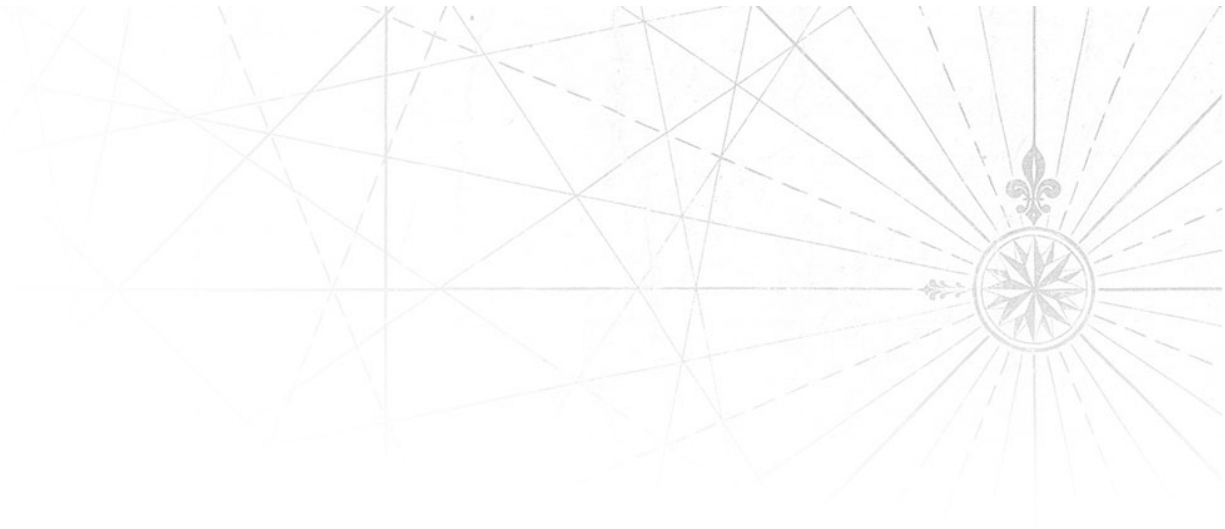
Assim que saiu do apartamento da prima, Luigi ligou para Manuela, e brevemente explicou o que tinha acontecido pedindo um reforço:

– Se puder ligar para ela, convidá-la para sair, qualquer coisa. Ela gosta de você, Manuela.

– E eu também gosto muito dela. Pode deixar, vou me aproximar ainda mais. Sei que vamos conseguir ajudá-la.

Satisfeito, Luigi desligou. Sentia-se cada vez mais forte em seus propósitos. Sabia que tinha pouco tempo e tinha de agir. Ao invés de ir para o escritório, foi para casa, desconectou-se de tudo, desligou celular, desligou o telefone. Sentou-se na sala, pegou a echarpe da tia e murmurou:

– Mostre-me o que aconteceu.



Trinta e oito

NO MESMO INSTANTE, Luigi se viu no apartamento da tia, no dia em que ela morreu. Flora estava ao telefone, e ele, que a tudo assistia como uma testemunha dos fatos, constatou que ela falava com Bianca.

– Sim, filha, vou te buscar na escola, pode deixar. Está tudo bem, filha, não fique agitada. Sei que não quis me ofender naquele dia. Mas foi muito rude em sua resposta.

Do outro lado da linha, Bianca balbuciou:

– Desculpe... Você estava brava, tão alterada. Fiquei até com medo.

– Eu sei que te assustei, mas é que fiquei assustada também.

– Por quê?

Flora hesitou, e por fim respondeu:

– Os negócios de seu pai, de seu avô, às vezes não são o que parecem..., mas deixe isso para os adultos, filha. Vou te

buscar hoje e vamos direto tomar um sorvete no lugar que você gosta. E conversamos um pouco, só nós duas.

As duas ainda conversavam, quando o interfone tocou. Flora despediu-se da filha e quando a auxiliar entrou na sala, informando que coronel Afonso estava ali para vê-la, ela confirmou:

– Quem você disse?

– Coronel Afonso. Ele disse que trabalha com o doutor Francisco na construtora e gostaria de falar com a senhora.

Flora pensou um pouco, sentindo-se insegura. Depois, achou mais prudente atendê-lo, para não complicar as coisas. Ela já tinha falado com o marido sobre o assunto e ele pediu para que ela se calasse, que esquecesse tudo. Mas como? Resolveu receber o visitante.

– Deixe que suba e, por favor, prepare um suco para servi-lo.

Afonso apareceu à porta trazendo um enorme ramalhete de flores. Ela já o conhecia de muitos encontros na construtora. Ele estava naquela reunião na fazenda, onde ouvira os absurdos que a perturbaram. Ela não confiava nele.

– Que lindas flores, muito obrigada. – Depositou-as na mesa e falou – vou preparar um arranjo depois. A que devo a sua visita? Não fui informada de que viria.

– Eu resolvi de última hora, depois de uma reunião com Henrique.

Ela o observava atraída por detalhes que o diferenciavam das demais pessoas conhecidas. Cabelo opaco. O olhar sem brilho, vazio. E uma pele que mais parecia de plástico. Havia

algo profundamente artificial naquele homem que a fazia sentir intensa repulsa.

– Sente-se, por favor.

Ambos se sentaram um de frente ao outro. Flora continuava fitando-o em silêncio.

– Bem, gostaria de convidá-la para conhecer algumas de nossas instituições assistenciais, onde recolhemos crianças desamparadas.

Flora surpreendeu-se. E ele notou logo.

– Sim, Flora, acolhemos crianças, esse é o trabalho paralelo que fazemos na construtora. Acolhemos, cuidamos e as colocamos em lares adotivos, atuando em conjunto com as autoridades governamentais, sempre tudo dentro da lei.

Flora sorriu disfarçando a desconfiança. Ela sabia bem o que tinha escutado, e não tinha nada a ver com crianças em uma instituição. Ele insistiu:

– Gostaria que viesse conhecer o lugar.

– Hoje eu não posso, vou me encontrar com Bianca, temos um compromisso.

– Faremos uma visita rápida, e em seguida poderá ir buscá-la. Não precisamos demorar. Quero tranquilizá-la, Flora; parece que confundiu algumas de nossas conversas e ficou perturbada, acreditando que temos práticas ilegais.

– Ilegais? Você quer dizer que tráfico de crianças é apenas ilegal?

Ela se levantou inconformada, já com o tom de voz elevado. Ele se ergueu e segurou no braço dela com força, dizendo:

– Acalme-se e sente-se. Você não ouviu nada disso.

– É claro que ouvi. Sei perfeitamente o que escutei. Você, meu sogro e até mesmo meu marido são verdadeiros monstros! Como podem fazer isso? E o que mais me angustia é tentar entender o porquê. Com tanto dinheiro que ganham, por que ainda precisam raptar e comercializar crianças? Isso é a coisa mais repugnante que eu já escutei na vida. Desde aquele dia não consigo mais dormir, comer ou ter uma vida. Preciso fazer alguma coisa!

Segurando ainda mais forte no braço dela, ele alertou:

– Insisto que se acalme. Você entendeu tudo errado. Não fazemos isso. Nós acolhemos essas crianças e lhes damos um lar.

– Você pensa que eu sou tola, mas não sou. Meu marido me tratou como se eu fosse burra, falando sobre o assunto.

– Burra eu não diria, mas incosequente. Você tem uma família para cuidar...

– Está me ameaçando?!

Ele estava bem próximo e ela podia sentir um cheiro estranho e enjoativo, sob o perfume caro, que ela conhecia.

A auxiliar tinha saído rapidamente para repor um item da cozinha que estava faltando, e a outra estava no andar superior, cuidando das roupas. Bateram na porta, Afonso se afastou e a abriu, como se já soubesse quem era. O motorista, que andava sempre com ele entrou.

– Gostaria de nos acompanhar agora, Flora?

– Não vou a lugar algum com você. Se quer me levar para conhecer o lugar, que seja com meu marido.

Ela não teve tempo de dizer mais nada. Foi tomada à força, sedada e depois simularam um suicídio por enforcamento. Flora

não teve tempo de reagir. Deixaram-na ainda viva, agonizante, para ser encontrada logo em seguida pela auxiliar, Dora, que desapareceu dias depois da morte da patroa.

Ao retornar da cena, Luigi tinha lágrimas nos olhos. Ele já tinha visto aquela cena, exatamente a mesma, quando tinha dez anos e depois, em várias ocasiões, fragmentos do que ocorrera naquele dia. Ele já sabia que a tia fora vítima daqueles homens. E nunca entendera por que todos se calaram diante das pontas soltas, como a visita de Afonso, que era totalmente fora do normal. Mas todos, sem exceção, haviam se calado. Agora ele começava a compreender. Tráfico de crianças? Ele sabia por onde devia começar e o que deveria procurar.

Arrumou-se e foi para o escritório; não queria perder nenhum minuto. Se houvesse ainda alguma hesitação remanescente quanto ao que ele deveria fazer, naquele momento, toda dúvida desaparecera. Ele precisava agir, e depressa. Sabia que o pai estava fora, em uma reunião com representantes do governo federal e estaria de volta naquela tarde.

Entrou no seu escritório, deixou tudo ali, e avisou a secretária que estaria na academia. Foi até lá, e se fez visto pelas câmeras. Depois, aproveitou de um momento de maior aglomeração de pessoas e subiu ao escritório do pai, pelas escadas. A secretária costumava ficar de folga quando o pai viajava. Entrou no escritório de Francisco sem muita dificuldade; ele tinha um cartão especial que dava acesso a quase todas as áreas do prédio.

Dentro da sala, procurou primeiro nas gavetas da mesa, uma a uma. Nada encontrou que chamasse sua atenção. Verificou se havia algum compartimento oculto no fundo das

gavetas, mas não havia nada. Vasculhou cuidadosamente e demoradamente a sala, mas não encontrou nada. Não sabia se o pai tinha algum cofre naquela sala, nunca tinha visto, mas passou a procurar por ele sob os quadros e finalmente encontrou. Olhando o cofre com fechadura digital de alta tecnologia, pensou como encontraria a senha. Então, colocou sua mão sobre o puxador do cofre e nitidamente viu o pai digitando a senha. Repetiu o movimento e o cofre se abriu. Dentro, havia vários documentos importantes, como o contrato que ele entregara ao pai assim que chegou de viagem, e outros de igual valor. Havia bastante dinheiro, e algumas joias. E bem no fundo do cofre, Luigi viu um objeto que parecia uma agenda. Esticou o braço e o alcançou. Ele se lembrava que já tinha visto aquela capa de couro antes, nas mãos do avô Genaro. Abriu com cuidado e folheou cada uma das páginas. Eram registros com muitos nomes, e traziam os totais das encomendas, as datas para entrega e a lista de nomes, com as idades na frente: 9, 6, 3, 2. Eram as crianças de que falara a tia. Reconheceu a caligrafia do avô, e constatou que as entregas eram feitas anualmente. Depois, a letra mudava e era a de Francisco, e seguiam os mesmos formatos das anotações feitas pelo avô, com a diferença que o número de crianças havia aumentado.

Luigi teve vontade de vomitar. Sentia como se milhares de olhos o observassem. Tirou várias fotos das páginas da agenda, na intenção de colocá-la de volta no lugar, mas de súbito, uma outra ideia passou-lhe pela mente. Ele levaria a agenda. Ela seria uma espécie de garantia. Fechou cuidadosamente o cofre, limpou as digitais e saiu cuidadoso, com a agenda sob a camisa.

No corredor, não esperou pelo elevador, desceu as escadas e foi direto ao seu escritório. Fez algumas ligações e depois,

parou diante da mesa de Pamela.

– Vou me ausentar por alguns dias.

– Outra vez? Vai viajar de novo?

– É possível. Preciso de uns dias para confirmar algumas informações.

– Seu tempo está se esgotando... Já decidiu?

Ele a fitou longamente, depois sorriu e falou:

– Você tem sido mais do que uma secretária, tem sido uma amiga. Quero que se cuide, Pamela. E se tiver qualquer problema, qualquer dificuldade com meu pai ou qualquer outro de seus associados, me avise imediatamente. Não fale para ninguém o que acabamos de conversar. Hoje, você me viu de relance, nem conversamos e eu logo saí. Está me entendendo?

– Você está me deixando assustada. O que está acontecendo?

– Não dá para conversarmos agora, mas se precisar de mim, é só me ligar.

– Está acontecendo alguma coisa na empresa?

– Muitas coisas vão acontecer na empresa, Pamela, muitas mudanças, a começar pela minha demissão e desligamento da empresa.

Ele deu a ela um envelope lacrado.

– Entregue ao meu pai. Esta é a oficialização da minha demissão.

– Eu deveria sair também... – Falou a moça com a voz trêmula.

– Se eles não conseguirem confiar em você, irão demiti-la. Eu a ajudo a se recolocar, não se preocupe.

Ela não respondeu, balançou a cabeça concordando enquanto ele se afastava. Assim que ele desceu as escadas, ela se sentou na cadeira com o envelope na mão, atordoada. Em apenas um segundo, toda a sua vida se transformara. Ela olhou a carta e balbuciou:

– Logo hoje, que eu ia comprar a passagem para as minhas férias... Que droga de vida!



Trinta e nove

LUIGI PEGOU O CAMINHO DE CASA, mas antes ligou para Manuela, pedindo:

- Precisamos conversar. É urgente.
- Está me assustando...
- Desculpe, mas é que o assunto é sério. Está no escritório?
- Sim.

– Pode ir para minha casa? – Ele pensou rapidamente, depois mudou de ideia – Não. Em minha casa não. Passo aí para te pegar e vamos para algum lugar tranquilo, pode ser?

– Sim. Vou resolver rapidamente algumas coisas e desço para te esperar.

- Não, não desça. Espere eu te ligar.

Manuela gelou. Compreendeu logo a gravidade. Fez algumas ligações, deu algumas orientações aos jardineiros responsáveis pelo seu projeto no shopping, e avisou aos colegas que iria tirar o resto do dia de folga. Assim que Luigi ligou, ela

desceu e entrou no carro. Assim que a viu ele esboçou ligeiro sorriso. Ela se ajeitou e colocou o cinto de segurança, dizendo:

– Tirei o resto do dia de folga, assim fico livre para conversarmos com calma.

– Gostaria de ir a um lugar bem tranquilo, onde pudéssemos ficar sossegados, sem interrupções. E que seja um lugar onde não possam me encontrar, nem a você.

– Luigi, o que houve?

Ele ficou hesitante. Deveria envolver Manuela naquela situação tão séria? Ela logo percebeu.

– O que foi? Pode me falar.

– Vamos para a praia. Conheço um lugar bem sossegado. E vamos conversando no caminho.

Assim que pegaram a estrada, o executivo entrou no assunto que mais lhe interessava.

– Me demiti da construtora.

– O quê?

– Meu pai já tinha me dado o ultimato, você sabe.

– Sim, eu sei.

– Não dá para conciliar as coisas, Manuela. Infelizmente não é possível. Eu pensei muito, analisando possibilidades, vendo se encontrava um modo de harmonizar minha vida atual, minhas atividades na construtora, minha família, e esse novo mundo que se abriu para mim, da realidade espiritual.

– Tem certeza de que não consegue ajudar mais estando lá dentro?

– Não vai ser possível. Olhe isso. – Ele entregou a agenda nas mãos da jovem, que a abriu e folheou, perplexa.

– Isso não é o que estou pensando...

- Acho que é.
- Crianças, Luigi?

– Creio que isso seja a documentação de uma das atividades paralelas da construtora: tráfico de crianças. Quando toquei a agenda, vi muitos rostinhos, e a dor que senti foi dilacerante. Pavor, angústia, tristeza, raiva, ódio, vingança... Imagine cada criança, cada família, cada mãe que já foi impactada.

Manuela folheou mais um pouco, depois colocou a agenda no banco traseiro.

– Compreendo agora a gravidade. Eles podem querer te matar mesmo... Isso não é trabalho apenas da sua família, por dinheiro ou poder. É mais do que isso. É prática das trevas densas para levar dor e sofrimento lancinantes aos seres humanos.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes, depois continuou.

– Com a sua sensibilidade é possível que consiga acessar no mundo espiritual, o que aconteceu com essas crianças.

Ele ficou ainda mais sério, fechando o semblante completamente. Manuela pousou suavemente suas mãos no braço dele.

– Sei que é doloroso para você, mas pense no bem que poderá fazer se conseguir recuperar ao menos algumas dessas crianças! Há mães que esperam para sempre o retorno de seus filhos desaparecidos.

- Não sei...
- Você saberá.

Ambos silenciaram por longo tempo,

Estavam chegando a um píer, em Ilha Bela, quando o celular de Luigi tocou. Era a prima.

– Oi, Bianca.

– Está tudo bem? Onde você está?

Luigi logo estranhou o tom de voz dela.

– Estou bem, e você? Não está sozinha, não é?

– Não, não. Eu estou bem.

– Quem está com você? Meu pai?

– Sim, que bom que você está bem.

– Mais alguém?

– Claro, quando você vai voltar?

– Diga a eles que eu estou tirando uns dias de folga, para pensar sobre o que vou fazer daqui por diante.

– Não vai mais voltar para a construtora mesmo? Tem certeza disso?

– Absoluta.

Nesta altura, Francisco arrancou o celular das mãos da sobrinha e começou a esbravejar com o filho:

– Como você ousa tomar uma decisão dessas? Quem pensa que é?

– Você pediu que eu tomasse uma decisão e eu tomei. Não ficaria com Antonella, nem que ela fosse a última mulher na Terra. E como você deixou claro que essa era a condição para seguir nas minhas funções, achei melhor já me adiantar. Antes que você me demitisse, tornei as coisas mais fáceis para você, pai.

– Não me chame de pai, seu... filho da...

– Opa! Sem ofensas! Fiz o que me pediu.

– Não, não fez. Você não me escutou e está seguindo agora por um caminho sem volta.

– Quero viver a minha vida, fazer minhas escolhas, tomar minhas próprias decisões.

– Acha que vai muito longe sem o meu apoio, sem o apoio da família? Você não é nada Luigi, não é ninguém sem nosso sobrenome, sem o poder da construtora, você não passa de um ninguém!

– Tudo bem, pai, sei que está com raiva. Mas vou procurar meu rumo, saber melhor quem eu sou e o que quero fazer por minha conta na vida.

– Pois saiba que vai fazer isso realmente sozinho daqui para frente. Sem nosso sobrenome, sem apoio de ninguém, muito pelo contrário, e sem nosso dinheiro também. Você acaba de ser deserdado; não terá acesso a um centavo da empresa ou da família. Vou cortar todas as suas fontes de recursos, não vai ganhar mais um centavo sequer. E já bloqueei seu acesso às suas ações da construtora; não vai conseguir vendê-las para levantar recursos. Você está acabado, Luigi. E não adianta vir depois como um indigente me pedir ajuda. Estará realmente por sua conta. Já que não valorizou tudo o que tinha, já que tem a presunção de achar que pode fazer o que quer, pois então, que seja. Desisto de tentar fazê-lo um de nós...

Seguiu-se longo silêncio. E então, Luigi compreendeu num átimo de segundo, todos os esforços que o pai fizera, ao longo de sua vida, para tentar moldá-lo pela educação, pela transmissão de valores e crenças, seu modo pernicioso de viver. Por fim, ele disse:

– Desculpe por não ser quem você gostaria que eu fosse. Mas creia, pai, sou grato por ter me ensinado muitas coisas. Sei

que serão ainda mais úteis de agora em diante. Nos falamos quando estiver mais calmo. Quero falar com Bianca.

O pai, sem dizer mais nada, passou o telefone para a sobrinha e saiu do apartamento em companhia de Afonso.

– Você está bem? Está segura? – Indagou Luigi.

– Sim, agora estou. Eles acabaram de sair. Meu Deus, Luigi, o que foi que você fez?

– Eu não fiz nada. Apenas me demiti da construtora.

– E por que fez isso?

– Por muitos motivos, Bianca.

– Descobriu alguma coisa sobre minha mãe?

– Sim, descobri.

– O que?

– Eu descobri tudo, só não sei se vou conseguir provar.

Bianca começou a chorar.

– Querida, vai ficar tudo bem. Preciso que se acalme e fique centrada, você consegue?

– Vou ligar para Manuela e pedir que ela venha ficar aqui comigo...

– Ela está comigo.

– Onde vocês estão? Vou me encontrar com vocês.

– Sim, vamos fazer isso, mas tem de ser tudo bem pensado.

– Por quê?

– Depois conversamos, pessoalmente, pode ser? Vá para a casa de sua irmã.

– Eu não gosto de ficar na casa dela.

– Acha que consegue ficar sozinha até eu voltar? Não pretendo demorar.

Limpendo as lágrimas, ela se recompôs e respondeu:

– Claro! Vou ficar bem.

Luigi e Manuela entraram em um barco alugado, e foram para uma pequena ilha, alguns poucos quilômetros da costa. O mar estava tranquilo e sereno, e logo as lembranças do mar da Galileia vieram a sua mente, junto com as lembranças da vivência que tivera ao lado de Jesus. O vento era agradável, batendo nos rostos de Luigi e Manuela. Ele se aproximou mais dela e a abraçou forte.

– Não sei o que vai ser daqui para frente. Acho que eles podem cancelar seu contrato...

Ela pousou dois dedos sobre os lábios dele, beijou-os com carinho, depois disse:

– A essa altura, não estou nem um pouco preocupada com o contrato. Claro que é o meu trabalho, e gosto muito do que faço, mas tenho perfeita noção de que minha vida é muito mais do que meu trabalho, e que estamos aqui na Terra com um objetivo.

– Não está com medo do que pode nos acontecer?

– Medo?! Não, estou apavorada. – Ela respondeu com ênfase no apavorada.

– Não parece...

– Mas eu estou. Só que depois daquela nossa experiência em Dayton, tudo ficou mais claro para mim. Sempre tive uma ligação forte com o aspecto científico do espiritismo, sempre busquei informações científicas para embasar minhas crenças; eu pesquiso muito. E depois daquilo que vivemos, fui atrás de mais informações sobre Willian e Elizabeth Denton. Tenho certeza de que somos nós dois, Luigi.

– Eu também tenho essa certeza.

– Pois então, meu querido. Vamos ter de nos abrir para compreender o que Deus espera de nós, daqui por diante. Sei que temos algo a fazer, sei que Deus tem um plano para nós, por isso estamos juntos de novo. Realizamos muitas coisas juntos, mas acho que de minha parte, faltou fé e compreensão nas realidades invisíveis das leis que regem o universo. Acho que, para tentar ser fiel ao máximo e isenta em nossas pesquisas lá no passado, eu bloqueei tudo o que não era concreto. Mas agora, com o avanço da ciência que pesquisa o invisível, está tudo aí, disponível para quem quiser saber, para quem quiser fazer as perguntas certas, nas buscas da internet. A ciência já comprovou a existência de Deus, da alma, das múltiplas encarnações, da visão à distância, da mediunidade. Tudo está provado e acessível para quem quiser conhecer. E agora, tenho fé, além do que a ciência comprova. Eu consigo crer antes de ver. E isso eu não conseguia fazer antes. Então, acho que temos de encontrar um novo caminho para trilhar.

Ele a abraçou forte e murmurou:

– E faremos isso juntos.

O veleiro ancorou e tomaram um pequeno bote a motor até a praia. Luigi informou o capitão e dono do barco:

– Vamos ficar por aqui por umas duas horas, tudo bem?

– Sem problemas. Vou ficar ancorado aqui mesmo e quando quiserem retornar é só avisar.

Os dois afastaram-se de mãos dadas, caminhando devagar.

– Como descobriu esse lugar?

– Eu gosto de velejar. Tenho um veleiro, quer dizer, tinha um veleiro. Ele é do meu pai. Eu aprendi bem cedo a velejar e

sempre que tinha alguma decisão importante para tomar, vinha para cá. O lugar é simples, selvagem, silencioso.

Ele baixou a cabeça, depois a ergueu, abriu largo sorriso e comentou:

– Acho que é porque me lembra muito o que senti no Mar da Galileia: Silêncio, beleza natural, simplicidade.

– É, Luigi, certamente foi a encarnação mais importante que você viveu até hoje.

– Você acha?

– Você estava com Jesus!

– Não, Manuela, Jesus estava comigo, mas eu não estava com ele. – Seus olhos ficaram rasos de lágrimas. – Eu o abandonei, deixei que o prendessem, não fiz nada para impedir. Eu sabia que o viriam buscar e não fiz nada.

– Você não poderia impedir o que aconteceu, Luigi. Ninguém poderia. Jesus sabia com antecedência tudo o que iria enfrentar, nada o pegou de surpresa.

– É, você está certa. Ele é muito maior do que qualquer circunstância, e certamente, nada que viesse do exterior poderia atingi-lo.

– Como de fato não atingiu. Ele entregou sua vida, como ele mesmo disse, e segue dirigindo o planeta.

Acomodaram-se em um lugar agradável sob a sombra de árvores chapéu de sol, e Luigi pediu:

– Pode me explicar mais sobre o espiritismo, sobre o que você aprendeu, sobre suas pesquisas? Quero saber mais.

E os dois, sentados na areia, envolvidos por um grupo de espíritos elevados, sentiam-se repletos de luz e de amor. Sabiam que o futuro era assustador, e mesmo assim, sentiam uma

imensa serenidade. Estavam dispostos a fazer o que fosse correto para eles, dispostos a realizarem a missão que Jesus lhes confiara. Não podiam perceber a imensa proteção espiritual que os envolvia. E sob esse influxo de energias luminosas, passaram muito tempo conversando sobre as questões espirituais, como se nada mais no mundo existisse.

Ao deixarem a ilha, o sol se punha lentamente no horizonte e o mar, a natureza, tudo tomara uma cor laranja intenso, como se fosse um quadro em que o pintor tivesse carregado nas tintas. Era um cenário perfeito para marcar o começo de uma nova vida.



Quarenta

ANTES DE DEIXAR MANUELA EM CASA, Luigi a beijou com carinho e disse, com ar de apreensão:

- Qualquer coisa que a ameace, por favor, me avise.
- O que você vai fazer?

– Antes dessa curta viagem, tudo estava meio turvo em minha mente; agora, no entanto, as coisas estão mais claras. Acho que o mais difícil foi aceitar completamente e sinceramente a verdade, a realidade. As ilusões que são colocadas em nossas vidas, como se fossem absoluta realidade, ofuscam nossa visão do que é real e verdadeiro. E nos fazem acreditar em miragens. É claro que uma conta recheada de dinheiro no banco, parece uma realidade absoluta. Mas não é. Já vi homens poderosos perderem todo o seu dinheiro, já vi pessoas influentes serem destruídas pelo fracasso em algum de seus empreendimentos. E agora compreendo por que de tudo isso. Aquilo que é essencial, não é visível aos olhos materiais. A consciência, que cria tudo,

que dá origem a tudo é a maior força do Universo. A consciência divina e a consciência humana são o princípio de tudo.

Manuela sorriu, sentindo o coração repleto de alegria, de gratidão e de felicidade.

– Luigi, como você mudou e em tão pouco tempo! Nem parece a pessoa que conheci alguns meses atrás.

Fez uma pausa e depois concluiu:

– Que bom que estou ao seu lado nessa grande viagem.

– Vai ficar junto comigo mesmo, haja o que houver?

– Sim, haja o que houver.

Ele a abraçou forte. Seus corações transbordavam de amor e gratidão.



Três dias se passaram. A sala da presidência da construtora nunca estivera tão alvoroçada. Francisco resmungava em reunião privada com Afonso e Antonella.

– Não acredito que o deixou escapar de suas mãos! É inacreditável. Uma de nossas principais obrigações é doutrinar aqueles que temos sob nossa responsabilidade, e você falhou.

– Fiz tudo o que pude – o pai de Luigi tentava de justificar – fiz tudo sim. Eu passei a ele todos os nossos princípios e valores, a nossa forma de ver a vida.

– Mas foi ineficaz – afirmou Antonella – ele não foi adequadamente doutrinado. Essa é a questão.

Francisco esbravejou mais um pouco, depois ficou em silêncio pensativo. E finalmente questionou:

– Já pararam para pensar, que talvez ele seja da luz?

Sem alterar um átimo de emoção, Afonso afirmou:

– Mesmo que seja, esse é mais um motivo para ser firme no adestramento, no condicionamento. Temos os mais diversos métodos coercitivos à nossa disposição. Dominamos as mentes que criam os programas para a educação em âmbito global; controlamos os meios de comunicação, criamos e ressaltamos na cultura popular aquilo que nos interessa. Levamos quem nos interessa ao sucesso e o afundamos no mais obscuro fracasso, se nos atrapalhar. Na ciência, encobrimos as descobertas que não interessam que cheguem à população. E na religião, criamos dogmas distorcidos que enfraquecem a alma humana e as mantém longe da verdade. Você sabe que controlamos a arte de manipular as mentes e as emoções das pessoas. Escravizamos suas vidas, escravizando suas mentes. E elas nem percebem. No seu caso, meu amigo, a diversão e os hábitos dissolutos foram pouco explorados. Seu filho logo achou o caminho dos esportes saudáveis. Ele é todo saudável, da cabeça aos pés. E desde jovem tivemos pouco acesso mental a ele. Cabia a você tê-lo preparado para a sucessão. Agora terá trabalho redobrado para preparar seu sucessor.

– Quanto a isso, não precisam se preocupar. Meus outros filhos estão e sempre estiveram ávidos para ocupar o lugar do irmão.

– Muito bem. E o que faremos com Luigi? Ele sabe demais.

– Ele não sabe tudo. E cortando o fluxo de dinheiro dele, logo murchará e secará como uma vara arrancada do galho. Não temos com que nos preocupar.

Afonso fitou longamente Francisco nos olhos e por fim se levantou, dizendo:

– Sua arrogância extrema o deixa cego. Luigi andou bisbilhotando por aqui e ali sobre o que ocorreu com a tia. Ele é

sim, um perigo. Está desconfiado e pode nos prejudicar. Como não consegue ver isso?

– Luigi é um fraco! Não terá forças para seguir sozinho. É possível que volte rastejando, pedindo por dinheiro.

– Você sabe quem ele é?

– Como assim?

– Sabe das vidas anteriores dele?

– Não.

– Deveria procurar saber.

– Essa informação não fica acessível a nós.

– Até certo ponto fica. E no caso dele, não conseguimos saber exatamente quem ele foi em vidas pregressas. Logo, imagino que ele não seja um dos nossos...

– Um infiltrado?! – Indagou Antonella.

– Muito provavelmente.

– Então teremos de eliminá-lo.

– Primeiro vamos destruir sua vida e tudo que lhe é caro. Começemos por Manuela e Bianca. Parece que ele aprecia realmente as duas.

– Certo. Vou agir imediatamente.

– Sim, começemos pelos passos mais básicos e vamos ver quanto tempo levamos para que eles fiquem totalmente destruídos e desacreditados. E assim, vamos passando aos passos seguintes, até que ele deixe de representar qualquer ameaça.

Logo em seguida, Francisco pediu aos advogados da construtora que vasculhassem e encontrassem alguma brecha no contrato com a empresa de Manuela, para que não só rompessem o contrato, como os processassem por negligência,

ou quebra de alguma cláusula. Assim, a jovem logo seria demitida e arruinariam sem piedade a sua carreira profissional.

E com relação a Bianca, deveria forçar para que ela voltasse à clínica de doentes mentais. E por lá permanecesse, desta vez, por tempo indeterminado.

As teias dos acontecimentos futuros, detalhadamente premeditadas, não conseguiam impedir que mensageiros da luz os testemunhassem. E assim, sabendo antecipadamente, podiam auxiliar os tutelados a melhor lidar com cada situação.

No caso de Bianca, antecipando as iniciativas das trevas, Luigi foi intuído a trazer a prima para sua casa. E passavam longos períodos juntos, conversando sobre os mais variados assuntos, incluindo suas experiências com a espiritualidade.



Passados alguns dias, Luigi estava planejando o que faria com as informações que tinha, e como reorganizaria sua vida. O pai efetivamente cortara todos os seus recursos e seus ganhos. Ele fez um levantamento detalhado de seus investimentos e, para surpresa e satisfação, verificou que alguns fundos de investimento nos quais colorara recursos, haviam trazido ganhos surpreendentemente altos. Fez vários cálculos e percebeu que se soubesse cuidar dos recursos que tinha, se adotasse uma vida mais natural e sem luxos desnecessários, teria com o que viver por muito tempo. Nada com que se preocupar. E uma das decisões foi colocar à venda o seu apartamento.

Ele estava ainda muito absorvido em suas análises quando Manuela ligou.

- Eles começaram a agir.
- O que houve?

– Seu pai rompeu o contrato e está processando o escritório apontando irregularidades descabidas em vários itens de nosso trabalho. Mas não há nada errado. Está tudo como combinamos.

– Eles querem destruir você, Manuela, para me atingir. – Luigi falou sem pensar, identificando de pronto o esclarecimento espiritual de sua orientadora espiritual.

– E o que devo fazer?

– Qual foi a reação do pessoal do escritório?

– Eles ficaram assustados. São muito corretos, você sabe. E isso nunca aconteceu antes.

– Consegue marcar uma reunião entre mim e os sócios? Tenho uma proposta a fazer a eles.

– Em que está pensando?

– Quero comprar a empresa.

– Como assim? Quer comprar o escritório de arquitetura?

– Quero. Estive analisando vários setores e este em que atuam é muito promissor. O que acha? Teriam interesse em vender?

– Não tenho a menor ideia.

– Então me ajude com a reunião e farei o restante. Estou seguindo a minha intuição.

Animada e compreendendo exatamente o que ele queria dizer, ela respondeu:

– Deixe comigo que vou preparar o caminho para você.

– Obrigada.

– Estou preocupada com Bianca.

– Ela já está aqui comigo, fique tranquila.

– Ótimo. E o que vai fazer quanto às informações da agenda, e tudo o mais?

– Terei uma reunião com uma empresa de investigação. Quero sentir se posso confiar neles para uma questão tão delicada.

– Conheço um investigador da polícia federal, Carlos, que é uma pessoa muito séria, inclusive participa dos grupos de estudos aqui em casa. Quer falar com ele?

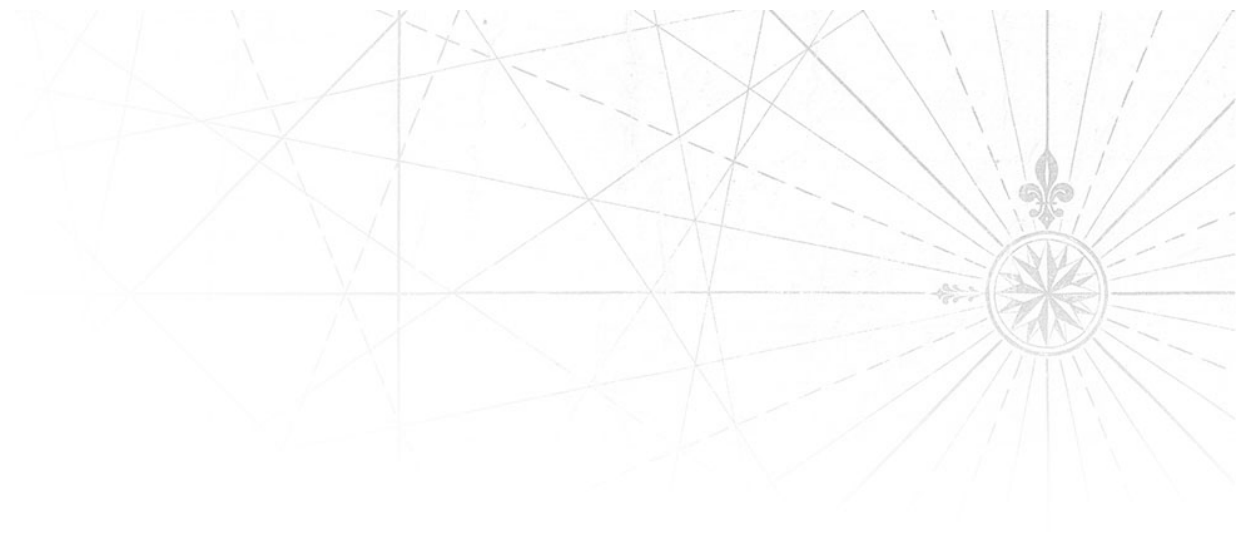
– Seria muito útil. Me passe o contato, por favor; conforme for, já cancelo a reunião com a empresa de investigação.

Desligaram.

Para cada ofensiva das trevas, a luz se antecipava e como Luigi e Manuela estivessem completamente confiantes na espiritualidade, em Deus e desejassem de coração aberto seguir o Bem, não criavam conflitos ou questionamentos que impedissem as intuições e orientações de alcançá-los. E seguiam atuando como instrumentos da luz.

Tocado e transformado pela presença de Jesus em sua vida, Luigi estava determinado a viver os seus ensinamentos. Fazer suas as crenças ensinadas por Jesus e vivê-las. Houvesse o que houvesse, nunca mais se afastaria do amor do Nazareno. Dentro de si, levava a certeza de que Jesus jamais o abandonaria. E tudo o que lhe acontecesse, seria sustentado pelas forças do alto. Sua fé desabrochava lhe dando novas e fortes convicções.

Finalmente, depois de milênios, Simão aceitara viver e seguir os ensinamentos que aprendera às margens do Mar da Galileia, balizando suas ações por esses ensinamentos. E com o mesmo zelo que tivera pela libertação do povo de Israel, que o fizeram deixar o Mestre em seu momento crucial, ele agora recomeçava de onde havia parado, mas com o entendimento espiritual. A verdade finalmente o libertara. Tudo deveria ser feito com prudência, sabedoria e muito amor.



Quarenta e um

NAS SEMANAS SEGUINTEs, Luigi entregou-se a períodos de longo recolhimento, em que aprendia a ter profundo contato consigo, com Jesus e com Deus. Lia, meditava, e observava seu próprio ser interior, seus velhos hábitos viciados, seus pensamentos cristalizados, seus medos e suas expectativas distorcidas e distantes da realidade do mundo. A oração constante por sabedoria ia aproximando cada vez mais o discípulo de seu Mestre.

Melissa acompanhava os progressos de seu tutelado, sabendo da experiência daquela alma novamente no corpo denso, e a grandeza de sua missão. Sentia-se feliz e grata pela possibilidade de acompanhá-lo e aprender com ele.

Naquele dia ela recebeu uma visita muito querida. Flora havia deixado momentaneamente suas tarefas e responsabilidades na nova vida, para matar a saudade da filha. As duas se abraçaram com carinho, e Melissa informou:

– Bianca está no quarto.

– Ela está melhor?

– Está mais aliviada, depois que confirmou o que sempre soube. Ter a confirmação de que você não a abandonou, antes, foi arrancada dela, deu a ela grande alívio. Mas ainda não consegue se entregar ao novo caminho de renovação interior. Está fortemente apegada aos hábitos mentais que adquiriu nesta vida, inclusive ao sofrimento. Seu corpo inteiro, de fato, habituou-se às emoções negativas, como se fossem uma droga. E ela não consegue se libertar desse vício. De fato, não sabe nada sobre o assunto. Ela reluta a aceitar as verdades espirituais. E embora saiba que Luigi tem essa sensibilidade toda, de ler no espaço fatos que ocorreram, suas crenças e emoções negativas permanecem puxando-a para baixo como uma pesada bola de ferro amarrada à sua alma. Ela não consegue se libertar.

Aproximaram-se as duas da jovem que estava perto dos trinta anos e não realizara nada em sua vida, sentindo-se constantemente vitimada pela dolorosa experiência que vivenciara.

Melissa comentou:

– Você tem aprendido a sensibilizar-se para captar as ondas do pensamento?

– Sim.

– Então concentre-se e note quais são os pensamentos que povoam a mente dela.

Flora acercou-se da filha querida, envolvendo-a em terno abraço. A moça sentiu uma onda de carinho a evolver-lhe, mas logo a percepção dissipou-se perdida nas energias deletérias que a dominavam.

– Eu sou uma fracassada. Não consigo fazer nada nessa vida. Deus nunca me amou, nunca foi bom comigo. Sou uma

peessoa esquecida e fraca. Deus não se importa comigo. Queria ser poderosa como meu primo. Por que ele abandonou tudo? Queria que minha mãe estivesse aqui. Não presto para nada. Também, como sobreviver a perda de uma mãe?

Melissa fitou Flora e sorriu, convidando. Vamos ajudá-la. As duas puseram-se em oração e logo uma luz suave iluminou o cômodo. Bianca sentiu um agradável torpor dominar-lhe o corpo inteiro. Os pensamentos serenaram até silenciar e ela adormeceu. Assim que seu corpo espiritual se despreendeu do corpo denso, ela viu a mãe e correu a abraçá-la.

– Mãezinha querida! Que saudades! Estou sonhando ou o que?

A mãe abraçou-a forte, sentindo a dor da separação apontar forte, e Melissa a ajudou, sussurrando:

– A alegria do reencontro, foque nesta emoção, Flora.

Relembrando os treinamentos que vinha tendo no mundo espiritual, para aprender a dominar a mente e ser senhora de seus pensamentos e emoções, usou o que já sabia e se refez.

– Minha filha, isso não é um sonho. A morte definitivamente não existe como enxergamos quando estamos na Terra. É uma intensa transformação, sim, do contrário não teria nenhum impacto na mente e no coração endurecido dos homens e mulheres que caminham na Terra totalmente desgarrados do Criador.

Bianca a escutava atenta.

– Mas somos seres espirituais acima de tudo. Por isso, o corpo morre, a personalidade que construímos fica abalada, pois não tem mais as referências externas que foram tão importantes durante a vida no corpo denso, mas descortina-se um novo

universo. Passamos a perceber a grandeza da vida, e começamos a compreender a realidade do ser que somos.

Bianca chorava.

– Por que as lágrimas quando a alegria do reencontro deve ser maior?

– Por que você teve de ser arrancada de mim? Isso não é justo. Eu era só uma criança, uma menininha. Você era tudo para mim, mãe! Por que Deus permitiu que tudo isso acontecesse com você?

Limpendo as lágrimas que corriam na face da filha, Flora buscava se equilibrar, para não entrar na mesma faixa vibratória em que estava a filha, e continuou:

– Bianca, é preciso que aprendamos sobre as leis divinas e que aprendamos a nos render a essas leis. Nos render ao Criador. Muitas lições são dolorosas para nós, eu sei e compreendo, pois ainda sofro também, mas se aprendermos a nos elevar e enxergar de um ponto de vista mais elevado, começaremos a desconfiar que Deus sabe exatamente o que faz. Deus é puro amor, bondade, misericórdia.

– Então por que tanto sofrimento? Como ele pôde deixar você passar pelo que passou, assim como eu?! Você foi morta com a anuência de sua própria família, não percebe?

– Claro que percebo, e depois de meus primeiros anos de adaptação à nova vida, essa foi a pergunta que mais me fiz. Enquanto não aceitei que Deus nunca faz o mal, mas que sofremos em decorrência de nossa vibração, daquilo que carregamos no íntimo em nossas almas, não conseguia enxergar. Depois, quando comecei a aceitar que eu, em última instância, era a maior responsável pelos meus sofrimentos, foi que então experimentei uma grande expansão em minha

consciência, e como dizem, as fichas começaram a cair. Aceitar não é concordar com o mal, mas concordar em buscar a compreensão. E creia em mim, vamos começando a encontrar as respostas. Hoje eu sei por que passei por tudo isso. Ainda dói, pode acreditar. Mas nunca mais fiquei longe de você. Compreendi que a distância é material. Sempre que me ligo em você, estamos juntas em pensamento. Posso sentir sua presença, suas emoções, seus pensamentos. A separação é uma verdade aparente. É uma parte apenas da realidade. Veja:

Flora atuou sobre o lóbulo frontal de Bianca para que ela conseguisse ver os fios energéticos que as unia.

– O que é isso?

– Somos energia, Bianca, vibrando em um campo de energia maior ainda. Estamos conectadas pelo amor. Agora quero que você compreenda que está em uma missão de aprendizagem, acima de tudo. Sente-se aqui.

Atuando novamente sobre os centros mentais da filha, ela auxiliou para que lembranças do passado viessem à mente dela em forma de imagens. E Bianca lembrou, como se fosse um sonho confuso, mas possível de ser compreendido, como agira com total desprezo pela mãe, em vidas pregressas. Ela e Flora, como irmãs, foram a tal ponto egoístas, levianas e orgulhosas, que causaram profunda dor à mãe, que era uma mulher, por sua vez, com muitas fragilidades emocionais. O desprezo, a humilhação, o desdém com que era tratada pelas filhas desencadeou tristeza contínua, depressão e loucura.

Bianca reconhecia a si mesma naquelas imagens. Viu como agira, como sua alma estava endurecia sem respeito pelos semelhantes. Como o egoísmo que a dominara justificava e racionalizava suas ações. Chorava muito.

Flora a abraçou forte e disse:

– Eu chorei muito também, ao lembrar o que fizemos. Agora estamos em uma nova oportunidade, com novos aprendizados e ferramentas. Eu prossigo aprendendo aqui, e você deve fazer o mesmo, Bianca. Chega de ter piedade de si mesma. Você é forte, pode superar o que viveu, aceitar as amargas lições e crescer, buscar libertar-se dessa amargura que a paralisa e encontrar a felicidade verdadeira, que não repousa em nada que é material. Você consegue compreender isso?

– Sim – balbuciou ela.

– Então iremos ativar a sua mediunidade.

– Mediunidade?

– Sim, sua habilidade de entrar em contato com o mundo invisível. Você já traz essa experiência de sua última encarnação junto com Luigi e Manuela.

– Como assim?

– Você vai compreender no momento oportuno. Vocês três já estiveram juntos trabalhando pela verdade, através da ciência. É hora de retomar o trabalho interrompido. Sua mediunidade vai ser útil e necessária nessa tarefa, mas, sobretudo, será útil para que você, diante dos fatos, fortaleça sua fé e se liberte dos velhos pensamentos e sentimentos doentes e equivocados. Chegou o momento, minha querida, de se erguer e realizar o bem em favor de muitos. Estaremos sempre próximas, mas o maior trabalho deve ser realizado por você, aqui – colocou as mãos sobre o peito de Bianca –, no mais íntimo de sua alma. Essa é uma luta sua, e somente você poderá vencê-la.

Por fim, despediram-se. Bianca ampliara a consciência e voltava para o corpo denso renovada.

Quando despertou, passou algum tempo relembrando cada parte daquilo que parecia ser um sonho. Entretanto, pelos sentimentos que tinha, sabia ter encontrado a mãe. Levantou-se e foi procurar por Luigi.

– Está ocupado?

– Não, ia te chamar para tomarmos um café. Quer? Acabei de preparar.

Enquanto tomavam o café, ela falou:

– Sonhei com minha mãe.

– Que coisa boa. Já sonhei com a tia Flora algumas vezes.

– Luigi, vou parecer maluca se disser que acho que não foi um sonho? Acho que estive mesmo com ela. Acho que ela está mesmo viva em algum outro lugar, uma outra dimensão.

– Mas claro que está, Bianca. Você tinha alguma dúvida?

– Eu tinha sim. Na realidade, tudo que escutei até hoje, inclusive nas conversas com a Manuela me parecia impossível. Essa foi a primeira vez que senti algo tão real. E ela me disse que eu, você e a Manuela já estivemos juntos antes. E que devemos retomar o que interrompemos tempos atrás.

Luigi fitou a prima, mas sua mente viajava à velocidade da luz.

– Ela disse isso? Que devemos recomeçar o que interrompemos?

– Sim, sabe do que ela estava falando?

– Acho que sei.

Ele a abraçou forte e disse:

– Acho que você acabou de me dar a peça do meu quebra-cabeças que estava faltando.

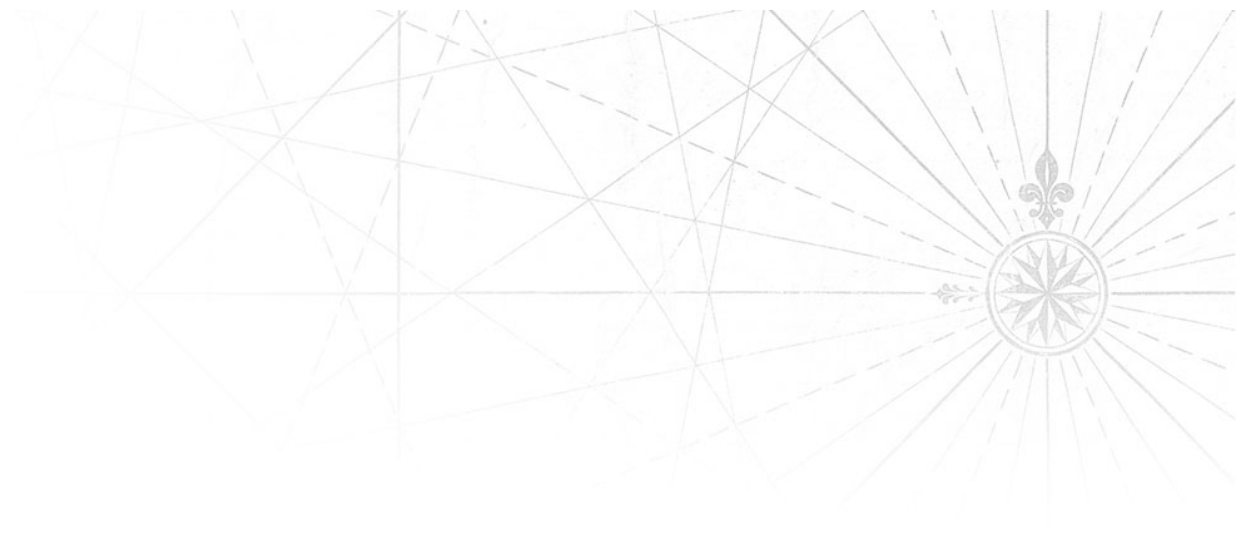
– Do que está falando? Ela disse mais alguma coisa?

- Sim... – Ele respondeu hesitante.
- O que foi?
- Que vou começar a ver o mundo invisível...
- Mediunidade?
- Isso.
- É Bianca, acho que sei o que ela quis dizer.
- Então me explique por que eu não sei do que se trata.
- Como está se sentindo?

Ela pensou um pouco, depois respondeu:

– Acho que sinto uma certa expectativa positiva, que não sentia há muito tempo.

– Isso é o mais importante. Firme essa nova sensação, faça dela um sentimento. E deixe que a alegria se expanda. Aprenda a confiar na vida invisível. Para mim ela tem se tornado verdadeira e palpável.



Quarenta e dois

ENCOSTADO NA CABECEIRA DA CAMA, Luigi meditava, antes de deitar-se para dormir. Pensava nas transformações pelas quais passara e tentava visualizar o futuro, que ainda lhe parecia nebuloso. Tinha plena consciência de que o pai e seus consortes viriam contra ele. Lembrava-se dele na infância, e o rosto de seus parentes vinham-lhe à mente. Sentia-se vinculado a eles, mas ao mesmo tempo, sabia que sua verdadeira família era aquela a que se ligava por laços de amor e sintonia. Manuela e Bianca eram sua verdadeira família, assim como sentia em Jesus seu grande apoio e referência. Sabia que não poderia esperar nada do pai, nem do restante de sua família. Eles iriam agir conforme as suas consciências, ou seja, cada um conforme as vibrações que traziam na alma.

O telefone tocou. Era o investigador.

– E então? Novidades?

– Poucas. Estou investigando as atividades do seu pai, mas ele não deixa muitos rastros.

- O que poderia ajudar?
- Se soubéssemos mais sobre as crianças que você diz constarem da lista, isso ajudaria.
- As crianças... Tenho os nomes delas.
- Consegue algo mais?

Luigi olhou para o local onde estava escondendo a agenda, e respondeu:

– Tentarei obter mais detalhes e passo para você. Mantenha a discrição.

Desligaram.

Luigi se levantou, pegou a agenda e acomodou-se de novo na cama. Ficou olhando a agenda sobre a cama e pensando o que o pai fazia com aquela lista de nomes de crianças. Sentia-se compelido a pegar a agenda e ao mesmo tempo, sentia repulsa. O que estava escondido naquelas páginas lhe causava imensa aflição. Finalmente, orou pedindo sabedoria e orientação e, vencendo a resistência, pegou a agenda. Abriu-a nas últimas anotações, na lista dos últimos nomes. Leu cada um dos vinte nomes da lista e depois, deixou-a aberta sobre a cama, fechou os olhos e colocou as mãos sobre a agenda. De imediato muitas imagens começaram a aparecer em sua mente, uma após a outra, como se fossem trechos de filmes. Crianças sendo sequestradas, mantidas em cativeiro, famílias e mães em aterrorizante sofrimento, crianças sendo comercializadas como animais, sofrendo dor alucinante, indefesas, vulneráveis, expostas a todo o tipo de dor intraduzível. As lágrimas desciam pela face de Luigi, que testemunhava os atos devastadores de sua família. Os chamados negócios paralelos. Muito dinheiro envolvido. Pessoas poderosas apareciam em sua mente, acordos entre governos e a construtora, apareciam entremeados

das crianças e suas famílias. Muitas eram entregues no mesmo lugar, para as mesmas pessoas. Ele, ainda de olhos fechados, folheou a agenda para datas mais antigas, e presenciou cenas parecidas, com outros personagens. Mas alguns se repetiam. Alguns que recebiam as crianças apareciam em diferentes épocas. Ele via crianças perdendo a vida em sacrifícios bizarros. Era doloroso constatar que a família fazia tráfico de crianças. Que tipo de monstro seria capaz de fazer isso? – Ele se perguntava. Então se fixou em uma das imagens. Embora se sentindo torturado, fixou-se naquela imagem do início ao fim, compreendendo toda a verdade.

Com muita vergonha, nojo, indignação ele fechou a agenda. Como Deus permitia que o mal agisse tão livremente?

– Jesus, por que tanto sofrimento? Como é possível que Deus permita que tudo isso aconteça?

Melissa entrou no quarto, irradiando suave luz. Pousou suas mãos no ombro do seu protegido, e fez com que ele a notasse. Luigi entrou em estado de torpor, em que conseguia acessar o mundo extrafísico e viu a jovem que o ajudava.

– Deus não tem nada a ver com a dor e o sofrimento, Luigi.

– Mas ele permite. Por quê?

– Todo o sofrimento humano vem da ignorância e da desconexão com o divino, com as leis que regem o Universo, com o amor. Do afastamento de Deus se origina todo o mal. Deus jamais se afasta de suas criaturas, isso é impossível. É preciso conhecer e fazer distinção entre a realidade criada pelos homens e a que foi criada por Deus. Somos criaturas, mas temos grande poder de construir nossa realidade. O Criador colocou uma partícula dele mesmo em cada um de seus filhos. Ele é a Grande Consciência que criou tudo o que existe; Nele

vivemos e nos movemos. Nele existimos. Mas muitos não desejam se submeter a essa realidade. Querem, eles mesmos, serem seus próprios deuses e viverem à sua maneira, ignorando a realidade a que estão subordinados. E assim nasce o mal, fruto do orgulho, do egoísmo e da ignorância. E ao impor suas crenças aos demais, ainda ignorantes, reforçam sua loucura. E vemos o mundo ardendo em chamas de loucura e sofrimento. Deus não deseja nada disso. Não pune ou castiga, mas apoia e auxilia a todos quantos o buscam e o desejam.

– Como lidar com todo esse mal?

– Feche seus olhos e se concentre. Quero lhe mostrar uma coisa.

Luigi fechou os olhos, respirou fundo várias vezes para acalmar o coração e a mente, e ficou em silêncio. Então, guiado por Melissa, viu um número enorme de espíritos vestindo túnicas brancas até os pés. Eles atuavam nas mais diversas áreas na vida humana.

– Esse é o exército do Bem que trabalha com Jesus. Somos muitos, Luigi, e crescemos mais a cada dia. Dos nossos irmãos que sofrem, muitos despertam e juntam-se a nós, atuando como canais para multiplicar o bem. O mal age como em convulsão, em grande alvoroço na Terra, porque o bem está vencendo as suas resistências e porque é um momento decisivo. A vibração da Terra se transformará e permanecerão nela apenas aqueles que optarem pelo amor e pela Luz. Aqueles que se voltarem para o Criador. Os demais, que ou por ignorância, ou por escolha, permanecerem longe de Deus, seguirão seu resgate em outros planos. Toda dor tem hora para terminar. E quanto mais nos dedicamos ao Bem, mais rápido ela cessará. Aqueles que andam com Deus superam as dores, porque compreendem

essas verdades. Semeamos muito sofrimento para nós mesmos ao longo de nosso crescimento como seres espirituais. Como a criança aprendendo a caminhar. Agora é hora de fazer as escolhas com mais consciência.

– O que devo fazer?

– De posse das informações que tem? O que você acha? O que sente que é o certo a fazer?

– Conseguir provas, denunciar as práticas ilegais e ajudar as famílias que sofreram. Mas isso me colocará também como cúmplice.

– Não se souber se proteger. Você precisa se cercar de conhecimento jurídico para tomar as providências certas, uma vez que muitas autoridades e pessoas poderosas estão envolvidas com as práticas de sua família. Os sacrifícios humanos não são novos, você sabe disso. E infelizmente ainda hoje, do grande número de crianças que desaparece todos os dias no mundo, muitas são usadas com essa finalidade.

– Isso é insuportável, vil, enojador.

– Eu sei, mas é a realidade. Você acha que por vezes, nós aqui, deste lado não desanimamos frente aos desafios que enfrentamos? Nós também nos cansamos às vezes, mas sabemos onde buscar forças para nos reabastecer. O amor é a energia mais poderosa que existe, Luigi, porque é a energia que emana de Deus. Ele é a fonte de todo o amor que existe. E nos ligando a essa fonte, nos elevamos sobre o mal, para conseguir lidar com os problemas que nos aparecem.

Ele a fitou sério e murmurou:

– Falar só não adianta, é preciso agir.

Ela balançou a cabeça e sugeriu:

– Você já sabe o que deve fazer. E tem nosso total apoio.

Melissa se afastou, deixando Luigi pensativo por longo tempo. Ele, então, escondeu a agenda em lugar seguro e inacessível, e ligou novamente para o investigador.

– Tenho mais informações de duas das vítimas.

– Como conseguiu?

– Isso importa?

– Desde que não tenha sido nada ilegal.

– Asseguro que não. Vou te passar por escrito tudo o que descobri sobre essas crianças, suas famílias, como desapareceram, onde ficaram, para onde foram levadas. E você investiga e traz as comprovações. Pode funcionar?

– Se tudo o que me disser for verdade e obtido de modo legal, poderá ser usado em futura denúncia.

– Como você sabe, há uma operação dessas em curso neste momento. As crianças estão desaparecidas e sendo procuradas. Elas serão entregues em alguns dias. Tenho a data e agora já sei o lugar. Consegue intervir?

– Se me passar tudo isso, eu garanto que vamos expor as práticas de sua família.

– E quanto a mim? Como poderei me proteger, para não ser considerado cúmplice, quando tudo vier a público?

– Vamos trabalhar nisso. Mas não conseguirá ficar completamente imune. Terá de ser envolvido nos depoimentos e no que for necessário. Mas está trazendo a denúncia, está desejando investigar. E isso tudo será considerado a seu favor.

– Então vamos em frente. Vou enviar tudo o que sei.

Depois de elaborar um completo relatório de tudo o que descobrira, quer através da agenda ou através de sua

sensibilidade mediúnica, Luigi colocou tudo por escrito. Com as informações que tinha, certamente conseguiriam descobrir e provar muitas das práticas ilegais da construtora.

Luigi desligou. Depois, ligou para Manuela e compartilhou suas decisões.

– É melhor que você e Bianca fiquem em um lugar seguro. Aluguei um barco e vocês ficarão nele, distante da costa, com um capitão muito confiável, que conheço há muito tempo. Faremos isso de modo a desviar rastros para que não consigam encontrar vocês duas.

– E você?

– Vou para um hotel por enquanto, até que o mais grave passe.

– E depois?

Luigi ficou longo tempo em silêncio, depois respondeu:

– Vamos viver cada momento, Manuela. Depois Deus nos guiará. Por hora, é isso que tenho de fazer. Sei que minha decisão poderá colocar um império em ruínas, mas sabemos que esse império não é do bem. É tempo de colher suas consequências.

– E você será o instrumento que fará ruir esse império.

– E quem mais poderia obter a agenda, e acessar todas as informações? Essa é uma tarefa que cabe a mim.

Manuela ficou em silêncio. Sabia de todos os riscos que Luigi correria ao expor sua família. Por fim, disse:

– Ficaremos orando por você, para que Jesus oriente cada uma de suas ações.



Quarenta e três

LUIGI CUIDOU PARA QUE MANUELA E BIANCA fossem levadas sigilosamente ao veleiro que alugara, e deixaram a costa em segurança. Ele hospedava-se a cada dois dias em um lugar diferente.

A investigação corria em sigilo, e Carlos, o investigador e policial, buscava orientação cuidadosa da espiritualidade para saber em quem deveria confiar. Sabia que o alto escalão da polícia, da justiça – como juízes e promotores –, da política, dos poderes temporais estavam corrompidos. Havia poucas pessoas em quem confiar. Mas como buscava a orientação objetivamente, ele a recebia e seguia de descoberta em descoberta. Precisava montar uma denúncia com todas as provas, obtidas legalmente, para que pudessem ser utilizadas por um promotor moralmente íntegro. Era muito cuidadoso em sua investigação, e com as informações detalhadas que recebera de Luigi, podia conversar com as famílias das crianças desaparecidas, conhecendo melhor os envolvidos.

Mas o evento mais aguardado era a próxima transferência de crianças, que, segundo informações contidas na agenda, ocorreria em menos de dez dias. Luigi também fornecera detalhes do local onde as crianças estariam sendo confinadas. E Carlos progredia em suas investigações, angariando provas, fotos dos locais e pessoas envolvidas, agora, compreendendo o tamanho do crime que se desenrolava, e do número de pessoas poderosas envolvidas, ele se cercara de mais dois ajudantes. Tudo seguia em sigilo.

Luigi contratara um advogado que o orientava em cada ação, para que estivesse devidamente protegido, tanto quanto possível naquela situação, e seguia ajudando.

No dia em que a operação aconteceria, Carlos ligou para o seu contratante e informante. Usavam sempre telefones descartáveis e linhas não identificáveis.

– Está tudo preparado para hoje à noite. Acionei alguns colegas da polícia federal em quem posso confiar minimamente, e faremos o cerco assim que a operação acontecer. Vamos pegá-los Luigi. Você está preparado para o que virá a seguir? Para os ataques, as represálias?

– Sim, eu estou pronto para fazer o que deve ser feito. Os crimes perpetrados por minha família não podem continuar.

– Mas sabe que as trevas o atacam mais.

– Eles estão à espreita o tempo todo, posso senti-los. Mas sinto igualmente a presença de Jesus comigo e é isso que me dá forças. Cada noite em que me deito, visualizo meu encontro com Jesus na Galileia, relembro suas palavras, revejo seu olhar, e sinto a sua presença comigo. Sei que o mestre está comigo e não voltarei a falhar com ele. Desta vez, quero ter a coragem para executar a sua vontade.

– Reconheço que você está incumbido de algo que somente você pode executar, Luigi. Como espírita, compreendo bem a sua responsabilidade. E enxergo também a minha.

– Estamos todos interligados, Carlos. E a atitude de um, impacta em todos.

– Isso ainda não foi compreendido. Pelo contrário, como seres humanos estamos longe de entender essa verdade. Mas pelo egoísmo estamos aprendendo que tudo o que semeamos volta para nós, e quem sabe assim, plantaremos melhores sementes?

– E... tudo o que o homem semear, também ceifará. Como é tolo de nossa parte pensar que podemos semear mamão e colher morango...

Carlos reagiu com um sorriso e falou:

– Mas a loucura coletiva em que vivemos convenceu as pessoas de que isso é possível. Que podemos colher o que não semeamos e semear sem colher as consequências. Quão longe estamos de compreender o impacto de nossas ações.

Voltaram, finalmente, ao motivo principal da ligação e finalizaram.

Ao entardecer, Luigi juntou-se a Carlos e aos outros policiais que estavam montando tocaia no lugar indicado pelo sensitivo. Camuflados, permaneceram por longas horas. Nenhuma movimentação diferente, entretanto, acontecia em um galpão aparentemente abandonado da periferia de Embu das Artes. Esperaram, pacientemente, por mais de quatro horas. Até que, perto das 3 da manhã, um grande furgão cinza chumbo apareceu, com mais dois carros pretos. Aguardaram todos dentro dos carros. Passaram-se menos de vinte minutos, e um outro furgão, desta vez preto, e mais um carro preto apareceram

e embicaram de frente para os outros carros. Cinco pessoas saíram dos carros de ambos os lados e conversavam. Depois, abriram o furgão e começaram a transferir as crianças de um carro para o outro. Elas estavam amarradas e dopadas, pois dormiam profundamente.

Luigi teve de controlar a indignação, mas não conseguia conter as lágrimas. Era o crime mais vil que poderia imaginar: tráfico de crianças. Muitas delas serviram a rituais de sacrifícios humanos, os quais ele já tinha visto através de sua sensibilidade. O peso daquelas memórias só poderia ser carregado se compartilhado com os amigos espirituais que o amparavam a serviço de Jesus.

Tinham todas as provas de que precisavam. As equipes entraram em ação. Surpreendidos por policiais altamente treinados, os criminosos não fugiram. Tentaram trocar tiros com os policiais, mas foram desmobilizados depressa. O reforço chegou e logo o lugar estava totalmente cercado. As crianças resgatadas e os criminosos presos.

Luigi aproximou-se do furgão onde as crianças dormiam e emocionou-se. Carlos se aproximou, pousou suas mãos ainda trêmulas no ombro dele e disse:

– Vamos levá-las de volta ao lar. Graças a sua intervenção, Luigi.

– Graças a Deus. Mas quantas outras crianças ao redor do mundo não terão a mesma sorte? Quanto sofrimento ainda será preciso para que despertemos desse sono, enxergando a verdade sobre o mundo tomado pelas trevas e suas ações de controle e dominação?! Quando os homens acolherão o convite de Jesus e compreenderão que o despertar espiritual é o único meio de nos libertar das garras das trevas?

Carlos fitou o sensitivo e sorriu:

– Quando tivermos a coragem de fazer o que Deus nos pede, o mundo será transformado. Precisa vir conosco, Luigi.

Seguiram para a unidade da polícia federal para os procedimentos necessários. As crianças foram para o hospital, sob proteção, para cuidados médicos e depois seriam encaminhadas às famílias.

Na unidade da polícia, o prédio fervia de atividades. Enquanto alguns responsáveis no alto escalão recebiam a aterrorizante notícia de que mais um foco da ação das trevas estava sendo desmontado.



Na manhã seguinte, eram oito minutos para as oito da manhã, quando uma força tarefa de polícia entrou sem aviso no prédio da construtora e a correria se instalou generalizada no andar da diretoria. Secretárias destruíam arquivos de computador, picotavam documentos, escondiam celulares. Francisco ligou logo para os seus advogados, depois, abriu o cofre em busca da agenda. Tinha de destruí-la! Mas buscou em vão, desesperado. A agenda não estava no cofre.

Carlos, que liderava a operação, entrou na sala, fitou Francisco ao lado do cofre aberto e indagou com a agenda na mão:

– É isso que está procurando?

Francisco ficou pálido, enquanto era algemado.

– O senhor está preso por associação criminosa, tráfico de menores ...

– Quero ver vocês provarem isso! É tudo mentira!

– Temos provas suficientes para que permaneça preso durante o inquérito.

Francisco calou-se. Os advogados o haviam instruído para que ficasse em silêncio. Enquanto saía algemado, junto com mais alguns diretores e o genro, responsável pela área financeira, Carlos falou em tom bem audível.

– Mesmo que consiga se safar de algumas das acusações, passarão anos respondendo processos. Cada uma das famílias cujo nome das crianças está em sua lista, será acionada. Os crimes cometidos por essa quadrilha contra essas famílias serão punidos.

E fitando Francisco nos olhos que ardiam de ódio, Carlos falou:

– Responderão à justiça dos homens desde agora, e não escaparão igualmente da justiça divina. Podem tentar fugir, opor-se ao Criador – ele continuava falando, agora mais baixo, para que somente Francisco o escutasse – podem se rebelar, mas não escaparão das leis divinas. Leis de amor, que no fim, atuam para congregar todas as almas em torno do Bem.

Se no plano material, Francisco e seus diretores, caminhavam enfurecidos por terem sido descobertos, no mundo espiritual, ocorria uma movimentação semelhante. Muitos espíritos que ali atuavam estavam sendo transferidos, já que algumas das operações não ocorreriam mais.

Coronel Afonso estava coordenando as mudanças.

– Vamos interferir no julgamento? Podemos acionar os nossos infiltrados, para agirem a favor de Francisco.

– Não. A operação que mais nos interessa foi desmontada e vamos deixá-los agora. Que se virem. Quando desejarem nossa

ajuda, sabiam dos riscos que corriam. Agora eles não nos servem mais.

– E o filho, que começou tudo isso?

– Esse sim, nós vamos triturar. Ele não vai escapar!

– Como foi que ele conseguiu nos enganar, escapar de nossa ação? Quem, afinal é Luigi?

– Ele foi Simão, o zelote. Foi enfraquecido naquela ocasião, mas agora, se fortaleceu.

– Você já sabia?

– Não, mas tratei de investigá-lo depois que voltou de Jerusalém. Consegui as informações mais recentemente, quando já não havia muito a ser feito.

O ambiente encheu-se de intensa luz, e o mal-estar dominou os espíritos recalcitrantes. Afonso gritou:

– Fugam! Seremos abordados...

Não houve tempo. Muitos espíritos envolvidos em intensa energia luminosa entraram no prédio e dominaram a todos os espíritos.

– O que estão fazendo? Não podem nos prender contra nossa vontade! A luz não obriga ninguém!

Gabriel aproximou-se de Afonso e falou, com voz firme:

– Obrigiar não, mas podemos colocar limites à sua atuação. Vocês estão sendo transferidos agora.

– Não! – Esperneava Afonso junto com os demais. – Não podem! Sou coronel Afonso! Vocês não podem contra nós! Somos uma legião poderosa!

E escutavam-se gritos de horror e ódio. O grupo foi levado. Seriam exilados da Terra para um planeta em estágio primitivo de evolução, até estarem cansados do sofrimento e se renderem

ao Criador. O processo de limpeza da Terra está em andamento, ainda que muitas vezes, imperceptível aos olhos distraídos. Bem como o grande embate espiritual pelo domínio e posse das criaturas, suas mentes, sua energia. Como se quisessem apoderar-se por completo da obra de Deus, como fazem com a natureza, e dos indivíduos retirarem tudo, inclusive cada gota de fluído vital¹⁷, com o propósito de usarem para si mesmos e seus objetivos nefastos.

Gabriel, que acompanhava o grupo, ainda que dominado pela compaixão e compreensão do estado daquelas almas que se opunham sistematicamente ao bem, afirmou a Afonso, que se debatia, acreditando ter poder para enfrentar os servos de Jesus:

– Seguiremos trabalhando ainda mais arduamente para conscientizar as pessoas, para que saibam o quanto são manipuladas, dominadas; para que despertem.

– As pessoas não querem acordar. Não querem se libertar. Elas só querem deixar de sentir dor, e satisfazer todas as suas vontades...

17 Flúido vital (princípio vital) é o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua fonte. É o agente que dá vida à matéria, comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. O flúido vital funciona como um combustível para o corpo. Essa energia não tem existência própria, mas integrado no sistema de unidade do elemento gerador, é uma das modificações do Flúido Cósmico, que é criação divina.



Quarenta e quatro

NOS DOIS PLANOS DA VIDA, o momento era delicado. Vários diretores da construtora foram convocados para depoimentos. Negavam veementes, à feição de lunáticos diante das provas e fatos diante deles. Os advogados seguiam atarefados, trabalhando para obter o *habeas corpus* para Francisco, que, apesar disso, seguia preso.

Luigi, por sua vez, atendia a diversas sessões de depoimentos, falando clara e abertamente sobre o que sabia. Embora fizesse parte da família, sua iniciativa em denunciar o esquema, garantiu-lhe a isenção da posição de cúmplice, conquanto prosseguisse colaborando.

A mãe, os irmãos, cunhadas, sobrinhos, todos os familiares o odiavam, detestavam o que ele fizera, e sentiam-se por ele traídos. Ao invés de focarem com humildade a realidade absurda da proveniência do dinheiro e do poder que desfrutavam, canalizavam seu ódio e frustração para Luigi, o traidor. A mãe ligara para ele várias vezes para execrá-lo. Ele a atendia com

paciência, compreendendo a posição que colocara a todos. Não tentava se explicar ou se justificar, sabendo que seria inútil. Apenas repetia para ela que a amava e estaria sempre perto para ajudá-la. Até que ela parou de falar com ele.

Foram dias de incertezas. E a reação da imprensa foi devastadora. Como urubus rodeando a carniça, não cansavam de dar seus beliscões, para tirar tudo o que podiam do esquema que muitos dos poderosos das próprias empresas de notícias conheciam e igualmente praticavam.

Ao final de vinte dias do ocorrido, Luigi sentia-se exaurido.

Naquela manhã, depois de uma noite mal dormida, ele abriu os olhos sentindo o corpo dolorido, tenso. Sentou-se na cama e murmurou:

– Preciso de uma xícara de café!

Levantou-se e se enfiou em um banho frio, para despertar. Depois tomou uma xícara de café quente e dando uma passada de olho em sua agenda, pensou, sob sugestão de Melissa:

– Preciso de orientação.

Desligou todos os eletrônicos, sentou-se em silêncio e orou a Deus:

– Fonte infinita de sabedoria e luz, que conhece todas as coisas, que ama incondicionalmente, ilumina a minha mente e meu ser. Preciso de orientação nesse momento crucial de minha trajetória nessa vida. Todas as ilusões ficaram para trás. E reconheço que ainda aprecio muitas delas. Como é difícil deixar essas ilusões que criamos! Especialmente quando tudo parece estar contra nós. Faze-me forte, meu Criador, me dá a coragem que preciso, para que seja capaz de agir com firmeza, amor e humildade, fazendo a tua vontade.

Luigi abria o coração completamente e sem reservas, sem mágoas nem cobranças, aceitando que todos os fatos que vivia, os insultos que recebia, vinham em essência dos seres privados da luz. Ainda assim, sentia-se atacado pelos dardos invisíveis de ódio daqueles que ele amava, e sentia a ferida. Desciam naquele momento sobre ele luzes intensas, que envolveram todo o cômodo. E ele viu-se novamente ajoelhado diante de Jesus, como estivera nos jardins da Galileia.

– Mestre, me perdoe a fraqueza...

– Erga a cabeça, Simão. Olhe ao redor o bem que pode fazer, ao invés do mal que tenta manter seus tentáculos sobre todos. Olhe as famílias, que recobram seus filhos, cujas vidas você ajudou a salvar. E se compadeça daquelas outras, que perderam a esperança de rever os filhinhos amados. Ajude essas famílias e recobre as próprias forças enxugando as lágrimas de quantos se sentem abandonados por Deus. Sua compaixão poderá aplacar a revolta, lançando sobre os corações doloridos uma semente de esperança de que, apesar de toda a dor que causa, o ser humano ainda pode ser bom. Procure a dor e console a quem você puder.

– Senhor, se buscar as famílias, sendo eu mesmo um representante da construtora, irão me receber ou me odiar?

– Supere a si mesmo, Simão, e faça o bem a quem puder, a quem o receber. Não será responsável por aqueles que vibrarem o ódio. Você é responsável tão somente pelos pensamentos e atos que lhe pertencem. Portanto, dá, e quem souber ou puder, receberá.

Seguiram-se momentos de suave comunhão sem palavras entre o discípulo e o Mestre. E então, Luigi sentiu-se novamente em seu quarto, em estado de oração. Abriu os olhos e

compreendeu exatamente o que deveria fazer. Sabia que os processos jurídicos eram lentos, mas faria tudo o que pudesse para contribuir com as famílias afetadas.

E nos dias que se seguiram, procurou uma a uma, as famílias que conseguiu localizar. E organizou uma espécie de associação das famílias que haviam perdido seus filhos, aproximou-se delas para auxiliar em tudo, inclusive no processo coletivo que era movido contra a construtora, e que com a ajuda de Luigi, crescia cada vez mais. Ele desdobrava-se entre os depoimentos e o apoio às famílias. Superou a agressão de muitas famílias, até que conseguiu que alguns passassem a confiar nele. Mas não se abateu diante de nenhuma ofensa, tendo o coração preenchido pela compaixão.

Manuela e Bianca seguiam protegidas dos assédios; Luigi conseguiu que a prima, dado seu histórico médico, fosse poupada de interrogatórios inúteis, e teve de comparecer apenas uma vez para depor.

Ele fugia do tumulto e se encontrava com elas em longas viagens pelo cinturão da Costa Esmeralda, entre Ubatuba e Rio de Janeiro, apreciando o silêncio em ilhas isoladas, aonde somente se podia chegar de barco. E, no contato com a natureza, Luigi recarregava as energias, e voltava ao campo de batalha, onde resgatava um a um, seus débitos com a consciência divina, trabalhando incansável para o Bem.

Em uma dessas relaxantes estadias, conversava com Manuela.

– E como você está, diante de tantas agressões e ofensas? Como se sente? Indagou ela, ao namorado.

Ele não precisou pensar muito ao responder:

– Apesar de todo o furacão que gira à minha volta, eu estou em paz. Sei que estou fazendo o que me cabe, e os desdobramentos de meus atos, cabem ao Criador. Faço a minha parte e me deito e durmo sentindo-me em paz com minha consciência.

Ela o abraçou e disse:

– Eu fico tão satisfeita com as decisões que você tomou. Admiro você pela coragem e desprendimento. Sinto-me feliz por estarmos juntos...

– Então tenho um pedido a fazer.

Ela o observava, atenta.

– Creio que nas próximas semanas as coisas vão ficar mais tranquilas, entrando em um fluxo mais natural. E eu tenho muitos planos.

Ela abriu um suave sorriso, e seus olhos brilharam.

– O que está pensando agora? Viver ao seu lado tem sido uma aventura...

– E você gosta dessas aventuras? Gosta de viver perigosamente?

– Gosto de viver ao seu lado, Luigi. Se isso representar perigo, que seja.

– Bom saber. Quero oficializar nosso casamento. Pensei em uma cerimônia discreta e reservada, somente nós, Bianca e da sua família, os mais íntimos. O que acha?

– Eu vou adorar. E onde será nossa casa?

– Que tal aqui mesmo?

– Na ilha?

– Não, no barco.

– Morar em um barco?!

– Acha que se adaptaria, Manuela?

Ela ficou séria e pensativa. Gostava do mar, mas não a ponto de viver em um barco.

– Não precisamos ficar o tempo todo no barco, afinal, teremos muito trabalho. Mas seria nosso verdadeiro refúgio. – Ele tentou detalhar o que estava pensando, para deixá-la mais confortável.

Ela o fitava e sua mente acelerava, enfileirando argumentos a favor e contrários. Ao final disse:

– Não esperava algo assim, então, acho que precisarei de um tempo para me adaptar à ideia.

Ele a abraçou forte e afirmou:

– Sei que desde que nos reencontramos sua vida tem sido um desafio depois do outro. Só posso agradecer seu apoio, Manuela. E se realmente não quiser, podemos resolver de outro modo.

– E se não adotássemos isso como definitivo? Se adotássemos o barco como nosso lar temporariamente, enquanto tudo se encaixa?

– Claro, faz todo o sentido. Eu o comprei, de todo o modo; agora ele é nosso!

– Você comprou o barco?

– Sim, o proprietário o colocou à venda e me ofereceu. Fechei com ele ontem. Se não for nosso lar, ao menos será nossa casa de praia.

Ela sorriu e entregou-se nos braços dele em longo e carinhoso abraço, em que muito mais do que os corpos, as almas se tocavam em profusão de amor, permutando energias intensas e salutares, em que se abençoavam mutuamente.

Então uma ideia atravessou a mente de Manuela.

– Tenho pensado em uma coisa, mas não sei o que você vai pensar...

– O que foi? Fale.

– É só uma ideia, não tenho muita clareza ainda, mas sinto uma vontade enorme de continuar as pesquisas que começamos no passado.

– Pesquisas?

Ela acomodou-se melhor olhando para ele e prosseguiu:

– Isso. Nos dedicamos às pesquisas sobre a psicometria no passado. Estive estudando bastante sobre o que fizemos naquela época e como eu era cética, e com compreensão limitada. E embora nos Estados Unidos a habilidade de psicometria e outras de ordem mediúnica sejam utilizadas em investigações policiais e do FBI,¹⁸ aqui no Brasil é ainda um campo não tão explorado.

Os olhos de Luigi se acenderam, como se a ideia fosse dele mesmo.

– Isso é muito mais do que uma ideia, Manuela, é um verdadeiro novo caminho para nós. Claro! Retomar do ponto em que paramos.

– E com os conhecimentos científicos que temos agora, aliados à nossa consciência, poderemos dar uma contribuição abrangente. E você será o nosso objeto de estudos, para começar...

– Quer me colocar em uma lupa, então, minha esposa?

– E você já não me colocou em uma no passado?

Bianca apareceu no convés do barco, onde eles estavam.

– Interrompo?

– Não, venha, junte-se a nós. O pôr do Sol está espetacular. Sente-se aqui perto de mim.

Bianca aproximou-se do primo, que abraçava agora a namorada de um lado e Bianca do outro.

– Como você está? – Ele indagou.

– Estou melhorando. Mas me sinto um tanto perdida. Gostaria de ajudar mais, de contribuir.

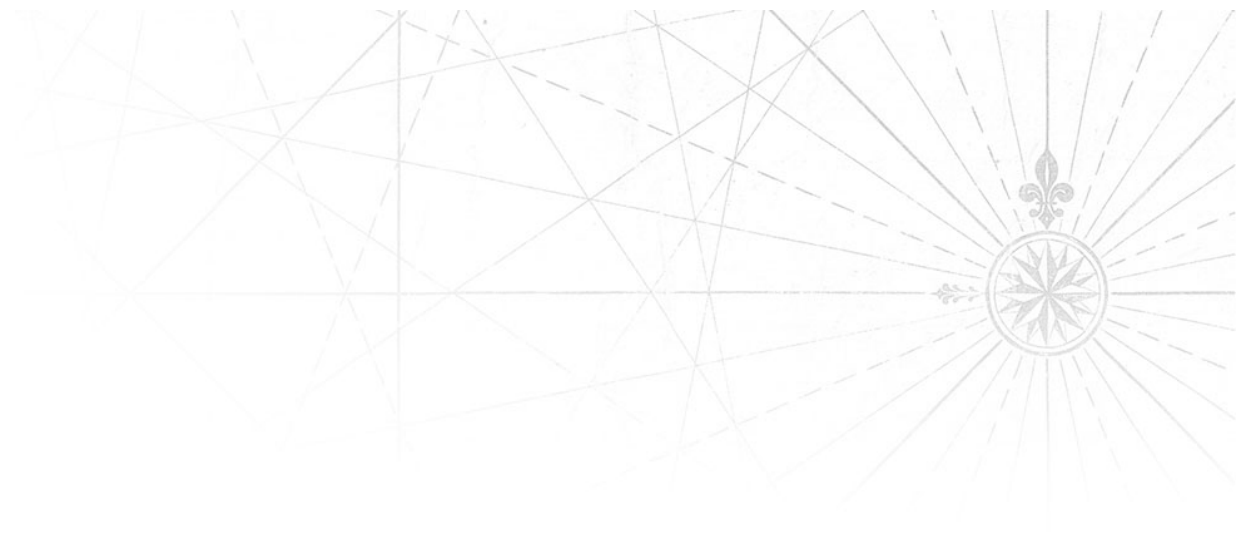
Luigi apertou a prima com carinho e de súbito viu-se no passado, abraçando as duas, em situação semelhante, em outro tempo. Olhou para a cena, em mais um testemunho do passado e, observando as duas jovens sorrindo, notou que celebravam a publicação do livro *A alma das coisas*, que estava nas mãos de Anne. Fitou Elizabeth Denton, reconhecendo logo Manuela. Não havia dúvidas que era ela. Fitou a outra com atenção e pensou: *eu conheço esses olhos, eu conheço você*. E escutou Elizabeth comentando:

– Sem você, Anne Denton, não teríamos conseguido.

18 Em matéria publicada pelo site da revista Isto, no link (https://istoe.com.br/158632_INVESTIGACAO+PARANORMAL/), encontramos informações sobre médiuns que colaboram com investigações nos Estados Unidos e no Chile.

Outras matérias jornalísticas reportam o suporte fornecido por médiuns para solução casos de homicídio de difícil solução: <https://www.jornalbomdia.com.br/colunistas/coluna/1049/mediuns-forenses>

Veja no vídeo disponibilizado no site da OAB, SP, com a presença de uma sensitiva que atua auxiliando investigações no Brasil, a discussão sobre o uso das provas levantadas através desses médiuns: <https://www.oabsp.org.br/palestras-oab-sp/investigadores-psiquicos-psychic-witness-1>



Quarenta e cinco

DEPOIS DE DESPEDIR-SE DA COMPANHEIRA E DA PRIMA, Luigi regressou para casa. Entrou no amplo apartamento, e encontrou tudo remexido, gavetas abertas, papéis espalhados pelo chão e pelos móveis, frascos de bebida e esculturas quebradas. Absorto com as atividades a que vinha se entregando, não vinha ao apartamento há semanas. Certamente tentaram encontrar documentos que pudessem usar contra ele. E, em nada encontrando que lhes fosse útil, a gana e a raiva destilaram sobre o ambiente inerte. E como havia dispensado as pessoas que o ajudavam com o trabalho da casa, sentou-se no amplo sofá, e murmurou, desanimado:

– Agora, arrumar essa bagunça!

Enquanto organizava os ambientes, sua mente trabalhava sem parar. Mecanicamente guardava e eliminava a bagunça, pensando no projeto que fora sugerido por Manuela. Ele sentia que esse era o caminho a seguir. Com sua sensibilidade, teria muito a contribuir. Mas não deveria ser um projeto voltado

apenas ao estudo da psicométrica, como fizera no passado. Sentia que tinha de incorporar outras pesquisas, como as questões das visitas de entes queridos no momento da morte, despedindo-se de almas afins, bem como reminiscências do passado, como clara comprovação das vidas sucessivas do espírito. E havia também a medicina da alma. A cura pela consciência, a compreensão de que somos corpo, mente, mas, acima de tudo energia e como isso poderia trazer progresso acelerado para a medicina. Inclusive as questões ligadas à psicologia. Compreender que o ser humano é um espírito em longa trajetória pelo Universo, estagiando na Terra em determinadas circunstâncias, poderia contribuir para que se compreendesse mais profundamente as questões emocionais.

– Definitivamente – pensou ele concluindo em voz alta – temos de ampliar o escopo desse projeto, para abarcar outros aspectos que a ciência comum não deseja explorar. Pesquisaremos o desconhecido com todos os recursos disponíveis.

A ideia ganhava corpo e era fortemente energizada, apoiada por Melissa, Gabriel e outros espíritos que tinham grande habilidade e interesse que esse campo da ciência crescesse.

Decorridos quatro meses, na chácara de um amigo próximo a capital, Luigi e Manuela se preparavam para a íntima cerimônia de casamento, que aconteceria ao ar livre. Apenas trinta convidados ocupavam as cadeiras brancas dispostas em fileiras, umas atrás das outras, diante de um pequeno pórtico, emoldurado por perfumados jasmims naturais, que exalavam doce aroma. Como a festejar junto com o casal, atendendo ao desejo da noiva, as pequenas flores brancas tomaram conta do cenário.

Aproveitando os suportes do pequeno pórtico, lírios brancos, bocas de leão rosa claro e rosas brancas foram dispostas em lindos arranjos. Nas pontas, dois vasos grandes com arranjos de flores variadas, incluindo margaridas, atraíam uma quantidade inacreditável de borboletas de todas as cores e tamanhos. Pequenos insetos voavam ao redor das flores, compondo um cenário de leveza e alegria. Ao redor do ambiente, formando um grande círculo, um verdadeiro exército de servidores da luz, compareciam ao evento, doando energias sutis, que enchiam o ar material de beleza invisível. Os convidados sentiam-se envolvidos por aquelas doces energias, absorvendo paz e um doce encantamento, que os fazia lembrar os prazerosos dias de infância.

O exército da luz mantinha afastadas entidades tenebrosas que desejavam invadir e destruir qualquer felicidade que Luigi e Manuela pudessem desfrutar. De fato, os emissários das trevas haviam sido redobrados em quantidade, depois que Afonso e os demais que atuavam na construtora foram afastados. O contingente aumentara, e agora, Luigi e Manuela eram os alvos. Tornaram-se odiados pelos senhores das trevas, que reconheciam o potencial de estrago que aqueles dois poderiam oferecer aos propósitos que tinham, dentro da agenda da dominação que urdiam para toda a humanidade. No entanto, nenhuma energia menos elevada conseguia atravessar a barreira energética criada pelos amigos iluminados que compareciam àquela cerimônia. E a luz brilhava.

Manuela acabava de se preparar. A mãe se aproximou, ajeitou o vestido simples que ela usava, e comentou:

– Tinha de ser uma cerimônia tão simples, minha filha? Você merecia mais.

- Mãe, o que mais eu posso querer? O que está faltando?
 - Não sei, Manuela, mas não gosto do rumo que sua vida está tomando. O Luigi renunciou a tudo que tinha, como ele vai viver agora?
 - Está preocupada com isso?
 - Você deixou sua carreira para se enfiar naquele barco, e vai se casar com ele... Que tipo de vida vocês vão ter agora?
 - Mãe, fique tranquila. Temos tantos projetos, tanta coisa para fazer juntos. E Luigi tem dinheiro, que não tem nada a ver com a família, fruto de investimentos bem-sucedidos que ele fez enquanto atuava como executivo.
 - Mas o que ele vai fazer para viver?
 - Temos muitos planos, e ele acabou mesmo comprando o escritório de arquitetura em que eu trabalhava.
 - Vocês vão trabalhar juntos? Isso é meio caminho para destruir um casamento...
 - Nós já trabalhamos juntos no passado, em outra vida. Já temos bastante experiência no assunto. E nossos compromissos nesta vida estão interligados. Você conhece muito sobre espiritismo e espiritualidade, sabe como são essas coisas.
 - É que me preocupo com você. Quero a sua felicidade...
- Manuela deu ligeiro sorriso, ainda olhando-se no espelho, e depois falou:
- Se a sua preocupação é de fato a minha felicidade, pode ficar com seu coração tranquilo. Eu estou feliz, inteira, e cheia de entusiasmo pela vida e pelo futuro. Sinto-me plena como nunca. Sei que vou poder contribuir muito com o meu trabalho, embora ainda não saiba exatamente como.
- Manuela abraçou forte a mãe, e falou entusiasmada:
- Vamos. Está na hora.

E pegando um buquê de lírios e rosas brancas, convidou a mãe para seguir com ela.

Quando a porta da frente da residência se abriu e Manuela viu o jardim preenchido pelos amigos e parentes, com todo o cenário delicado, sentiu como se do seu coração jorrasse gratidão. E pôde ver de relance o que acontecia no mundo extrafísico. O perfume que exalava dele, bem como a maravilhosa melodia que ela, por um momento escutou, atingindo o mundo material, sensação de contentamento impossível de ser definida.

Ela viu Luigi sorrindo em sua direção, vestindo uma camisa e calça brancas, simples e lindo. Ele a fitava com ternura, e via em sua mente sucessivas imagens dela, em outro tempo, vestindo outro vestido de noiva, vindo em sua direção, para tornar-se a senhora Denton. Sorriu satisfeito de tê-la encontrado de novo.

Enquanto oito músicos executavam melodias selecionadas cuidadosamente pelo casal, caminhou de braços dados com o pai até o ponto em que encontrou o homem com quem desejava viver pelo resto de seus dias. Ele a beijou na boca, quebrando padrões e expectativas, e falou alto, para que todos escutassem:

– Você está maravilhosa!

– E você também. Ganhamos um presente inesquecível. Há verdadeiros anjos no mundo espiritual.

– Eu sei. Já os vi.

Conduzindo a cerimônia estava um dos médiuns da casa espírita que Manuela frequentava, junto com o juiz de paz. Ao fundo, o céu de uma azul intenso, sem nuvens, como que derramava igualmente bênçãos sobre Luigi e Manuela, fortalecendo aquela união, para que, o amor que os unia

pudesse suplantar qualquer dor que se apresentasse para eles em sua jornada. Ambos sabiam que desafiavam as trevas com suas escolhas. Aquele momento de profunda ternura, amor, amparo, ficaria para sempre gravado em suas almas, como um bálsamo a ser lembrado nas horas difíceis.

Depois da cerimônia, que começou perto das onze horas, um farto almoço foi servido e a música delicada prosseguiu. Luigi observava os convidados e a esposa, conversando ao longe, quando Bianca se aproximou. Ela era a única pessoa da família que ficara do lado dele e a única que comparecera ao casamento. Ele convidou a mãe e os irmãos, mas foi ignorado por todos.

– Linda festa, primo.

– Está mesmo!

– Está feliz?

– Sim, plenamente.

– E a vó, os tios?

– Cada um faz sua escolha, não é mesmo? Mas vou aguardar paciente o momento em que eles compreendam o que eu compreendi.

– Vai levar séculos.

– Que seja! Quando quiserem abrir os olhos, estarei diante deles, para acolhê-los, assim como Jesus me acolheu na Galileia.

– Essa experiência realmente mudou você.

Bianca segurou a mão do primo, onde estava a aliança recém-colocada, e uma imagem nítida de Luigi ajoelhado diante de um homem de olhar doce e firme, fê-la sentir imensa paz.

– O que foi? – Indagou Luigi ao notar o olhar perdido de Bianca.

– Eu acho que compreendo as suas escolhas...

– O que foi?

– Eu acho que vi você aos pés de Jesus...

Luigi abraçou forte a prima. Como a amava!

A celebração durou a tarde toda, seguindo noite adentro até quase a meia-noite, quando os últimos convidados saíram. E agora, sob as estrelas que cobriam os céus, Luigi e Manuela dançaram e celebraram até quase o dia amanhecer, inundados por plena felicidade.



Quarenta e seis

ANTONELLA, a única representante que havia restado do grupo espiritual que agia junto à construtora, gritava e atirava objetos em seus subordinados.

– Vocês são idiotas, ou o quê? Não foram capazes de se infiltrar na cerimônia, causar confusão ou impedir que os dois se juntassem? Juntos ficarão mais fortes para implementar as ações e fazer progredir o trabalho da luz. Seus estúpidos idiotas! Precisam separar as pessoas, separar as famílias, criar inimizades dentro dos lares, dentro das instituições, dentro das empresas que se propõem a agir para o bem. Vocês estão cansados de saber. Esse é o propósito de todo o preconceito, das ideias pré-concebidas que implantamos nos seres que estão no orbe. Impedir que tenham uma encarnação bem-sucedida é nossa obrigação mais básica! A luz age sem cessar, mas conta com seres fracos. Nosso ódio nos torna fortes! Mais fortes do que esses robôs humanos de vontade dúbia e bruxuleante.

E gritava mais impropérios e ofensas, inconformada que estava com o desfecho das ações de Luigi.

– Como odeio todos aqueles que servem ao bem!

Aproveitando-se de uma pausa que ela fez, um dos chefes de equipe tentou se explicar:

– Estavam fortemente protegidos; criaram uma barreira que não conseguimos transpor. Aquelles que entravam no ambiente ficavam protegidos contra nossas investidas. Não encontramos canal para atuar.

– Desculpas e mais desculpas. É só isso que sabem produzir? É por causa de se esconderem sob as desculpas tão confortáveis que os homens caminham para o abismo. Nós não damos desculpas, nós agimos!

E agarrando o outro com as duas mãos pelo pescoço, delas saíram verdadeiras garras, incomparáveis a qualquer animal terreno. Escuras, pontiagudas e exalando odor insuportável, ela as afundou no pescoço do outro e gritou ainda mais alto:

– Quero que destruam Luigi, Manuela e qualquer um a que ele se associar. Nós não desistimos jamais. Junte sua equipe, que vou à busca de reforços. Quero que os destrua. Não lhes dê um minuto de paz. Você entendeu?

Soltou o pescoço do parceiro aterrorizado, recolheu as garras e esticando o corpo, disse, em tom de voz mais baixo:

– Mantenha-me informada. Estarei fisicamente no encalço dele; aonde ele for em busca de qualquer tipo de ajuda, vou tratar para que leve um tapa na cara. Ele não vai conseguir dar um passo na direção que deseja. Vou destruir tudo em que ele acredita, o que deseja, o que aspira. Vamos ver como o senhor perfeição vai lidar com as frustrações continuadas. Ele, que sempre teve tudo o que desejava, terá de suar sangue para

conseguir o que quer, de agora em diante. E vou me assegurar disso pessoalmente.

O grupo se dispersou e Antonella materializou-se em corpo denso, voltando ao grupo a que pertencia na Terra determinada a atingir os seus objetivos. E a primeira providência que tomou foi tratar de contratar em contato com uma grande empresa de comunicações, encomendando uma matéria em que difamava e desconstruía diante da opinião pública, a imagem de Luigi, acusando-o de também fazer parte do esquema da família, e que ele era o real mandante, que a polícia estava sendo enganada pelo ardiloso engenheiro.

A matéria falsa, habilmente construída com palavras e elementos de convencimento, geraram extremo dissabor e problemas a Luigi, que teve de adiar o início de seu projeto científico, diante da eminente necessidade de se defender. Depois de esclarecer os falsos detalhes da matéria junto à justiça, deixava o prédio em companhia de Carlos, que se tornara um amigo. Este, pousou as mãos sobre os ombros de Luigi, tentando deixá-lo mais tranquilo:

– Está tudo certo, fique calmo. O acordo que assinamos, com a detalhada descrição de sua ação em colaboração com a polícia não deixa dúvidas nem brechas, Luigi. Você está amparado juridicamente. Não tem como te atingirem.

– É, mas as difamações não param. E estão dificultando meus planos...

Carlos sorriu e disse:

– Terá de aprender a lidar com o ímpeto das trevas contra você.

– Acho que tudo isso é resultado da ação deles?

– Não tenho dúvidas.

– Manuela também pensa assim. Ela vem me alertando para redobrar a atenção e agir com cautela.

– Sua esposa está certa. Eles estão em guerra contra você, pessoalmente, por ter interferido diretamente em esquemas longamente estruturados, e por ter se tornado um guerreiro da luz.

– Guerreiro da luz...

– Um autêntico guerreiro da luz.

Despediram-se e Luigi seguiu para o apartamento, que ainda estava a venda.

Ao aproximar-se da esquina, sentiu forte angústia no peito e um pensamento insistente: não entre na garagem. Não vá para casa. Rapidamente o pensamento dominou a sua mente. Deveria acatar? Resolveu, então, parar o carro longe e observar o movimento. Percebeu três motoqueiros sentados sobre as motos, como se estivessem em observação. Ao focar sua atenção neles, pressentiu mais claramente o perigo, assimilando os pensamentos que emitiam, as imagens que elaboravam da ação que estavam prestes a executar. Abordariam o engenheiro assim que parasse diante da porta da garagem abrindo, e o executariam sem dó. Os três, para não haver chance de erro.

Luigi compreendeu, então, o risco que estavam correndo, tanto ele, quanto Manuela, que se encontrava no apartamento naquele momento. Ligou imediatamente para Carlos, informando as impressões que recebera. Somente com alguém que compreendia a realidade espiritual, poderia falar de uma coisa como aquela sem ser tachado de louco.

– Vá para um hotel, Luigi – o policial aconselhou. – Acho que Manuela deve sair do apartamento também. Assim que ela estiver pronta, envio duas viaturas para buscá-la, com pessoas

de minha confiança. Eu a levo para o lugar mais seguro que você conseguir.

– O barco. Acho que teremos de ir morar no barco. Já tinha conversado sobre isso com Manuela, mas ela ficou um pouco hesitante...

– As mulheres amam a casa, que é para elas um ambiente onde se sentem protegidas e seguras.

– Mas para nós, o lugar seguro terá de ser outro. Vou falar com ela.

Depois de conversar com Manuela, que concordou em sair, sem titubear, falou com Bianca, sugerindo o mesmo procedimento.

– Acha mesmo que é tão perigoso assim? Acredita mesmo na sua intuição? – Indagou Bianca.

– Acha que devemos deixar acontecer para ter certeza?

– Não, Luigi, claro que não.

– Pois então, prepare suas coisas que vão passar para te pegar.

– E para onde vamos?

– No caminho nos falamos.

– E o que devo levar? Por quanto tempo vamos ficar longe de casa?

Luigi fez prolongado silêncio antes de responder, depois disse:

– Não tenho ideia de quando poderemos retornar a uma vida normal. Acho que nunca mais, Bianca.

Agora quem fez longo silêncio foi ela e por fim respondeu:

– Então vou demorar um pouco mais para ficar pronta.

– Leve o tempo que precisar, mas não abra a porta para ninguém, a não ser para o Carlos. E mesmo assim, só depois de confirmar comigo se pode recebê-lo.

– Está certo.



Era quase noite, quando Manuela e Bianca chegaram ao veleiro que lhes serviria de lar pelos próximos meses. Quando viu os pertences da prima, descendo em malas e caixas, ele falou:

– Acho que vamos precisar de um barco maior...

– Não reclame. Eu trouxe a casa junto...

Depois que se acomodaram, Luigi avisou:

– Vamos partir.

– À noite?

– É mais seguro, Manuela.

– E para onde vamos?

– Vamos ficar ancorados em uma ilha próxima da costa, e amanhã cedo, definiremos um rumo melhor.

– Estou ficando assustada. – Bianca ainda não havia se acostumado aos perigos do caminho – Acha que virão atrás de nós?

– Sempre – respondeu Manuela. – Mas não tenha medo. Seremos guiados pelos anjos de Deus, se deixarmos e aceitarmos sua direção, tudo será como dever ser, para o nosso bem.

– Não consigo pensar assim, Manuela.

– Eu sei. Mas precisará desenvolver a sua fé, para conseguir navegar por mares revoltos, sem desespero, com

confiança que a ajude a atravessá-los.

Bianca se aproximou da amiga e a abraçou:

– Que bom que temos uns aos outros.

Luigi, capitaneando o veleiro com habilidade, o tirou da orla e colocou-o na direção da ilha. Depois se aproximou das duas e disse:

– Que bom que estamos juntos.

O mar estava calmo, refletindo a lua e as estrelas, e chegaram sem dificuldade ao destino.

Na manhã seguinte, antes do nascer do sol, Luigi estava de pé, estudando os ventos, as rotas e os obstáculos que poderiam enfrentar nos próximos dias. Como já navegava há muito tempo, tinha desenvolvido muitas habilidades e era bem experiente. Traçou um plano de navegação que os levasse para fora do país pelas praias do nordeste. Enquanto planejava, era amparado por vários amigos espirituais, que o intuía e orientavam, potencializando as suas capacidades adquiridas. Sabiam que ele navegaria agora, por mares novos. E ele se sentia forte e amparado, sem receio ou insegurança.

Quando o sol raiou no horizonte, o barco já navegava em piloto automático, aproveitando o vento que soprava e enchia as velas, impulsionando a velocidade. Manuela subiu, viu o marido na proa do barco e aproximou-se dele com duas canecas de café nas mãos.

– Bom dia, Manuela.

– Bom dia, querido. Trouxe um café quente para você.

– Que bom. Era isso que estava faltando...

Ele a abraçou e os dois ficaram em silêncio, observando a beleza do nascer de um novo dia, apenas absorvendo as

energias que o sol trazia. Com alegria e gratidão, colocavam-se a disposição de Jesus, para realizar o que Ele desejasse.

Ele, então fitou Manuela nos olhos, afastando com gentileza os cabelos que esvoaçavam em seu rosto.

– Como está se sentindo?

– Estou com um pouco receosa, mas animada para viver essa experiência ao seu lado, a serviço de um bem maior. Sinto que estamos fazendo o que deve ser feito, e isso me traz paz.

– A mim também.

Ele a abraçou forte e a beijou, depois disse:

– Amo você, Manuela, Elizabeth, e quem mais você tiver sido...

O vento soprava intenso e o veleiro ganhou velocidade. Luigi ficou em silêncio, observando as velas, o vento, o horizonte, compenetrado.

– O que foi?

– A vida, afinal, é como viajar em um veleiro.

– Como assim?

– O mar é como a vida, repleto de surpresas, algumas boas, outras nem tanto. Há dias ensolarados, paisagens belíssimas, e dias tenebrosos, com tempestades e ameaças de todos os lados. Mas Deus é o vento que nos leva para onde queremos ir. Definimos a rota, em consonância com Ele, que é o verdadeiro capitão, e então, soltamos e deixamos que o vento nos conduza, ajustando o rumo, sempre que nos desviarmos da rota.

– Que linda comparação. É assim quando aprendemos a deixar que Deus nos guie, quando aprendemos a confiar no capitão e na vida; testemunhamos o movimento divino em toda a parte.

E ficaram por longo tempo abraçados, usufruindo das vibrações elevadas que os envolvia e preparando-se para os dias difíceis que viriam.

– E agora, o que será? – Indagou Manuela.

– Deixemos o fluxo divino nos conduzir. Temos várias ideias e projetos. Vamos agir e confiar.



Quarenta e sete

SEGUIRAM VIAGEM PARA O NORTE, pela costa brasileira. Luigi, que já havia feito o mesmo percurso outras vezes, sentia-se agora diferente. Observava a natureza majestosa e bela com nova reverência, um respeito e uma admiração crescentes. Via em cada detalhe a grandeza, arte e bondade do Criador. E quando se deitava, à noite, embalado pelo rítmico movimento do mar, sentia-se na verdade, nos braços de Deus, e dormia o sono dos justos.

Depois de quatro dias de viagem, recebeu uma ligação de Carlos, dando informações sobre o andamento dos inquéritos e do processo, bem como lhe deu notícias do estado do pai e do tio, que estavam detidos ainda.

– Um dos cientistas do laboratório forense, ficou intrigado em saber como chegamos às informações de todo o esquema, especialmente como ficamos sabendo do dia e hora em que a operação com as crianças aconteceria. Por mais que eu insistisse em que o importante mesmo era o desfecho e as

provas que estavam claras para qualquer análise, ele quis saber mais, intuindo que havia alguma coisa que não estava dita.

Luigi escutava atento e Carlos prosseguiu:

– Antes de lhe passar mais informações, fui investigá-lo um pouco. É um engenheiro forense, apreciador dos assuntos ligados à física quântica. Conferi em suas redes sociais. Ele é um questionador intuitivo, que quer se aprofundar na verdade. E, você me perdoe, mas sem sua autorização, eu contei sobre você e sua sensibilidade.

– Confio no seu julgamento. Se achou conveniente, por mim está tudo certo.

– Ele quer conversar com você, Luigi. Quer saber mais sobre essa sua habilidade. Ele quer pesquisar. Acho que é uma pessoa séria, e parece que tem muitos contatos na área, inclusive fora do Brasil.

– Isso é interessante, Carlos. Estou me preparando para buscar apoiadores para retomar as pesquisas com a psicomетria.

– Não acredito!

– Pois é, amigo. Deus está sempre agindo...

– Posso passar seu telefone, então?

– Pode passar tudo, telefone, e-mail, tudo.

– E como estão vocês? Fazendo uma viagem segura?

– Estamos bem. Manuela e Bianca estão com mais dificuldade em se adaptar à vida em um espaço pequeno como o do barco. Mas temos velejado por mares tão lindos, sob um céu claro durante o dia e protegido pelas estrelas à noite, que elas estão encantadas com tanta beleza. E ficamos tanto quanto possível ancorados em baías tranquilas, para que elas possam

se envolver com mais tranquilidade com os afazeres e se familiarizarem de uma maneira agradável.

– E vai conduzir suas pesquisas do barco?

– Por enquanto, acho que é o melhor a fazer, pelo menos até que tenhamos mais clareza quanto às ameaças que estão nos direcionando.

Fez-se silêncio entre eles. Ambos sabiam que as ameaças não cessariam tão facilmente, mas nada disseram. Luigi quebrou o silêncio.

– Com a tecnologia que temos à nossa disposição atualmente, é possível fazermos muita coisa sem contato presencial. Vou aproveitar disso.

– Vou passar seu telefone, então. O nome dele é Pedro Alcântara.

– Pedro Alcântara. Vou ficar aguardando o contato dele.

Não demorou nem dois dias e os dois tiveram uma longa reunião virtual, e o executivo contou sua experiência em detalhes, a um ouvinte muito interessado.

– Então você foi acredita que foi o Willian Denton?

– Como posso negar?

– Mas tem mesmo certeza?

– Depois do que vivi nos mares da Galileia, não tenho como negar.

– E da quadrilha que ajudou a desmantelar. É inacreditável.

– Mas você sabe que muitos sensitivos ajudam o FBI nas investigações mais difíceis?

– Eu sei disso. Estudo esses fenômenos, e muitos outros, como experiências de quase morte, provas das reencarnações, e tantos outros. Sempre com o enfoque científico.

– Você acredita, então?

– Eu acredito na ciência moderna, Luigi. Mas sei também que há muitos interesses manipulando a ciência, ocultando fatos da população, para mantê-la na escuridão do medo e da dúvida.

– Acontece não só na ciência, mas em diversas áreas da vida humana. – Reforçou Luigi.

– Sim, mas acho que a ciência é usada atualmente para justificar muitos absurdos, e as pessoas acreditam e se apoiam bastante nela. Então, creio que a própria ciência, a favor da verdade, é uma ferramenta poderosa. Tem intenção de conduzir novas pesquisas, então?

– Tenho.

– Penso que você é inteligente e sensível demais para deixar passar essa oportunidade.

– Então estamos em sintonia – respondeu Luigi animado.

– Estamos. Eu me antecipei e fiz alguns contatos, buscando pessoas interessadas.

Luigi ficou ainda mais animado.

– E encontrou portas abertas?

– Na verdade, há muita resistência, meu amigo.

– Mesmo diante dos fatos?

– Acho que é justamente por causa dos fatos, que são um tanto incômodos para aqueles que não querem ver a verdade. Diante das resistências, teremos de ser muito mais perseverantes. Quero chegar ao contato com aqueles que estão realmente dedicados, dentro da ciência, a agir fora dos estreitos conceitos pré-estabelecidos, e têm fome da realidade. Alguns são totalmente anônimos. Dificilmente aqueles que estão diante dos holofotes, são os que têm verdadeiro compromisso com a

verdade. Mas conheço muita gente e sei que o universo é um mar de possibilidades, então, estou disposto a ir em busca das pessoas certas. O que acha?

– Penso como você. E se tem uma coisa que aprendi graças ao meu pai e tudo o que ele me obrigou a fazer, é ser persistente. É impressionante como aqueles que trabalham contra a luz são tenazes e nunca desistem. Eles me desafiam a ser melhor.

Fez uma pausa, depois prosseguiu:

– Venha passar um final de semana conosco. Estou ancorado em Ilhéus. Assim teremos tempo de nos conhecer melhor e traçar alguns planos para tornar esse projeto concreto.

Sem conseguir conter a euforia, o cientista forense respondeu:

– Agora você me deixou empolgado mesmo! É claro que eu vou! Não perderia essa oportunidade por nada.

Acertaram a data da visita.

Pedro Alcântara viajou com discrição total para encontrar-se com Luigi e hospedou-se com eles no barco. Durante o final de semana, Luigi, Manuela e Pedro conversavam entretidos nas possibilidades que os aguardava e principalmente nos resultados que desejavam alcançar com aquela empreitada.

Bianca os observava sem se envolver. Queria envolver-se, sentia-se atraída pelo assunto, mas manteve-se à distância.

Quando o final de semana terminou e Pedro partiu, Bianca ficou por longo tempo pensativa. Notando seu silêncio, o primo se aproximou, depois do jantar, enquanto ela estava sentada na popa do barco, observando o hipnótico movimento do mar.

– Por que está tão calada? Parece preocupada. Algo a incomoda particularmente? Notei você bem retraída durante o final de semana. O que foi?

– Não te escapa nada, não é?

– Acho que muita coisa me escapa, mas você, minha prima – ele a abraçou forte – é uma joia preciosa que amo demais.

– É que me sinto atraída por esse projeto de pesquisa que vocês estão estruturando.

– Mas isso é ótimo! Junte-se a nós!

– Mas tem algo mais que me atrai, como se quisesse se revelar a mim... Algo pessoal, entende?

– Relacionado ao projeto?

– Eu não sei ao certo se é com o projeto, ou se é outra coisa.

De súbito uma imagem atravessou nitidamente a mente de Luigi, que ficou olhando a prima, entre surpreso e curioso.

– Por que está com essa cara estranha de repente?

– Não é nada...

– Agora, tem de falar.

Manuela se aproximou do grupo trazendo três potes de sorvete.

– Sobremesa?

Enquanto saboreavam o sorvete caseiro feito na cidade, seguiram conversando sobre as impressões de Bianca.

– Agora me fale o que foi que pensou? O que está me escondendo?

– Foi só uma ideia meio nebulosa.

– Sobre o passado de Bianca? – indagou Manuela.

– Sim.

Como se pudesse ler os pensamentos de Luigi, tamanha sintonia de energia entre os dois, Manuela disse:

– E se já fizemos isso juntos, no passado?

– O que quer dizer? – Indagou Bianca visivelmente empolgada.

– Luigi, o que acha de lembrar daquela nossa experiência em Dayton novamente, mas desta vez manter-se com as mãos sobre as de Bianca?

Bianca sentiu ligeiro desconforto, mas a curiosidade estava aguçada demais para resistir. E assim fizeram. Em silêncio e concentração, ao som do mar que batia suavemente no casco do veleiro, depois de pedirem amparo e orientação espiritual, sentaram-se em silêncio, os três, de mãos dadas.

Luigi rapidamente viu-se outra vez como Willian Denton, conduzindo as experiências sobre a psicometria. Compartilhavam resultados, os três: Willian Denton, Elizabeth, a esposa, e Anne Denton, sua irmã.

Quando soltaram as mãos, ele fixou a prima, que tinha lágrimas nos olhos.

– Você viu? – Indagou ele.

– Eu vi alguma coisa muito de relance, acho que eu me vi.

Ele a abraçou ainda mais forte e disse:

– Estamos junto de novo, querida Anne Denton, minha irmã... Eu já tinha percebido isso, mas não estava totalmente claro para mim, até agora. Viemos dar prosseguimento a nossa tarefa. Não é maravilhoso podermos fazer isso?

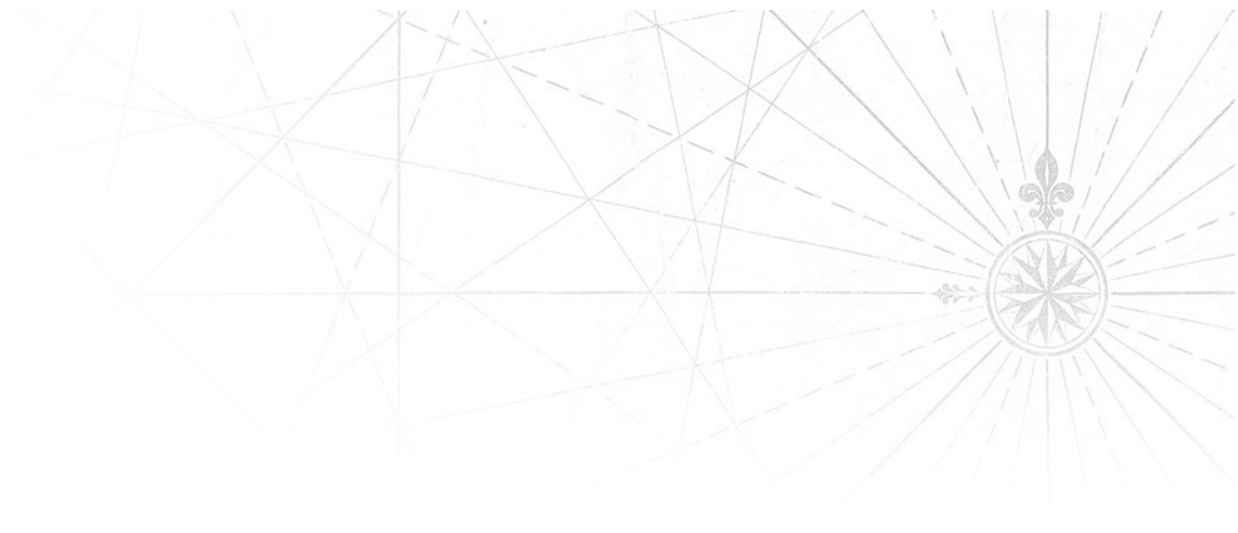
– Então eu realmente faço parte de tudo isso... Essa é a tarefa que vim realizar...

– Pelo menos uma das suas tarefas nesta vida, com certeza é.

Manuela fitou Bianca e disse com intenso brilho nos olhos:

– Eu sabia que éramos mais do que amigas, Bianca... Eu sentia...

Ao longe uma música popular embalava animada reunião. O manto da noite sem lua tinha um céu ainda mais estrelado. No veleiro ancorado fora da marina, mais para dentro do mar, três almas afins dedicadas a servir a Jesus, se reencontravam para continuar o que haviam iniciado um século antes. E sob as bênçãos de amorosos trabalhadores espirituais, junto com quem trabalhariam, traziam naquela noite o coração totalmente tomado de elevado contentamento: as alegrias da alma que encontra o seu lugar na sinfonia divina.



Quarenta e oito

NA MANHÃ SEGUINTE, seguindo o planejamento de Luigi, e conduzidos pelo forte vento que soprava, partiram para a próxima parada. Chegariam em Recife depois de quatro dias de viagem. Foram acompanhados por golfinhos rotadores dos dois lados do barco. E o mais inesperado e desejado aconteceu: avistaram uma baleia jubarte, que viajava em companhia de um filhote. A cena da natureza selvagem e maravilhosa tocou fundo Manuela, que tirava fotos e chorava emocionada com tantas belezas.

Navegaram naquela última noite, aproveitando os bons ventos que os levariam mais rápido do que haviam imaginado. Luigi meditava, sentado à proa do barco. Manuela se aproximou e ele nem percebeu. Ela sentou-se delicadamente ao lado dele e indagou:

– Por que mares você está viajando nesse momento?

Ele a recebeu carinhoso e a abraçou.

– Está feliz?

– Completamente.

– É nisso que estava pensando. É como se, a cada milha que navego, deixasse para trás toda a futilidade da vida que vivi um dia. Penso em quanta coisa inútil eu fiz e vi outros fazerem, quantos excessos de todo o tipo, que não servem para nada. Quanto tempo e dinheiro gastos em vão, para satisfazer desejos efêmeros.

Olhou para o barco em volta e continuou:

– É preciso pouco para ser feliz.

– Acha que é pouco desapegar das ilusões? Acha que isso é fácil, Luigi?

– Não, mas as dores que passamos na vida nos convidam a essa reflexão tantas e tantas vezes...

– E fugimos da dor e da consciência sistematicamente. Até que exaustos, não temos mais para onde correr, e nos entregamos... Ela completou.

– Estou feliz em deixar essa vida para trás e aberto às surpresas que virão, inclusive os desafios.

Ficaram ali, abraçados, sorvendo a alegria pura da companhia um do outro e da serenidade de navegarem dentro da vontade divina.

Estava quase amanhecendo quando chegaram à Marina Beira Rio, em Recife.

Acomodaram-se.

Naquela noite, Luigi indagava a Jesus, silenciosamente, como poderia ser útil. Queria que sua vida fosse dedicada ao Mestre de todas as maneiras. Queria contribuir, ajudar, queria realmente fazer dos seus dias e horas, momentos de serviço ao bem. E foi assim pensando, questionando seus amigos

espirituais, que Luigi conheceu o prático¹⁹ que ajudava os visitantes que chegavam ao lugar, orientando sobre os recursos da marina, a tábua das marés, os obstáculos e os ventos.

Luigi tomou todas as informações que pôde, para conhecer bem a região.

– Quanto tempo pretendem ficar? – Indagou Anésio.

– Não temos certeza, três dias, uma semana, não muito mais do que isso.

Anésio ensaiava dizer alguma coisa, mas estava receoso. Por fim, encheu-se de coragem e falou:

– Ficamos sabendo de tudo o que fez em São Paulo. Acompanhamos sua história.

– Os noticiários exageram, vivem de espetáculos...

– Mas não foi por isso que buscamos saber mais sobre o senhor. É que uma das pessoas que frequentam nossas reuniões perdeu o filho, e nunca mais o encontrou.

– Eu sinto muito.

– É uma dor tão intensa, tão profunda, que ela ficou com todos os cabelos brancos em menos de dois meses, com apenas vinte e quatro anos.

– Ela tem outros filhos?

– Agora tem dois. Na época era somente ele.

– Que bom que superou...

– Você é espírita, não é? – Perguntou Anésio.

– Sim, sou cristão antes de qualquer outra coisa, mas a filosofia espírita tem se revelado um arcabouço de conhecimentos que tem me ajudado muito.

– Seria muito pedir a você que viesse falar em nosso grupo? É um grupo pequeno, umas sessenta pessoas, mas são muito

interessados.

Luigi ficou surpreso. Não era acostumado a falar para plateias, embora falasse muito bem nas reuniões de negócios e encontros sociais. Hesitou um pouco, mas logo pensou como era sem sentido qualquer receio.

– Claro que vou! Mas sobre o que acha que deveria falar?

– Compartilhe suas experiências, seus aprendizados. Você é uma pessoa diferente, corajosa, aguerrida. Venha nos dar um pouco de sua energia, quem sabe aprendemos com você a sermos mais fortes...

Luigi cumprimentou o homem e agradeceu o convite, acertando os detalhes de sua participação. Estava começando uma nova jornada de testemunhos e sementeira para o discípulo de Jesus.

No horário combinado, estavam os três diante de um prédio pequeno em Olinda, todo pintado de cores vibrantes. Era um núcleo de estudos espiritualistas.

Entraram e logo foram recepcionados por Anésio, que os deixou bem à vontade. Foi ele quem abriu o encontro:

– Hoje, teremos uma noite especial. Estamos aqui para conhecer um pouco das experiências de Luigi, e saber como ele transformou-se de um executivo e herdeiro da maior construtora do país, em um médium de psicometria.

Fez sinal para que Luigi viesse à frente. Tocou o braço do convidado e comentou, meio sem jeito:

– Nem sei como apresento você.

– Deixe que eu mesmo me apresento. – Fitando os olhares curiosos dos presentes sobre ele, depois o rosto querido de Manuela e Bianca, ele, sentindo-se tomado por profunda

gratidão, e como se visse Jesus no fundo da sala a lhe sorrir, começou a falar:

– Sou engenheiro por necessidade, espírita por escolha e médium por gratidão. Sou Luigi, pronto para servir junto aos milhares de trabalhadores da luz, na seara de Jesus e na expansão do Evangelho e do Bem.

Fez breve pausa, depois continuou:

– Já fui muitas pessoas, em minhas experiências na Terra. Quando convidado por Jesus a segui-lo, não entendi muito bem sua proposta. Minha vontade não deixou. Mas decidi agora, deixar um pouco a minha vontade, desejos e necessidades de lado, para ouvir o sussurrar suave de Deus em minha alma.

E os convido, por um instante a deixarem também a vontade de vocês um pouco de lado, para conseguir se unir a Deus. E nessa comunhão com a Inteligência Suprema, usufruir de sua companhia, de sua força, seu poder que cria mundos, que mantém os planetas em suas órbitas; sua abundância, seu amor e sua energia plena. Vivendo em um lugar, na companhia do Criador, onde nada falta, onde tudo é amor e prosperidade.

A audiência nem piscava.

– Esse encontro acontece dentro de nós, no mais íntimo de nossa alma, onde se abre um lugar sagrado e nos tornamos um templo vivo, onde Deus habita, um templo que jamais será destruído. Diante do qual cairão as últimas resistências, onde cairão as últimas fortalezas do ego, que não entende, e por isso não se entrega. Um lugar dentro de nós, onde o altíssimo habita, e se expande, se assim o permitimos.

Então, onde quer que estejamos, e quem quer que sejamos, faremos luz em torno de nós. Seremos luz, por fim, e Jesus terá atingido o seu objetivo conosco.

Tocados pelas energias doces de Jesus, que eram transmitidas através das palavras de Luigi, o ambiente foi tomado por intenso fulgor, proporcionando uma experiência inesquecível a todos quantos se abriram a Deus naquela noite. E ele prosseguiu, com o rosto emitindo suave luminosidade:

– Como o amor de Jesus contrasta com as limitações humanas! Por causa da ignorância, do orgulho e do egoísmo que cegam a alma que engatinha em seu processo de evolução, não desconfiamos da realidade que está além de nossos tacanhos modelos de vida determinados pela sociedade; ignoramos também a nossa grandeza e a nossa capacidade de amar. Olhamos o tempo todo para fora de nós, para o mundo externo, e nos perdemos de nós mesmos, de nossa essência espiritual, de quem realmente somos e daquilo que nos trouxe à Terra. Nos identificamos como sendo aquilo que temos, aquilo que fazemos, as pessoas com quem nos relacionamos, os lugares que frequentamos, aferindo-nos e julgando-nos pela estreita visão da matéria, quando a matéria densa representa tão somente nem um por cento da realidade, ficando mais de noventa e nove por cento invisível e por vezes, quase inacessível para a grande maioria.

Quando chegam as crises, já estamos habituados a enxergar somente uma parte da realidade. E esperamos que algo externo nos salve, nos resgate. Mas a superação da dor de nossos tão necessários processos de crescimento vêm de dentro, da conexão com quem somos em essência e, por sua vez, de nossa essência alinhada ao Criador, às suas leis eternas e perfeitas. Então descobrimos que somos uma chama de amor divino, uma partícula de Deus projetada na matéria. Herdeiros das bênçãos e de tudo o que pertence ao Criador.

Jesus, pacientemente, segue cultivando as sementes que lançou há mais de dois milênios, sob os céus da Palestina, aguardando que floresçam, que as criaturas despertem e se abram, permitindo a ação divina em suas vidas, deixando o orgulho de lado, permitindo que o Ser Supremo se manifeste, flua, desabroche em seu coração, manifestando-se no mundo material por intermédio das almas despertas. Que colocando a personalidade cristalizada em valores pré-moldados por longa ação de interesses diversos, fora do amor, tenhamos humildade para aceitar que somos essa dualidade: humanos e divinos, luz e sombras. E assim procedendo, nos rendamos, finalmente, à Inteligência Infinita, deixando que Sua luz e Seu amor, Sua vontade sejam o nosso amor e a nossa própria vontade. Quando isso acontecer, as dores desaparecerão, todas as lágrimas cessarão. Haverá um só Deus e um só Senhor e viveremos em paz, com alegria e com toda a prosperidade que tanto desejamos. Sem dúvidas, sem sofrimento, sem medo e sem angústias.

Jesus terá vencido todo o mal e haverá um novo céu, uma nova ordem de espíritos desencarnados habitarão as regiões próximas ao planeta, e haverá uma nova Terra. Não haverá mais resistência, porque compreenderemos que esse é o nosso destino. E o reino de Deus será implantado em cada coração.

Luigi estava totalmente imerso nas energias amorosas que banhavam o ambiente e em cada palavra que falava, podia ver Jesus olhando para ele e sorrindo. Seu coração pulsava de alegria sublime.

Finalmente, depois de tantos séculos, ele vencera a si mesmo. Simão rendia-se por completo ao chamado do Mestre,

sem medos, sem reservas, sem imposições. Vibrando apenas amor.

O zelote estava de volta e retomava a sua missão.

Fim

19 Práticos de navios são os profissionais que conduzem as embarcações durante as manobras de atracação e desatracação nos portos e durante a travessia de áreas que apresentam restrições à navegação. É uma função técnica de alta responsabilidade e essencial para o comércio marítimo de todo país.

C O N T A T O C O M
S A N D R A C A R N E I R O

Para tirar dúvidas ou compartilhar suas experiências
na leitura dessa obra, entre em contato comigo:

Email: sandracarneiro.oficial1@gmail.com

Facebook: [Sandra_carneiro_oficial](#)

Instagram: [sandra.carneiro.7902](#)



CENTRO DE RECUPERAÇÃO SOCIAL
RENASCER EM ORAÇÃO SOCIEDADE
ESPÍRITA

O CRSROSE, fundado em 8 de julho de 1999, é uma casa espírita localizada na cidade de Atibaia que oferece atendimento espiritual e psicológico calcado nos princípios da Doutrina Espírita. O tratamento é efetuado por uma equipe formada no plano material por médiuns e trabalhadores liderados por Rose Esquillaro, e na dimensão espiritual há uma equipe coesa de espíritos formada, entre outros, por médicos de diferentes especialidades. Ergue-se, assim, no plano etéreo um grande hospital para o socorro de todos aqueles que buscam essa casa de oração, sendo acolhidas pessoas de todas as classes sociais e de diferentes credos.

Abrimos para tratamentos espirituais todas as terças-feiras e sábados, a partir das 13h30, e às quartas e quintas-feiras, a partir das 19h30. Oferecemos também cursos sobre a Doutrina Espírita e em breve iniciaremos tratamentos curativos em maca.

Convidamos você a ser um apoiador do CRSROSE ou tornar-se um voluntário. Aguardamos sua visita.

CRSROSE

Estrada da Fazenda Soberana, 478

Jardim Nirvana – Atibaia – São Paulo – CEP: 12941-195

Site: www.crsrose.com.br

Facebook: CrsRose/ Instagram: CRSROSE

Contribuímos para construir um mundo melhor trabalhando pelo aprimoramento interior de cada indivíduo.



L A R S Ã O V I C E N T E D E P A U L O
N A Z A R É P A U L I S T A

O Lar São Vicente de Paulo de Nazaré Paulista, fundado em 15 de maio de 1990, com vinte e oito anos de existência, é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos; uma instituição de longa permanência para idosos necessitados, comandada por Elisabete Pereira de Almeida.

Atualmente são 25 idosos abrigados e assistidos, em uma estrutura que oferece o acolhimento de um verdadeiro lar, com cozinha, lavanderia, todos os cuidados de higiene e limpeza, além de cuidadores para melhor atendê-los.

Com uma equipe multidisciplinar composta por assistente social, fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo e um responsável técnico, amparamos e proporcionamos a esses idosos uma vida com todo o amparo e dignidade.

Todos iremos envelhecer, então, semeemos solidariedade, para que o mundo fique melhor.

Convidamos você a colaborar conosco e com nossos queridos anciões. Seja um doador.

Lar São Vicente de Paulo Nazaré Paulista

Rua Ezau Avelino Pinheiro, no. 122 – Vicente Nunes – Nazaré Paulista

Cep.: 12960-000 | Fone: (11) 4597-1109

E-mail: asilosaovicentede paulo@outlook.com

Banco Bradesco | Agência 712-9 | C.c.: 3300-6

CNPJ: 59.023.408/0001-21

**CONTEMPLAMOS O LAR DA ALEGRIA, COM TODA A FELICIDADE, AMOR E
CARINHO.**

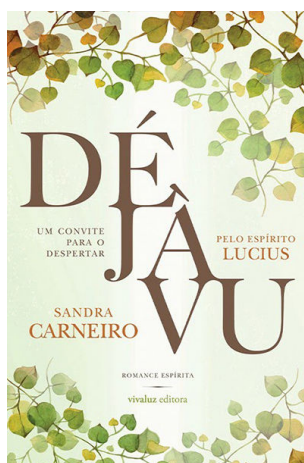


S A N D R A C A R N E I R O

Nasceu em São Paulo, SP, reside atualmente em Atibaia, interior do Estado. Aos quatorze anos, e ainda desconhecendo o Espiritismo, vivenciou sua primeira experiência com a mediunidade.

Após anos dedicando-se ao estudo da Doutrina Espírita, iniciou-se na atividade de psicografia em 2001, dando origem ao romance *Cinzas do Passado*, de autoria espiritual de Lucius, com quem posteriormente produziu obras, como: *Exilados por Amor*, *Jornada dos Anjos* e *Todas as Flores que Eu Ganhei*. Com o escritor espiritual Bento José, vem desenvolvendo a coleção Exploradores da Luz, dirigida especialmente aos jovens.

Participa atualmente de atividades do CRSROSE, Centro de Recuperação Social Renascer em Oração Sociedade Espírita.



D É J À V U – U M C O N V I T E P A R A D E S P E R T A R

No romance *Déjà vu*, o espírito Lucius narra a história de Karen, uma cientista que trabalha para a indústria farmacêutica alemã e, cética como é, decide fazer um estudo com a intenção de provar que o fenômeno conhecido como déjà vu se trata de uma manifestação puramente orgânica. Todavia, por um capricho do destino, ao viajar para a Irlanda do Norte e atravessar o famoso corredor de árvores conhecido como *The Dark Hedges* ela vivência uma forte experiência, o que abala suas convicções e pode mudar os rumos de sua vida para sempre.

Com sua narrativa envolvente, o autor espiritual nos chama a atenção para a silenciosa revolução que está em curso. Superando o mal, que nunca se cansa, um verdadeiro exército do bem atua sob as densas energias emanadas pelos habitantes do planeta alcançando cada ser. O movimento de despertar é crescente, a Luz deseja expandir-se. A consciência já não permite ser abafada, sob a pena de adoecer por completo, porquanto os antidepressivos, soníferos, ansiolíticos e todo tipo de anestésicos da alma não conseguem mais aliviar a dor, nem calar a voz interior que clama por amor, alegria, felicidade. Que clama por Deus!

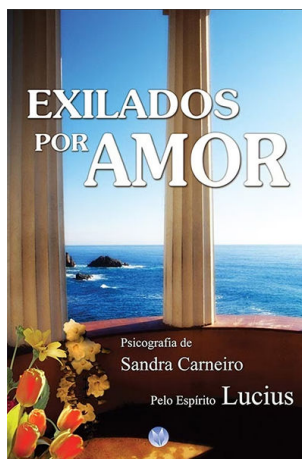
O generoso apelo de Jesus continua ressoando através dos séculos, convidando-nos a trilhar com Ele os caminhos da ascensão espiritual. Aproveitemos, pois, esta preciosa encarnação. É momento de se elevar.

384 páginas

Romance Espírita

16x23 cm

ISBN 978- 85-89202-52-7



E X I L A D O S P O R A M O R

Um convite a uma emocionante viagem no tempo e no espaço, acompanhando a trajetória de Ernesto, habitante de um orbe do sistema de Capela, que é exilado de seu mundo e enviado para a Terra. Este romance é um alerta quanto à urgência de despertarmos nossa consciência para as verdades eternas, sobretudo para o amor, única maneira de conseguirmos aproveitar as oportunidades da presente encarnação – que, para muitos, pode ser a última em nosso planeta. Exilados por Amor traça um paralelo entre a Terra e Capela, onde passado e futuro se cruzam, transportando-nos aos vários caminhos da luz sob a magnitude infinita de Deus.

352 páginas

Romance Espírita

14x21 cm

ISBN 978- 85-89202-05-3



T O D A S A S F L O R E S Q U E E U G A N H E I

Áustria, 1730. Sofie tinha tudo o que se poderia desejar. Era nobre, rica, bonita e inteligente. Por imposição do pai, casou-se com um jovem de muitas posses, que se revelou um marido apaixonado. Contudo, ela trazia em si impulsos incontroláveis que poderiam mudar os rumos de sua vida.

Nesta história real que narra três vidas de Sofie ao longo dos séculos, evidencia-se que determinadas características da personalidade são traços fortes da alma, estabelecidas ao longo de várias encarnações. Conclui-se que a revolta dificulta o caminho, enquanto a aceitação possibilita transformar a dor e a adversidade em alavancas para o progresso e a felicidade. Como os personagens deste romance, muitas vezes estamos prestes a jogar tudo para o alto, desistir, simplesmente porque ainda não entendemos como agem as leis universais nos mecanismos da reencarnação. nem como o amor divino nos abraça em todos os instantes de nossa existência.

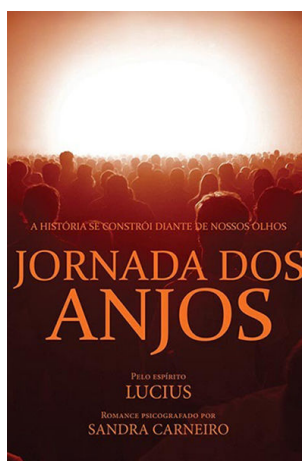
Com sua consagrada e envolvente narrativa, Lucius esclarece o leitor sobre sua própria natureza divina e espiritual. O convite é claro: experimente viver plenamente sua espiritualidade e desfrute a riqueza de ser filho de um Deus tão amoroso.

384 páginas

Romance Espírita

16x23 cm

ISBN 978- 85-89202-48-0



J O R N A D A D O S A N J O S

A Jornada continua... Acompanhando a trajetória de Constantino, Fausta, Jan Huss, Jerônimo de Praga, Ernesto, Elvira, entre outros personagens, iremos conhecer os bastidores espirituais de momentos cruciais que marcaram a história. Jornada dos Anjos alcança os dias atuais, no turbilhão dos acontecimentos que envolvem este período de transição da Terra, que passa de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração. O verdadeiro progresso da humanidade repousa nas mãos daqueles que amam. Enfatizando que somos senhores de nosso destino e herdeiros de nossas escolhas, Lucius nos convida, através deste romance, a refletir sobre a valiosa oportunidade que temos nesta decisiva encarnação. Aproxima-se o dia em que este mundo será pleno de alegria, amor e prosperidade. Jesus, de sua morada luminosa, aguarda que avancemos com determinação rumo à vitória suprema do Bem. A Terra alcança o ápice de sua transição. Agora, a história se constrói diante de nossos olhos. Qual será o nosso destino?

576 páginas

Romance Espírita

16x23 cm

ISBN 978- 85-89202-10-7


I N S C R E V A - S E

ACESSE:

 www.vivaluz.com.br

e cadastre-se para receber informações, promoções especiais e lançamentos em primeira mão.


Siga-nos nas redes sociais:

 VivaluzEditora

 vivaluzeditora

 vivaluzeditora

Use o **cupom de desconto** abaixo em sua próxima compra na Vivaluz online e ganhe um desconto extra:

 www.loja.vivaluz.br

Código: **SOULUZ30**




vivaluz
e d i t o r a

QUANDO JESUS NOS CHAMA PELO NOME PERCEBEMOS
QUE O AMOR JAMAIS ESQUECE, E QUE UM ENCONTRO
COM O MESTRE É PARA SEMPRE.

E se você pudesse voltar no tempo e encontrar-se com Jesus, ouvindo suas lições, experimentando a sua poderosa energia? Certamente depois de um encontro assim, você seria tocado por verdades capazes de transformar profundamente o seu ser e a sua vida. E se descobrisse então, que já esteve caminhando ao lado do Mestre?

Luigi é o herdeiro de uma das mais poderosas construtoras do país. Cercado de luxo e dinheiro, tudo o que deseja está a seu alcance. Contudo, o despertar de sua mediunidade revelará o mundo invisível e suas tenebrosas ligações com os negócios da família. As pessoas com quem convivia eram bem diferentes do que ele pensava.

Quando a Providência Divina promove para ele sincronicidades surpreendentes, ocorre uma conexão sublime nos jardins da Galileia, e o executivo entrega-se por completo ao chamado do Mestre, que ecoava através dos séculos: “Simão, há dois mil anos que te espero”.

Nessa intrigante história, Lucius nos traz passagens da vida de Simão, o zelote, um dos doze Apóstolos, e nos tornamos testemunhas oculares de momentos comoventes na sua intimidade com Jesus. A narrativa nos envolve e emociona em viagem por Jerusalém, Cafarnaum e mar da Galileia, cenários marcados pelos passos de Jesus e seus muitos milagres.

Um romance recheado de ricos ensinamentos espirituais, trazendo reflexões que ajudam o leitor a distinguir com mais clareza as ilusões que entorpecem, da realidade libertadora que o amor revela, dando ensejo à revisão de valores e mudança no rumo da própria vida. Compreendemos, enfim, que amar pode ser bem mais fácil do que pensamos.


vivaluz
editora

ISBN: 978-85-89202-58-9



9 788589 202589



Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [O Amor Continua Entre Nós](#)
3. [Prefácio](#)
4. [Primeira Parte](#)
5. [Um](#)
6. [Dois](#)
7. [Três](#)
8. [Quatro](#)
9. [Cinco](#)
10. [Seis](#)
11. [Sete](#)
12. [Oito](#)
13. [Nove](#)
14. [Dez](#)
15. [Onze](#)
16. [Doze](#)
17. [Treze](#)
18. [Quatorze](#)
19. [Segunda Parte](#)
20. [Quinze](#)
21. [Dezesseis](#)
22. [Dezessete](#)
23. [Dezoito](#)
24. [Dezenove](#)
25. [Vinte](#)
26. [Vinte e um](#)
27. [Vinte e dois](#)
28. [Vinte e três](#)
29. [Vinte e quatro](#)
30. [Vinte e cinco](#)
31. [Vinte e seis](#)
32. [Vinte e sete](#)
33. [Vinte e oito](#)

34. [Vinte e nove](#)
35. [Trinta](#)
36. [Trinta e um](#)
37. [Trinta e dois](#)
38. [Terceira Parte](#)
39. [Trinta e três](#)
40. [Trinta e quatro](#)
41. [Trinta e cinco](#)
42. [Trinta e seis](#)
43. [Trinta e sete](#)
44. [Trinta e oito](#)
45. [Trinta e nove](#)
46. [Quarenta](#)
47. [Quarenta e um](#)
48. [Quarenta e dois](#)
49. [Quarenta e três](#)
50. [Quarenta e quatro](#)
51. [Quarenta e cinco](#)
52. [Quarenta e seis](#)
53. [Quarenta e sete](#)
54. [Quarenta e oito](#)